

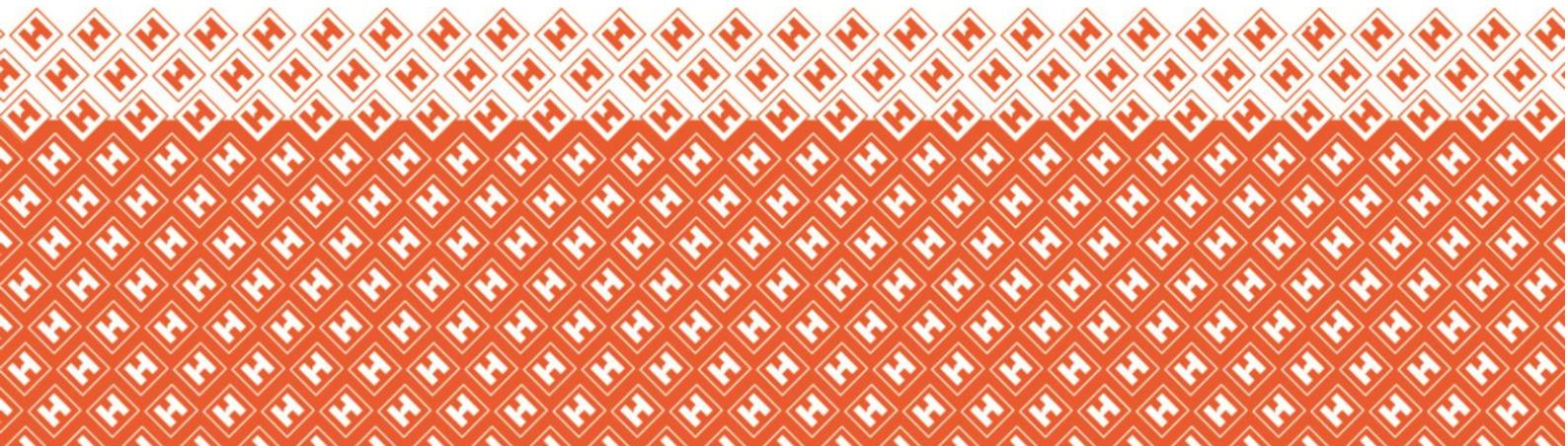


DANIEL ALEXANDRE CARLOS

**EXPRESSÕES E IMPRESSÕES DA HISTÓRIA DO MEU LUGAR: UMA
PROPOSTA DE ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL DA ILHA DO GOVERNADOR**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - UFRJ

Fevereiro / 2024



DANIEL ALEXANDRE CARLOS

**EXPRESSÕES E IMPRESSÕES DA HISTÓRIA DO MEU LUGAR: UMA
PROPOSTA DE ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL DA ILHA DO GOVERNADOR**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Curso de Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Área de concentração: Ensino de História.

Orientador: Prof. Dr. Fabio Garcez de Carvalho

Rio de Janeiro

2024

**EXPRESSÕES E IMPRESSÕES DA HISTÓRIA DO MEU LUGAR: UMA
PROPOSTA DE ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL DA ILHA DO GOVERNADOR**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Curso de Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Área de concentração: Ensino de História.

Orientador: Prof. Dr. Fabio Garcez de Carvalho

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Fabio Garcez de Carvalho
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Prof.^a. Dra. Warley da Costa
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Prof. Dr. Rui Aniceto Nascimento Fernandes
Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ

DEDICATÓRIA

Após dois anos dedicados a intensas leituras, pesquisas e análises de fontes históricas, enfim concluí a escrita desta dissertação que muito me orgulhou de ter realizado em parceria com o meu orientador Fabio Garcez de Carvalho. Dedico todo este trabalho a Deus, porque sem ele não teria chegado até este momento tão gratificante e ao meu querido Guia Espiritual que ao longo destes dois anos escutou as minhas orações diárias e me ajudou a manter a concentração, a serenidade e a perseverança para conseguir concluir esta pesquisa e escrita.

Esta dissertação é dedicada à minha amada esposa Ingrid, parceira de todas as horas, que esteve ao meu lado em todos os momentos que precisei, me passando confiança e sempre acreditando que eu iria conseguir completar, com êxito, por todas as etapas necessárias até a conclusão deste trabalho. Minha esposa foi detentora de uma paciência inigualável para compreender todas as incontáveis horas que precisei me ausentar de tantos momentos em família, para me dedicar a pesquisa e escrita desta dissertação. Obrigado pelo apoio meu amor!

Dedico esta conquista ao meu amado filho Gael, que mesmo na altura dos seus 7 anos sempre me perguntava: “papai tá indo bem aí no seu trabalho?” e eu respondia, sim filho está indo tudo bem, mesmo sem ter muita convicção na resposta. Obrigado meu filho, por todos os gestos de carinho que teve durante este período para me animar, quando percebia que o papai estava tenso ou cansado após horas dedicadas a pesquisa e escrita deste trabalho.

Esta importante conquista é dedicada aos meus amados pais, Aloísio e Maria José e aos meus queridos irmãos Tiago e Diego que não me deixava desanimar e me deram todo o suporte emocional e motivacional que necessitava para continuar realizando cada etapa deste trabalho. Serei eternamente grato a Deus por ter nascido nesta família tão maravilhosa, pois tenho certeza que eles sempre oraram por mim para que tudo pudesse dar certo e vibraram de alegria a cada etapa bem-sucedida que compartilhava durante todo o período do mestrado.

Dedico também esta conquista aos meus sogros Cesar e Laurinda que sempre me apoiaram com palavras de incentivo, orações e suporte em todos os momentos que mais precisei e por este motivo manifesto a minha eterna gratidão. Dedico esta dissertação aos meus colegas de trabalho do Colégio Estadual Rotary e do Colégio Pedro II, unidade São Cristóvão II, por todas as palavras de incentivo, ajustes na rotina e momentos compartilhados. Por fim, esta dissertação é dedicada aos meus queridos alunos por todo aprendizado que tive nos momentos compartilhados em sala de aula, estas vivências me ajudaram a ser o professor que sou hoje e me motivam a continuar exercendo o meu trabalho com muita dedicação e sabedoria.

AGRADECIMENTOS

O fato de ter concluído a minha formação inicial de licenciatura em História pela UFRJ, a tanto tempo, avalio que ter cursado o mestrado em ensino de história do Profhistória/UFRJ, foi extremamente gratificante e renovador. Ao longo das minhas primeiras aulas do mestrado cursadas na disciplina História do Ensino de História, ministrada de forma online pela professora Patrícia Coelho da PUC-RJ, tive a oportunidade de me atualizar a respeito do debate acadêmico sobre a temática ensino de história no Brasil. Os debates propostos nas aulas acerca do lugar do ensino de história, suas diferentes concepções de ensino e aprendizagem foram de grande valia para o processo de redefinição de planejamento e práticas pedagógicas para o exercício da função de professor de história na educação básica. O saldo final após cursar esta disciplina foi extremamente positivo e é por este motivo que agradeço imensamente a dedicação da professora Patrícia, ao longo das aulas da disciplina História do Ensino de História.

Ao optar pela linha de pesquisa Saberes Históricos em Diferentes Espaços de Memória e iniciar as pesquisas sobre a História Local da Ilha do Governador, entendo que ao cursar a disciplina História Oral (UERJ), ministrada pelos professores Mario Brum e Marcio Amoroso, tive acesso a conhecimentos conceituais e metodológicos fundamentais para o desenvolvimento desta dissertação. Uma dentre várias observações importantes que pude reter a partir das aulas de História Oral, foi que cabe aos pesquisadores, no momento das entrevistas orais, estar muito atento as lembranças, mas também os esquecimentos dos entrevistados. Assim como é necessário compreender o grande mérito dos depoimentos como instrumento revelador do desnível de experiências de vida entre seres humanos de uma mesma geração. Por contribuições como estas expresso o meu agradecimento aos professores Mario Brum e Marcio Amoroso.

Ao decorrer das aulas da disciplina Aprendizagens em História e Formação Histórica (UFRJ), ministrada pelos professores Flávio dos Santos Gomes e Iamara Viana, tive acesso a uma bibliografia bastante relevante, que ressaltava o potencial pedagógico de fontes históricas sobre a temática transversal escravidão em atividades a serem desenvolvidas educação básica. Foi a partir da análise destas fontes, que tive a oportunidade de ter o primeiro capítulo de livro publicado em 2023, no caso, pelo Profhistória / UESPI – Universidade Estadual do Piauí, referente ao capítulo “Das páginas dos jornais aos quilombos: narrativas históricas em sala de aula com o uso de fontes sobre a escravidão” elaborado para a Coleção Ensino de História: teorias, práticas e novas abordagens, temática 1 - Olhares pós e decoloniais no ensino de História. Dedico esta conquista aos professores Flávio dos Santos Gomes e Iamara Viana.

Quando penso que finalidade primordial da disciplina Seminário de Pesquisa é oferecer

aos mestrandos os alicerces para elaboração do pré-projeto de pesquisa de acordo com os parâmetros estabelecidos por um mestrado profissional em ensino de história. Entendo que a disciplina atingiu plenamente as minhas expectativas, pois ao término dela acredito que consegui encontrar boas possibilidades para desenvolver o trabalho investigativo que pretendia, tendo como referencial a História da Ilha do Governador. Outro fato muito relevante nas aulas da disciplina Seminário de Pesquisa foi, a oportunidade de poder apresentar para os meus colegas mestrandos, um esboço do que pretendia desenvolver no projeto de pesquisa. Neste sentido, poder ouvir suas críticas e sugestões que foram fundamentais para a busca do caminho mais ajustado para a realização desta dissertação. Por este motivo, reafirmo que o saldo de ter cursado a disciplina Seminário de Pesquisa foi muito positivo, por ter cursado com colegas tão colaborativos, sob a regência da professora Marieta de Moraes Ferreira, que já tinha um carinho especial por ter sido a minha professora na graduação lá o longínquo ano de 2004 e agora professora Emérita, que nos agraciou com todo o seu conhecimento e experiência acadêmica.

Pelas características do próprio formato do mestrado profissional Profhistória, onde a entrega do pré-projeto acontece ao término do 2º semestre, os textos propostos pelo professor Fabio Garcez para o debate nas aulas de Teoria da História, tiveram várias finalidades, dentre elas a atualização ao debate historiográfico tendo em vista o acesso que tivemos as novas produções acadêmicas, o aprofundamento do debate teórico sobre os conceitos que foram mobilizados nesta tese de mestrado, a definição da linha de pesquisa, assim como, a escolha da base conceitual e metodológica que seria privilegiada na elaboração do nosso pré-projeto.

Durante as leituras preparatórias para as aulas de Teoria da História e no próprio decorrer das aulas, tive vários *insights* de possibilidades de ações pedagógicas para desenvolver em sala de aula, assim como perceber que, nós professores da educação básica, somos sim produtores de conhecimento, do chamado saber escolar. Sem as aulas de Teoria de História, dificilmente teria acesso a conceitos formulados por autores como Hartog (2013), Pollak (1989), Mattos (2006), Mullet e Seffner (2008), Abreu (2017), Gabriel (2014), Monteiro (2012), Caimi (2013), Alberti (2004), Rüsen (2015), Cerri (2018), só para destacar alguns.

Ao cursar a disciplina Teoria da História, tive acesso as minhas primeiras leituras e debates relacionados a História Local, mas o aprofundamento de fato ocorreu ao longo das aulas na disciplina História Local, também ministrada brilhantemente pelo professor Fábio Garcez, meu querido orientador. Através das aulas da disciplina História Local tive acesso a definição clássica de História Local, elaborada por Goubert (1988), a obra de Dosse (2004). Quanto aos diálogos entre a micro-história e a história local, a partir do conceito/recurso de variação de escalas de observação, as obras de Revel (2010) e Levi (2002), assim como, a importância do

debate entre macro e micro no âmbito da produção do conhecimento histórico escolar, foram de grande valia. A obra de Barros (2013) para refletir sobre questões ligadas ao espaço, território e região, foi uma grande referência. Para a análise da história do Rio de Janeiro narrada nos livros didáticos e o espaço dado a este tema nos materiais didáticos, as pesquisas de Costa (2016) e Macedo (2017) foram de extrema relevância. Através da obra de Cavalcanti (2018) me mantive alerta em relação aos desafios, limites e possibilidades em relação a história local. Tendo Oriá Fernandes (1995) como referencial teórico, reivindiquei um lugar no Ensino Médio para a Ensino de História Local. Para compreender as potencialidades pedagógicas da história local, o trabalho de Vilma Barbosa (2015) foi muito importante nesta dissertação.

Portanto, entendo que as aulas da disciplina História Local, corresponderam plenamente as minhas expectativas e me fizeram identificar os primeiros pontos de convergências entre as leituras acadêmicas sugerida no curso com a perspectiva historiográfica que pretendia traçar na minha dissertação. O fato do meu orientador, o professor Fábio Garcez de Carvalho, ter ministrado duas disciplinas que cursei no ano de 2022, no caso, a disciplina Teoria da História e a disciplina História Local, otimizou consideravelmente o processo de esclarecimento de dúvidas, ajustes, sugestões bibliográficas e correção de rota no percurso das pesquisas e escrita em si da dissertação. Sempre muito solícito, o professor Fábio antes de começar as aulas ou ao seu término, sempre se colocava à disposição para realizar todas as orientações solicitadas.

A cada encontro que tive como o orientador Fabio Garcez para a realização de alinhamentos de percepções e ajustes no direcionamento da pesquisa, foi ficando para mim cada vez mais evidente que o meu objeto de pesquisa estava plenamente alinhado as concepções da História Local, no caso, a História da Ilha do Governador. As dúvidas que ainda pairavam foram se dissipando ao longo de cada orientação de leitura, reflexões e debates.

Neste sentido, mantendo minha escuta ativa, fui refletindo sobre cada orientação dada pelo professor Fabio Garcez, sempre muito pertinente e com o real intuito de deixar o projeto cada vez mais interessante e representativo da resistência de nós professores, para manutenção do ensino de história na educação básica, mesmo diante das reformulações imposta pelo novo ensino médio. Por todos estes motivos, reitero aqui a minha gratidão ao professor Fabio Garcez.

Agradeço a todos os meus colegas da turma 2022 do mestrado em ensino de história, pela parceira tão essencial para o meu desenvolvimento profissional e acadêmico. Faço por fim um agradecimento especial a Prof. Dr^a Warley da Costa e ao Prof. Dr Rui Aniceto por terem aceitado fazer parte da minha banca de qualificação e defesa desta dissertação. Os apontamentos e sugestões expressadas, ainda na banca de qualificação, foram fundamentais para a estruturação da proposta de ensino de história local defendida a partir desta dissertação.

RESUMO

Esta dissertação é o resultado de um extenso trabalho de pesquisa e análise sobre aspectos da História Local da Ilha do Governador a partir de diferentes temáticas e eixos de temporalidades. Estrutura-se através da sugestão de uma proposta de ensino de história, que considera a História Local como recurso teórico-metodológico à disposição dos professores com o intuito de estimular, em sala de aula, momentos de reflexão sobre o local onde atuam profissionalmente. Em contrapartida ao advento do contestado Novo Ensino Médio, a propositiva didática apresentada nesta dissertação, que se define pela elaboração de uma disciplina eletiva intitulada: História Local – As expressões e impressões da história do meu lugar, tem por finalidade reafirmar a importância e manutenção do ensino de História no Ensino Médio. Em termos de organização didática, a disciplina eletiva referente a História Local foi pensada em eixos temáticos. O primeiro eixo destaca as expressões da História Local, a partir das experiências e vivências dos estudantes sobre o local onde nasceram, habitam e/ou estudam. O segundo eixo é relativo as impressões da História Local, através da análise das fontes históricas, lugares de memórias e espaços de sociabilidades, dentre eles a própria escola. O terceiro eixo se refere as articulações e tensões dos processos históricos por meio das conexões entre a História Global, Nacional e Local. A proposta em questão se propõe a conceder protagonismo aos estudantes e valorizar as ações de agentes históricos em âmbito local que costumam ser invisibilizadas e silenciadas no ensino de História.

Palavras chaves – Ensino de História; História local; Memória; Micro-história; Ilha do Governador

ABSTRACT

This dissertation is the result of an extensive research and analysis work on aspects of the Local History of Ilha do Governador, exploring different themes and axes of temporalities. It is structured through the suggestion of a history teaching proposal, which considers Local History as a theoretical-methodological resource available to teachers with the aim of stimulating, in the classroom, moments of reflection on the place where they work professionally. In contrast to the advent of the contested New High School, the educational proposition presented in this dissertation, which is defined by the creation of an elective course entitled: Local History – The expressions and impressions of the history of my place, aims to reaffirm the importance and maintenance of History teaching in High School. In terms of didactic organization, the elective course based on Local History was conceived in thematic axes. The first axis highlights the expressions of Local History, based on the experiences and lives of the students about the place where they were born, live, and/or study. The second axis relates to the impressions of Local History, through the analysis of historical sources, places of memory, and spaces of sociability, among them the school itself. The third axis refers to the articulations and tensions of historical processes through the connections between Global, National, and Local History. The proposal in question aims to give protagonism to students and value the actions of local historical agents that tend to be made invisible and silenced in the teaching of History.

Keywords – History Teaching; Local History; Memory; Micro-history; Ilha do Governador

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Integrantes do grupo grafiteiros Rio Esporte Artes	15
Figura 2: Grafite em homenagem a Chiquinha Gonzaga, Vinícius de Moraes e Gonzagão	16
Figura 3: Registro de alunos e docentes na fachada do Colégio Estadual Rotary.....	16
Figura 4: Mapa da Ilha do Governador	23
Figura 5: Mapa do Município do Rio de Janeiro subdividido em Regiões Administrativas.....	23
Figura 6: Bairro da Freguesia, na Ilha do Governador.....	31
Figura 7: Igreja Matriz de Nossa Senhora D'Ajuda	45
Figura 8: Capela de Nossa Senhora da Conceição.....	45
Figura 9: Mapa da Ilha do Governador no ano de 1870	49
Figura 10: Imagem de um caminhão conduzindo um bonde na “ponte do Galeão”	50
Figura 11: Registro de Vinicius de Moraes sobre as pedras da Praia da Guanabara	51
Figura 12: Imagem e descrição do Brasão da Ilha do Governador.....	55
Figura 13: Imagem retratando a produção da cal em uma tela de Jean Baptiste Debret	56
Figura 14: Questão 6 da prova de 2021 para o ingresso no mestrado Profhistória	95
Figura 15: Jogadores Vasco da Gama pescando na praia da Guanabara	109
Figura 16: Time do Flexeiras com a presença de alguns jogadores do Botafogo	110
Figura 17: A esquerda, Newton Santos, à direita Garrincha e sentado, Quarentinha	111
Figura 18: Imagem de Iemanjá fixada na praia da Guanabara, no bairro da Freguesia.....	116
Figura 19: Moradores da Estrada Maracajás se manifestando na Estrada do Galeão.....	119
Figura 20: Preparação da manifestação na Estrada do Galeão	119
Figura 21: Imagem da Pedra dos Amores nos anos de 1950	120
Figura 22: Imagem da Pedra da Onça registrada em 2023.....	120
Figura 23: Propaganda do depósito da Água Radioativa Fontana na Ilha do Governador	121
Figura 24: Escultura da índia Mãe d’água na Praça Jerusalém, na Ilha do Governador.....	122
Figura 25: Escultura da índia Mãe d’água a frente da Catedral da Sé, em São Luís do MA ..	122
Figura 26: Propaganda da Companhia Imobiliária Santa Cruz	123
Figura 27: Imagem atual e panorâmica da região da Praça Jerusalém	123
Figura 28: Capa do Guia da Ilha do Governador	124
Figura 29: Imagem do <i>layout</i> do grupo Ilha do Governador – O passado no presente	126
Figura 30: Imagem de Domenico Avesa	127
Figura 31: Ponte da formicida	129
Figura 32: Eunice Alves Cariry Sorominé	131
Figura 33: Doutor Luiz Paixão no ano de 1924	132
Figura 34: Doutor Cícero de Castro Rosa	133
Figura 35: Busto em homenagem a Lima Barreto na Praça Calcutá	135
Figura 36: Registro do Rolé da Ilha, etapa bairro da Freguesia	135

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Lista dos bairros e comunidades da Ilha do Governador	22
Quadro 2: Regiões Administrativas (R.As) do Município do Rio de Janeiro	24
Quadro 3: Logradouros na Ilha do Governador ligados a cultura indígena	41

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Quantitativo de pessoas por profissão na Freguesia de Nossa Senhora D'Ajuda ..	47
Tabela 2: Quantitativo de pescadores do Município do Rio de Janeiro: 1872	48
Tabela 3: Quantitativo de pessoas livres e cativas na Ilha do Governador no século XIX	57
Tabela 4: Quantitativo de dissertações no Portal Profhistória, sobre o termo História Local..	68

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANPUH – Associação Nacional de Professores de História.

BBC - British Broadcasting Corporation (Corporação Britânica de Radiodifusão).

BNCC – Base Nacional Comum Curricular.

BFNIG – Base dos Fuzileiros Navais da Ilha do Governador.

DRP - Diretoria Regional Pedagógica.

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio.

EJA – Educação de Jovens e Adultos.

FECOMERCIO RJ - Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado do Rio de Janeiro.

FUNAI – Fundação Nacional do Índio.

G.R.E.S – Grêmio Recreativo Escola de Samba.

IHGB – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional.

IPM - Inquérito Policial Militar.

IPN – Instituto Pretos Novos.

LDB – Leis de Diretrizes e Bases.

LIESA - Liga Independente das Escolas de Samba.

MR-8 - Movimento Revolucionário 8 de outubro.

PNLD - Programa Nacional do Livro e Material Didático.

PPGEH - Programa de Pós-graduação em Ensino de História.

PROFHISTÓRIA – Mestrado Profissional em Ensino de História.

PUC-RJ – Pontifícia Universidade Católica – Rio de Janeiro.

SAEB - Sistema de Avaliação da Educação Básica.

SEEDUC – RJ – Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro.

SEJUS - Secretaria de Justiça e Cidadania.

UERJ – Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

UESPI – Universidade Estadual do Piauí.

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina.

UFF – Universidade Federal Fluminense.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 – As expressões e impressões da história do meu lugar	
1.1. As articulações e tensionamentos existentes na abordagem macro e micro em estudos de História Local tendo como referencial a cidade do Rio de Janeiro	22
1.2. A História Local da Ilha do Governador a partir da análise da produção acadêmica	38
1.3. As expressões e impressões da História da Ilha do Governador	44
CAPÍTULO 2 – Por um lugar no ensino de história para a história local	
2.1. Panorama teórico-metodológico da História Local e sua inserção na História escolar	62
2.1.1. Breves considerações sobre a História Local no contexto acadêmico europeu	62
2.1.2. A História local no Brasil e seus usos no ensino de História	64
2.1.3. A representatividade da temática História Local nas dissertações do Profhistória	67
2.2. A História Local na grade curricular do Ensino Médio: possibilidades e desafios	70
2.3. As potencialidades pedagógicas de uma proposta de Ensino de História Local	77
CAPÍTULO 3 – Uma proposta de ensino de história a partir dos referenciais teórico-metodológico da história local	
3.1. Princípios norteadores para elaboração de uma disciplina eletiva sobre História Local	82
3.2. Estruturação da disciplina eletiva sobre História Local a partir de eixos temáticos	91
3.3. Descrição da propositiva didática desta dissertação que se refere a elaboração da disciplina eletiva História Local – As Expressões e Impressões da História do Meu Lugar	98
3.4. A introdução da disciplina eletiva sobre História Local, em uma escola pública na Ilha do Governador	106
3.4.1. As expressões da História Local, a partir das experiências e memórias dos estudantes relacionadas ao local onde nasceram, habitam e/ou estudam	107
3.4.2. As impressões da História Local, através da análise das fontes históricas, lugares de memória e os espaços de sociabilidades	114
3.4.3. As articulações e tensões dos processos históricos por meio das conexões entre a História Global, Nacional e Local.....	136
CONSIDERAÇÕES FINAIS	140
REFERÊNCIAS	145
APÊNDICES	149

INTRODUÇÃO

Ao refletir sobre a minha trajetória profissional de 20 anos exercendo o cargo de professor de história na educação básica, percebo que obtive os maiores *feedback* positivos quando abordei temáticas que possibilitava a incorporação de estratégias didáticas interdisciplinares, organizadas em parceria com colegas professores e quando, de forma incansável, buscava relacionar a temática desenvolvida na sala de aula com os campos de interesses dos alunos. Ao estabelecer esta relação positiva, foi possível observar que os alunos demonstravam maior empenho e interesse em exercer uma postura autoral nas atividades propostas.

Ao longo destes anos de magistério, venho constatando o quanto é fundamental a elaboração de um planejamento que garanta oportunidade dos alunos vivenciarem práticas associadas ao ofício do historiador, no intuito de desenvolver a percepção do aluno de que as narrativas históricas estabelecidas pelo professor de História em sala de aula não são resultante somente da imaginação empírica do professor, mas a consequência de um trabalho continuo de historiadores (saber acadêmico) e docentes da educação básica (saber escolar), que ao longo de gerações vem procurando elucidar suas hipóteses, sobre diversos ângulos de observação, visando encontrar respostas diante de evidências representadas por um conjunto diversificado de fontes históricas.

Ao visitar as memórias da minha trajetória profissional, lembro que a primeira experiência que tive na educação básica, no ano de 2004, já foi atuando na condição de professor de história em todas as turmas do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental Anos Finais, e em todas as turmas da 1ª a 3ª série do Ensino Médio, no Colégio São Remo e no Santa Mônica Centro Educacional, ambos na Ilha do Governador. Esta experiência foi de grande valia para o profissional que ainda iria me tornar, pelo fato de ter que adaptar propostas didáticas e metodológicas de trabalho para um alunado com perfis bem distintos.

Por ter, naquela ocasião, uma carga horária semanal extensa, trabalhando de segunda a sábado praticamente em uma mesma escola, tive tempo adequado para compreender melhor como se dava uma dinâmica escolar, assim como a relação entre a escola e a comunidade por ela atendida. Este chão da escola certamente aguçou o meu olhar para questões cada vez mais amplas e a compreensão que o sucesso escolar ou o baixo rendimento não depende exclusivamente de uma aula bem planejada e ministrada pelo professor. Percebi, na prática, que existem muitas variantes dentro do processo de aprendizagem e que todas elas precisam ser consideradas para a garantia de um desempenho escolar de excelência.

Durante o exercício da docência, fui me envolvendo cada vez mais na dinâmica escolar, propondo ideais, projetos, ajustes e me colocando à disposição para atender os responsáveis. Diante deste envolvimento intenso com as demandas do espaço escolar, acabei sendo visto, pela direção de uma das instituições que atuava, no caso, o Santa Mônica Centro Educacional, como um profissional com potencial para ser coordenador pedagógico, por conseguinte, recebi o convite para atuar como coordenador.

Por cerca de 12 anos exerci simultaneamente o cargo de coordenador nos segmentos Ensino Fundamental Anos Finais e Ensino Médio, nos turnos manhã e tarde, na rede de ensino privada, e no turno noturno, na rede pública de ensino, venho exercendo desde 2013, o cargo de professor de História no segmento Ensino Médio Regular e da EJA (Educação de Jovens e Adultos) no Colégio Estadual Rotary, localizado no bairro da Freguesia, na região da Ilha do Governador, Rio de Janeiro. No ano letivo de 2023 exerci o cargo de professor substituto no Colégio Pedro II, Campus São Cristóvão II, lecionando para alunos do 6º ano e 9º ano do Ensino Fundamental II Anos Finais.

Mesmo diante de todas as exigências do cargo de coordenador, que abrange o atendimento as demandas dos alunos, dos professores, da direção e dos responsáveis, eu me sentia satisfeito de ser uma das peças da engrenagem que auxiliava os alunos a atingirem seus objetivos acadêmicos e profissionais. Contudo, percebia que algo me faltava e que era o momento de dar continuidade ao meu trabalho exclusivamente na condição de professor de história. Entendi também que os meus alunos do Ensino Médio noturno, na rede pública de ensino, precisavam de um professor plenamente enfocado em encontrar novas estratégias pedagógicas e abordagens capazes de potencializar ainda mais o seu aprendizado frente aos conteúdos abordados nas aulas de história.

Diante deste contexto, resolvi “recalcular” a minha rota profissional e direcioná-la exclusivamente para o magistério. Com muita resiliência e acreditando no poder transformador que a educação é capaz de fazer na vida dos alunos e também na própria trajetória profissional, abri mão do cargo de 40 horas como coordenador pedagógico para realizar o meu sonho antigo de fazer um mestrado em Ensino de História, na instituição em que me graduei. Graças ao esforço pessoal e o apoio incondicional que recebi da minha esposa e dos meus familiares consegui obter a tão esperada aprovação no processo seletivo do programa de mestrado em Ensino de História do Profhistória/UFRJ, no primeiro semestre de 2022.

Durante a minha carreira de duas décadas como professor de História na educação básica, um fato que sempre me angustiou é a pouca relevância atribuída à História Local nos currículos escolares e nos materiais didáticos destinado aos segmentos Ensino Fundamental Anos Finais

e Ensino Médio. A História Local vem sendo, ao nosso ver, silenciada e/ou subalternizada, diante do predomínio de uma metodologia de ensino de história tradicional, que persiste em abordar os conhecimentos históricos, a partir de uma perspectiva que privilegia o ensino da História Nacional, assim como o ensino da História da Civilização Ocidental, essencialmente eurocêntrica. A História Local, quando aparece nos materiais didáticos, geralmente ocupa um espaço a parte do texto principal, como mera história do entorno e/ou uma história periférica.

Em contrapartida, com o decorrer da minha trajetória profissional, venho constatando o potencial que as narrativas históricas, referentes a História Local, pode contribuir como um importante recurso teórico-metodológico disponível aos estudantes na busca de seus referenciais identitários e na percepção que eles são também sujeitos da história e potenciais protagonistas do próprio aprendizado.

Refletindo sobre estas questões, busquei no mestrado em Ensino de História do Profhistória/UFRJ, uma linha de pesquisa capaz de fundamentar a elaboração uma proposta pedagógica que ressalte as múltiplas possibilidades educativas, que os recursos teórico-metodológicos associados a História Local pode oferecer aos docentes da educação básica no processo de planejamento de suas aulas e abordagens dos conteúdos históricos em sala de aula.

Após analisar atentamente as três possibilidades de linhas de pesquisas do Mestrado de Ensino de História, percebemos uma sintonia entre a proposta de trabalho a desenvolver em consonância com a linha de pesquisa Saberes Históricos no Espaço Escolar. Esta escolha ocorreu porque pretendemos explorar aspectos da História da cidade do Rio de Janeiro, como ênfase na História da Ilha do Governador. A intenção deste trabalho, consiste em elaborar e sugerir uma disciplina eletiva sobre História Local, para o público-alvo composto, a princípio, por alunos da EJA – Modulo I (Educação de Jovens e Adultos) e/ou 1ª série do Ensino Médio, a ser incluída no catálogo de eletivas disponíveis aos docentes das escolas da rede estatal de educação do Rio de Janeiro, tendo como ponto de partida para a sua formulação a proposta experimental sobre a História Local da Ilha do Governador.

A oferta desta disciplina eletiva visa despertar o olhar dos estudantes para o local onde transcorrem suas ações cotidianas, com o intuito de conceder visibilidade para as especificidades deste local, voz a agentes históricos locais silenciados no ensino de História, assim como aguçar a percepção dos alunos, de que eles também são coautores desta História Local tão essencial para formação de sua identidade e cidadania.

A motivação preliminar para escolha da temática História local, e sua inserção no currículo ocorreu por constatar, ao decorrer de uma aula que ministrava para uma turma do ensino médio, que parte considerável dos alunos, em uma abordagem preliminar, não

conseguiam perceber e/ou associar que parte de suas memórias, fruto de vivências pessoais e /ou geracionais, estão diretamente associadas a História Local da região onde nasceram, residem e realizam suas ações cotidianas. Assim como não conseguiam, sem mediação, associar a intervenção urbana feita em grafite na fachada do Colégio onde estudam, no caso, o Colégio Estadual Rotary¹, com aspectos da História da Ilha do Governador.

A intervenção urbana em questão, é fruto do trabalho artístico, realizado na fachada do colégio no dia 9 de fevereiro de 2021, ainda em pleno contexto pandêmico, pela ex-aluna da Escola Municipal Rotary, Ju Angelino e os amigos Nicolau Mello, Hebert Marques, Leonardo Oscar, Miguel Wallace e Pedro Carneiro, integrantes do Grupo de Grafiteiros Rio Esporte Arte.

Como relata Ju Angelino, em uma reportagem publicada no jornal Ilha Notícias, o período pandêmico alterou drasticamente a rotina e a renda dos profissionais que trabalham com arte urbana. Dentro deste período caótico muitos artistas tiveram que buscar projetos paralelos e pequenos trabalhos para resistir à crise. Foi neste contexto que eles tiveram acesso a Lei Aldir Blanc, de incentivo à cultura e resolveram inscrever o seu projeto. A contrapartida para receber o financiamento era realizar sua arte em uma escola do Estado do Rio de Janeiro, e o destino colocou a Escola Municipal Rotary no caminho destes artistas. Para Ju Angelino²(2021) :

o fato de ter sido na Ilha do Governador e a Escola Rotary, onde passou sete anos de sua vida, fez com que o projeto tivesse um toque pessoal.

— Isso fez com que eu ficasse com os holofotes voltados um pouco para minha história. Por isso, um dos artistas representados foi o Gonzagão, que é minha forma de homenagear minhas avós, nordestinas, que foram pilares na minha criação e tinham a figura dele como uma santidade, um Rei. [...]



Figura 1: Integrantes do grupo de grafiteiros Rio Esporte Artes.

Fonte: Reportagem no Jornal Ilha Notícias publicada no dia 26/02/2021.

¹ Em relação a esta unidade escola cabe um esclarecimento para não gerar confusão. Originalmente o espaço físico pertence ao município do Rio de Janeiro, que em 1949 fundou a Escola Municipal Rotary. Mas, desde o ano de 1981, com a fundação do Colégio Estadual Rotary, o espaço físico da escola, no período noturno, é compartilhado com a rede estadual de educação do Rio de Janeiro.

² Para acessar a reportagem de Ju Angelino na íntegra, basta acessar clicando no *link* a seguir: [A arte de Grafiteiros na Escola Rotary | Notícias | Ilha Notícias \(ilhanoticias.com.br\)](http://A%20arte%20de%20Grafiteiros%20na%20Escola%20Rotary%20%7C%20Not%C3%ADcias%20%7C%20Ilha%20Not%C3%ADcias%20(ilhanoticias.com.br))



Figura 2: Arte urbana feita na fachada do Colégio Estadual Rotary em homenagem a Chiquinha Gonzaga, Vinícius de Moraes e Luiz Gonzaga.

Fonte: Registro feito pelo autor da dissertação



Figura 3: Registro de alunos e docentes na fachada do Colégio Estadual Rotary

Fonte: Erik Steinberg, diretor adjunto do C. E Rotary

A opção por retratar em grafite a face de Luiz Gonzaga, Vinícius de Moraes e Chiquinha Gonzaga, não foi por mero acaso, ela aconteceu pelo fato destes emblemáticos personagens, em um período específico de suas vidas, terem sido moradores da Ilha ou por terem eternizado a região em suas obras proporcionando visibilidade aos aspectos da dinâmica local. O “poetinha” Vinícius de Moraes, por exemplo, retratou no seu poema, cujo título é Ilha do Governador, suas experiências e memórias de juventude na Ilha do Governador na década de 1930.

O músico Luiz Gonzaga, o Gonzagão, fez o mesmo em uma música, com o título Cocotá, onde eternizou “a sua” praia do Cocotá dos anos de 1970, presente somente nas memórias dos antigos moradores da região, pois o local onde ficava a praia foi totalmente aterrado. Já Chiquinha Gonzaga, também retratada na intervenção urbana na fachada do colégio, tem sua relevância ao garantir, através do seu talento e atitude, protagonismo às mulheres ao ser uma das pioneiras na esfera artística brasileira em um ambiente predominantemente masculino e também pelo seu posicionamento favorável ao fim da escravidão no Brasil, demonstrado no seu engajamento nas ações desencadeadas pelo movimento abolicionista no Rio de Janeiro.

Devemos acrescentar também que esta dissertação pretende contribuir para o debate da história local e suas potencialidades pedagógicas, tema que vem apresentando grande expansão nestes últimos anos, haja vista o crescimento de trabalhos acadêmicos neste campo da historiografia e a publicação de artigos, ensaios e livros oriundos de comunicações feitas em simpósios, conferências e congressos por pesquisadores que se dedicam ao estudo desta temática.

Por sinal, durante a etapa dedicada as pesquisas e escrita desta dissertação, o projeto³ em caráter introdutório, foi submetido, aceito e apresentado no 32º Simpósio Nacional de História da ANPUH - Nacional, no Simpósio Temático 093, referente a História Local: Pesquisa, Educação e Patrimônio, coordenado pelos professores Sandra Cristina Donner (FACCAT e IFRS-Canoas) e Felipe Nóbrega Ferreira (Governo do Estado do Rio Grande do Sul), ocorrido em julho de 2023, na cidade de São Luís, Estado do Maranhão.

Após a defesa deste trabalho, avalia-se ser possível oferecer, uma sugestão de disciplina eletiva sobre a temática História Local, a ser encaminha a Diretoria Regional Pedagógica (DRP) da Metropolitana III, a qual estou vinculado, como servidor público / professor de História, para a devida avaliação dos setores da Seeduc-rj (Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro), responsável pela elaboração do currículo escolar para o segmento Ensino Médio.

Ressalto que após uma consulta feita junto a Diretoria Regional Pedagógica sobre a possibilidade de encaminharmos uma sugestão de disciplina eletiva, referente a temática História Local, participo que nos sentimos agraciados com a devolutiva que tivemos da DRP parabenizando pela iniciativa da proposição da eletiva e manifestando o interesse em conhecer a proposta como um todo e assim submetê-la a análise do conteúdo pelos setores da Seeduc-rj responsáveis pela elaboração do currículo da rede estadual de educação do Rio de Janeiro.

A nosso ver, a dissertação, acaba por ganhar uma dimensão educacional e social bastante relevante, a partir deste interesse manifestado pela DRP. Haja vista que a proposta em questão, se propõe, entre outros fatores, a aguçar o olhar dos estudantes do Ensino Médio para a História da localidade onde estão inseridos, tendo como uma de suas intencionalidades auxiliar os estudantes na busca dos seus referenciais identitários e no exercício pleno de sua cidadania.

³ Segue anexo o *link* de acesso aos Anais eletrônicos do 32º Simpósio Nacional de História da ANPUH – NACIONAL, onde consta disponível para download, o artigo que elaboramos, referente as considerações introdutórias deste projeto sobre história local, cujo título, na ocasião ainda era: “Uma proposta de ensino de história local da Ilha do Governador/RJ, em diferentes temporalidades e lugares de memória alinhada aos preceitos da educação patrimonial” www.snh2023.anpuh.org/anais/trabalhos/lista#D acesso dia 11 de janeiro de 2024.

A relevância desta proposta, referente à História da cidade do Rio de Janeiro, com ênfase na História da Ilha do Governador, está também na possibilidade que tem de conceder protagonismo aos próprios alunos do ensino médio, identificados como coautores da História Local. Por acreditar no potencial educativo do ensino de História a partir da temática local, entendemos que este fato justifica todo a dedicação que empregamos no desenvolvimento desta dissertação e na elaboração do produto final deste trabalho.

Entendemos que através do ensino de História Local criamos condições para os alunos conhecerem e se reconhecerem na história da comunidade na qual estão inseridos e assim compreenderem melhor a sociedade e a localidade em que vivem. Sendo assim, ao promovermos em sala de aula momentos para os alunos terem contato com as instituições locais e com as práticas dos princípios democráticos, contribuindo para a formação de pessoas cada vez mais preparadas para o exercício pleno da cidadania crítica e consciente. O ensino de História Local também tem por finalidade sensibilizar os alunos quanto a importância da preservação e problematização dos vestígios patrimoniais locais.

Sobre os referenciais teóricos que embasam esta pesquisa histórica e o potencial pedagógico da temática História Local no Ensino de História na educação básica, destacamos o trabalho de Abreu (2016), para refletir sobre questões ligadas ao espaço, território e região, consideramos o trabalho de Barros (2013) uma grande referência. A partir da análise da história do Rio de Janeiro narrada nos livros didáticos e o espaço dado a este tema nos materiais didáticos, as pesquisas de Costa (2016) e Macedo (2017) são de extrema relevância. Através das reflexões de Cavalcanti (2018) nos mantivemos alerta em relação aos desafios, limites e possibilidades apresentadas pela história local.

Tendo Oriá Fernandes (1995) como um dos seus referenciais teóricos, esta dissertação busca reivindicar um lugar no Ensino Médio para a Ensino de História Local. Para compreender as potencialidades pedagógicas da história local, o trabalho de Vilma Barbosa (2015) precisa ser ressaltado, assim como para verificar as articulações e os tensionamentos entre os aspectos micro e macro da História, a partir da variação de escala de observação dos processos sócio-históricos. Neste sentido, o trabalho de Revel (2010) foi essencial para o desenvolvimento desta dissertação.

No que se refere ao quesito fontes históricas, as narrativas históricas sobre a Ilha do Governador estão registradas em corpus documentais a partir dos quais pretendemos explorar para a formulação de uma proposta de disciplina escolar referente ao Ensino de História Local. Em suma, podemos destacar dois tipos de fontes que sugerimos para pensar a elaboração de uma proposta

curricular, bem como fontes a serem exploradas pelos docentes que ministrarem a disciplina eletiva a ser apresentada como produto final desta dissertação em ensino de história.

De modo geral, as fontes escritas sobre a Ilha do Governador são obras de caráter acadêmico e midiáticos. Com o intuito de estabelecer um debate crítico com as principais obras de referência já publicadas sobre a História Local da Ilha do Governador, localizamos, os respectivos trabalhos: a obra “História da Ilha do Governador”, da autora Cybelle Moreira de Ipanema, 1^a edição em 1991 e a 2^a edição em 2013 e a dissertação de mestrado “O Ensino de História da Ilha do Governador na Educação Básica: usos de Práticas Lúdicas no Ensino de História Local”, elaborada pelo professor Juberto de Oliveira Santos, em 2022, pelo Programa de Pós Graduação em Ensino de História Profhistória/UFRJ.

Na busca de verificar a existência de outros trabalhos acadêmicos já publicados e relacionados às temáticas a respeito da Ilha do Governador, foi possível localizar no catálogo de teses e dissertações da CAPES, as seguintes pesquisas acadêmicas: 1) a tese de mestrado em História na UFF – Universidade Federal Fluminense, “Uma vasta caieira: Um estudo sobre os fabricantes de cal da Freguesia da Ilha do Governador”, de Judite Paiva Souto, defendida em 2015; 2) a dissertação de mestrado em Antropologia na UFF – Universidade Federal Fluminense, “Diga espelho meu, se há na Avenida alguém mais feliz que eu! Estudo sobre identidade e memória da G.R.E.S. União da Ilha do Governador, de Paulo Cordeiro de Oliveira Neto, defendida em 2008.

No site Publicações Universo tivemos acesso ao artigo “Araribóia na memória coletiva dos insulanos: um estudo de caso”, publicado em 2020, pelo então mestrando Rodrigo de Lima Milagres, na Revista do Departamento de Ensino à Distância da UNIVERSO – Universidade Salgado de Oliveira. A nosso ver, o trabalho do Rodrigo, abre-se a oportunidade de conceder visibilidade e relevância histórica aos povos originários da Ilha do Governador, que foram subalternizados na História Nacional. Assim como, trazer à tona, a origem insulana de Araribóia, desconhecida pelo grande público e para boa parte dos moradores da Ilha do Governador.

Contamos também com fonte memorialística, a exemplo do “Guia da Ilha do Governador”, publicado em 1950, pelo jornalista Norberto Greco e com o acervo composto de fotos, iconografias e recortes de jornais do professor Jaime de Moraes, um ilustre memorialista e morador da Ilha do governador desde a década de 1950 e administrador de um grupo no *facebook* identificado com o referido título: Ilha do Governador – O passado no presente. O grupo em questão, que possui mais de 24 mil membros e seguidores, nos foi muito útil no processo de elaboração da pesquisa investigativa. O professor Jaime inclusive estudou no Colégio Municipal Rotary, fundado em 1949, espaço físico compartilhado com o Colégio Estadual

Rotary onde lecionamos a disciplina história para alunos do ensino médio turno noturno.

Gostaríamos de destacar no Congresso Nacional Profhistória 2022, realizado no Campus Maracanã da UERJ, a apresentação do professor Valdinei Deretti, de sua dissertação de mestrado em Ensino de História “Ensinar história na cidade: uma proposta de Educação Patrimonial para Guaramirim/SC”, defendida em 2020 pelo ProfHistória/UFSC, tendo sido agraciada com o 1º lugar no Prêmio Profhistória turma 2020. Foi possível identificar a existência de pontos de convergências com a proposta de projeto que estava em elaboração sobre a História Local da Ilha do Governador. Em concordância com o professor Deretti, acreditamos no potencial educativo que a “cidade/local pode oferecer no processo de ensino/aprendizagem, através dos usos das memórias, das subjetividades, das vivências dos alunos, assim como na subjetivação democrática, para dar visibilidade as histórias subalternizadas.” (DERETTI apud. ABREU 2016, p. 61).

O objetivo geral desta dissertação se define por elaborar uma disciplina eletiva, intitulada: História Local – As Expressões e Impressões da História do Meu Lugar, a ser encaminhada como sugestão a equipe responsável pelo desenvolvimento do currículo do Ensino Médio da rede estadual de educação do estado do Rio de Janeiro, tendo como fator disparador a proposta de ensino de História local sobre a Ilha do Governador.

Através desta disciplina eletiva temos como intencionalidade oferecer um fator motivador para que professores da rede pública de ensino tenham acesso a elementos norteadores para a elaboração de projetos e atividades pedagógicas referentes a História Local da região, cidade, bairro e/ou comunidade que atuam como docentes no Estado do Rio de Janeiro.

Em termos de objetivos específicos, pretendemos desenvolver uma proposta de disciplina escolar na área de Ensino de História que se proponha a:

- considerar as articulações e os tensionamentos dos processos e fatos históricos, considerando as interfaces entre a História Global, Nacional e Local;
- apresentar argumentos consistentes sobre a possibilidade de se afirmar a existência de uma História Local mesmo tendo como referencial uma megalópole como a cidade do Rio de Janeiro;
- conferir visibilidade as especificidades locais e as ações de agentes históricos locais silenciados e/ou subalternizado no Ensino de História;
- estimular a curiosidade dos estudantes no sentido de perceberem que o local onde realizam suas ações cotidianas tem história e que eles próprios são coautores desta história local;
- desenvolver recursos pedagógicos para que os estudantes consigam identificar seus referenciais identitários e exercerem plenamente sua cidadania;

Sendo assim, no **capítulo 1**, procuramos descrever detalhadamente o caminho que encontramos para desenvolver um trabalho investigativo sobre a História da Cidade do Rio de Janeiro, com ênfase na História da Ilha do Governador. Este caminho foi pautado em identificar as articulações e tensionamentos existentes no macro e micro espaço nas interfaces entre a História Nacional/Global e a História da cidade do Rio de Janeiro/Local, na busca por conceder voz e visibilidade as especificidades e agentes históricos locais e identificar o legado e a relevância das manifestações culturais praticadas na Ilha do Governador, como forma de expressão de sua História e das demandas da população que habita este local. Além de verificar as mudanças e permanências referentes a aspectos da História da Ilha do Governador.

No **capítulo 2**, pretendemos inicialmente apresentar um panorama teórico-metodológico da História Local e seu desenvolvimento dentro e fora do Brasil, assim como o perfil atual das produções defendidas e disponibilizada no site oficial do Programa de Pós-graduação em Ensino de História (PPGEH), o Profhistória Nacional. Neste capítulo procuramos também apontar as possibilidades e desafios para a implantação da história local na grade curricular do ensino médio, assim como as potencialidades pedagógicas do Ensino de História local a partir da análise em sala de aula, de fontes históricas associadas as especificidades locais, aos lugares de memória e aos espaços de sociabilidades presentes na região, dentre eles a própria escola.

Já no **capítulo 3**, a intenção será apresentar os princípios norteadores que embasam a elaboração da disciplina eletiva sobre História Local a ser ministrada no Ensino Médio, assim como as etapas do processo percorrido para a preparação da propositiva didática sugerida nesta dissertação. Ao longo deste terceiro capítulo, pretendemos oferecer argumentos que confirmem que a proposta de disciplina eletiva sobre História Local está alinhada com as competências / habilidades estabelecidas pela Base Nacional Comum Curricular - BNCC e foi concebida com justificativa, objetivos, recursos didáticos e sugestões de ações pedagógicas.

Contudo, cabe ressaltar que tais sugestões de atividades disponibilizada nesta dissertação, não tem como propósito interferir na autonomia pedagógica dos docentes, muito pelo contrário. O que de fato almejamos é que os professores regentes desta futura disciplina escolar se sintam livres e motivados para elaborar atividades autorais a partir de suas próprias reflexões sobre aspectos da História Local da região onde atuam profissionalmente, assim como a partir das experiências e memórias manifestadas pelos seus alunos durante as ações colocadas em prática na sala de aula.

Capítulo 1 – As expressões e impressões da História do meu lugar

1.1 As articulações e tensionamentos existentes na abordagem macro e micro em estudos de História local tendo como referencial a cidade do Rio de Janeiro

Sendo a Ilha do Governador parte integrante da malha urbana da cidade do Rio de Janeiro, é possível se falar em História Local tendo como referencial uma megalópole como a cidade do Rio de Janeiro? Eis a questão introdutória desta dissertação. Para quem não conhece a história da cidade do Rio de Janeiro, é necessário considerar que esta urbe, está intrinsecamente relacionada com a construção do estado nacional brasileiro. Daí ser necessário explorar as interfaces entre temáticas elevadas a categoria de História Nacional/Global e suas relações com a História da cidade do Rio de Janeiro. No caso deste trabalho, a ênfase é dada as especificidades da História da Ilha do Governador, que a partir da promulgação do Decreto nº 3.157, de 23 de julho de 1981, deixou de ser considerada um bairro e passou a ser a XX Região Administrativa da Zona Norte da Cidade do Rio de Janeiro, sendo a maior ilha da Baía da Guanabara, como cerca de 40 Km².

De acordo como o Censo 2010, a Ilha do Governador possuía aproximadamente 212.574 habitantes, o que equivale a 3,37% da população da capital. A Ilha do Governador é composta por quatorze bairros e cerca de vinte e oito comunidade, como consta, em destaque no quadro.

Bairros	Comunidades identificadas na Ilha do Governador	
Bancários	Águia Dourada	Itacolomi
Cacuia	Aldeia	João Teles
Cocotá	Araras	Nossa Senhora das Graças
Freguesia	Barão	Parque Royal (Maruim)
Galeão	Barbante	Pixunas
Jardim Carioca	Boogie Woogie	Prefeitura
Jardim Guanabara	Budapeste	Praia da Rosa
Moneró	Colônia Z-10	Radio Sonda/Maracajá
Pitangueiras	Coqueiro	Sapucaia
Portuguesa	Dendê	Serra Morena
Praia da Bandeira	Duzentos	Querosene
Ribeira	INPS	Tubiacanga
Tauá	Guarabu	Vila Joaniza
Zumbi	Grota	Zaquia Jorge

Quadro 1: Lista dos bairros e comunidades da Ilha do Governador.

Fonte: Elaborada pelo autor da dissertação a partir de dados presentes no censo de 2010.

Na sequência desacatamos, respectivamente, o mapa da Ilha do Governador e o mapa do Município do Rio de Janeiro. Posteriormente, elaboramos uma tabela para situar o leitor em que contexto se apresenta a Ilha do Governador, dentre as regiões administrativas que compõe a cidade do Rio de Janeiro e seus respectivos bairros.



Figura 4: Mapa da Ilha do Governador. **Fonte:** [instagram@jubertosantos](https://www.instagram.com/jubertosantos/)

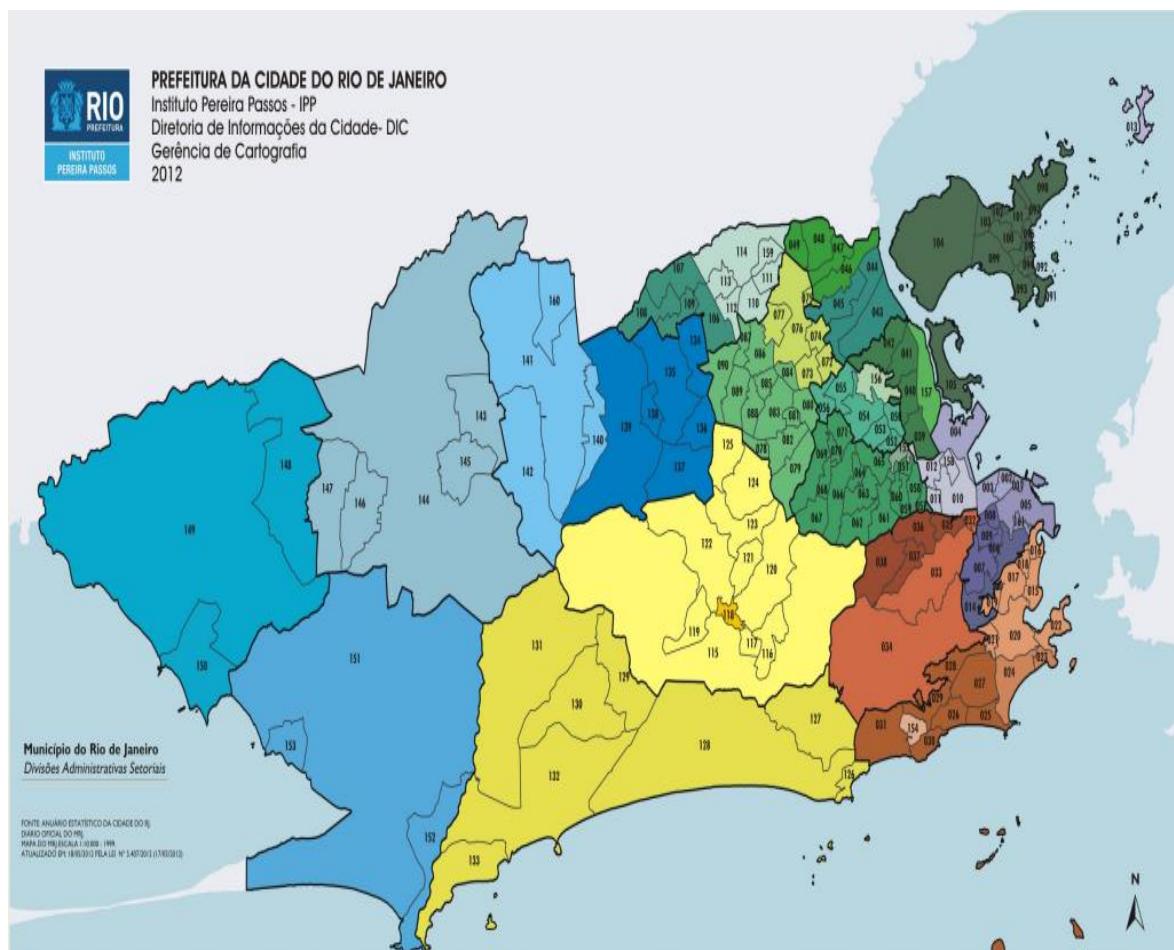


Figura 5: Mapa do Município do Rio de Janeiro subdividido em Regiões Administrativas – R.As
Fonte: Anuário Estatístico da Cidade do Rio de Janeiro. Acesso dia 03/12/2023.

Quadro 2 - Regiões Administrativas (R.As) do Município do Rio de Janeiro

Elaborado por Daniel A. Carlos **Fonte:** Anuário Estatístico da Cidade do Rio de Janeiro. Acesso dia 03/12/2023.

I - R.A – Portuária 001 – Saúde 002 – Gamboa 003 – Santo Cristo 004 – Caju	X - R.A – Ramos 039 – Manguinhos 040 – Bonsucesso 041 – Ramos 042 – Olaria	XVI - R.A – Jacarepaguá 115 – Jacarepaguá 116 – Anil 117 – Gardênia Azul 119 – Curicica 120 – Freguesia de Jacarepaguá 121 – Pechincha 122 – Taquara 123 – Tanque 124 – Praça Seca 125 – Vila Valqueire	XXIII - R.A – Santa Teresa 014 – Santa Teresa
II - R.A – Centro 005 – Centro 161 – Lapa	XI - R.A – Penha 043 – Penha 044 – Penha Circular 045 – Braz de Pina		XXIV - R.A – Barra da Tijuca 126 – Joá 127 – Itanhangá 128 – Barra da Tijuca
III - R.A – Rio Comprido 006 – Catumbi 007 – Rio Comprido 008 – Cidade Nova 009 – Estácio	XII - R.A – Inhaúma 050 – Higienópolis 052 – Maria da Graça 053 – Del Castilho 054 – Inhaúma 055 – Engenho da Rainha 056 – Tomás Coelho		129 – Camorim 130 – Vargem Pequena 131 – Vargem Grande 132 – Recreio dos Bandeirantes 133 – Grumari
IV - R.A – Botafogo 015 – Flamengo 016 – Glória 017 – Laranjeiras 018 – Catete 019 – Cosme Velho 020 – Botafogo 021 – Humaitá 022 – Urca	XIII - R.A – Meier 051 – Jacaré 057 – São Francisco Xavier 058 – Rocha 059 – Riachuelo 060 – Sampaio 061 – Engenho Novo 062 – Lins de Vasconcelos	XVII - R.A – Bangu 140 – Padre Miguel 141 – Bangu 142 – Senador Camará 160 – Gericinó	XXV - R.A – Pavuna 110 – Coelho Neto 111 – Acari 112 – Barros Filho 113 – Costa Barros 114 – Pavuna 159 – Parque Columbia
V - R.A – Copacabana 023 – Leme 024 – Copacabana	XIX - R.A – Santa Cruz 063 – Meier 064 – Todos os Santos 065 – Cachambi 066 – Engenho de Dentro	XVIII - R.A – Campo Grande 143 – Santíssimo 144 – Campo Grande 145 – Senador Vasconcelos 146 – Inhoaíba 147 – Cosmos	XXVI - R.A – Guaratiba 151 – Guaratiba 152 – Barra de Guaratiba 153 – Pedra de Guaratiba
VI - R.A – Lagoa 025 – Ipanema 026 – Leblon 027 – Lagoa 028 – Jardim Botânico 029 – Gávea 030 – Vidigal 031 – São Conrado	X - R.A – Ilha do Governador 067 – Água Santa 068 – Encantado 069 – Piedade 070 – Abolição 071 – Pilares	XX - R.A – Irajá 072 – Vila Kosmos 073 – Vicente de Carvalho 074 – Vila da Penha 075 – Vista Alegre 076 – Irajá 077 – Colégio	XXVII (R.A – Rocinha 154 – Rocinha
VII - R.A – São Cristóvão 010 – São Cristóvão 011 – Mangueira 012 – Benfica 158 – Vasco da Gama	XV - R.A – Madureira 078 – Campinho 079 – Quintino Bocaiuva 080 – Cavalcanti 081 – Engenheiro Leal 082 – Cascadura 083 – Madureira	XXI - R.A – Ilha de Paquetá 084 – Vaz Lobo 085 – Turiaçu 086 – Rocha Miranda 087 – Honório Gurgel 088 – Oswaldo Cruz 089 – Bento Ribeiro 090 – Marechal Hermes	XXVIII - R.A – Jacarezinho 155 – Jacarezinho
VIII - R.A – Tijuca 032 – Praça da Bandeira 033 – Tijuca 034 – Alto da Boa Vista		XXII - R.A – Anchieta 106 – Guadalupe 107 – Anchieta 108 – Parque Anchieta 109 – Ricardo de Albuquerque	XXIX - R.A – Complexo do Alemão 156 – Complexo do Alemão
IX - R.A – Vila Isabel 035 – Maracanã 036 – Vila Isabel 037 – Andaraí 038 – Grajaú			XXX - R.A – Complexo da Maré 157 – Maré
			XXXI - R.A – Vigário Geral 046 – Cordovil 047 – Parada de Lucas 048 – Vigário Geral 049 – Jardim América
			XXXII - R.A – Realengo 134 – Deodoro 135 – Vila Militar
			136 – Campo dos Afonsos 137 – Jardim Sulacap 138 – Magalhães Bastos 139 – Realengo
			XXXIII - R.A – Cidade de Deus 118 – Cidade de Deus

Refletindo sobre a premissa inicial desta dissertação que indaga se é possível se falar em História Local tendo como referencial uma megalópole como a cidade do Rio de Janeiro, presente trabalho tem por finalidade afirmar que sim, é possível. Para tanto, ao longo desta dissertação pretendemos oferecer argumentos capazes de sustentar esta afirmação, assim como possibilidades de ações pedagógicas em sala de aula a partir da narrativa histórica sobre aspectos da História da cidade do Rio de Janeiro, com ênfase na Ilha do Governador, que segundo Ipanema (2013, p. 18) “está estreitamente ligada à História do Rio de Janeiro, do Brasil, de Portugal e do planeta.”

Partindo deste princípio, a própria publicação da obra “Narrativas do Rio de Janeiro nas aulas de História”, organizada pelas professoras Carmem Teresa Gabriel, Ana Maria Monteiro e o professor Marcos Leonardo Bomfim Martins (2016), é um bom exemplo que sustenta a ideia de que podemos sim realizar uma pesquisa sobre a História Local da cidade do Rio de Janeiro, assim como é plenamente possível a abordagem desta temática em atividades propostas por docentes a serem aplicadas nas salas de aula da educação básica.

A obra citada, tem sua pedra fundamental lançada ainda no ano de 2010, no compromisso aceito por um conjunto de pesquisadores, sob coordenação da professora Doutora Carmen Teresa Gabriel (FE/UFRJ), para a participação do Edital Faperj n. 41/2013 – Apoio a Grupos Emergentes de Pesquisa no Estado do Rio de Janeiro, destinado ao projeto “Narrativas do Rio de Janeiro nas Aulas de História: um estudo a partir de diferentes vozes”. De acordo com Carmen Teresa Gabriel (2016, p.13), “a proposta do projeto consiste em explorar e problematizar as narrativas históricas do estado do Rio de Janeiro legitimadas e validadas para ser ensinadas nos diferentes níveis da Educação Básica.”

A primeira parte da obra (2016) “Narrativas do Rio de Janeiro nas aulas de História”, foi reservada pelos organizadores para apresentar as prováveis apostas teórico-políticas para pensar o Rio de Janeiro. As considerações que o historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior apresentar no primeiro capítulo desta obra, intitulado: “Regime de historicidade: como se alimentar de narrativas temporais através do Ensino de História”, resulta de uma apresentação feita pelo autor no II Seminário de Ensino de História nas redes de formação: História do Rio de Janeiro narrada nas escolas, realizado em dezembro de 2015, no Instituto de História na UFRJ.

No segundo capítulo da obra, o professor Fernando Araújo Penna, apresenta uma problematização sobre o Programa Escola sem Partido que surge como uma grande ameaça à educação emancipadora. Já no capítulo 3, Marcelo Santos de Abreu, se detêm a refletir sobre a

inserção da História Local no Ensino de História, “considerando sua relação com os domínios da memória social e a defesa da pesquisa como princípio educativo na escola básica”. (GABRIEL, MONTEIRO, MARTINS, 2016, p. 15)

Deve-se considerar que o Rio de Janeiro é uma cidade que carrega o peso da tradição, onde a perspectiva nacional cria obstáculos para direcionar olhares para expressões locais. Com efeito, a cidade do Rio de Janeiro:

viveu (...) os eventos do Brasil, pela caixa de ressonância que é o Rio de Janeiro. Ali se assinou a Lei Áurea, em 13 de maio de 1888; ali se derrubou o regime monárquico, substituído pela República, em 15 de novembro de 1889; as repercussões de tudo que acontecia na cidade, tão próxima, refletiam na Ilha do Governador. (IPANEMA, 2013, p.141)

Nesse sentido, a proposta que entendemos ter maior afinidade para o estudo da História da Ilha do Governador, foi a apostila teórica de autoria do historiador Marcelo Santos de Abreu, que sugere a possibilidade de um Ensino de História na educação básica considerando os efeitos de conhecimento proporcionados pela variação de escalas de observação – como recurso teórico-metodológico para a realização de estudos sobre História Local.

Contudo, um dos grandes impasses para se consolidar uma narrativa sobre a história local da cidade do Rio de Janeiro é o fato da mesma ser constantemente subalternizada em relação a História Nacional do Brasil. Dentre os motivos que levam a este processo de subalternização da História Local está:

no compromisso institucional dos historiadores com a imaginação nacional e a submissão a uma história e um tempo que reunia as histórias particulares com sentidos supostamente universais relacionados a uma marcha progressiva da humanidade e a própria Nação como organização política.” (ABREU, 2016, p. 61)

Mas, o compromisso com a formação da identidade nacional deve ser o único fio condutor do trabalho realizado pelos historiadores? E quanto as peculiaridades regionais, elas devem ser compreendidas somente como peças de uma engrenagem maior, de âmbito nacional? Quando analisamos um país como o Brasil, com dimensões continentais tão expressivas e rico em representatividade, precisamos levar em consideração também as impressões e expressões presentes em cada localidade deste vasto país, que se destaca, entre outros fatores, por sua diversidade cultural resultante de um processo contínuo de ressignificação de tradições oriundas dos povos que compõe as principais matrizes populacionais do Brasil.

Desde sua fundação, em 1565, boa parte dos fatos históricos transcorridos no espaço físico da cidade do Rio de Janeiro, tiveram uma abrangência nacional e são geralmente abordados nas escolas de educação básica dos mais variados municípios brasileiros como reflexo das disputas mercantilistas entre as monarquias europeias por conquistas de territórios

no Novo Mundo. Esta perspectiva de abordagem se cristalizou como parte integrante da História Nacional. Contudo, acreditamos que seja importante ressaltar que antes de serem nacionais, tais fatos históricos tiveram também uma relação direta com aspectos inerente a dinâmica local, estabelecida em um espaço físico específico e em determinado tempo histórico, especialmente aquelas relacionadas aos povos originários do entorno da Baía de Guanabara.

Durante a apresentação preliminar do presente trabalho, no 32º Simpósio Nacional de História da ANPUH Nacional, como destacado na introdução, no momento aberto para perguntas e considerações, nos recordamos que alguns colegas professores e historiadores presentes na apresentação preliminar deste trabalho no simpósio, oriundos de diversas regiões do país, relataram que haviam estudado, na época que ainda eram estudantes da educação básica, boa parte dos fatos históricos que abordamos na apresentação e que tais fatos eram compreendidos até então por eles somente como particularidades restritas a História Nacional.

Este entendimento se manifestava, pelo fato de que até aquele momento, boa parte dos colegas ali presentes desconheciam as articulações e tensionamentos dos fatos e processos históricos, quando consideramos a interface entre a História local, representada pela dinâmica própria da cidade do Rio de Janeiro e dos seus agentes históricos locais, diante de questões com repercussões de abrangência nacional e global. Não podemos olvidar que a cidade do Rio de Janeiro, que foi capital do Brasil até a década de 1960, foi o centro do poder político deste país, até a capital ser transferida para Brasília.

Neste sentido, os fatos e processos históricos que os estudantes, dos demais estados federativos e boa parte dos estudantes de escolas do próprio município do Rio de Janeiro, costumam identificar somente como particularidades associadas, única e exclusivamente, a História Nacional, segundo a linha argumentativa sustentada neste trabalho, podem ser identificados, variando a escala de observação, como reflexo também da ação de agentes históricos associado a dinâmica local, como resposta aos anseios dos moradores desta cidade, com o intuito de resolver questões que se apresentam em âmbito local. Porém, diante do compromisso de uma geração de pesquisadores com a formação do cidadão brasileiro e com o sentimento nacional, as dinâmicas locais foram subalternizadas para a predomínio nos currículos escolares e nos livros didáticos de uma história eminentemente Nacional.

Refletindo sobre este aspecto, lembramos de Horácio José da Silva, estivador e líder dos capoeiras do bairro da Saúde, conhecido na região como Prata Preta, que se revoltou contra a brutalidade empregada pelas autoridades públicas que invadiam espaços domiciliares na localidade que vivia para efetuar a vacinação obrigatória. Indignado com estes fatos, Horácio resolve liderar cerca de 2 mil pessoas em barricadas contra as tropas do governo no processo

histórico conhecido como Revolta da Vacina. Neste contexto, o principal fator motivacional para a revolta de Prata Preta era lutar para que todos os cidadãos brasileiros fossem tratados com dignidade.

Ao analisar a Revolta da Vacina, por uma outra escala de observação, que considera a perspectiva de um homem negro, pobre, capoeira, morador da Gamboa, podemos presumir que a reação de Prata Preta tende a estar mais ligada a questões que se apresentavam em âmbito local, isto é, uma reação contra a arbitrariedade do poder público, contra o preconceito racial, enfim contra a forma desumana que os moradores da região da Pequena África⁴, de maioria negra, eram tratados na cidade do Rio de Janeiro.

Por este e outros motivos, entendemos que:

investir na História Regional do Rio de Janeiro não reduz nem simplifica aspectos da vida social; ao contrário, cada detalhe pode adquirir significação própria. A História do Rio de Janeiro é também história da colônia, da província e do estado republicano. Nesse ponto, a História do estado do Rio de Janeiro, pensada como história local, confunde-se com a História Nacional e com as narrativas sobre o Brasil. (COSTA, 2016, p. 265)

A opção por conduzir esta dissertação, tendo como referencial as impressões e expressões da História da cidade do Rio de Janeiro, com ênfase para a História da Ilha do Governador, se justifica quando incluímos no processo de análise, escalas não convencionais de observação e quando consideramos os tensionamentos e articulações existentes entre a História Nacional / Global e a própria História da cidade do Rio de Janeiro, pois:

é em todos os níveis, desde o mais local até o mais global, que os processos sócio-históricos são gravados, não apenas por causa dos efeitos que produzem, mas porque não podem ser compreendidos a não ser que os consideremos, de forma não linear, como a resultante de uma multiplicidade de determinações, de projetos, de obrigações, de estratégias e de táticas individuais e coletivas. (REVEL, 2010, p.443)

Sendo assim, presumir que os processos sócio-históricos atendem única e exclusivamente as demandas de um contexto nacional/global, é reduzir consideravelmente a compreensão sobre as circunstâncias que geram o desenrolar dos fatos. Não considerar, no processo de elaboração das hipóteses, as reações tomadas por agentes históricos em âmbito local, como possíveis caminhos para efetuar uma análise ampla dos processos históricos, seria taxar a população local como sendo imune, indiferente e/ou incapaz de reagir diante de circunstâncias adversas que surgem em seu cotidiano local.

⁴ Região que abrange os bairros da Gamboa, Saúde, Quilombo da Pedra do sal e Santo Cristo é conhecida pelo nome de Pequena África pelo fato de nos séculos XVIII, XIX e XX concentrarem estabelecimentos ligados ao comércio de escravizados e por ser habitada na ocasião por muitos libertos, além de agrupar, a época, parte significativa população negra de origem africana na cidade do Rio de Janeiro.

Partindo desta premissa, quando analisamos, por exemplo, a fundação da cidade do Rio de Janeiro em 1565 pela escala de observação tradicional, consagrada nos livros didáticos e inclusive nas narrativas históricas de boa parte de nós professores de história da educação básica, percebemos que ao colonizador português foi concedido todo o protagonismo e mérito pelo processo que desencadeou na expulsão dos franceses da cidade do Rio de Janeiro.

No entanto, quando variamos a escala de observação, percebemos que a expulsão dos franceses não se deu só por iniciativa e ação exclusiva dos colonizadores portugueses. Durante este processo tivemos também as alianças articuladas pela atuação dos povos originários. Sendo assim, ao longo da análise deste processo histórico, é importante que se conceda visibilidade também aos povos originários locais, no caso, os Maracajás e/ou Temiminós, que habitavam as regiões às margens da Baía da Guanabara, dentre elas a Ilha do Governador. A participação dos povos indígenas locais, sob liderança do indígena Araribóia, foi relevante para os portugueses conseguirem retomar o controle territorial da Ilha de Villegagnon e consequentemente a posse do território que deu origem a cidade do Rio de Janeiro, em 1565.

Contudo, não podemos ser ingênuos a pensar que esta aliança entre os colonizadores portugueses e os povos indígenas Maracajás e/ou Temiminós não fazia parte de uma estratégia imposta pelo colonizador português para mitigar as pretensões dos franceses na capitania do Rio de Janeiro e consolidar o domínio lusitano na região, tendo como ponto crucial proteger a entrada da Baía da Guanabara contra o possível retorno dos invasores franceses.

É dentro desta lógica imposta pelo colonizador português que:

Araribóia foi batizado com o nome de Martim Afonso de Sousa e, como prêmio por seu auxílio nas batalhas, os portugueses lhe cederam uma região na entrada da baía (...) e lá fundou a vila de São Lourenço dos Índios, que viria a dar origem à atual cidade de Niterói. Observa-se, dessa maneira, que o enobrecimento das lideranças indígenas na América portuguesa, viabilizado pelo requerimento de mercês régias, configurou-se como uma tática importante no processo de consolidação do domínio lusitano no Novo Mundo. (SANTOS, 2022, p.35)

O processo de batismo de Araribóia pode ser compreendido também como o resultado de uma prática de imposição cultural, de estímulo ao abandono de suas crenças originárias ligadas a ancestralidade indígena, em prol da adoção dos dogmas da fé cristã. Desta forma, a concessão de terras na entrada da baía da Guanabara, ao Araribóia, pode ser entendida também como ação estratégica para que o recém-batizado Martim Afonso de Sousa pudesse retribuir as mercês régias recebidas, cumprindo a função de garantir a proteção da entrada da Baía de Guanabara contra invasores europeus.

Neste sentido, mesmo compreendendo que todo processo histórico aqui destacado está inserido na dinâmica e lógica do colonizador, é importante que se ressalte que os povos

originários e seus líderes, dentre eles Araribóia, estavam atentos a todo o processo de imposição colonial que transcorria no local que habitavam. Por esta razão, a iniciativa em estabelecer alianças e negociações com os colonizadores pode ser interpretada como uma tentativa arriscada, porém plausível de tentar garantir, mesmo em um contexto desfavorável, a sobrevivência dos povos indígenas, diante do cenário hostil que se apresentava.

Quando analisamos outros tempos e temáticas históricas como, por exemplo, a chegada da Família Real Portuguesa com sua extensa corte a cidade do Rio de Janeiro, temos a impressão que a dinâmica local, da então capital do Império ultramarino português, passou a transcorrer somente segundo os interesses e lógica da monarquia portuguesa. A princípio, esta percepção se justifica a partir da fixação da inscrição P.R, abreviatura de Príncipe Regente, nas portas das principais residências da cidade, onde os proprietários de tais residências deveriam, obrigatoriamente, acolher, em seus lares, membros da comitiva real, com a incumbência inclusive de garantir a todos boas condições de hospedagem e alimentação.

Porém, tal constatação não abona o fato que o abastecimento da população da cidade do Rio de Janeiro, na primeira metade do século XIX, esteja interligado a um conjunto de tensionamentos e articulações resultante de intensas negociações mercantis estabelecidas, em boa parte de forma clandestina, entre taberneiros das freguesias urbanas da Província do Rio de Janeiro e quilombolas locais que habitaram várias regiões localizadas nas margens da baía da Guanabara, dentre elas a Ilha do Governador.

Conforme Gomes (1995, p.58), “na maioria dos lugares onde se fixaram comunidades de escravos fugitivos (...), parecem ter sido comuns estas relações entre os quilombolas e comerciantes locais, como vendeiros, taberneiros”, sendo comum ver em jornais que circulavam nas freguesias urbanas e rurais anúncios de fuga de escravizados, como o destacado a seguir:

Fugiu no dia 1º de abril de 1878 o escravo Joaquim Magina, cor preta, africano, idade 50 anos, altura regular, tem alguns cabelos brancos, mas ainda está forte, foi escravo da viúva Guedes, com caireira na Ilha do Governador, e andava nos barcos de cal: desconfia-se que esteja para os lados de Icarai, Praia Grande; onde tem uma preta que lhe dá couto ou cozinhando oculto em alguma casa visto entender de cozinha, quem der notícias dele à rua do Propósito n. 1, receberá (...) quantia (...) (SOUTO, 2015, p.41)

Diante das notícias de fugas de escravizados de propriedades localizadas na Ilha do Governador, presume-se que tais escravizados não precisavam se evadir para tão longe, para garantir sua sobrevivência e proteção. Conforme Karasch (2000, apud Souto, 2015, p.41) “havia na Ilha do Governador, em 1826, 34 escravos fugitivos e seis deles foram presos no quilombo de Garahy, em local hoje ocupado pelo aeroporto internacional”, região onde se encontra atualmente o bairro do Galeão, na Ilha do Governador.

Há também fortes evidências que indicam a existência outrora de quilombos na região da antiga Freguesia de Nossa Senhora D'Ajuda, que já foram terras que pertenceram ao senhor de engenho Jorge de Sousa, mencionado em algumas fontes como Jorge "o velho". Da antiga Freguesia de Nossa Senhora D'Ajuda se originou o bairro da Freguesia, onde está localizada a BFNIG⁵ – Base dos Fuzileiros Navais da Ilha do Governador.

Vale destacar também que há evidências de que existiram quilombos também na região onde hoje se encontrada nas dependências internas da BFNIG. A principal via de ligação interna da BFNIG, por exemplo, se chama Estrada do Quilombo, um dos pontos mais extremos da base é nomeado como Ponta do Quilombo e uma das montanhas mais íngremes nas mediações da base, onde militares costumam fazer exercícios táticos é chamado de Morro do Quilombo. A título de observação estes locais estão sinalizados no mapa abaixo que destaca o bairro da Freguesia, que tem a maior parte do seu território ocupado pela Base dos Fuzileiros Navais da Ilha do Governador.

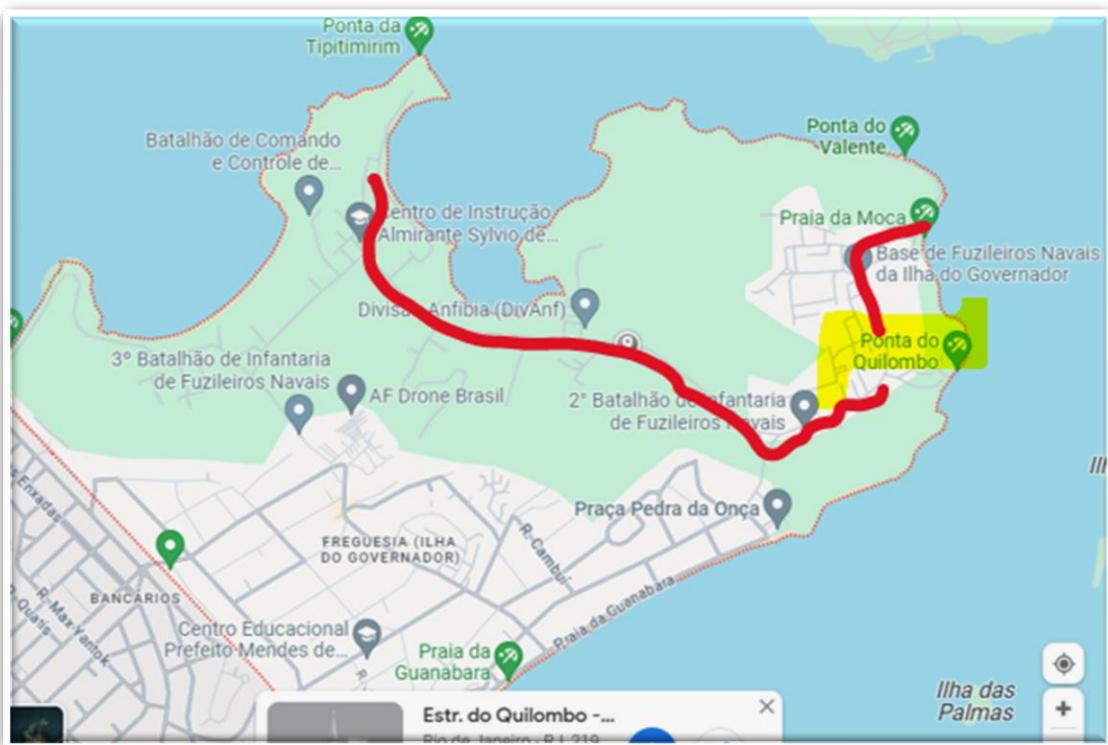


Figura 6: Imagem referente ao bairro da Freguesia, na Ilha do Governador. Destacado na cor vermelha temos a Estrada do Quilombo e em amarelo a Ponta do Quilombo.

Fonte: [Freguesia \(Ilha do Governador\) - Google Maps](#)

⁵ Em 1964, tendo em vista o crescimento orgânico de suas Organizações Militares (OM) subordinadas, a Marinha observou a necessidade de transferir o Núcleo da 1^a Divisão de Fuzileiros Navais para a residência oficial do Ministro da Marinha, no Campo de Instrução da Ilha do Governador. Em 24 de setembro de 1971, o Decreto nº 69.287, transformou o Núcleo da 1^a Divisão de Fuzileiros Navais na Divisão Anfíbia da Força de Fuzileiros da Esquadra sob o comando de um Contra-Almirante (FN) e instalado, provisoriamente, no mesmo local. Fonte: COMANDO DA DIVISÃO ANFÍBIA | ComFFE (marinha.mil.br) Acesso dia 15 de novembro de 2023.

Para se analisar como se dava o abastecimento da cidade do Rio de Janeiro, no que tange a produção de gêneros alimentícios e a extração e comércio de lenha, precisamos, ao nosso ver, variar a escala de observação e nos desvencilharmos de explicações que se limitam a considerar somente uma perspectiva, no caso, a relacionada às imposições da monarquia portuguesa.

Contudo, ao direcionar o nosso olhar investigativo para uma outra perspectiva, seguindo os parâmetros da micro-história, nos abre a possibilidade de analisar o abastecimento da cidade do Rio de Janeiro a partir também do ponto de vista local e da ação dos seus agentes históricos em âmbito local. Para tanto, é preciso considerar os avanços historiográficos que já conseguiram gerar evidências que confirmam a existência de negociações no mundo social, entre representantes das populações quilombolas que extraiam e comercializam, de forma clandestina, lenha e gêneros alimentícios com taberneiros proprietários de estabelecimentos comerciais nas freguesias urbanas.

Mesmo consciente que este contexto é bem desafiador, creio que quando propomos um trabalho investigativo com a intencionalidade de conceder visibilidade as falas e lugares silenciados pela hegemonia da História Nacional, damos um passo fundamental para o que o historiador Marceu Abreu (2016) chamou de “subjetivação democrática”, atraindo assim as atenções de professores e estudantes da educação básica para temáticas que considere a incidência dos processos históricos em âmbito local, inserindo as especificidades e os agentes históricos locais no ensino de história, tendo como referencial os recursos teórico-metodológicos da História Local.

Esta dissertação tem também como propósito o desenvolvimento de uma proposta de ensino de história capaz de interligar as experiências dos estudantes ao espaço social onde se realizam suas ações cotidianas. Assim como entendemos que seja de extrema importância o incremento de ações pedagógicas capazes de educar o olhar dos estudantes, para que se tornem visíveis a história do local em que residem, além da história da própria escola onde estudam. É por estes e outros motivos que uma proposta de Ensino de História local:

tem sido indicada como necessária para o ensino por possibilitar a compreensão do entorno do aluno, identificando o passado sempre presente nos vários espaços de convivência – escola, casa, comunidade, trabalho e lazer – igualmente por situar os problemas significativos da história do presente”. (BITTERNCOURT 2009, p.168 apud CAVALCANTI, 2018, p. 277)

Ao inserir na prática docente o ato contínuo de educar o olhar dos estudantes, a partir de ações pedagógicas que indiquem pontos de convergência entre a história local e as memórias coletivas, ampliamos a possibilidade de vislumbrar um novo lugar para a história local, lugar este que considere as interfaces entre o regional/local e nacional/global. Talvez este seja um caminho viável para a história da escola, bairro e cidade seja, de fato, nas palavras de Abreu (2016) “imediatamente visível aos estudantes”.

Neste novo lugar, a nosso ver, cabe espaço para inserção de outras propostas complementares de ensino que avancem no processo de garantia de visibilidade às especificidades locais e aos agentes históricos locais. Nós, professores de história, costumamos falar que um dos pilares da disciplina história é oferecer para sociedade um cidadão com visão crítica da realidade. Neste sentido, o ensino de história local na educação básica não seria um excelente caminho para despertar e amadurecer a visão crítica os estudantes do ensino médio?

Ao estimular em sala de aula a reflexão e problematização a respeito de questões relativas à dinâmica local, não estamos, de certa forma, criando condições para o despertar da visão crítica dos estudantes? Não se trata aqui de ignorar todo conhecimento conceitual e as experiências acumuladas pela humanidade, associadas a História da civilização europeia e ocidental. O que propomos é um olhar analítico também para questões relativas à dinâmica local e/ou a maneira como os agentes históricos locais vem agindo e respondendo a questões que se apresentam tanto a nível global quanto local. Como dissemos, é inegável o conhecimento histórico e cultural que nossos alunos podem obter a partir dos conteúdos selecionados no currículo escolar em vigor, que parte desde o surgimento da humanidade e se expande até os acontecimentos relativos à história do tempo presente.

Contudo, em consonância com o que é dito pela historiografia a este respeito, o currículo como está, baseado em modelo quadripartido⁶ do tempo histórico, tem gerado uma carga excessiva de conteúdo a serem trabalhados em sala de aula, este fato vem dificultando o aprofundamento dos conteúdos e gerando dificuldade para a inserção de novas abordagens. Por este motivo, concordamos com Macedo (2017) quando menciona que esta hegemônica divisão tradicional do tempo histórico está longe de corresponder às especificidades das sociedades humanas em toda a sua diversidade.

Por conseguinte, boa parte dos livros didáticos, validados e distribuídos pelo PNLD - Programa Nacional do Livro e Material Didático, ainda refletem, conforme Macedo (2017, p.58) “um paradigma eurocentrista da História, (...) um sentimento de superioridade do ocidente, uma maneira eurocentrada de perceber o processo histórico e, em geral, a própria realidade.” Este paradigma eurocentrista tende a classificar o continente europeu como o centro do mundo, identificado como sinônimo de progresso e o “berço” da civilização ocidental.

Em contrapartida a este cenário, surge a necessidade de se evidenciar as articulações e tensionamentos existentes na relação estabelecida entre global e local, onde a Europa é apontada

⁶ Modelo quadripartido é uma forma tradicional de organizar os fatos históricos em idades, como: Idade Antiga, Idade Média, Idade Moderna e Idade Contemporânea. Enquanto o modelo tripartite se refere a divisão da História do Brasil em Colônia, Império e República.

como o continente central, propagador de um padrão cultural e intelectual a ser seguido pelas sociedades nas esferas globais, nacionais e locais, enquanto as chamadas regiões periféricas, são identificadas somente como regiões marcadas pelo atraso, que supostamente clamam pelas inovações e modernidades oriundas de um centro, fruto de uma visão eurocentrada da realidade.

Mas, a lógica centro e periferia, seria a única maneira plausível de se compreender os fatos históricos ocorridos no Brasil? O paradigma eurocêntrico, por si só, é capaz de explicar todas as particularidades própria da história transcorrida no Brasil nos âmbitos nacional, regional e local? As grandes narrativas, de cunho eurocêntrico, podem ser identificadas como a única narrativa possível para estimular a participação dos estudantes nas aulas da disciplina história? As grandes narrativas históricas, por si só, oferecem condições para os estudantes buscarem seus referenciais identitários? Diante de tantas questões, propor a análise dos fatos históricos por outros ângulos de observação não seria também um caminho interessante para ampliar compreensão quanto a dinâmica dos acontecimentos e processos históricos?

Sendo assim, para elucidar estas questões, um bom caminho a ser considerado se resume a compreender:

como os processos históricos se desenvolvem a nível local, nas suas conexões com as realidades regionais/nacionais/globais. (...) conhecer a história local é um dos pré-requisitos para se compreender melhor os processos históricos a nível regional, nacional e global, (...) contribui para o fortalecimento das identidades das pessoas com os lugares onde nasceram/habitam. (MACEDO, 2017, p. 61).

Podemos dizer que ainda há muito a ser feito para que a História local deixe de integrar o ensino de história, na educação básica, de forma subalterna. Em relação ao período de escolaridade, ainda percebemos que a temática História Local se encontrava muito concentrada nos anos iniciais da escolarização, organizada nos chamados estudos das sociedades, em círculos concêntricos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).

Em relação a metodologia de ensino de história, é possível verificar, principalmente na educação básica, o predomínio das grandes temáticas e de personagens históricos ilustres vinculados a ideia de Estado-Nação, assim como a prevalência de estratégias de memorização de datas, personagens e acontecimentos, prática totalmente oposta a uma educação reflexiva capaz de despertar nos estudantes a capacidade de desenvolver uma análise crítica da realidade social.

Neste contexto, um crônico desafio para inserir novas propostas e abordagens metodológicas no ensino de história, tem sido o fato da expressiva maioria dos professores da educação básica, terem que dar conta de uma extensa carga horária de trabalho, que imprime uma grande limitação temporal para realização de um planejamento adequado de ações pedagógicas. Este cenário acaba desmotivando boa parte dos docentes a darem sequência nos

seus estudos e nas pesquisas históricas, assim como investirem em propostas pedagógicas que exigem maior esforço.

Sem contar com os entraves pedagógicos / econômicos impostos pela dinâmica escolar, que vem gerando imenso desgaste para a saúde mental dos docentes, principalmente neste período pós pandemia, na busca insana imposta por instituições de ensino pública e privada por bons resultados no vestibular e/ou em exames escolares como o SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica), formulados pelas esferas governamentais para suposta verificação de aprendizado dos estudantes da educação básica de todo o país.

De acordo com o historiador Erinaldo Cavalcanti (2018), os pesquisadores que pretendem se dedicar ao estudo da história local ou têm-la como referencial teórico-metodológico precisam estar ciente de que terão que enfrentar, ao longo das etapas de pesquisa, alguns desafios para não correrem o risco do seu objeto de análise, no caso, a História local ser identificada como uma história pequena, uma história do entorno, uma história determinada pelo espaço geográfico ou, segundo o autor, um conjunto coeso e diminuto de relações, passíveis de ser estudadas em sua totalidade.

O historiador salienta que é preciso estar atento quando se busca identificar a história local como uma “história pequena”, ao compará-la com os “grandes fatos ou acontecimentos”. Ao restringi-la a um espaço específico, podemos correr o risco de percebê-la como um acontecimento pequeno ou limitado a uma pequena dimensão geográfica. Aos que tentam compreender a história local como a “história do entorno”, ou seja, uma história próxima em termo de dimensão espacial e temporal, da região onde a história supostamente acontece, o autor alerta que tal concepção pode gerar interpretações reducionistas em relação a História do local que está sendo estudado. Concordamos que:

é possível ensinar os conteúdos que representam as experiências históricas próximas ao universo de vivência dos estudantes sem limitar as reflexões a uma interpretação que compreenda os acontecimentos da chamada “história local” como se fossem determinados pelas dimensões espaciais ou resultantes de uma “história maior”, ou nacional, se quisermos. (CAVALCANTI, 2018, p. 287-288)

Um terceiro desafio posto aos pesquisadores que se dedicam a investigar a História Local, se refere ao fato de identificar a história local, como conjunto coeso e diminuto de relações, passível de ser estudada em sua “totalidade”. No entendimento do autor, é uma grande ilusão achar que em uma dinâmica local não existem conflitos, disputas, alianças e enfrentamentos. Assim como, é temerário crer que seja possível estudar a história local em sua “totalidade” sem desencadear análises generalizadoras.

Por este motivo, neste trabalho dissertativo, não temos a pretensão de apresentar a História da Ilha do Governador em sua totalidade e desconectada dos níveis regional, nacional e global. Pois, entendemos que estabelecer uma narrativa integral e apartada dos outros níveis, de uma região fundada em 1568 e, portanto, com 456 anos de história, seria uma ação bem temerária e não recomendada.

Ao compreender plenamente a complexidade e a inviabilidade deste processo, optamos por abordá-la a partir de eixos temáticos relativo à história desta região, sendo alguns destes eixos pautados tanto na ideia de tentar identificar prováveis indícios de articulações e tensionamentos da História da Ilha do Governador na sua interface com História da cidade do Rio de Janeiro e com a História do Brasil, quanto em estigar o leitor a conhecer, refletir e problematizar os lugares de memória e espaços de sociabilidade presentes na Ilha do Governador.

O quarto desafio, se refere a evitar uma perspectiva determinista na relação entre espaço geográfico e a História local. Cavalcanti (2018) comprehende ser necessário incorporar o espaço no debate sobre história local. Para sustentar este pensamento, o autor argumenta que não existe experiências e acontecimentos fora de um espaço, fora de um lugar, fora de um local. Contudo, “o que institui que um acontecimento seja considerado local não é a dimensão do espaço, nem a dimensão do tamanho, (...) é a dimensão política do acontecimento.” (CAVALCANTI, 2018, p. 282)

De fato, seria bem conveniente o desenvolvimento de uma pesquisa investigativa sobre a Ilha do Governador, considerando somente a sua dimensão geográfica. Certamente não faltariam bons argumentos para o estabelecimento desta análise, como por exemplo, o período em que os povos originários, na busca por sua sobrevivência diante das condições geográficas locais, acabaram tornando-se exímios pescadores e após consumirem diariamente ostras e outros frutos do mar, acabaram produzindo os chamados morros de sambaquis, que em outro eixo de temporalidade, foram usados pelos caieiros, como matéria-prima para produção de cal, nas chamadas caieiras (fábricas locais produtoras de cal).

Mas, seria possível compreender a história da Ilha do Governador, somente pela dimensão geográfica? Cremos que não. Presumir que as populações que habitaram a ilha ao longo de gerações, conduziram seus atos cotidianos somente de acordo com dinâmica geográfica local, seria desconsiderar outras variantes deste processo. É o caso de algumas circunstâncias de ordem geográfica que se modificaram ao longo do tempo, devido principalmente a ação política dos agentes históricos locais que, decidem por explorar as regiões onde se encontravam os sambaquis até levá-los a extinção. No entanto, a extinção dos sambaquis não foi capaz de

sucumbir a economia da ilha. Novas alternativas econômicas foram surgindo, sem com isso ter uma relação direta com a dimensão geográfica.

No quinto e último desafio, a História local é concebida como uma extensão e um desdobramento da história “não local”, no caso, nacional, como uma espécie de um apêndice de uma história maior, de caráter nacional e/ou global. Seguindo esta lógica de raciocínio, a história local:

seria uma consequência da “história não local”, um prolongamento em dimensões reduzidas e, assim, teria de manter com a “história nacional” uma relação de causa e efeito. Portanto, aquilo que ocorreu no âmbito nacional provocou os efeitos e as consequências que determinaram, em dimensões micro, a configuração da história local.” (CAVALCANTI, 2018, p. 283).

Se considerarmos a história local somente como um prolongamento em dimensões reduzidas de uma história nacional, deixamos de considerar as circunstâncias internas próprias às dinâmicas das sociedades em âmbito local. De acordo com esta análise, os grupos sociais locais não deveriam ser interpretados como sujeitos passivos diante de forças externas, vinculadas a própria construção do Estado Nacional. É fato que mesmo sendo uma ilha, a região em destaque neste trabalho não deve ser compreendida como se estivesse alheia e “ilhada” diante das questões de âmbito regional e nacional, respondendo somente as demandas de uma dinâmica local. Contudo, esta constatação não elimina a existência de uma História Local seguindo uma lógica particular.

Cabe, portanto, reafirmar que uma de nossas premissas deveria ser educar os olhares dos nossos estudantes para os vestígios do passado, que podem fazer parte da própria experiência dos alunos. Para explorar esses vestígios em uma perspectiva didática, cabe ao professor a busca de referenciais teórico-metodológicos adequados. Este é o caso da História Local.

Nesta perspectiva, de acordo com Oriá (1995), entendemos que o Ensino de História Local na educação básica se justifica porque é possível incorporar as experiências de vida dos alunos nas atividades desenvolvidas em sala de aula, com o objetivo de promover, entre os estudantes, a compreensão que eles também são sujeitos da história de sua comunidade.

Ao realizarmos uma proposta de ensino de História Local temos à disposição recursos teórico-metodológico capazes de despertar a atenção dos estudantes para a história da comunidade na qual estão inseridos e a partir das reflexões geradas neste contato com as especificidades locais, os estudantes possam conhecer mais profundamente as origens desta localidade e em que momento a história desta região se cruzou com sua história de vida. Desta forma, entendemos que os estudantes podem ser capazes de estabelecer pontos de convergências entre a sua história geracional e/ou trajetória pessoal de vida com relação a história que se apresenta na localidade em que estão inseridos.

No entanto, caso de os estudantes percebam que sua origem está ligada a uma outra região, não tem problema algum, muito pelo contrário, tal constatação abre na verdade novas possibilidades de indagações, por exemplo: que motivos levaram a sua família escolher a Ilha do Governador como local para fincar seus laços afetivos? Vocês, de certa forma, mantêm tradições da região aonde vieram? Ressignificaram tradições? Silenciaram suas tradições temendo serem vítimas de preconceito? Estas são algumas questões que podem surgir quando oferecemos aos estudantes a oportunidade de reflexão frente as questões emergentes de suas experiências de vida.

Concordamos também que a partir do Ensino de História Local podemos promover em sala de aula momentos para os estudantes terem contato com as instituições locais e com os princípios democráticos, oferecendo para a sociedade indivíduos cada vez mais consciente. Tendo em vista as propostas de atividades, por exemplo, de análise de fontes históricas sobre o contexto local, permitimos que os alunos compreendam o método de pesquisa histórica e a própria produção do conhecimento histórico. O ensino de História Local também tem por finalidade sensibilizar os alunos quanto a importância da problematização e preservação dos vestígios históricos locais.

Por todas estas questões e com o aval de meu orientador, me sinto motivado a elaborar uma proposta de ensino sobre a História Local da cidade do Rio de Janeiro, com ênfase na História local da Ilha do Governador, e a partir dela propor uma disciplina eletiva de História Local que possa ser utilizada pelos docentes de ensino médio da rede pública do Estado. Defendemos aqui a proposição de que a produção historiográfica em História Local nos oferece conceitos e modos de escrita historiográfica que se adequam às problematizações propostas neste projeto de pesquisa, que tem por finalidade explorar uma dada região geográfica, que integra uma cidade que apresenta uma história política singular, se considerarmos que a cidade em questão por ter sido durante muito tempo a capital de um Estado nacional, é plena de tensões entre o macro e o micro espaço em sua constituição.

1.2. A História da Ilha do Governador na produção acadêmica do Rio de Janeiro: um ponto de partida

Para iniciar o processo de pesquisa historiográfica relacionado as produções acadêmicas sobre aspectos da História da Ilha do Governador, buscamos como referencial o catálogo de teses e dissertações da CAPES e banco de dissertações disponibilizadas no Portal do Profhistória Nacional.

Durante o processo busca por dissertações, localizamos, no catálogo de teses e

dissertações da CAPES a:

- tese de mestrado em História na UFF – Universidade Federal Fluminense: “Uma vasta caieira: Um estudo sobre os fabricantes de cal da Freguesia da Ilha do Governador”, defendida em 2015, pela historiadora Judite Paiva Souto;
- tese de mestrado em Antropologia na UFF – Universidade Federal Fluminense: “Diga espelho meu, se há na Avenida alguém mais feliz que eu! Estudo sobre identidade e memória da G.R.E.S. União da Ilha do Governador”, defendida em 2008, pelo antropólogo Paulo Cordeiro de Oliveira Neto;

No banco de dissertações do Portal do Profhistória Nacional, localizamos a:

- tese de mestrado em Ensino de História pelo Profhistória/UFRJ: “O Ensino de História da Ilha do Governador na Educação Básica: usos de Práticas Lúdicas no Ensino de História Local”, defendida em 2022, pelo meu colega de licenciatura em História na UFRJ, o professor e historiador Juberto de Oliveira Santos.

Com o decorrer das pesquisas sobre a temática História Local, tivemos acesso também a 2^a edição, publicada em 2013 editora Mauad X, da obra “História da Ilha do Governador”, que representa o resultado das pesquisas históricas da historiadora Cybelle Moreira de Ipanema⁷.

Em sua obra (2013) Cybelle aborda aspectos temáticos da História Local, em consonância com uma sequência cronológica e linear dos fatos referentes a História da Ilha do Governador associados a tradicional subdivisão tripartite da História do Brasil, isto é, nos períodos colonial, imperial e republicano, assim como alinhada aos preceitos estabelecidos pelo IHGB –Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, instituição em que Cybelle foi presidente por 12 anos consecutivos.

A obra da professora Cybelle é historicamente datada ao refletir um período específico da historiografia brasileira, no caso o referente a década de 1990, que tendia por enfocar em sua abordagem a perspectiva do colonizador, a partir da exaltação de suas ações em terras coloniais. Sendo assim, na linha investigativa escolhida por Cybelle, para narrar a história da Ilha do Governador, predomina uma perspectiva eurocêntrica, ao seguir um *modus operandi* que privilegia uma abordagem tradicional da história ao analisar os fatos históricos a partir da lógica do colonizador europeu.

⁷ Cybelle Moreira de Ipanema é carioca, reside na Ilha do Governador. Sua trajetória acadêmica inicia-se com a licenciatura em Geografia e História pela antiga Faculdade Nacional de Filosofia, da Universidade do Brasil (1947), foi Livre Docente e Doutora pela Escola de Comunicação da UFRJ em 1977. Eleita para o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, de cuja diretoria faz parte desde 1996, foi também presidente por 12 anos do Instituto Histórico e Geográfico brasileiro. Fonte: Informações retiradas do prefácio escrito por Mary Del Priore para obra História da Ilha do Governador, 2016.

Na primeira parte de sua obra, a autora destaca aspectos geográficos da Baía da Guanabara e consequentemente da Ilha do Governador, que segundo pesquisa historiográfica sobre o tema, já teve várias denominações, como por exemplo: Ilha de Paranapuem / Paranapuã, Ilha Grande, Ilha de Maracajá e/ou Ilha do Gato, nomes associados aos povos indígenas originários da região, no caso, os Maracajás e/ou Temiminós.

Tendo como referencial a análise de fontes históricas sobre temática associada a presença e o legado deixado pelos Maracajás e/ou Temiminós, povos originários da região onde se encontra a Ilha do Governador, podemos concluir que:

nos séculos XV e XVI diversas etnias Tupis-guaranis habitavam o litoral brasileiro e, na chamada Ilha do Gato, a etnia Temiminó (palavra oriunda do Tupi antigo temiminó, que significa "descendente") viveu próximo às fontes de água da Ilha, como em regiões da atual Freguesia, Portuguesa, Cacuia, Zumbi e Ribeira. Eles eram conhecidos também como "Maracajá" – devido a um felino que era muito visto na Ilha e tinha um temperamento sempre hostil. Os Temiminós ou Maracajás são mencionados em algumas cartas dos Jesuítas (Manuel da Nóbrega e José de Anchieta), além de cronistas portugueses, franceses e alemães. Era uma comunidade com uma alimentação rica em peixes, caça de pequenos animais e aves, além de diversos frutos e vegetais. Havia o plantio simples de alimentos como: milho, inhame e mandioca. (SANTOS, 2022, p.31)

Os Maracajás e/ou Temiminós, em aliança com os portugueses, deram sua contribuição nas batalhas que levaram a expulsão dos franceses e a posterior fundação da cidade do Rio de Janeiro, em 1565. Contudo, cabe ressalta que antes de participarem do processo histórico que desencadeou a fundação da cidade do Rio de Janeiro, os Temiminós tiveram alguns revezes, conforme o relato a seguir:

no início da segunda metade do século XVI, o grupo Temiminó e os demais povos da região da Baía da Guanabara enfrentaram a forte presença francesa no período da chamada França Antártica (1555-1567). Os franceses se fixaram na região, construíram o Forte Coligny e, aos poucos, conseguiram apoio e parceria de grupos Tamoios. (...) Nesse momento, observa-se um período conturbado na rotina dos Temiminós, pois serão atacados e expulsos da Ilha. Em 1554, os tupinambás da famosa Confederação dos Tamoios (ou Tamuyas, isto é, literalmente, dos anciões, dos mais antigos), ajudados por franceses, atacaram os Temiminós na ilha de Paranapuã (ilha do Governador) e os expulsaram da Baía de Guanabara. (PAGANO, 2020 apud SANTOS, 2022, p.33)

Neste sentido, a aliança com os portugueses eram uma alternativa a ser considerada por Araribóia, líder dos Maracajás e/ou Temiminós, para tentar retomar o controle do seu território de origem, no caso, as terras as margens da Baía de Guanabara, na qual a ilha está inserida. Mesmo compreendendo, como já foi dito anteriormente, que a aliança entre portugueses e os Maracajás e/ou Temiminós reflete a lógica do colonizador europeu, não podemos nos furtar, durante a exposição desta temática em sala de aula, que os livros didáticos, na abordagem sobre o processo de fundação da cidade do Rio de Janeiro, simplesmente negligenciam e/ou silenciam a participação ativa dos povos originários Maracajás e/ou Temiminós neste evento histórico.

Sendo assim, cabe a nós, professores de história da educação básica, preencher em sala de aula estas lacunas deixadas por uma historiografia escolar que privilegiou uma narrativa específica que insiste em enaltecer os feitos dos colonizadores e silenciar as ações desencadeadas pelos povos originários no intuito de garantir a sobrevivência de seu povo e tradições.

Hoje, sabemos que tal estratégia adotada por Araribóia, na liderança dos povos Maracajás e/ou Temiminós, não atingiu o objetivo almejado, mas isso não pode ser um fator inibidor para não abordarmos o processo que desencadeou na fundação da cidade do Rio de Janeiro, também pelo ângulo de observação dos povos originários Maracajás e/ou Temiminós, diante de um contexto beligerante de intensas querelas com os Tamoios, povo originário que apoiou os franceses no processo de ocupação da então capitania do Rio de Janeiro.

Este silenciamento frente a história e o legado dos povos originários que habitavam a Ilha do Governador, acaba por gerar um grande desconhecimento da presença destes povos na região. De acordo com levantamento que realizamos ao acessar o site toponímia insulana⁸, cerca de 30 locais entre ruas, bairros, praças e avenidas na Ilha do Governador tem seu nome associado a aspectos relacionados a cultura dos povos originários locais, sendo eles:

Espaços públicos	Nomes das ruas/becos/morros/bairros/estradas/avenidas ou praças na Ilha do Governador
Rua	Apeaçaba, Iquipê, Inambi, Ipuá, Iracema, Itacuã, Itaguaí, Jaci, Jari, Muiatuca, Pajuçara, Paramopana, Tupinambá, Tupirama, Tapuia, Muapire, Guirecema, Cambuí, Arujá e Anajamirim.
Beco	Araribóia e Tupi
Morro	do Cabeceiro e da Mãe d'água
Bairro	Cacuia, Cocotá e Tauá
Estrada	dos Maracajás, Rio Jequiá e do Tubiacanga
Avenida	Paranapuã
Praça	Urupá

Quadro 3: Logradouros na Ilha do Governador associados a cultura indígena.

Fonte: [Toponímia Insulana \(toponimiainsulana.com.br\)](http://toponimiainsulana.com.br) Acesso dia 13 de janeiro de 2024.

Contudo, mesmo com este número expressivo de menções a cultura indígena, boa parte da população da Ilha do Governador simplesmente desconhece o significado destes nomes, assim como desconhece o legado e a presença dos povos indígenas originários Maracajás e/ou Temiminós na Baía da Guanabara e na própria Ilha do Governador.

⁸ O site toponímia insulana é o resultado da iniciativa pessoal de quatro anos de pesquisas do jornalista e publicitário João Carlos da Silva Cardoso, morador da Ilha do Governador. Todos os textos e imagens apresentados no site são de domínio público ou regidos por copyleft (creative commons), que permite reprodução com restrições. Os materiais cedidos e as entrevistas foram expressamente autorizadas pelos seus autores. Fonte: [Toponímia Insulana \(toponimiainsulana.com.br\)](http://toponimiainsulana.com.br)

Podemos dizer que:

O caso da Ilha do Governador é no mínimo curioso, visto que, apesar de constituir lugar de origem da tribo temiminó e terra natal de Araribóia, praticamente nada há de memorial sobre sua existência. Em visita pessoal à Biblioteca Municipal do bairro, encontramos somente objetos de pedra lascada, doada por antigos moradores à Dona Deolinda, diretora da Biblioteca, e, um quadro pintado à mão retratando a imagem do cacique com a Ilha ao fundo. (MILAGRES, 2020, p. 3).

Tendo como referencial a constatação do historiador Rodrigo de Lima Milagres, a respeito da ausência de referências que associem a origem de Araribóia a Ilha do Governador, que tipo de contribuição podemos oferecer, para que população local conheça a presença e a ligação deste personagem com a Ilha do Governador? Ampliando esta questão, que ações pedagógicas poderiam contribuir para tornar a História da Ilha do Governador, presentes em seus bairros, ruas, estradas e avenidas, imediatamente visível aos estudantes?

À guisa de sugestão, a inserção dos preceitos teórico-metodológico da História Local na proposta de ensino de história, pode ser uma estratégia interessante para atingir com uma mesma ação dois objetivos: 1) promover entre os estudantes a compreensão de como se elabora uma pesquisa investigativa; 2) estimular a compreensão dos estudantes a respeito dos aspectos inerentes à História local da Ilha do Governador. Nos parece que este deve ser os objetivos orientadores para a formulação de uma proposta de disciplina escolar que tenha como fundamento teórico-metodológico e conteúdos disciplinares referentes à História Local.

Retomando a análise da História da Ilha do Governador, tendo como referencial as pesquisas históricas desenvolvidas por Cybelle (2013) Souto (2015) e Santos (2022) a respeito dos aspectos econômicos da região, temos dois momentos bem distintos, o primeiro referente a uma Ilha vista como região produtora e fornecedora de gêneros alimentícios e de material destinado a construção civil, como cal, telhas e tijolos, fabricado nas antigas caieiras da região e o segundo momento de uma Ilha compreendida inicialmente como local de veraneio, que em meados do século XX entra em um processo acelerado de urbanização.

Cybelle (2013) faz menção também em seu livro aos engenhos instalados pelo então governador da cidade do Rio de Janeiro, no caso, Salvador Correa de Sá, na Ilha do Governador. Nesse período, a ilha chegou a ser conhecida também como Ilha dos 7 Engenhos, época em que foram realizadas primeiras experiências de plantios de cana-de-açúcar na colônia Brasil e posteriormente o plantio de farinha de mandioca, frutas e leguminosas. Esta constatação é extremamente importante para aguçar a percepção dos estudantes, que a região da Ilha do Governador já teve um papel relevante em relação a produção de cana-de-açúcar e de gêneros alimentícios destinado a própria subsistência de seus habitantes e também ao abastecimento das freguesias urbanas presentes na cidade do Rio de Janeiro .

A constatação de Cybelle é endossada por Santos (2022, p.35/36) ao mencionar que:

o Governador Salvador Correia de Sá e alguns de seus descendentes assumiram funções administrativas no Rio de Janeiro e, com o passar das décadas, observamos a mudança da nomeação para “Ilha do Governador”. Ele, que governou o Rio de Janeiro por duas vezes – 1567-1572 e 1578-1598 ampliou o povoamento, distribuiu novas Sesmarias, incentivou o cultivo da Cana-de-Açúcar, construiu defesas para a cidade, auxiliou na instalação dos primeiros engenhos, dentre outras ações.

Consultando a obra de Cybelle (2013) é possível continuar estabelecendo interfaces entre a História da Ilha do Governador com a História da cidade do Rio de Janeiro e a História Nacional. Segundo a autora, as fábricas produtoras de cal, chamadas de Caieiras, assim como as fábricas produtoras de cerâmicas, como a imponente Fábrica de Cerâmica Santa Cruz, ambas já extintas, eram movidas pelo trabalho compulsório realizado pelos escravizados de origem africana. A produção de cal, tijolos e telhas da fábrica foi fundamental para a construção de habitações, prédios públicos, estabelecimentos comerciais, igrejas, entre outras construções na Ilha do Governador e na própria cidade do Rio de Janeiro.

É neste contexto, de predomínio do trabalho escravo na fabricação de telhas e cerâmicas, que surge, por exemplo, a expressão “feitos nas coxas”, que de acordo com a cartilha: O racismo sutil por trás das palavras⁹ “as telhas eram moldadas nas coxas dos escravizados e como eles tinham corpos diferentes, as telhas não ficavam no mesmo formato e, por isso, estaria malfeitas por ficarem irregulares e mal encaixadas” (SEJUS, 2020, p.7) Ainda de acordo com esta mentalidade ligada ao tempo em vigor da escravidão há a expressão “meia tigela”: “quando os escravos faziam o serviço ao agrado do dono, recebiam uma tigela cheia de comida e, aqueles que não faziam, recebiam a tigela pela metade, significando que o trabalho estava mal feito.” (SEJUS, 2020, P.12)

Considerando a existência de resquícios de uma herança escravocrata, quando abordamos aspectos históricos presente também em âmbito local, como o trabalho desempenhado pelos escravizados em fábricas de cal na Ilha do Governador, podemos estimular, em atividade práticas em sala de aula, o debate sobre as circunstâncias históricas em que alguns termos pejorativos surgiram, que em alguns casos podem até passar despercebidos quando não identificamos sua origem e não associamos ao período em que vigorou a escravidão no Brasil.

⁹A cartilha: “o racismo sutil por trás das palavras”, foi elaborada, em 2020, pela secretaria de Justiça e Cidadania (SEJUS), responsável pelas políticas de promoção da igualdade racial e de direitos humanos no Distrito Federal, como o objetivo de alertar os cidadãos de que diversas expressões presentes no cotidiano dos brasileiros são expressões racistas e ofensivas e têm sua origem associada ao período colonial, quando os negros foram trazidos da África para serem escravizados no Brasil. Fonte: [Cartilha - Contra termos racistas.pdf - Google Drive](#)

Enquanto docentes da educação básica, precisamos estar atentos, durante as abordagens de sala de aula, a toda oportunidade que surge para estimular e sensibilizar os estudantes a aderirem a campanhas antirracistas e a conscientização contra a prática de preconceito racial dentre e fora da escola. Sendo assim, a abordagem em sala de aula de temas sensíveis como escravidão e preconceito racial, faz parte do ofício de um docente atuante na educação básica e é conteúdo curricular a ser trabalho nas escolas.

Nesta perspectiva, ao abordar durante as aulas história a temática escravidão na cidade do Rio de Janeiro, transformamos o espaço das aulas em um local propício para uma reflexão profunda sobre um assunto de extrema relevância para o pleno desenvolvimento da cidadania, ainda mais quando nos referimos a um país imerso em uma herança escravocrata, que deveria publicamente admitir que este cenário de desigualdades e contradições só tenderá a reduzir a partir, como já foi dito, da adesão incondicional da sociedade brasileira a uma consistente campanha antirracista, assim como através do aumento exponencial da escolaridade da população negra e consequentemente a almejada ampliação de sua capacidade de exigir respeito e coerência ao que foi determinado no texto constitucional de 1988.

Concordamos com a difícil constatação de Cerri (2007) de que existe um “código genético” na nossa sociedade que, de maneira subliminar, tem sua origem em permanências escravocratas e aristocráticas e que as mesmas vêm gerando no Brasil a chamada “Inércia de Repouso”. Dentro desta perspectiva, continua cabendo também aos professores, a função de propor ações capazes de despertar nos estudantes a importância de se desenvolver, segundo Cerri (2007), as identidades mobilizadoras e desconstruir progressivamente visões de mundo alinhadas com uma identidade assimiladora, unificadora e colaboracionista.

Por entender que boa parte dos nossos alunos do ensino médio noturno são adultos e alguns já tem filhos e outros são até avós, o professor, através de atividades práticas em sala de aula, tem a possibilidade de transformar o espaço escolar em um local de reflexão e conscientização e divulgação de uma potente campanha antirracista contra a disseminação, por exemplo, do chamado “racismo recreativo”. Reafirmamos, a importância da busca constante por narrativas e ações práticas em sala de aula que privilegie conscientização dos estudantes em prol do respeito aos direitos humanos em todos os espaços de sociabilidades.

1.3. As expressões e impressões da História da Ilha do Governador a partir da análise de fontes históricas, lugares de memória e espaços de sociabilidades

Nas pesquisas elaboradas por Santos (2022) e Cybelle (2013) percebemos também o destaque dado aos patrimônios históricos da Ilha do Governador, tombados pelo IPHAN –

Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional, construídos da pedra e cal retirados da própria região e erguidos pelos braços dos escravizados e forrado por telhas moldadas nas coxas destes cativos, como explicamos anteriormente.

Estamos nos referindo a Igreja Matriz de Nossa Senhora D'Ajuda e a Capela de Nossa Senhora da Conceição, construções que simbolizam e reforçam a presença do colonizador europeu e da Igreja Católica na região. Presença que acaba por representar uma prática de imposição cultural aos grupos populacionais locais, que identificados como colonos, são induzidos a abandonar gradativamente seus valores culturais, para assimilar outros associados a cultura europeias e aos dogmas cristãos, que começam a serem difundidos a partir da construção das primeiras Igreja Católica na região, como em destaque a seguir.

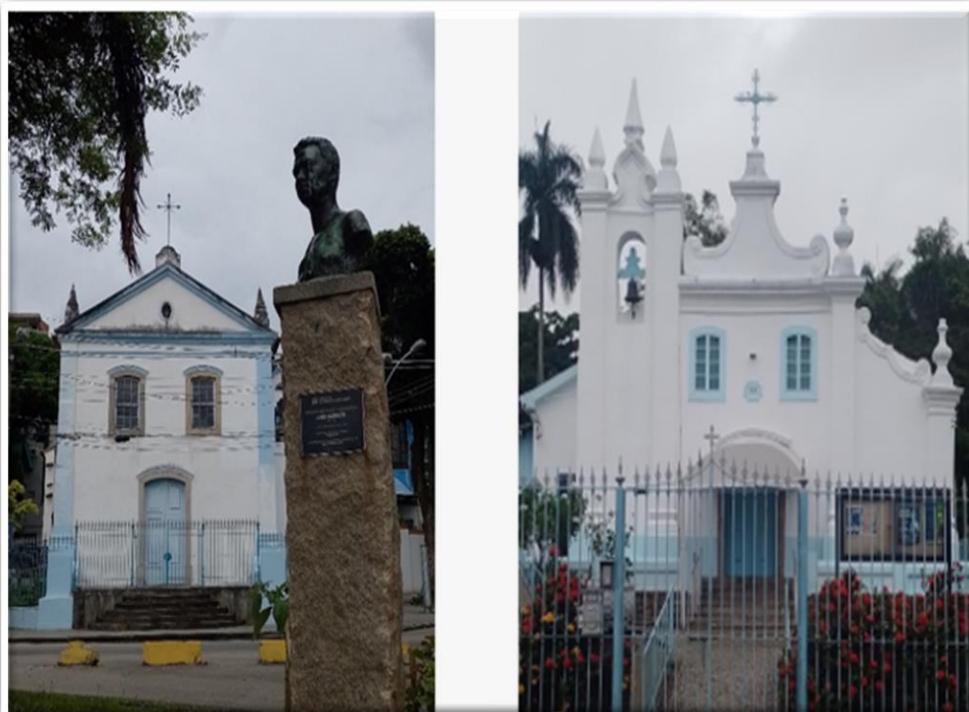


Figura 7: Imagem da Igreja Matriz de Nossa Senhora D'Ajuda. **Fonte:** O autor da dissertação

Figura 8: Imagem da Capela de Nossa Senhora da Conceição. **Fonte:** O autor da dissertação

A Igreja Matriz de Nossa Senhora D'Ajuda, por sinal é hoje, junto com a Capela Imperial de Nossa Senhora da Conceição, as construções mais antigas da Ilha do Governador que ainda permanecem erguidas e com funcionalidades, tendo seus espaços internos usados para a celebrações como missas, casamentos e batizados.

A respeito do período em que foram erguidas, há uma controvérsia no caso da Capela Imperial de Nossa Senhora da Conceição. Segundo Cybelle (2013), que se baseou nos relatos obtidos a partir das obras: o volume X do Santuário Mariano, de 1723 e as Memórias históricas do Rio de Janeiro, de Monsenhor Pizarro, de 1820, a construção da Capela de Nossa Senhora

da Conceição, pode ser associada tanto ao século XVII quanto ao século XVI, pelo menos no que se refere as suas bases que podem ter sido erguidas no período em que o então governador da cidade do Rio de Janeiro, Salvador Correa de Sá, recebeu do seu tio Mem de Sá, então governador-geral do Brasil, através da prática de sesmaria, a maior parte das terras da ilha, que em sua homenagem passou a ser conhecida como Ilha do Governador.

Já a fundação da Igreja Matriz de Nossa Senhora D'Ajuda, remonta o ano de 1710. A igreja foi erguida com o intuito de facilitar a vida dos fiéis que pela ausência de templo religioso na ilha, eram obrigados atravessar o mar, ao Norte da Ilha, para cumprir seus ritos religiosos em Magé. Sendo assim, aproveitando as bases da igreja erguida pelo senhor de engenho local, Jorge de Sousa, conhecido como o “Velho”, o bispo do Rio de Janeiro, D. Francisco de São Jerônimo, fundou a Igreja de Nossa Senhora D'Ajuda em 1710, que neste ano de 2024 completará 314 anos de existência.

Ao redor da Paróquia de Nossa Senhora D'Ajuda, surgiu o primeiro núcleo populacional da Ilha do Governador, no caso, a Freguesia de Nossa Senhora D'Ajuda, que posteriormente passou a ser chamado somente pelo nome de Freguesia, bairro onde está localizado o Colégio Estadual Rotary, em que exerce o cargo de professor de disciplina História e o bairro onde moramos na Ilha do Governador. Assim como afirmava Goubert (1988) que o ponto de referência da maioria dos europeus era a paróquia, no campo, ou a pequena cidade, enfim, uma faixa de terra percorrida em um dia de caminhada, de 10 a 15 km, a paróquia de Nossa Senhora da Ajuda, permanece até hoje como um dos principais pontos de referência da Ilha do Governador.

O bairro da Freguesia em si pode ser considerado um grande palco para uma aula de história a céu aberto, haja vista os inúmeros lugares de memória e espaços de sociabilidade com grande potencial para promover, entre os estudantes, a compreensão de aspectos relativos a História Local da Ilha do Governador, assim como a possibilidade de estabelecer pontos de convergência entre sua trajetória de vida e o local onde nasceram, habitam e estudam.

Ao analisar atentamente a tese de mestrado em História, “Uma vasta caieira: Um estudo sobre os fabricantes de cal da Freguesia da Ilha do Governador”, defendida em 2015, na UFF, pela historiadora Judite Paiva Souto, tivemos acesso a informações referentes as principais atividades desempenhadas pelas pessoas livres e cativas, na Ilha do Governador oitocentista. Dentre as mais relevantes, em termos de quantitativo de pessoas trabalhando, temos a pesca e/ou atividades ligadas ao mar, como a extração de conchas usadas como matéria-prima para produção da cal, nas chamadas caieiras. Se internamente, a pesca era um dos ofícios mais praticados na Ilha do Governador, “em 1872, de um total de 1.216 pescadores no Município do

Rio de Janeiro, mais de 1/3 (437) atuava na Ilha do Governador.” (SOUTO, 2015, p.36) Esta constatação, dá a dimensão da importância desta atividade para a população local da ilha no século XIX, como consta na tabela a seguir, referente as profissões na Freguesia de Nossa Senhora D’Ajuda, atual bairro da Freguesia.

Profissões na freguesia de Nossa Senhora da Ajuda (1870-1871)							
Profissões	Homens livres	Mulheres livres	Total	Homens cativos	Mulheres Cativas	Total	Total Geral
Eclesiásticos	1	*	1	*	*	*	*
Militares	*	*	*	*	*	*	*
Empregados Públicos	6	1	7	*	*	*	7
Profissão Literária	1	*	1	*	*	*	1
Comerciantes	59	*	59	*	*	*	59
Capitalistas	0	*	*	*	*	*	*
Proprietários	4	4	8	*	*	*	8
Lavradores	55	4	59	23	34	57	116
Pescadores	406	0	406	94	*	94	500
Marítimos	7	*	7	136	*	136	143
Manufaturas, artes e ofícios	56	*	56	13	15	28	84
Agências	1	*	1	15	*	15	16
Serviço Doméstico	26	589	615	67	171	238	853
Sem Profissão Conhecida	362	335	697	64	45	109	806

Tabela 1: Quantitativo de pessoas por profissão na Freguesia de Nossa Senhora D’Ajuda, bairro da Freguesia, na Ilha do Governador. **Fonte:** (LOBO, 1978, p. 430-431 apud SOUTO, 2015, p.37)

Endossando o contexto anterior, a tabela abaixo nos fornece informações contundentes para mensurar a dimensão micro e macro do trabalho pesqueiro, livre e cativo, realizado na Ilha do Governador, quando comparado ao município do Rio de Janeiro em meados do século XIX.

Ao analisar a tabela abaixo, referente ao quantitativo de pescadores no município do Rio de Janeiro, no ano de 1872, considerando os brasileiros, estrangeiros livres e os escravizados, constatamos que o quantitativo de homens dedicados a atividade pesqueira era muito maior nas regiões onde se localizava as freguesias rurais do que nas freguesias urbanas.

Dentre as freguesias rurais, a Ilha do Governador se destaca pelo quantitativo de pescadores dedicado a atividade, no caso, 317 homens brasileiros, 42 homens estrangeiros e 78 escravizados.

Pescadores do Município do Rio de Janeiro: 1872							
<i>Freguesias</i>	<i>Brasileiros</i>		<i>Estrangeiros</i>		<i>Escravos</i>		<i>Total</i>
<i>Freguesias Urbanas</i>	<i>Homens</i>	<i>Mulheres</i>	<i>Homens</i>	<i>Mulheres</i>	<i>Homens</i>	<i>Mulheres</i>	
Sacramento	1	-	2	-	-	-	3
Santa Ana	42	-	32	-	11	-	85
Santa Rita	4	-	27	-	-	-	31
São José	4	-	36	-	1	-	41
Espírito Santo	17	-	-	-	-	-	17
Santo Antônio	18	-	-	-	15	-	33
Candelária	1	-	-	-	1	-	2
São Cristóvão	9	-	11	-	3	-	23
Engenho Velho	-	-	-	-	-	-	-
Glória	3	-	24	-	-	-	27
Lagoa	4	-	-	-	21	-	25
Total	103	-	132	-	52	-	287
<i>Freguesias Rurais</i>	<i>Brasileiros</i>		<i>Estrangeiros</i>		<i>Escravos</i>		<i>Total</i>
	<i>Homens</i>	<i>Mulheres</i>	<i>Homens</i>	<i>Mulheres</i>	<i>Homens</i>	<i>Mulheres</i>	
Irajá	33	-	1	-	2	-	36
Inhaúma	39	-	10	-	6	-	55
Guaratiba	247	-	16	-	12	-	275
Jacarepaguá	-	-	-	-	-	-	-
Campo Grande	-	-	-	-	-	-	-
Santa Cruz	56	-	4	-	14	-	74
Ilha do Governador	317	-	42	-	78	-	437
Ilha de Paquetá	17	-	5	-	10	-	52
Total	729	-	78	-	122	-	929
<i>Total Geral</i>	832	-	210	-	174	-	1.216

Tabela 2: Quantitativo de pescadores do Município do Rio de Janeiro: 1872.

Fonte: (SOARES, 2007. p. 418 apud SOUTO, 2015 P. 38)

Há de se ressaltar que só estamos considerando nesta análise preliminar de cruzamento de dados, as informações referentes a Freguesia de Nossa Senhora D'Ajuda. A importância da atividade pesqueira para economia da ilha oitocentista pode ter sido ainda maior, basta considerar que no período destacado na tabela acima, a Ilha do Governador era subdividida nas respectivas seis propriedades privadas: a Fazenda de São Bento, a Fazenda da Bica, a Fazenda Amaral, a Fazenda da Ribeira ou Juquiá, a Fazenda da Ponta do Tiro até Cocotá e a já menciona Freguesia de Nossa Senhora D'Ajuda, como consta no mapa a seguir:



Figura 9: Mapa da Ilha do Governador no ano de 1870. **Fonte:** CUNHA, apud SOUTO, 2015, p.19

Nos tempos atuais, quem reside ou trabalha na Ilha do Governador costuma relatar, de maneira geral, que um dos problemas da região é deslocamento entre a Ilha com os demais bairros da cidade do Rio de Janeiro e municípios vizinhos. Se hoje em dia, o problema está relacionado ao trânsito congestionado, principalmente o que se forma a partir da ponte que liga a Ilha ao continente, isto é, a continuidade da cidade do Rio de Janeiro, até o fim do século XIX, a Ilha tinha poucas e precárias opções para o deslocamento de pessoas e mercadorias. O transporte era feito essencialmente em balsas com pouca capacidade de transporte e/ou pequenas embarcações que se posicionavam em atracadouros improvisados nas orlas dos atuais bairros da Freguesia, Cocotá e Ribeira, os mais antigos da ilha em termos de ocupação populacional.

O descontentamento dos moradores, quanto a questão referente ao deslocamento entre a Ilha e a cidade do Rio de Janeiro eram recorrentes, como consta na reportagem a seguir:

Em 1892, o jornal *O Paiz*, publicou em sua primeira página comentários sobre a freguesia baseados em reclamações enviadas pelos moradores do local: [...] A sua população já é grande, porque ali há estabelecimentos fabris, fazendolas e casas de comércio. Mas a ilha não tem estradas, e a comunicação entre os seus diversos pontos oferece insuperáveis dificuldades. Há, desde já, urgente necessidade de um serviço pronto e fácil de navegação entre ela e o continente, não só para o gozo dos seus moradores, mas ainda, e principalmente, para o transporte dos produtos da pequena lavoura – o que ia abastecer o mercado e, assim, diminuir, talvez, a carestia de vários gêneros. [...] (SOUTO, 2015, p. 26/27)

Nesta época, já era frequente as costumeiras “promessas” feitas por políticos referente

a implementação de projetos e ações que pudessem atingir as expectativas e necessidades dos moradores e empresários da região, em sua maioria, ligados em meados do século XIX, a fabricação de cal, nas caieiras, assim como, fabricantes de cerâmica, tijolos e telhas, produtos de extrema utilidade na área de construção civil. Sobre estas promessas que geraram enorme frustração na população local, tomamos conhecimento do:

Decreto 7.534 que já autorizava o engenheiro civil José Américo dos Santos a construir, usar e gozar uma estrada de ferro entre a praia da Chichorra, na cidade do Rio de Janeiro, e a praia da Guia, em Magé, província do Rio de Janeiro, passando pela Ilha do Governador. A partir de 1893 estudou-se a construção de uma estrada de ferro com ramal para a Ilha. Neste ano, a Câmara Municipal fez publicar edital autorizando o prefeito do Distrito Federal a conceder privilégio por 40 anos ao engenheiro Félix Antônio Pereira Lima para construção, uso e gozo de estrada de ferro de bitola, com um ramal para a Ilha. (SOUTO, 2015, p. 27)

Em relação ao deslocamento interno de pessoas e mercadorias dentro da própria ilha, podemos dizer que era também caótico e só começa a ser amenizados a partir da década de 1920, com a criação das primeiras linhas de bonde ligando, inicialmente o bairro da Ribeira ao bairro do Cocotá e posteriormente uma extensão da linha de bonde até o bairro da Freguesia, com ponto final no local conhecido internamente na ilha como Bananal, nos limites da BFNIG – Base dos Fuzileiros Navais da Ilha do Governador.

No que se refere a ligação da ilha com o continente, mesmo diante do aumento da capacidade das barcas para o deslocamento de pessoas e mercadorias, tal problema só foi minimizado com a construção da ponte Prefeito Mendes de Moraes, em 1949, chamada habitualmente pelos moradores de “ponte velha do Galeão”, ilustrada na imagem a seguir.



Figura 10: Imagem de um caminhão conduzindo um bonde na “ponte do Galeão.”

Fonte: Professor Jaime de Moraes disponibilizado no grupo no *facebook*
Ilha do Governador: O passado no presente. Acesso dia 02/11/2023

Aprofundando a reflexão sobre a questão de deslocamento e alternativas de transporte, ao analisar a imagem anterior, um fato que pode passar até despercebido, é capaz de promover uma ponderação interessante, pois apresenta, em uma mesma imagem, camadas de memória que simbolizam, de certa maneira, a transição de uma ilha, onde até o século XIX o deslocamento até o continente se dava exclusivamente pelo transporte marítimo, em embarcações improvisadas e/ou de baixa capacidade de transporte, para uma ilha nas primeiras décadas do século XX onde já temos a chegada das primeiras linhas de bonde, que circularam até a década de 1950/60, período onde temos a recém-inaugurada Ponte do Galeão.

Paralelamente a este processo da transformação dos meios de transporte na ilha, temos também a transição de uma ilha identificada, interna e externamente, como uma típica freguesia rural, vista como uma região produtora de gêneros alimentícios e materiais para construção, para uma ilha que passa a ser reconhecida como uma região de veraneio, muito frequentada pela população da cidade do Rio de Janeiro até aproximadamente a década de 1950.

Em suma, se no século XIX a economia da Ilha ficou marcada principalmente pela produção de cal nas caieiras, “o início do século XX marca o declínio da condição de Ilha como fonte de produção, na transição para Ilha local de veraneio” (IPANEMA, 2014, p. 131 apud SANTOS, 2022, p. 44). Foi nesta ilha com características ainda de veraneio, que o ainda muito jovem Vinícius de Moraes e seus familiares passavam suas temporadas de verão, férias, finais de semanas, chegando até morar por um tempo, em uma residência localizada no bairro do Cocotá, na então Ilha do Governador da década de 1930, como retrata a imagem a seguir.

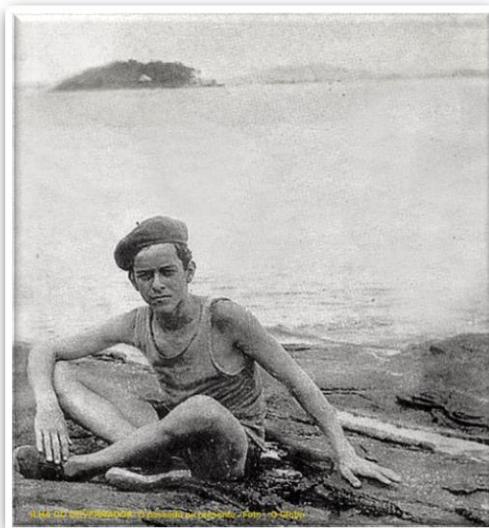


Figura 11: Vinícius de Moraes sobre as pedras da

Praia da Guanabara, no Bananal, tendo ao fundo a Ilha do Rijo.

Fonte: Grupo no *facebook*: Ilha do Governador: Passado no presente criado pelo professor Jaime de Moraes. Acesso dia 18 de novembro de 2023

Esta passagem de Vinícius de Moraes na Ilha do Governador, teve provavelmente impacto na sua trajetória de vida. Ao analisar o poema, Ilha do Governador, escrito por Vinícius em 1935, é possível presumir que o então jovem “poetinha” teve parte de suas primeiras experiências amorosas, desilusões, angústias e amizades, como podemos intuir ao analisar o poema, na íntegra, a seguir.

ILHA DO GOVERNADOR
Rio de Janeiro , 1935

Esse ruído dentro do mar invisível são barcos passando
 Esse ei-ou que ficou nos meus ouvidos são os pescadores esquecidos
 Eles vêm remando sob o peso de grandes mágoas
 Vêm de longe e murmurando desaparecem no escuro quieto.
 De onde chega essa voz que canta a juventude calma?
 De onde sai esse som de piano antigo sonhando a Berceuse?
 Por que vieram as grandes carroças entornando cal no barro molhado?

Os olhos de Susana eram doces mas Eli tinha seios bonitos
 Eu sofria junto de Susana — ela era a contemplação das tardes longas
 Eli era o beijo ardente sobre a areia úmida.
 Eu me admirava horas e horas no espelho.

Um dia mandei: “Susana, esquece-me, não sou digno de ti — sempre teu...”
 Depois, eu e Eli fomos andando... — ela tremia no meu braço
 Eu tremia no braço dela, os seios dela tremiam
 A noite tremia nos ei-ou dos pescadores...

Meus amigos se chamavam Mário e Quincas, eram humildes, não sabiam
 Com eles aprendi a rachar lenha e ir buscar conchas sonoras no mar fundo
 Comigo eles aprenderam a conquistar as jovens praianas tímidas e risonhas.
 Eu mostrava meus sonetos aos meus amigos — eles mostravam os grandes olhos
 abertos
 E gratos me traziam mangas maduras roubadas nos caminhos.

Um dia eu li Alexandre Dumas e esqueci os meus amigos.
 Depois recebi um saco de mangas
 Toda a afeição da ausência...

Como não lembrar essas noites cheias de mar batendo?
 Como não lembrar Susana e Eli?
 Como esquecer os amigos pobres?
 Eles são essa memória que é sempre sofrimento
 Vêm da noite inquieta que agora me cobre
 São o olhar de Clara e o beijo de Carmem
 São os novos amigos, os que roubaram luz e me trouxeram.
 Como esquecer isso que foi a primeira angústia
 Se o murmúrio do mar está sempre nos meus ouvidos
 Se o barco que eu não via é a vida passando
 Se o ei-ou dos pescadores é o gemido de angústia de todas as noites?

Fonte: Site www.viniciosemorais.com.br Acesso dia 18 de novembro de 2023.

Boa parte dos estudantes na atualidade desconhecem que a Ilha do Governador já foi considerada um balneário, composto por praias com águas limpas e totalmente próprias para o

banho, sendo inclusive eternizada em música como a canção com o título Cocotá, em alusão a extinta praia do Cocotá, composta pelo saudoso Luiz Gonzaga, o Gonzagão, que nos anos de 1970 era morador do bairro do Cocotá.

Canção Cocotá (1970)

Compositor: Luiz Gonzaga

De manhã muito cedinho
Lá vou eu para o meu banho de mar
Visto o short, saio correndo
No caminho é só dizendo
Praia boa é Cocotá

Pulo pra lá e pra cá, não me cango
Sou forte que nem Sansão
Tenho que ser véio macho
Dá pra caçar muito baixo
Sou caboclo do sertão
Tenho que ser véio macho
Dá pra caçar muito baixo
Sou caboclo do sertão

Chego na beira da praia
Com Helena, meu amor
Dou mais de vinte mergulho, opa
Véio macho sim senhor

Reumatismo foi-se embora
Alergia se acabou
Para um bain mediciná
Praia boa é Cocotá
Ilha do Governador
Para um bain mediciná
Praia boa é Cocotá
Ilha do Governador

Fonte: www.vagalume.com.br/luz-gonzaga/cocota.html
Acesso dia 19 de novembro de 2023.

Devido descaso das autoridades, infelizmente as praias dos dias atuais na Ilha do Governador permanecem impróprias para o banho. A própria praia do Cocotá citada por Luiz Gonzaga, inclusive não existem mais, pois foi totalmente aterrada para dar espaço ao Parque Manuel Bandeira, conhecido pelos moradores da região como Aterro do Cocotá. Até mesmo o histórico edifício conhecido na região pelo nome de “Sobre as Ondas”, perdeu o seu charme de antes com o aterramento da região, ficando bem distante do mar.

Ao longo da primeira metade do século XX, a Ilha do Governador passou por um grande processo de urbanização do seu espaço físico. Dentre estas transformações, destacamos:

a construção de um novo cemitério (1904); novas igrejas - Sagrada Família (1913) e São Sebastião (1919); são instalados os primeiros de Bondes (1922), construção das Pontes de Atração na Ribeira (1922) e no Jardim Guanabara (1928), a Companhia CETEL (1933), o Hospital Municipal Paulino Werneck (1938), a indústria de Água Mineral Fontana (1947), a Ponte de ligação da Ilha ao continente (1949), a inauguração do quartel do Corpo dos Bombeiros (1951), a construção do Aeroporto Internacional do Galeão (1952), o início das empresas de ônibus: Viação Ideal (1955)

e os Transportes Paranapuan (1961) onde o uso de ônibus era realizado através de fichas coloridas para o controle das passagens; Biblioteca pública (1965); o estaleiro EMAQ (1966) – depois EISA (1995); a presença militar na Ilha: Marinha do Brasil (1914) e a Força Aérea Brasileira (1951)²⁰ que cresceram amplamente ao longo das décadas formando as vilas militares. (SANTOS,2022, p.45-46)

Em 1961, temos a criação de um Brasão para a Ilha do Governador. Contudo, é preciso ser dito que o mesmo passa praticamente despercebido para maioria dos habitantes da região. O brasão em questão pode ser visto na obra “História da Ilha do Governador” da professora Cybelle, nas dependências internas da região administrativa da Ilha do Governador ou no corredor de acesso as salas de aulas do Santa Mônica Centro Educacional, escola em que atuei como professor de História e coordenador pedagógico. Este silenciamento e/ou indiferença em relação ao brasão, mostra o descaso com a história local da região. No nosso entendimento o brasão deveria estar fixado em algum local público, para que todos os moradores e frequentadores da região tomem ciência de sua existência e possam tecer suas considerações.

Quando analisamos o brasão, elaborado com a intenção de exaltar as origens e os referenciais históricos da Ilha do Governador, percebemos em destaque a imagem de um homem branco, de nacionalidade portuguesa, no caso, Salvador Correa de Sá, que na ocasião da fundação era governador da cidade do Rio de Janeiro, por este motivo tivemos o silenciamento do nome Ilha de Maracajás, em alusão aos povos originários locais, para o nome em vigor Ilha do Governador, em alusão a Salvador Correa de Sá, que por conseguinte sinaliza a presença da matriz populacional europeia na região. Já sobre o arco e flecha, representado também no brasão, presume-se que o autor da obra quiz provavelmente simbolizar a presença dos povos indígenas originários, no caso, os Maracajás e/ou Temiminós, como elemento representativo da matriz populacional indígena originária.

Contudo, em termos de matriz populacional, não percebemos no brasão menção aos povos representativos da matriz africana na região. A presença dos povos africanos foi totalmente silenciada e/ou invisibilizada dentre os marcos referenciais da Ilha do Governador. Esta constatação traz de forma implícita um simbolismo bem significativo do quanto ainda se faz necessário reafirmar a enorme contribuição dada pelos povos de origem africana para o desenvolvimento da Ilha do Governador, da cidade do Rio de Janeiro e o próprio Brasil.

Ao retratar no brasão a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, localizada no bairro do Jardim Guanabara, o autor da obra faz uma nítida referência a forte presença da Igreja Católica na região, que participou ativamente da formação do Império ultramarino português, com o objetivo de espalhar a fé e os dogmas católicos pelo “novo mundo”. Outros aspectos relativos ao brasão constam nos informes registrados pelo professor Juberto, na imagem da a seguir.



Figura 12: Imagem e descrição do Brasão da Ilha do Governador

Fonte: Santos (2022, p. 46)

Quanto a temática relativa a História da Ilha do Governador no tempo presente, que teve uma abordagem preliminar em parágrafos anteriores, será retomada no capítulo 3, no item 3.4 referente a implementação da disciplina eletiva sobre História Local, tendo como referencial a perspectiva de uma professor de história, em uma escola pública da Ilha do Governador. No momento, focaremos na análise de questões relacionadas a saneamento básico e limpeza urbana, tendo como referencial, ações preventivas contra a proliferação de epidemias, que representavam dilemas que afligiam tanto os moradores da Ilha do Governador na segunda metade do século XIX e início do século XX, quanto os moradores das principais áreas urbanas da cidade do Rio de Janeiro, como consta no trecho a seguir:

Se os mais rudimentares sistemas de abastecimento de água permaneciam distantes da Ilha do Governador, mais ainda estava a realização de obras para saneamento e a implementação de uma eficiente limpeza pública. Durante a primeira metade do oitocentos a coleta de dejetos e lixo não variou muito: na parte da noite, escravos encarregavam-se do transporte da carga em barris, denominados tigres, até determinados pontos da cidade depositando-a em valas e praias, lagoas, charcos, terrenos baldios, fossas e sumidouros. (...) Além da contaminação de lençóis freáticos, estas práticas levavam à disseminação de doenças, preocupando diversos segmentos da sociedade, em especial os médicos. (SOUTO, 2015, P.34-35)

Na citação anterior a expressão tigre, era usada para denominar os escravizados que eram obrigados a realizarem um trabalho totalmente insalubre. A análise em sala de aula do trecho em questão, pode ser um excelente recurso para abordar o processo de desumanização

sofridos pelos escravizados, que recebiam esta denominação por ficarem expostos aos excrementos que vazavam dos tonéis, durante o período de transporte dos dejetos das residências e estabelecimentos comerciais até o rio e/ou mar mais próximo. As marcas na pele, causadas pela reação química decorrente do contato físico com os dejetos que vazavam dos tonéis, produziam marcas pelos corpos que lembravam ao do felino tigre, daí o termo pejorativo de “tigres” ou “tigrados” dado aos escravizados que realizavam este ofício insalubre.

Outro ofício insalubre praticado pelos escravizados estava relacionado a extração de conchas do mar e a posterior produção de cal, nas chamadas caieiras, localizadas geralmente nas ilhas da Baía da Guanabara, como consta no relato do naturalista e botânico Auguste de Saint-Hilaire:

Próximo de algumas ilhas, vimos negros que, metidos na água até a cintura, juntavam mariscos. Como não há rochas calcárias nas proximidades do Rio de Janeiro, substituem-lhes a cal pela obtida das conchas. Para prepará-la elevam-se grandes cones colocando alternativamente, umas sobre as outras, camadas espessas de conchas e lenha, e põe-se fogo. O trabalho de colher mariscos na água é dos mais desfavoráveis à saúde dos negros, e frequentemente lhes causa perigosas moléstias. (SALVADOR, 1982, p.75 apud SANTOS, 2022, p. 42)

A produção da cal, nas caieiras construídas em ilhas da Baía de Guanabara, dentre elas as caieiras da Ilha do Governador, também foi tema para as pinturas do célebre artista Jean Baptista Debret, em sua passagem pelo Brasil, especificamente pelo Rio de Janeiro, integrando a Missão Artística Francesa de 1816. A iconografia em destaque na imagem à seguir, está entre as paisagens retratadas por Debret na obra: “Viagem pitoresca e histórica ao Brasil”, álbum iconográfico publicado pelo artista em Paris entre os anos de 1834 e 1839.

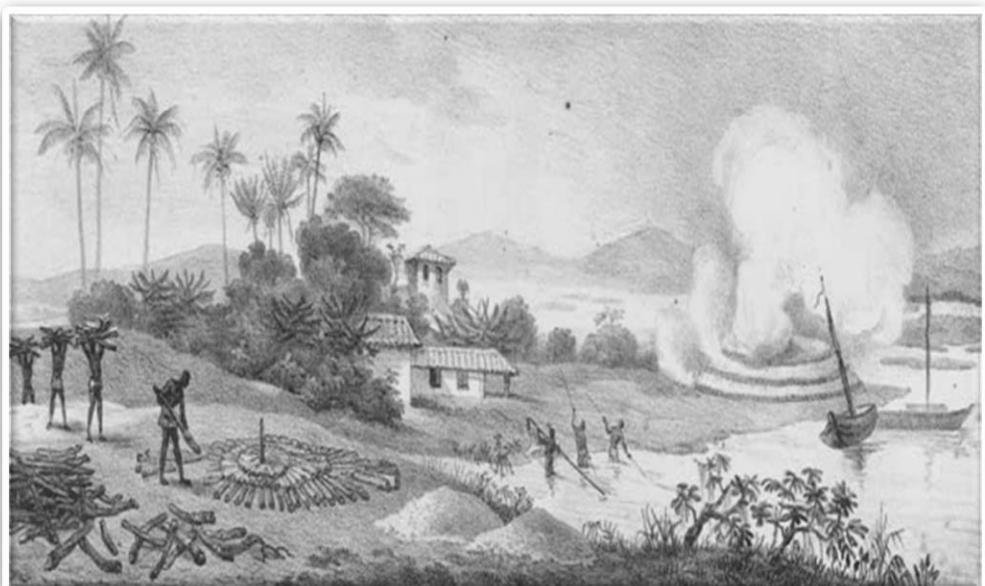


Figura 13: Imagem retratando a produção de cal em uma tela de Jean Baptiste Debret.

Fonte: (Voyage pittoresque et historique au Brésil. Tome II. Paris: Firmin Didot Frères, Imprimeurs de l'Institut de France, 1835. Plaque 35. Il apud SOUTO, 2015, p. 53)

A imagem retratada na prancha de Debret endossa parte do relato do naturalista e botânico Auguste de Saint-Hilaire, em relação ao procedimento seguido para a produção da cal. Na prancha, produzida por Debret, o artista enfoca na produção de cal nas caieiras, por sinal tema central da dissertação de Souto (2015). Na prancha é possível perceber uma construção, que poderia ser identificada como uma habitação e/ou um possível armazém para estoque da cal. O local em questão está parcialmente coberto pela mata nativa. Na praia em destaque na imagem, temos três homens que poderiam ser livres ou escravizados, com água até a cintura, trabalhando na retirada das conchas do mar. Caminhando da parte interna da ilha até a região na margem da praia, temos mais três homens (livres ou escravizados) carregando lenha até um local específico, onde se encontra um outro homem colocando as lenhas em círculo como se estivesse preparando uma fogueira para iniciar mais uma etapa da preparação da cal. No alto da imagem, é possível verificar uma grande área com uma fumaça resultante provavelmente da queima da mata nativa para abrir espaço para futuros locais de plantio. Segundo Souto (2015, p. 53) “ao comentar a gravura, Debret afirma que de longe era possível avistar os vapores levantados por aquela produção nas ilhas da baía da Guanabara”.

Ao fazer a análise de fonte imagética, é sempre importante destacar que quando estimulamos, em sala de aula, a análise e leitura de iconografias, como as produzidas por Debret e os demais membros da Missão Artística Francesa, colocamos em prática uma estratégia pedagógica com a finalidade de desenvolver a percepção dos estudantes a respeito de uma determinada época histórica, a capacidade para levantarem hipóteses e buscarem, através da análise de fontes, a compreensão sobre o contexto em que os fatos históricos transcorreram em um determinado espaço e tempo.

Até a primeira década do século XIX, o número de escravizados residentes na Ilha do Governador chegava a ser superior ao quantitativo de pessoas livres. Contudo, a partir da aprovação da Lei Eusébio de Queirós, que aboliu o tráfico de africanos para o Brasil em 1850, o número de escravizados que chegavam na cidade do Rio de Janeiro e respectivamente na Ilha do Governador, reduziu consideravelmente como consta na tabela a seguir.

População da Freguesia da Ilha do Governador (séc. XIX)				
Ano	Domicílios	Livres	Escravos	Total
1821	182	708	987	1.695
1838	262	1.281	1.110	2.391
1849	349	2.006	1.451	3.457
1872	432	2.253	603	2.856

Tabela 3: Quantitativo da população livre e cativa na Ilha do Governador no século XIX.

Fonte: Souto (2015, p.39)

A fuga de negros escravizados foi uma tendência na segunda metade do século XIX diante do cenário de declínio da escravidão. Não por acaso, a resistência à escravidão se manifesta no aumento de fugas de negros escravizados. A Ilha do Governador não estava apartada deste processo de resistência à escravidão. Era comum verificar em jornais locais e também em periódicos da corte da cidade do Rio de Janeiro, no século XIX, anúncios de fuga de escravizados, como o anúncio referente a fuga do escravo Joaquim Magina, já mencionado nesta dissertação, “a fuga de Magina aos 50 anos tampouco constitui novidade, pois mesmo que predominasse a escapada de indivíduos com 20 a 40 anos, não era difícil encontrar entre os fugitivos idosos e crianças”. (SOUTO, 2015, p.41-42)

Se era comum abrir as páginas dos principais jornais da época e constatar anúncios de fuga de escravizados e a menção ao pagamento de boas “alviçaras”, isto é, recompensa pela captura do escravizado fugitivo, era também possível constatar, conforme Souto (2015) casos de caieiros da Ilha do Governador, que em busca de prestígio social, resolveram se antecipar à Lei Áurea, liberando seus escravizados e divulgando tal “virtude” pela imprensa em notícias como a de:

31 de dezembro de 1887, intitulada “Prodígios faz a libertação humanitária e civilizadora”. Sr. José Antônio da Costa Gama, 2º tenente reformado da armada imperial e lavrador na província de S. Paulo, acaba de libertar sem condição 16 escravos, únicos que possuía, na sua fábrica de cal na Ilha do Governador, tendo já há tempo dado liberdade a 10. Há dois anos em praça do juiz de órfãos, em Araras, libertou 12 escravos, com condição de prestação de serviços por 4 anos, dando a cada um 30\$ anuais, bom tratamento, roupa, medicina, e terreno para cultivarem nos dias santificados, para seu benefício presente e futuro. Se o filantropo, laborioso e modesto Sr. Gama tiver êmulos, é sublime. (GAZETA DE NOTÍCIAS, 31 de dezembro de 1887 apud SOUTO, 2015, p.43)

Uma questão que sempre procuro debater com os estudantes em sala de aula, quando abordo um tema transversal como a escravidão, se refere as circunstâncias do período de transição do período em que a escravidão esteve em vigor, a época imediatamente posterior a abolição da escravatura no Brasil, onde temos a libertação dos escravizados sem inserção imediata dos recém-libertos na sociedade brasileira, negando a estes libertos o mínimo de assistência social, sem falar no acesso negado à cidadania e aos direitos políticos e sociais.

Neste sentido, os recém libertos, sem acesso a escolaridade, permaneciam, em sua maioria, analfabetos e vivendo a margem da sociedade, daí o termo marginalizado e/ou marginal, forma pejorativa como os negros foram e de certa forma, vem sendo identificados na sociedade brasileira. Este fato, justifica, por um lado, a ação de alguns libertos de tentarem retornar para o local onde eram cativos em busca da sobrevivência, mesmo que sendo em condições precárias de abrigo e alimentação, bem semelhante a que tinham quando ainda eram escravizados.

Partindo agora para as questões de ordem econômica e o seu impacto na biodiversidade da região, podemos reafirmar a partir de dados obtidos em fontes históricas disponibilizadas através do trabalho de Souto (2015), que a economia na Ilha do Governador esteve por muito tempo vinculada a pesca, a produção de artigos para construção civil e gêneros alimentícios, para a própria subsistência dos próprios moradores da Ilha, assim como para o abastecimento da Corte e das freguesias urbanas da cidade do Rio de Janeiro.

Neste contexto, podemos também constatar o grande impacto causado pela extração in natura de conchas e frutos do mar que, em um outro eixo de temporalidade, ligado a ancestralidade indígena, remonta a ações desenvolvidas pelos povos indígenas originários, que acabaram por produzir, durante o momento que se alimentavam e praticavam seus rituais fúnebres, montes, resultantes do acúmulo de conchas e fósseis dos seus antepassados, que posteriormente foram chamados de sambaquis, como por exemplo o sambaqui das Pixunas, datado entre 1500 d. C. e 1550 d.C., localizado na praia Grande, no terreno que pertencia à Marinha, no bairro da Freguesia. Neste local, segundo Souto (2015), foram retiradas grande quantidade de matéria-prima para produção de cal, nas caieiras.

Tal fato, de extrema relevância, abre a oportunidade para abordar, em sala de aula, questões relativas a temáticas transversais associadas ao impacto ambiental causado pela extração in natura dos sambaquis e a importância da preservação da biodiversidade marinha, tendo como referencial, uma perspectiva e/ou enfoque interdisciplinar com colegas, por exemplo, das disciplinas de geografia e/ou biologia.

Este fato, só endossa a importância de se desenvolver em sala de aula e/ou em loco, nas atividades de campo, uma narrativa que reforce a percepção que na localidade onde os estudantes moram e/ou nas orlas das praias onde fazem suas atividades físicas ou aproveitam nos fins de semana, já existiram morros de sambaquis e que os mesmos surgiram como resultado de práticas e rituais dos povos indígenas originários da região.

A Ilha, antes da chegada dos colonizadores europeus, era habitada, como já foi mencionado pelos povos originários Maracajás e/ou Temiminós, que foram os grandes responsáveis pela formação de sambaquis, que a partir do século XIX, foram utilizados como matéria-prima para produção de cal. Concomitante a práticas de genocídio efetuadas pelos colonizadores europeus, que causou o desaparecimento de boa parte dos povos originários da região, temos a chegada de um número significativo de africanos para trabalhar como escravizados em locais como os engenhos e caieiras da Ilha do Governador. O tráfico de escravizados africanos representou uma opção de comércio extremamente lucrativa para os colonizadores, sendo a responsável pela chegada na ilha, das primeiras levas de escravizados

de origem africana.

A Ilha do Governador, assim como as demais regiões da cidade do Rio de Janeiro, é constituída também por um conjunto de espaços de sociabilidade, onde as manifestações culturais locais se fazem presentes. Estas manifestações procuram intencionalmente ou não refletir suas tradições, especificidades e ancestralidade. Através de suas expressões de natureza artísticas, personagens comuns, assumem sua identidade local, no caso de trabalho, a identidade insulana para se unirem a uma coletividade e assim contar uma história que, ao dialogar com a realidade que o cerca, estabelece necessariamente interfaces com questões de dinâmica local/regional e com questões de abrangência nacional/global.

Neste sentido, a tese de mestrado em Antropologia na UFF – Universidade Federal Fluminense, “Diga espelho meu, se há na Avenida alguém mais feliz que eu! Estudo sobre identidade e memória da G.R.E.S. União da Ilha do Governador”, defendida em 2008, pelo antropólogo Paulo Cordeiro de Oliveira Neto, nos oferece a possibilidade de estabelecer uma análise a partir de uma perspectiva interdisciplinar entre antropologia e história, com o foco na busca por referências identitárias presente na memória coletiva da comunidade insulana.

Sendo assim, o presente trabalho, ao nosso ver, apresenta também uma relevância de cunho social e cultural, por ser uma pesquisa que abrange a cidade do Rio de Janeiro, com ênfase em uma dada região, no caso, a Ilha do Governador, rica de representações simbólicas, de elementos emocionais, enfim uma região identificada por parte dos meios de comunicação e por foliões que curtem o desfiles das Escolas de Samba, como um local de pessoas empolgadas que cativam todos que costumam assistir aos desfiles das escolas de samba. Neste sentido, “O que faz a União da Ilha uma Escola ‘alegre e animada’ é a presença de grande contingente de componentes da comunidade, os ‘Insulanos’.” (LEILA, 2004 apud NETO 2008, p.30)

Esta percepção simbólica tem uma relação direta também com sambas-enredos antológicos da (G.R.E.S) Grêmio Recreativo Escola de Samba - União da Ilha do Governador, que ficaram marcados na memória dos insulanos (moradores da ilha) e dos cariocas de uma maneira geral. Fazemos aqui referência a trechos de alguns sambas-enredos que marcaram a relação do insulano com a Ilha do Governador e com a cidade do Rio de Janeiro.

Domingo (1977)

Compositores: Waldyr da Vla, Aurinho da Ilha, Ione do Nascimento e Adhemar de A. Vinhaes

Vem amor
Vem à janela ver o Sol nascer
Na sutileza do amanhecer
Um lindo dia se anuncia
Veja o despertar da natureza
Olha amor quanta beleza
O domingo é de alegria

No Rio colorido pelo Sol
 As morenas na praia
 Que gingam no samba
 E no meu futebol (...)

O Amanhã (1978)

Compositor: João Sérgio
 Como será o amanhã
 Responda quem puder
 O que irá me acontecer
 O meu destino será como Deus quiser (...)

É hoje (1982)

Compositores: Didi e Mestrinho
 (...) Acredito ser o mais valente
 Nesta luta do rochedo com o mar
 E com o mar
 É hoje o dia da alegria
 E a tristeza nem pode pensar em chegar
 Diga, espelho meu
 Se há na avenida alguém mais feliz que eu
 Diga, espelho meu
 Se há na avenida alguém mais feliz que eu (...)

Fonte: www.letras.mus.br/uniao-da-ilha-rj/ Acesso dia 19 de novembro de 2023

Estes são exemplos de sambas emblemáticos interpretados pelo saudoso Aroldo Melodia e regravados por tantos artistas, sambas que permanecem até hoje nas memórias de todos que celebram o carnaval carioca e podem ser considerados, de certa maneira, como exemplos de patrimônio imaterial dos insulanos e porque não dizer da cidade do Rio de Janeiro. Para tanto, é importante ressaltar, segundo Neto (2008, p. 34) que o “sambas-enredo da União da Ilha são percebidos, em última instância, como construções coletivas da comunidade insulana e legitimados como elementos identitários.” Desta forma, a:

Ala de compositores da União da Ilha desempenha um papel fundamental na conservação das tradições (...). Pois é através dos seus sambas que a Escola revive e ativa sua memória e identidade coletiva. Os sambas são vivenciados por todos aqueles que se vinculam a este espaço social. Ao escutar estas obras musicais, os indivíduos se unem em torno de um mesmo sentido. (NETO, 2008, p. 44)

Sendo assim, a partir de uma manifestação típica da cultura popular, como o carnaval carioca e suas escolas de samba, os indivíduos, em âmbito local, tende a forjar sua identidade, no caso específico da Ilha do Governador, uma identidade insulana. Neste sentido, a relação de pertencimento e identidade é dupla, ao fazer referência tanto a região da Ilha do Governador quanto aos espaços de sociabilidade, referentes as escolas de samba presentes neste local.

Portanto, a partir da análise da obra de Cybelle (2013) e as dissertações de Neto (2008), Souto (2015) e Santos (2022) foi possível compreender alguns fatos históricos que até então eram identificados somente como relativo a História Nacional, mas quando variamos a escala de observação podemos perceber sua relação com aspectos da História da Ilha do Governador.

Capítulo 2 – Por um lugar no Ensino de História para a História Local

Ao longo deste capítulo 2, pretendemos inicialmente apresentar um panorama teórico-metodológico da História Local de sua origem ao perfil atual das dissertações defendidas e disponibilizadas no Portal Profhistória Nacional. Assim como, descrever os fatores preponderantes que justificam a elaboração e oferta de uma disciplina eletiva sobre História Local na grade curricular do Ensino Médio.

2.1- Panorama teórico-metodológico da História Local e sua inserção na História escolar

2.1.1 – Breves considerações sobre a História local no contexto acadêmico europeu

Com o intuito de traçar um panorama sobre o processo percorrido pela História Local e seu lugar na pesquisa histórica, vale o diálogo com Pierre Goubert (1988), a partir do texto intitulado História Local. Neste artigo, o autor discorre, em linhas gerais, sobre a natureza da produção em História Local na França, com forte expressividade nos departamentos e cidades do interior. No século XX, tais produções foram desprezadas, por serem estruturadas a partir de concepções de cunho político, diplomático, militar, administrativo e eclesiástico, enaltecedores de personalidades das elites políticas locais e por não serem produzidas a partir de rigorosas abordagens metodológicas.

Neste sentido, Goubert se esforça para dar um status acadêmico para a História Local. Para Goubert, somente em meados do século XX, é possível identificar as primeiras evidências que sinalizam o início de um processo que desencadeou no rompimento em relação a uma escrita de cunho tradicional, sobre os parâmetros da História Local. A partir da obra Mediterrâneo de Fernand Braudel, os historiadores tinham disponível um modelo interpretativo que considerava tanto a dimensão espacial quanto a temporal nas suas pesquisas históricas.

Os historiadores concentraram assim suas análises em uma região geográfica específica, voltando o seu interesse pela história de grupos humanos e não somente a uma história de caráter nacional, pautada pelos êxitos de grandes lideranças políticas. As monografias regionais, alinhadas aos preceitos da História Local tiveram, de acordo com Goubert (1988), sua relevância por oferecer como resultado do seu trabalho um contraponto frente as grandes teses e sínteses que se perpetuavam, até então, como um tipo de escrita historiográfica que dominava o panorama acadêmico francês. A estrutura das monografias derivadas da chamada Escola dos Annales apresentava previamente a Introdução Geográfica, em seguida a História, a organização social e as ações do homem. A apresentação de um contexto geográfico se funda na tradição da geografia de Vidal de La Blache que, segundo Barros (2013), nos anos de 1960,

oferece aos historiadores um conceito de região que foi plenamente utilizado pelos historiadores para realizar suas análises sobre os micros espaços ou espaços localizados. Para Barros (2013), a percepção de espaço, proposta pela escola vidaliana, serviu de parâmetro para a historiografia dos anos 1950 enfocar nos espaços com recortes territoriais mais específicos, onde:

a historiografia associada a Escola dos Annales considera que o fenômeno da vida humana não pode, ser apenas, observado em seus aspectos globalizantes, mas também como foco no que é mais particular e singular que aparece quando se analisa uma temática a nível local.” (MACEDO, 2017, p. 67).

Nesse sentido, Goubert (1988) mantinha a História Local no âmbito da tradição dos Annales em seu diálogo com a vidalismo. Com efeito, Dosse (2004), nos informa sobre as intervenções feitas por Lucien Febvre nos embates entre sociólogos e geógrafos franceses, sendo estes os primeiros indícios da captação dos referenciais vidalianos pelos Annales, culminando na construção da geo-história braudeliana em que:

O meio e o espaço, termos equivalentes tanto para Braudel, quanto para Vidal de La Blache torna-se chave para sua escrita. (...) A Geo-história decide, determina, funda um horizonte intransponível, ela não se deixa levar por um extrato da realidade humana, e engloba tanto os fenômenos de ordem climática quanto os fatos da cultura. (DOSSE, 2004, p.127-128)

Se na geo-história braudeliana o foco das pesquisas historiográficas é a longa duração e o grande espaço geográfico, para Pierre Goubert e para os demais historiadores da Escola dos Annales, na década de 1950/60, o pequeno espaço e suas relações humanas, são eleitos como objetos de estudo para as análises historiográficas pautadas nos referencial teórico-metodológico da História local, que tem sua idade de ouro, quando:

Robert Boutruche (...) defendida, 1947, sua tese sobre a sociedade bordolesa (...); George Duby defende a sua sobre Mâconnais (...), em 1952. Em 1960, quando sai a tese de Pierre Goubert, Paul Bois defende a sua sobre os camponeses da Sarthe. Pouco depois, em 1962, Pierre Vilar apresenta sua Catalunha na Espanha moderna, e Le Roy Ladurie, seus camponeses de Languedoc em 1966 (DOSSE, 2004, p.136).

Com o intuito de apresentar uma síntese entre diversos elementos de ordem demográfica, econômica e social, equipes de pesquisadores foram criadas na França para atender a demanda por estudos locais, associada as universidades do interior da França, sob orientação do historiador Ernest Labrousse, que de Paris envia para o interior do país “uma força tarefa” composta por jovens pesquisadores com a finalidade, segundo Dosse (2004), de testar as hipóteses formuladas pelo próprio Labrousse. Tal estratégia pode ser interpretada como uma tentativa de compreensão da dimensão nacional, a partir de conclusões obtidas após a análise complementar, feita por esta ação coletiva, para realização de grupos de estudos direcionados a investigação de especificidades locais-regionais.

Os estudos sobre História regional/local eram conduzidos, de certa maneira, como possibilidade de confirmar ou corrigir as grandes formulações que haviam sido propostas ao nível das histórias nacionais/globais. Surgindo assim, como um contraponto capaz de oferecer uma iluminação em detalhes presentes em grandes questões econômicas, políticas, sociais e culturais que até então haviam sido examinadas somente no âmbito das dimensões nacionais.

Concomitantemente a este processo de debate sobre a herança vidaliana na Escola dos Annales e os embates entre o macro espaço predominante na Geo-história e o micro espaço, priorizado pelos historiadores dedicados aos estudos sobre História local/ regional, temos também no Brasil, grandes embates travados entre as produções locais, realizadas inicialmente por “memorialistas” e/ou pesquisadores, que privilegiavam, em suas narrativas, os interesses de lideranças locais que tinham sua imagem e atos destacados nos primeiros estudos locais realizados também por pesquisadores profissionais oriundos do meio acadêmico.

2.1.2 – A História local no Brasil e seus usos no ensino de História

Ao analisar as obras de Oriá Fernandes (1995) e Vilma Barbosa (2015) é possível afirmar a existência no Brasil, na primeira metade do século XX, de produções pautadas em aspectos da História local. Trabalhos com foco nas diversidades econômicas, sociais e culturais existentes nas regiões, microrregiões, estados e município brasileiros, assim como o protagonismo de grupos locais. Podemos então dizer que a produção sobre história local se intensificou:

no Brasil, a partir do século XIX, com a criação, nas províncias, dos Institutos Históricos Geográficos e, durante a primeira metade do século XX, com a produção dos memorialistas – configurada em estudos dos espaços históricos locais, buscava-se estabelecer uma identidade nacional brasileira que contemplasse mecanismos de homogeneização na concepção de nação, na qual priorizavam-se os aspectos político-administrativos e econômicos. (BARBOSA, 2015, p.28-29)

A preocupação, até então, era a busca por uma identidade nacional pautada em um projeto de nação que não contemplava as especificidades locais e mantinha os grupos locais sem visibilidade e voz, ou seja, em condição subalterna em relação à História Nacional. De acordo com Barbosa (2015), antes da década de 1970, havia ainda no Brasil um predomínio de uma historiografia local pautada por uma visão tradicionalista, de cunho personalista e memorialístico, onde as comunidades locais eram tratadas como se tivesse um único destino linear e evolutivo, regido por uma caminhada rumo ao progresso da região. Tal concepção não considerava os grupos locais como agentes históricos e as especificidades existente em cada localidade deste país.

As especificidades locais só passaram a ser objeto de investigação dos historiadores na academia brasileira a partir das décadas de 1970/80, época em que houve um profundo

crescimento da produção historiográfica pautada em temas vinculados a História Local. De acordo com Oriá (1995), o interesse pelo local é o resultado de um aprimoramento teórico-metodológico da Ciência História em um momento em que os primeiros cursos de mestrado e doutorado em História estavam sendo criados no Brasil.

Nesta nova perspectiva de observação, o objeto de estudo dos historiadores não era mais os grandes temas ligados a História Nacional, mas os micro temas, associados a dinâmica local. Contudo, segundo Cavalcanti (2018, p.277), devemos estar atentos para “evitar que a história local não reproduza em escala menor a mesma narrativa de uma história feita pelos [...] personagens do poder político e das classes dominantes locais.” Este alerta feito pelo autor, deve ser estendido, inclusive para o ensino de História local nos currículos de história destinados à educação básica. “Com efeito, a história local já se fazia presente no parecer 853 do Conselho Federal de Educação de 1971, quando se faz referência a história Local como recurso didático.” (CAVALCANTI, 2018, p. 276)

Mas foi nos anos 1990 que a História Local ganha novos contornos. Podemos dizer, então, que:

o ensino de História Local vem, (...), romper com a visão tradicional em que se priorizava o estudo da chamada “História Geral da Civilização brasileira”, (...) a ideia de um Brasil homogêneo, sem diferenças, conflitos e contradições sociais e um passado unívoco. (...), onde emerge os grandes feitos dos grandes homens, não dava lugar e voz ao homem comum que no seu espaço de vivência local (bairro, comunidade, município, estado, região) produz história, a partir de experiências de vida cotidianas (ORIÁ, 1995, pg. 46)

Simultaneamente, observa-se um processo de revisão nas concepções que regiam os trabalhos sobre História Local, no momento em que:

são consideradas novas dimensões, novos olhares, novos objetos e novas preocupações, especialmente em tributo aos protagonistas históricos até então silenciados, excluídos e alijados da historiografia oficial que, a partir de então, alcançam uma maior visibilidade nos processos históricos.” (BARBOSA, 2015, p.30)

Este progressivo desenvolvimento da História Local na academia acaba por impactar no ensino básico. Ao nosso ver, pode também ser compreendido como uma tentativa de oferecer um contraponto às produções historiográficas e no caso da educação básica, aos materiais didáticos, que ainda persistem em oferecer uma abordagem onde predomina a História Nacional, enfim, uma narrativa apartada e/ou diminuta das especificidades locais.

Em contrapartida:

se considerarmos a História do Brasil com o foco centrado na história do Rio de Janeiro (...), devemos nos ater ao fato de que, antes de serem tomadas como história nacional, elas são precisamente, histórias locais, deram-se temporal e espacialmente na esfera local, mesmo sendo de repercussão nacional ou mundial. (BARBOSA, 2015, p.33)

Sendo assim, é válido analisar as possíveis tensões e articulações existentes na relação entre a esfera local e a nacional, assim como é fundamental compreender o desenrolar dos processos históricos sob a perspectiva também de um olhar local. Esta nova abordagem historiográfica resulta de um processo, em curso, de renovação no campo da História que acabou gerando novas tendências historiográficas como a:

Nova História Francesa, no seu enfoque do cotidiano e da memória; a História Social Inglesa, ao recuperar a experiência social de contextos e de sujeitos históricos silenciados ou desprezados pela historiografia tradicional e, a Micro história Italiana, ao abordar a relação entre escalas de investigação. (BARBOSA, 2015, p. 38)

Novos enfoques que abrem perspectivas para o diálogo com a História Local, os chamados grandes temas e/ou sínteses da História Nacional perdem gradativamente a sua relevância diante de um crescimento de análises enfocadas em micro temas, onde a História Local passa a ser compreendida como um recurso teórico-metodológico a ser usado em pesquisas históricas, bem como no ensino de História na educação básica.

Diante do cenário de renovação no campo da História, entendemos que a história local deve ser entendida aqui como referencial teórico-metodológico e como objeto de investigação. Sendo assim, uma proposta de ensino de História, tendo como referencial a História da cidade do Rio de Janeiro, com ênfase na História da Ilha do Governador, tem por finalidade a análise dos processos históricos, considerando os aspectos micro e macro, as articulações e os tensionamentos entre a História local e a História Nacional/Global. Devemos ressaltar os avanços na configuração do campo da História Local como o diálogo com a micro-história, especialmente, no que tange ao conceito de escala, que contribui para a investigação das articulações e tensionamentos entre o local e nacional. Pois, “a aproximação da história local/regional com a micro-história se realiza norteada pela variação das escalas de análises que se alteram entre o micro e o macro social, entre o regional e o nacional, sem, no entanto, um anular o outro.” (COSTA, 2016, p. 260)

Nesta perspectiva, Jacques Revel, menciona que “um dos méritos da micro- história é ter colocado, de saída, o problema da variação de escala e dos efeitos cognitivos que podem ser-lhe associado” (REVEL, 2010, p.438). Em consonância com a afirmação de Revel, temos buscado, ao longo deste trabalho dissertativo, estabelecer uma linha argumentativa capaz de conceder visibilidade as especificidades locais e aos agentes históricos inseridos na Ilha do Governador, tendo como intencionalidade identificar e problematizar as possíveis articulações e tensões entre aspectos micro e macro na relação entre global/local.

2.1.3 – A representatividade da temática História Local nas dissertações do Profhistória

Com o objetivo de identificar a abrangência da História Local, em relação ao conjunto de dissertações em Ensino de História disponibilizadas no Portal Profhistória, constatamos que de um montante de aproximadamente 900 dissertações disponibilizadas para consulta no Portal Profhistória, 189 dissertações estão relacionadas a aspectos associados a História Local, até o momento que fizemos esta busca ativa no site. Esta constatação foi obtida, tendo como referencial as dissertações disponibilizadas no portal do Profhistória Nacional de 2016 a 2022, até o dia 13 de novembro de 2023, data que concluímos a análise em questão.

Para chegar a este quantitativo de dissertações, usamos como “filtro” o termo “História Local” tendo como referencial a palavra-chave, título ou resumo. Concluímos assim que a representatividade e o impacto da temática História Local é bem significativa dentre as dissertações disponibilizadas no Portal do Profhistória Nacional. Prova disso, é que cerca de 20% das dissertações disponibilizadas no Portal Profhistória tem relação com a temática História Local.

Ao considerar que o mestrado em Ensino de História, privilegia professores de história atuantes nas redes públicas de ensino deste vasto país, percebemos que há um lugar, de fato, nos currículos escolares da educação básica a ser preenchido pela História Local, haja vista o relevante interesse dos docentes por esta temática.

Esta relevância, por sinal, não está restrita a uma região geográfica específica. Na busca que fizemos no Portal Profhistória, identificamos quase que um “empate técnico” entre as regiões sul e sudeste. Contudo a região sul do país é a que mais possui dissertações disponibilizadas no portal referente a História Local, totalizando um quantitativo de 49 dissertações, considerando o recorte temporal de 2016 a 2022 e o dia 13 de novembro de 2023 como data de conclusão desta análise. Em termos quantitativos, segue o ranking referente as dissertações relacionadas a História Local disponibilizadas no Portal Profhistória Nacional:

- região sul com 49 dissertações;
- região sudeste com 43 dissertações;
- região centro-oeste com 39 dissertações;
- região norte com 30 dissertações;
- região nordeste com 28 dissertações;

A tabela que elaboramos e disponibilizamos a seguir foi concebida com a intenção de verificar o quantitativo de dissertações onde a palavra-chave, título e/ou resumo se referiam ao termo História Local, considerando o recorte que se estende do ano de 2016 até o ano de 2022.

Quantitativo de dissertações disponibilizadas no Portal Profhistória referente ao termo “História Local” presente na palavra-chave, título ou resumo							
Estados federativos por região		Quantitativo de dissertações por ano de publicação					
		2016	2017	2018	2019	2020	2021
Região Sul (49 dissertações)	Rio Grande do Sul	03	02	01		04	
	Paraná			12	01	05	01
	Santa Catarina	07	03	01		01	06
Região Sudeste (43 dissertações)	Rio de Janeiro	18		05	04	09	03
	São Paulo			01	01	02	
	Minas Gerais						
Região Centro-oeste (39 dissertações)	Espírito Santo						
	Mato Grosso			10	01	12	09
	Mato Grosso do Sul			04		03	
	Goiás						
Região Nordeste (28 dissertações)	Distrito Federal						
	Alagoas						
	Bahia			03		02	
	Ceará					01	
	Maranhão						
	Paraíba						
	Pernambuco			03	02	04	06
	Piauí						
	Rio Grande do Norte			01	01	03	01
Região Norte (30 dissertações)	Sergipe			01			
	Acre						
	Amapá			01			
	Amazonas						
	Pará			01	02	05	06
	Rondônia						
	Roraima						
	Tocantins	06		02	01	03	02
		2016	2017	2018	2019	2020	2021
		34	05	46	13	54	34
							03
Quantitativo total de dissertações referente ao termo “História Local” presente na palavra-chave, título ou resumo		189 dissertações					

Tabela 4: Quantitativo de dissertações disponíveis no Portal Profhistória, relativa ao termo “História Local”.

Autor da tabela: Mestrando Daniel Alexandre Carlos

Fonte: <https://www.profhistoria.com.br/articles?terms=historia%20local> Acesso dia 13 de nov. de 2023.

A partir dos dados obtidos, constatamos o grande impacto que a temática História Local tem efetuado nos cursos do mestrado Profhistória distribuídos em universidades presentes nas mais variadas regiões brasileiras. Em relação ao ano de maior e menor quantidade de dissertações sobre História Local disponibilizadas pelo Portal Profhistória, verificamos que o ano de 2020 foi o de maior impacto, com 54 dissertações disponibilizadas, seguido pelo ano de 2018 com 48 dissertações e os anos de 2016 e 2021 com 34 dissertações cada. Quanto aos anos de menor impacto, em relação aos anteriores, temos o ano de 2019 com 13 dissertações, o ano de 2017 com 05 dissertações e o ano de 2022 com 03 dissertações.

Quando focamos nos estados federativos que possuem mais dissertações disponibilizadas no Portal Profhistória, verificamos que o primeiro lugar é ocupado pelo estado do Rio de Janeiro com 39 dissertações, o segundo lugar fica para o estado de Mato Grosso com 32 dissertações e em terceiro lugar temos o estado de Santa Catarina com 20 dissertações, seguindo de perto pelo estado do Paraná com 19 dissertações alusivas à temática História Local.

Como serviço de utilidade pública, aos docentes que também se dedicam a pesquisa referente aos aspectos da História Local, disponibilizamos, um anexo ao final desta dissertação, com os dados alusivos as dissertações, disponibilizadas no Portal Profhistória, associadas ao termo História Local, em destaque na tabela acima relativa ao quantitativo de dissertações sobre História local, obtido quando se aplica como “filtro” o termo “História Local”, no ícone: a palavra-chave /título/resumo.

Quando refletimos sobre a importância da inserção da história local na grade curricular do ensino médio, entendemos que a busca e o grande quantitativo de dissertações referente a História Local, disponibilizadas no banco de teses do Portal Profhistória, é uma excelente opção para docentes encontrarem excelentes propostas de atividades a serem desenvolvidas em sala de aula, com seus alunos da educação básica.

É neste contexto que se enquadra a dissertação defendida no ano de 2020, pelo professor Valdinei Deretti, agora mestre em Ensino de História, pelo Programa de Pós-graduação em Ensino de História – ProfHistória - da Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis. A dissertação por sinal, ficou em 1º lugar no Prêmio Profhistória de melhor dissertação turma 2020. A pesquisa desenvolvida por Deretti apresenta uma proposta de Ensino de História Local da cidade de Guaramirim/SC¹⁰, a partir de uma perspectiva de Educação Patrimonial, tendo como objetivo o estudo da memória e da história local, com ênfase nas diversidades e sociabilidades, em diferentes temporalidades.

Ao analisar a dissertação de Deretti, percebemos a existência de pontos de convergências com o trabalho desenvolvido nesta dissertação. Em concordância com o autor, acreditamos no potencial educativo que a cidade/local pode oferecer no processo de ensino/aprendizagem, através dos usos das memórias, das subjetividades, das vivências dos alunos, assim como na subjetivação democrática, para dar visibilidade “as histórias subalternizadas.” (DERETTI apud. ABREU 2016, p. 61).

¹⁰ Segue link de acesso a dissertação do professor Valdinei Deretti. [Portal eduCapes: Ensinar História na Cidade: Uma Proposta de Educação Patrimonial para Guaramirim/SC](#)

A relevância da dissertação de Deretti está na compreensão e valorização da história local, do patrimônio histórico-cultural como instrumentos de potencial educativo para o processo de ensino/aprendizagem e sua contribuição para o debate sobre a importância do ensino da História, principalmente local, nos espaços não formais, como a cidade. Além do mérito por apresentar excelentes sugestões de atividades pedagógicas para trabalhar aspectos locais com os alunos dentro e fora de sala de aula.

Outro aspecto relevante e de certa maneira esclarecedor, para mestrandos que se dedicam a elaborar uma dissertação em ensino de história, é constatar que o trabalho de Deretti tendeu mais para o estabelecimento de uma mediação e diálogos com trabalhos já produzidos sobre o tema, do que necessariamente a elaboração de uma pesquisa historiográfica no estilo dos mestrados acadêmicos tradicionais.

A intenção do autor durante o processo de pesquisa nos pareceu ser mais a de identificar possíveis tensionamentos existentes entre as narrativas tradicionais/oficiais em relação a outras narrativas possíveis e trabalhos acadêmicos. Por fim, a dissertação em questão nos parece relevante por sua intenção de fazer com que o conhecimento, produzido por esses trabalhos acadêmicos pesquisados, circulem também entre os alunos da educação básica e na sociedade de maneira geral.

As atividades sugeridas como produto da dissertação em questão são plenamente adaptáveis a contexto de outras cidades. As reflexões sobre a preservação, conscientização e problematização dos patrimônios são bem relevantes. O alerta dado sobre uma das finalidades da história local que é dar visibilidade a uma pluralidade de vozes e problematizar o que exclui ou limita esta pluralidade, também é extremamente importante. Enfim, uma proposta de roteiro pela cidade envolvendo diferentes espaços, narrativas, personagens e fontes centradas na temática das diversidades e sociabilidades na formação e no cotidiano de uma cidade é perfeitamente viável de ser desenvolvida e serve sim de parâmetros para novas propostas de ensino de história, como a que este presente trabalho está apresentando neste momento.

2.2. A História Local na grade curricular do Ensino Médio: possibilidades e desafios

Uma das premissas básicas deste trabalho, se resume a garantir um lugar no ensino de história, para a história local. Sendo assim, nos dedicaremos neste item a apresentar argumentos que justificam a viabilidade da proposta de disciplina eletiva e a possibilidade de alinhamento aos pressupostos estabelecidos pela BNCC – Base Nacional Comum Curricular destinada ao

Ensino Médio, assim como alinhada as orientações da equipe técnica / pedagógica da Seeduc-rj, reunidas no Currículo Referencial do Estado do Rio de Janeiro, destinado ao segmento Ensino Médio, na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, para a componente curricular História, referente ao planejamento do 1º bimestre da 1ª série do Ensino Médio Regular e/ou planejamento do 1º bimestre da EJA (Educação de Jovens e Adultos) Módulo I.

Para dar início ao processo de busca por evidências que confirmem a possibilidade de alinhamentos entre a proposta deste trabalho e as competências e habilidades estabelecidas pelos órgãos reguladores, começamos pela competência 1, que estabelecida pela BNCC em diálogo com o Currículo Referencial do Estado do Rio de Janeiro¹¹ (2022. pág.106/143), destaca a importância de se:

Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais, **nos âmbitos local, regional, nacional e mundial** em diferentes tempos, a partir de procedimentos epistemológico e científico, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vistas e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científicas. (Grifo feito pelo autor da **dissertação**)

O destaque inicial concedido a competência 1, é justificável, por entendermos que a competência em questão acaba por estimular a análise dos processos de natureza variada, considerando todos os níveis de existências, dentre eles o de âmbito local, além de almejar que os alunos estejam aptos a se posicionarem criticamente e tomarem decisões. Nesta perspectiva, percebemos que o ensino de história local apresenta os recursos teórico-metodológico necessários para atingir estas finalidades.

O presente trabalho aponta inúmeras possibilidades para a incorporação de um ensino de história de caráter temático, tendo como referencial aspectos das esferas políticas, econômicas, sociais e ambientais da Ilha do Governador na sua interface com a história da cidade do Rio de Janeiro e a História Nacional.

Através do ensino de história local, entendemos que seja possível a elaboração de atividades pedagógicas capazes de estimular os estudantes a levantarem hipóteses a partir da análise investigativa, tendo como referencial fontes históricas associadas a dinâmica local. A partir da análise dos processos históricos pela ótica do ensino de história local cremos que seja possível atingir outros aspectos associados a competência 1, que se caracteriza por “operacionalizar conceitos como etnicidade, temporalidade, memória, identidade, sociedade, territorialidade, espacialidade, etc. e diferentes linguagens e narrativas que expressem culturas, conhecimentos, crenças, valores e práticas.” (BNCC, p. 571).

¹¹ Segue link de acesso ao currículo referencial do ensino médio
<https://novoensinomedio.educacao.rj.gov.br/curriculo-referencial.php> Acesso dia 20 de novembro de 2023.

Quando analisamos as habilidades estabelecidas pela BNCC e associadas a competência 1, percebemos que a habilidade (EM13CHS101) se destina a:

Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais. (BNCC, 2017, p. 572)

Analizando a habilidade (EM13CHS101), é possível perceber o quanto esta habilidade tende a estimular os docentes a promoverem em sala de aula, um ambiente favorável para que os estudantes se sintam motivados a realizarem pesquisas investigativas sobre processos e eventos históricos a partir da análise de fontes e narrativas históricas que podem ser plenamente associadas a contexto local onde os alunos estão inseridos, viabilizado por uma proposta de ensino de história local.

Tendo como referencial a habilidade (EM13CHS102), que se refere a:

identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplam outros agentes e discursos. (BNCC, 2017, p. 572)

Entendemos que a habilidade em questão, enfatiza que uma das atribuições do professor de história, é buscar uma metodologia de ensino que capacite os estudantes a identificar, analisar e discutir os acontecimentos históricos com o intuito de despertar a visão crítica. O uso dos recursos teórico-metodológico pautados no ensino de história local pode ser uma excelente ferramenta para atingir este objetivo. Haja vista que durante a abordagem de temas transversais como colonização e escravidão com suas implicações no âmbito local, é possível motivar os estudantes a compreenderem o significado de vários conceitos como racismo, etnocentrismo, eurocentrismo, decolonialismo, diversidade, tolerância, respeito etc.

Em relação a habilidade (EM13CHS103), que se resume a:

Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros). (BNCC, 2017, p. 572)

Podemos presumir que o objetivo do ensino de história, a partir desta habilidade seria capacitar os estudantes a estarem aptos a vivenciarem práticas próprias do ofício dos historiadores, sem que este seja o objetivo final de nossa ação enquanto professor de história da educação básica. Entendemos que através dos estudos pautados nos referenciais da história local, podemos sim auxiliar os estudantes a formularem hipóteses a partir de ações

investigativas pautadas nas evidências detectadas na análise de fontes históricas que podem ser referir a processos históricos com repercussão em âmbito local.

Quanto a habilidade (EM13CHS104), se destina a:

Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço. (BNCC, 2017, p. 572)

Entendemos que o ensino de história local, oferece recursos metodológicos adequados para embasar os professores para colocarem em prática atividades pedagógicas que levem os estudantes a se tornarem aptos ao que está definido na habilidade em questão. Para tanto, estimular os estudantes a participarem, por exemplo, de aulas de campo a partir de um roteiro definido em parceria com os próprios alunos pelas ruas da própria localidade em que a escola se encontra inserida, pode ser uma excelente estratégia a incentivá-los a conhecerem e problematizarem os lugares de memória e os espaços de sociabilidade presentes na região onde estão inseridos, além de torná-los aptos para saberem distinguir objetos e vestígios cultura material em relação a outros identificados como exemplo de cultura imaterial.

A habilidade (EM13CHS106), se refere a:

Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica, diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais, incluindo as escolares, para se comunicar, acessar e difundir informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (BNCC, 2017, p. 572)

O mérito desta habilidade é propor encorajar, estudantes e docentes, a romperem com uma visão sistêmica, que insiste em identificar os conhecimentos de maneira hermética, isto é, separados e reservados nos “limites” de cada disciplina, para adotar uma nova postura diante dos fatos, onde cabe perfeitamente e são bem-vindas a realização de ações pedagógicas de caráter interdisciplinar, que levem os estudantes a constatarem os pontos de convergências que existem entre as diversas áreas do conhecimento.

É neste sentido, que reafirmamos, a partir do ensino da história local, que o professor pode propor ações que contribuam para a formação de estudantes críticos, reflexivos e éticos capazes de serem protagonistas do próprio aprendizado, quando são incentivados a exercerem uma postura autoral diante de situações-problemas, apresentadas em atividades em sala de aula e na sua ação na sociedade enquanto cidadão.

Partimos agora para análise da habilidade (EM13CHS101/RJ01), neste caso específico, elaborada pela equipe técnica e pedagógica da Seeduc-rj, que se define por:

valorizar o conjunto de conhecimentos legados pelas sociedades humanas ao longo do tempo e relacionar com a realidade de **cada território em que a escola está**

inserida. (2022. pág.106/143) (Grifo feito pelo autor da dissertação)

A habilidade em questão parece que foi planejada para o ensino de história local, pois umas de suas premissas básicas se resume a conduzir os estudantes a identificarem e compreender os impactos dos processos históricos tanto em âmbito global quanto no âmbito local onde a escola está inserida. Esta habilidade tende a reforçar a concepção que este território tem uma história que merece ser narrada e refletiva a partir também das experiências e memórias dos próprios estudantes, favorecendo desta forma a percepção que são também coautores desta história local.

Sendo assim, em consonância com o contexto analisado a:

história local tem sido indicada como necessária para o ensino por possibilitar a compreensão do entorno do aluno, identificando o passado sempre presente nos vários espaços de convivência – escola, casa, comunidade, trabalho e lazer – igualmente por situar os problemas significativos da história do presente. (BITTENCOURT, 2009, apud CAVALCANTI, 2018, p. 277)

Endossando este olhar, cabe ressaltar que sim, é possível estabelecer “um novo lugar a história local pautado em dois sentidos: a possibilidade de tratar de maneira consequente as regionalidades no âmbito nacional e de investigar a história imediatamente visível aos estudantes a própria escola, o bairro, a cidade.” (ABREU, 2016, p. 64).

Desta forma, percebemos que através de proposta de ensino pautada nos referenciais teórico-metodológico da História Local, podemos, dar a nossa contribuição no sentido de educar o olhar dos estudantes com o intuito de que compreendam que local onde realizam suas ações cotidianas tem uma história que precisa ser conhecida e investigada.

Enfim, ao operar uma proposta de ensino de História local, o professor tem a sua disposição recursos teórico-metodológico capazes de desenvolver, em sala de aula, atividades investigativas sobre a dinâmica local onde os estudantes estão inseridos. Desta forma, as atividades desenvolvidas em ambiente escolar podem contribuir para auxiliar os estudantes no processo intrapessoal de busca pelos referenciais identitários.

Entretanto, a competência 1 não é a única que abre margem para uma abordagem em sala de aula de aspectos referente a História Local. Quando analisamos as competências 3, 5 e 6 estabelecidas também pela BNCC, encontramos outros pontos de convergências que só reforça e justifica a inserção de uma disciplina eletiva sobre História Local na grade curricular do segmento ensino médio. Para iniciar análise que endossa a importância e a viabilidade de uma disciplina eletiva sobre História local segue, na íntegra, respectivamente a competência 3 e a habilidade (EM13CHS302):

Competência 3 - Analisar e avaliar criticamente as relações de diferentes grupos, povos e sociedades com a natureza (produção, distribuição e consumo) e seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à proposição de alternativas que

respeitem e promovam a consciência, a ética socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional, nacional e global. (BNCC, 2017, p. 574)

(EM13CHS302) Analisar e avaliar criticamente os impactos econômicos e socioambientais de cadeias produtivas ligadas à exploração de recursos naturais e às atividades agropecuárias em diferentes ambientes e escalas de análise, considerando o modo de vida das populações locais – entre elas as indígenas, quilombolas e demais comunidades tradicionais –, suas práticas agroextrativistas e o compromisso com a sustentabilidade. (BNCC, 2017, p. 575)

Quando analisamos minunciosamente a competência 3 e a habilidade (EM13CHS302) em destaque, nos parece que a intenção seja aguçar a percepção dos estudantes a respeito dos possíveis impactos econômicos e socioambientais causados pela ação humana, assim como a importância do desenvolvimento, nas escolas da educação básica, de uma ação pedagógica que sensibilize os estudantes a exercerem no seu cotidiano, uma atitude consciente e ética que garanta a manutenção da biodiversidade em âmbito local, regional, nacional e global, enfim que os estimulem para o exercício de um consumo responsável e sustentável.

Ao longo desta dissertação, pautada no ensino da história da Ilha do Governador, demos boas indicações a respeito dos danos ambientais causados pelas caieiras, na extração de conchas marinhas para a produção da cal, além dos danos causados pela liberação de óleo e derivados das embarcações que atuam no processo de refino do petróleo em ilhas da Baía de Guanabara.

Neste sentido, quando conduzimos os estudantes a refletirem sobre acontecimentos históricos com impacto na biodiversidade existente em âmbito local, oferecemos no ambiente de sala de aula condições adequadas para tornar os estudantes aptos ao que determina a competência 3 e a habilidade (EM13CHS302).

Dando sequência as análises, destacamos respectivamente e na íntegra a competência 5 e as habilidades (EM13CHS502) e (EM13CHS504):

Competência 5 - Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos. (BNCC, 2017, p. 577)

(EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais. (BNCC, 2017, p. 577)

(EM13CHS504) Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas. (BNCC, 2017, p. 577)

Em relação a competência 5, abordaremos com mais profundidade no capítulo 3 alguns episódios históricos, ocorridos na Ilha do Governador, que ao serem analisados criticamente em sala de aula pode servir como uma grande ação pedagógica em defesa dos valores

democráticos. Estamos nos referindo aos fatos ocorridos na Base Aérea do Galeão, durante o período em que Getúlio Vargas retorna à presidência, episódio conhecido como “República do Galeão” e posteriormente ao período pós assinatura do Ato Institucional nº 5, nos abomináveis episódios relacionados a prisões arbitrárias, tortura, desaparecimento e morte de cidadãos brasileiros na mesma base aérea em destaque.

Ao narrar tais fatos históricos em sala de aula, pela perspectiva da história local, temos como intencionalidade formar estudantes com uma postura ética e defensores da democracia e do respeito aos direitos humanos, ou seja, damos a nossa contribuição enquanto docentes da educação básica para que os alunos estejam aptos em relação ao que é estabelecido pela competência 5 e habilidade (EM13CHS502).

Quando abordamos a chegada e as vivências dos povos de origem africana que foram escravizados na Ilha do Governador, tínhamos também como intencionalidade “desnaturalizar e problematizar” a origem das desigualdades sociais e do preconceito racial do Brasil, que deve ser associadas ao tempo da escravidão e as permanências de uma mentalidade escravocrata que insiste em se manter em boa parte da sociedade brasileira.

Neste sentido, entendemos que o ensino de história local favorece ao desenvolvimento de uma educação antirracista capaz de esclarecer os estudantes a respeito dos malefícios causados pelo preconceito, intolerância e discriminação e o quanto é importante despertarmos já no período escolar da educação básica o exercício da cidadania, solidariedade respeito às diferenças e às liberdades individuais. Desta forma, a partir do ensino de história local podemos levar os alunos a desenvolverem as habilidades (EM13CHS502) e (EM13CHS504).

Para finalizar, mais não menos importante, entendemos que é possível se incorporar na grade curricular do ensino médio uma disciplina eletiva sobre História Local tendo como parâmetro a competência 6 e a respectiva habilidade (EM13CHS606), em destaque abaixo:

Competência 6 - Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade. (BNCC, 2017, p. 578)

(EM13CHS606) Analisar as características socioeconômicas da sociedade brasileira – com base na análise de documentos (dados, tabelas, mapas etc.) de diferentes fontes – e propor medidas para enfrentar os problemas identificados e construir uma sociedade mais próspera, justa e inclusiva, que valorize o protagonismo de seus cidadãos e promova o autoconhecimento, a autoestima, a autoconfiança e a empatia. (BNCC, 2017, p. 579)

Partindo do pressuposto que os fatos históricos são gravados tanto no âmbito nacional/global quanto no âmbito regional/local, entendemos que seja plenamente possível e justificável, a partir de uma metodologia de ensino pautada nos preceitos da história local, contribuir, para

tornar os estudantes competentes e hábeis para exercer plenamente sua cidadania e sua postura crítica sobre o contexto socioeconômico que se apresenta no seu cotidiano. Desta forma, a nosso ver, através do ensino de história local temos recursos potentes para estimular os estudantes a serem protagonistas do próprio aprendizado e motivá-los a expor sua visão crítica sobre o contexto que estão inseridos.

2.3. As potencialidades pedagógicas de uma proposta de Ensino de História Local

Quando pensamos no potencial pedagógico que um ensino de história local é capaz de oferecer aos docentes e estudantes da educação básica, um aspecto que destacamos nestas primeiras considerações se refere ao fato de que através do ensino de história local o professor dispõe de recursos para estimular o protagonismo juvenil ao compreender que:

um trabalho de história local é uma ótima oportunidade para a atuação dos próprios professores e alunos como sujeitos produtores de conhecimento eleito como objeto de estudo, (...) que prezam por uma educação centrada na promoção da autonomia, da responsabilidade e da proatividade dos alunos (COSTA, 2019, p.134).

Dentro desta perspectiva, quando Alberti (2019) indica que quanto mais os alunos tiverem oportunidade de trabalhar com fontes, mais poderão progredir na aquisição de saberes e prática vinculados à análise e à interpretação de dados a partir da formulação de problemas. A autora sinaliza, o quanto é importante os docentes promoverem no ambiente de sala de aula condições pedagógicas para que aos estudantes se sintam protagonistas do próprio aprendizado.

Sendo assim, a partir de uma proposta de ensino de história local, geramos condições favoráveis para aquisição significativa de conhecimento, quando estimulamos os estudantes a refletirem sobre questões relativas ao seu contexto local, a formularem hipóteses acerca das temáticas que estão sendo apresentadas e durante os debates em sala de aula se sintam motivados a expressarem sua visão crítica da realidade.

O ensino de História Local, a partir do trabalho com fonte em sala de aula, segundo Alberti (2019), favorece também a compreensão das possíveis intencionalidade que as fontes podem documentar ou os fatos que as fontes, a priori, não pretendiam documentar. Neste sentido, ao abordarmos assuntos vinculados a uma dinâmica de âmbito local, através do estímulo a análise de fontes, proporcionamos aos estudantes a possibilidade de compreenderem que não existem verdades absolutas, que dependendo das circunstâncias políticas, econômicas e socioculturais em que o documento “monumento” foi produzido, assim como o contexto temporal que ele foi elaborado, a conclusão a ser obtida pode variar de forma considerável.

Contudo, precisamos estar atentos para que nossas ações, por melhor que sejam as

intenções, não promovam uma interpretação errônea a respeito da nossa conduta e intenção, na condição de professores e pesquisadores de História. Sendo assim, cabe ressaltar que:

a motivação em ensinar História, a partir do uso de fontes “não se trata de tornar ou querer tornar o estudante um micro-historiador, (...) Ensinar utilizando fontes não quer dizer ensinar a produzir representações através das fontes, mas ensinar como os historiadores produzem conhecimento sobre o passado a partir das fontes disponíveis e quais os problemas implicados nessa produção.” (MULLET e SEFFNER, 2008, p.126)

Em concordância com os argumentos de Mullet e Seffner (2008), ao propor o ensino de História local, na educação básica, pautado por uma metodologia investigativa capaz de incentivar os estudantes a se sentirem estimulados a levantarem hipóteses a partir de suas análises sobre fontes históricas disponíveis, não temos como intencionalidade criar, entre os estudantes, uma geração de historiadores, por mais que amamos este ofício.

A intenção de fato é promover, entre os estudantes, a compreensão de como se constrói a pesquisa em história e assim levá-los a compreenderem que as narrativas empregadas no ensino de história resultam tanto de um saber acadêmico, fruto de um longo processo de estudos sobre processos históricos analisados por vários ramos da historiografia, como também de um saber escolar, fruto da relação professor-aluno, no “chão da escola”, das experiências vivenciadas pelos docentes em ambiente escolar e do entendimento que estes docentes tem dos seus alunos e da comunidade na qual a escola está inserida.

Retomando as reflexões sobre o uso e a abrangência das fontes históricas, no contexto atual de acesso a informações e conteúdo em tempo real em comparação aos vivenciados por estudantes das primeiras décadas do século XX, concordamos que neste período de transição vem ocorrendo uma grande

revolução documental que acabou com o império do documento escrito, permitindo que o olhar do historiador se desviasse dos documentos oficiais (...), para uma quantidade indefinível e enorme de vestígios do passado: imagens, filmes, (...), memória oral. (...) a revolução documental dobrou o olhar da disciplina História para aspectos da vida social, antes distantes do olhar dos historiadores, e apenas abordados por determinadas ciências como a Antropologia e a Etnologia. (MULLET E SEFFNER, 2008, p. 115)

Em concordância com estes autores, entendemos que, sendo possível, é sempre salutar a busca por uma diversificação das estratégias pedagógicas, na dinâmica em sala de aula, assim como entendemos ser benéfico e enriquecedor o uso variado de fontes históricas nas atividades investigativas propostas aos estudantes. Ir além do império do documento escrito pode abrir a, docentes e estudantes, um número expressivo de possibilidades de possibilidades pedagógicas.

Contudo, um desafio para tornar rotineira a diversificação das propostas pedagógicas em sala de aula é o fato dos professores de forma geral e da educação básica em particular, terem que dar conta de uma extensa carga curricular de conteúdos, além dos entraves

pedagógicos/econômicos impostos na dinâmica escolar, em muitos casos danosa para manutenção da saúde mental, diante das pressões exercidas sobre docentes para a obtenção, a qualquer custo, de resultados expressivos no vestibular e/ou provas externas formuladas pelas esferas governamentais para realização de suposta verificação de aprendizado dos estudantes.

Mesmo diante deste contexto um tanto desanimador, seguimos com o nosso propósito de potencializar o ensino de história a partir da busca constante por novas possibilidades de abordagem das temáticas históricas que considere também novos ângulos de observação, com a intencionalidade de conceder visibilidade as especificidades locais e voz a grupos populacionais e agentes históricos locais que costumam ser silenciados no ensino de História.

Para tanto, entendemos que as nossas ações didáticas em sala de aula precisam necessariamente estarem alinhadas a um planejamento pedagógico que procure compreender o que motiva os estudantes, principalmente os jovens e adultos da EJA e do Ensino Médio noturno a permanecerem presentes na escola, participando das atividades propostas, mesmo após terem passado por uma extensa jornada diária de trabalho. Enfim, um planejamento que dialogue também com as áreas de interesses dos estudantes e não simplesmente uma proposta pedagógica que imprima somente os interesses impressos nos manuais curriculares pré-determinados pelos órgãos reguladores.

De fato, é fundamental que estejamos receptivos a um número abrangente de potencialidades presentes nas experiências e memórias dos nossos alunos, suas reflexões diante das experiências por eles vividas, enfim, sua visão crítica sobre as temáticas que propomos em ambiente escolar. Devemos, a nosso ver, considerar as histórias que ouviram falar, em suas diversas formas de representatividade expressas através das artes cênicas e cinematográfica, na música, nas conversas de cunho familiar, nos espaços de sociabilidade frequentado pelos estudantes, na própria escola, em aulas de história de anos letivos anteriores, ministradas por outros docentes, nas mídias sociais, em livros e nos lugares de memória presente no local onde nasceram, habitam e realizam suas ações cotidianas.

Para tanto, é bastante relevante a análise de Maria Lima (2019) sobre a importância do desenvolvimento da consciência histórica dos estudantes, quando ela sinaliza que:

A perspectiva abre horizonte de análise para o ensino de História, (...), na medida em que o estudante não é tomado a priori como um ser sem consciência, mas como alguém que tem uma maneira própria, socialmente construída, de enxergar a relação entre o presente, o passado e o futuro. O ensino de História passa, então, a ter como principal tarefa criar possibilidades de desenvolvimento da consciência histórica dos estudantes. (LIMA, 2019, P.232)

Em consonância com os argumentos de Maria Lima (2019) entendemos a importância de seguir na busca constante por abordagens pedagógicas que dialoguem com a realidade

vivenciada pelos estudantes e sirva de instrumento potencializador na busca pela compreensão da realidade que estão inseridos. Enfim, precisamos, enquanto docentes, seguir auxiliando os nossos estudantes, a compreenderem as etapas transitórias dos processos históricos, para que eles não naturalizem o contexto local que vivem seja ele hostil ou animador.

Outro aspecto que não devemos perder de vista, no processo de consolidação de uma proposta de ensino pautada nos preceitos da História local, está relaciona a questão patrimonial. Para tanto, conforme Oriá, (1993, p. 266) é de suma importância que a temática relacionada ao “Patrimônio Histórico-Cultural seja incorporada enquanto objeto de estudo no ensino de História, a fim de desenvolver em nossos alunos a consciência preservacionista da memória histórica, enquanto referencial de nossa identidade e construção da cidadania.”

Ao planejarmos ações pedagógicas em sala de aula, a partir da problematização dos vestígios patrimoniais locais, oferecemos aos estudantes a oportunidade de revisitarem suas memórias, confrontá-las com a história local implícita nestes vestígios patrimoniais, para que assim tenhamos condições de verificar a existência ou não de pontos de convergências.

A inserção do debate referente a questão patrimonial em sala de aula tem seu valor na compreensão dos fatores que levam ao desprezo e/ou vandalização destes vestígios patrimoniais locais, sem perder de vista o quanto é importante estabelecer em sala de aula momentos para problematização destes vestígios patrimoniais e lugares de memória. Desta forma, podemos motivar os estudantes a refletirem e tecerem suas análises a partir do contexto que foram produzidos, a lógica de sua produção, o que expressa, quem busca exaltar, entre outras questões.

Em concordância com os argumentos de Oriá (1993), entendemos que, como representantes da sociedade civil, nós professores de História, precisamos nos manter comprometidos com a inserção da temática patrimonial em sala de aula e ciente que a proteção deste patrimônio só é possível a partir da atuação sincronizada da educação patrimonial, incentivo a pesquisa histórica e preservação do bem público. Neste sentido, o que seria para Oriá o balizador de uma Educação Patrimonial? Seria a utilização dos lugares de memória no processo educativo, no intuito de sensibilizar os estudantes e assim promover o despertar gradativo de uma consciência preservacionista.

A temática Patrimônio Cultural já está incluída no currículo do Ensino Médio de boa parte das redes estaduais de ensino. Na cidade do Rio de Janeiro, a Seeduc- rj chegou a elaborar uma habilidade, no caso, a EM13CHS104/RJ01, como consta no referencial curricular do Estado do Rio de Janeiro (2022. págs.106/143) destinada a “compreender a apreciação, frequentaçāo e a produção de cultura material e imaterial como elemento da elaboração do conhecimento, parte integrante do patrimônio cultural de todo o país.”

A equipe técnica e pedagógica da Seeduc-rj ao elaborar a habilidade em questão tinha como intencionalidade (2022. pág.106/143):

garantir aos alunos acesso as disputas simbólicas sobre a herança cultural, a valorização da memória e do patrimônio histórico material e imaterial para a construção das identidades nacionais. (...) Conceitos e práticas do patrimônio material e imaterial; A criação do SPHAN na Era Vargas e a discussão sobre tradição X modernidade.

Sendo assim, a partir de uma proposta de ensino de história local, que será esboçada de forma mais ampla no capítulo 3, pretendemos oferecer caminhos e alternativas para que docentes da educação básica, consigam identificar e abordar nas aulas com os estudantes os possíveis tensionamentos e articulações dos processos históricos na interface entre a História Local, Nacional e Global.

Consideramos também de suma importância, que os estudantes conheçam e experimentem práticas de trabalho dos chamados por Oriá, “profissionais de memória”, no caso, historiadores, antropólogos, arquivistas, museólogos e educadores de forma geral. Tendo as reflexões de Oriá (1995) como elemento norteador de ações, o caminho a ser trilhado, é parte integrante do processo de democratização do acesso à cultura para cidadãos de todos os segmentos sociais, com vistas a refletir e problematizar aos patrimônios materiais e imateriais representativos das contribuições de grupos até então subalternizados na memória histórica brasileira.

Entendemos assim, que o produto educativo oferecido a sociedade a partir desta dissertação deva, dentre os objetivos gerais já mencionados anteriormente, considerar também a análise e problematização dos lugares de memória e os espaços de sociabilidades presentes na região onde a escola está inserida, no caso desta dissertação, o Colégio Estadual Rotary, localizado na região da Ilha do Governador, mais precisamente no bairro da Freguesia. Abrir espaço na sala de aula para conhecer as histórias pessoais dos estudantes nestes locais, tentar entender como estes espaços e construções impactam ou são impactados pela rotina dos moradores e como expressam ou não a realidade que se apresentam no contexto local.

Capítulo 3 – Uma proposta de Ensino de História a partir dos referenciais teórico-metodológicos da História Local

Neste capítulo 3, temos inicialmente como intencionalidade apresentar os princípios norteadores que embasaram a elaboração de uma disciplina eletiva sobre História Local a ser ministrada no Ensino Médio e as etapas do processo que percorremos para a preparação da propositiva didática desta dissertação. Ao longo deste capítulo, procuramos também oferecer argumentos que confirmem que a propositiva em questão está alinhada com as competências / habilidades estabelecidas pela Base Nacional Comum Curricular – BNCC. Na etapa final do capítulo, apresentamos de que maneira seria possível conduzir as ações desta disciplina eletiva sobre História Local, tendo como referencial estudantes do ensino médio de uma escola pública da Ilha do Governador.

3.1. Princípios norteadores para elaboração de uma disciplina eletiva sobre História Local

“Um currículo de História é, sempre, produto de escolhas, visões, interpretações, concepções de alguém ou de algum grupo que, em determinados espaços e tempos, detém o poder de dizer e fazer. Os currículos de História – sejam aqueles produtos das políticas públicas ou da indústria editorial, sejam os currículos construídos pelos professores na experiência cotidiana da sala de aula – expressam visões e escolhas, revelam tensões, conflitos, acordos, consensos, aproximações e distanciamentos.”
(SILVA e FONSECA, 2010, p.16-17)

Durante as primeiras aulas do mestrado, no primeiro semestre de 2022, a professora Dra. Patrícia Coelho, regente da disciplina História do Ensino de História, que cursamos ainda no formato remoto (*online*) pela PUC-RJ, propôs aos mestrandos o debate sobre o texto “Ensino de História hoje: errâncias, conquistas e perdas” de autoria de Marcos Antônio da Silva e Selva Guimarães Fonseca. O texto em questão foi publicado em 2010, na revista Brasileira de História. Quando lemos este texto, uma passagem que mais nos marcou, foi esta que escolhemos para abrir este terceiro capítulo.

A citação em questão, destaca que um currículo de História, para além de expressar as visões e escolhas de setores responsáveis pelas políticas públicas ou indústria editorial, é também o resultado da experiência cotidiana dos professores em sala de aula da educação básica. Esta citação nos marcou profundamente e a partir dela, intuitivamente, já se delineava os caminhos que iríamos percorrer no mestrado em ensino de história.

No momento que esboçávamos, as primeiras reflexões sobre a propositiva educativa que pretendíamos desenvolver, no Mestrado em ensino de história, uma questão que nos mobilizava era encontrar um instrumento pedagógico que pudesse assegurar um espaço, no currículo de

História, para a história local de forma geral e em particular, para a história que transcorria na Ilha do Governador, região onde se localiza, o Colégio Estadual Rotary, escola onde lecionamos a disciplina história, para estudantes do Ensino Médio Regular e da EJA.

Contudo, quando optamos, com o apoio e orientação do professor Dr. Fabio Garcez, por elaborar, como propositiva educativa, uma disciplina eletiva sobre História local, a ser sugerida e avaliada pela equipe técnica e pedagógica da Seeduc-rj, percebemos que um produto educativo focado somente na História Local da Ilha do Governador só contemplaria os docentes que atuam em escolas estaduais localizada nos bairros da própria região da Ilha do Governador.

A partir desta constatação, entendemos a importância de propor uma disciplina eletiva sobre História Local, sem uma vinculação direta a uma localidade específica, pois assim a disciplina proposta poderia ser escolhida normalmente por professores de toda rede estadual de educação do Rio de Janeiro, a partir do diálogo estabelecido com os seus estudantes em sala de aula e de sua percepção enquanto docente do contexto local onde se encontra instalado o colégio que atua profissionalmente como professor.

Ao longo da minha trajetória profissional na educação que, em fevereiro de 2024, completa exatos vinte anos, exercendo o cargo de professor de história na educação básica, uma questão que sempre nos incomodou é a ênfase dada no currículo de História a conteúdos muito distante da realidade temporal e espacial dos estudantes e a consequente baixa relevância dada a história local no ensino da disciplina história.

Etimologicamente, currículo vem do latim *curriculum* (corrida) que, por sua vez, tem origem no verbo *correre* (correr), podendo ser significado simultaneamente como o “ato de correr”/ “percorrer” e o “percurso” realizado ou a ser realizado nesse ato. Assim, o significante currículo faz referência a tanto ao percurso/caminho (substantivo) como ao ato de percorrer (um verbo). (GABRIEL,2019, p.72)

Contudo, iremos me ater, nesta dissertação, em outro conceito de currículo de história, que se explica na seguinte concepção:

o conjunto de conteúdos que compõem as “grades curriculares” dessa disciplina nos diferentes níveis de ensino ou que são contemplados pelas reformas curriculares nessa área de conhecimento com contextos sócio-históricos distintos. (GABRIEL,2019,p. 75)

O incômodo, a nosso ver, se justifica por termos a sensação, nas experiências em sala de aula, que boa parte dos estudantes, compreendem a História somente com o resultado das ações exercidas pelos grandes personagens que tem sua imagem associada uma história marcadamente nacional e/ou global ou como resultante de eventos históricos de grande repercussão nacional e/ou global.

Esta sensação ficou ainda mais evidente, quando começamos a lecionar também nas turmas da EJA (Educação de Jovens e Adultos) nos contatos com estudantes de uma faixa etária

mais avançada, em relação aos demais alunos do ensino médio da modalidade regular. Nas abordagens em sala de aula, temos constatado que, de forma aparentemente inconsciente, boa parte destes estudantes trazem, de maneira implícita em suas falas e/ou escrita, uma compreensão muito peculiar e tradicional do ensino de história e de maneira particular, da própria história. Esta percepção dos estudantes em relação a história pode estar associada a metodologias de ensino que vivenciaram em sala de aula, nas primeiras passagens que tiveram na sua trajetória escolar que, em alguns casos, foram interrompidas a décadas por circunstâncias variadas, como gravidez, necessidade de priorizar o trabalho, entre outros fatores.

Neste sentido, o mestrado em Ensino de História oferecido pelo Profhistória, vem dando sua contribuição ao estimular a reflexão sobre o ensino de história e ao incentivar os mestrandos, compostos por professores de história da educação básica das redes públicas de ensino deste vasto país, a desenvolverem propositivas didáticas a partir de suas experiências em sala de aula no âmbito escolar. O Profhistória, portanto, acaba por estimular os mestrandos/docentes a proporem em sala de aula, momentos de reflexão em relação aos anseios dos estudantes e ao contexto histórico da comunidade na qual a escola que atuam está inserida. Tendo como referencial os momentos abertos a reflexão e análise sobre aspectos inerentes a dinâmica local, entendemos ser necessário assegurar um espaço para o ensino de história local nos currículos de História das redes públicas de ensino. Com efeito, o ato de incentivar os estudantes a refletirem sobre questões que se apresentam em âmbito local não seria uma excelente alternativa para o despertar desta visão crítica? É por perceber as potencialidades do ensino de história local, que defendemos sua inserção, enquanto disciplina eletiva na grade curricular da educação básica.

Mas de que maneira seria possível inserir a história local no currículo de História do ensino médio? Entendemos que a elaboração de uma disciplina eletiva sobre História Local e a sua posterior sugestão de inserção no catálogo de eletivas oferecidas aos docentes da rede estadual de educação do Rio de Janeiro, seja um passo importante para que esta temática possa ser abordada em definitivo, nas escolas da rede pública de ensino do Estado do Rio de Janeiro.

O ato de propor uma disciplina eletiva sobre história local, a ser incorporada no currículo de história, é também a materialização de um ato de resistência de um professor que percebe que sua prática docente está sob forte ameaça, diante do que ficou definido a partir do ano letivo de 2024, onde a disciplina História deixa de ser oferecida na grade curricular das turmas da terceira série do ensino médio da rede estadual do Rio de Janeiro. A disciplina história, assim como a maior parte das disciplinas que compõe a Formação Geral Básica, tende a ser substituída por disciplinas eletivas e itinerários formativos que, em sua maioria, não tem uma relação direta

com os conteúdos abordados nos cursos de graduação feito pelos professores e com as competências e habilidades estabelecidas pela BNCC.

Diante deste contexto caótico, como ficaria, por exemplo, a preparação dos estudantes da terceira série do ensino médio para as provas de ingresso em vestibulares, como o Exame de Qualificação da UERJ e o ENEM? Não podemos esquecer que os exames citados, a princípio, continuaram inserindo questões na prova referente a conteúdos abordados pelos professores, no nosso caso, nas aulas da disciplina história. Os conteúdos históricos cobrados nos exames citados permanecem associados as competências e habilidades estabelecidas pela BNCC, para área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Enquanto ainda não for possível a revogação e/ou reformulação do Novo Ensino Médio, a propositiva final desta dissertação, que se refere a elaboração de uma disciplina eletiva sobre história local, é sim um ato de resistência em defesa da permanência do ensino de história no segmento ensino médio como um todo e em particular nas turmas da terceira série. A proposta desta disciplina, a nosso ver, deve ser compreendida também como parte integrante de um movimento que, para ter êxito, precisa ter uma abrangência nacional. Desta maneira, a tendência é ganhar mais força e adeptos na luta pela afirmação e continuidade do ensino / pesquisa no campo de história tanto no meio acadêmico quanto na educação básica.

Em relação ao ensino dos conteúdos de história na educação básica, temos percebido, principalmente nas experiências com os estudantes da EJA, o quanto, ainda parece fazer sentido para estes estudantes a permanência de uma didática de ensino pautada no uso de métodos tradicionais, marcado por uma aula predominantemente expositiva, centralizada no professor, tendo como único referencial de estudos para os alunos, os conteúdos e exercícios registrados por este docente no quadro (lousa). Questões relativas à disciplina em sala de aula, é outro fator preponderante para esta parcela dos estudantes que optam por efetuar a matrícula nas turmas da EJA, em detrimento da opção pelo ensino médio regular.

Esta constatação demonstra o impacto dos métodos tradicionais na escola, em particular no ensino de história e o peso que esta metodologia específica exercer no contexto escolar e na maneira como os estudantes compreendem e estudam os conceitos abordados nas aulas da história. A força da tradição pode ser percebida na própria aparente compreensão destes estudantes em relação expressão disciplina, que acaba por reportar ao seu uso habitual no século XIX. Com efeito,

o termo “disciplina” e a expressão “disciplina escolar” não designam, até o final do século XIX mais do que a vigilância dos estabelecimentos, a repressão das condutas prejudiciais à sua boa ordem e aquela parte da educação dos alunos que contribui para isso. (CHERVEL, 1990, p. 178)

Esta noção de disciplina, focada exclusivamente na conduta e vigilância dos estudantes, não foi o que nos estimulou a propor, como propositiva final deste Mestrado em Ensino de História, uma disciplina eletiva sobre História local. O que nos estimulou foi a renovada noção de disciplina entendida, nas palavras de Chervel (1990) como “conteúdos de ensino”. Esta nova designação, atribuída ao termo disciplina, tem sua origem associada a uma renovada linha de pensamento pedagógico que aflora em meados do século XIX, com o intuito de desencadear um processo de renovação no ensino primário e secundário e da própria formação escolar oferecida, até então, aos estudantes na França.

A pedagogia, neste período, era compreendida como uma ciência empenhada em “disciplinar a inteligência das crianças” (Baudry, 1873, p.6 apud Chervel, 1990, p.179), isto é, tinha como funcionalidade, estimular o desenvolvimento intelectual dos estudantes do ensino primário e secundário. Sendo assim, segundo Chervel (1990, p.179), a prioridade da disciplina intelectual, era “o desenvolvimento do julgamento, da razão, da faculdade de combinação e da invenção”. Todavia, ao término da Primeira Guerra Mundial, o termo disciplina passa a ser compreendido tão somente como um subterfúgio para distinguir as matérias de ensino na etapa escolar, ou seja, uma atribuição bem distante da designação, até então, associada a formação do espírito e intelecto dos estudantes do ensino primário e secundário (educação básica) na França.

Mesmo diante deste aparente processo de ofuscação, a disciplina, enquanto conteúdos de ensino, é concebida:

como entidades sui generis, próprios da classe escolar, independentes, numa certa medida, de toda a realidade cultural exterior à escola, e desfrutando de uma organização, de uma economia interna e de uma eficácia que elas não parecem dever a nada além delas mesmas, quer dizer à sua própria história. Além do mais, não tendo sido rompido o contato com verbo disciplinar, o valor forte do termo está sempre disponível. Uma “disciplina”, é igualmente, para nós, em qualquer campo que se encontre, um modo de disciplinar o espírito, quer dizer de lhes dar os métodos e as regras para abordar os diferentes domínios do pensamento, do conhecimento e da arte. (CHERVEL, 1990, p.180)

Esta definição de disciplina, enquanto conteúdo de ensino, métodos e regras, se constrói e se reinventa a partir das ações propostas pelos professores no ambiente escolar e da escuta ativa destes docentes em relação aos anseios e memórias manifestadas pelos seus estudantes nas abordagens em sala de aula, assim como, a partir das próprias demandas e características da comunidade atendida pela escola. Todos estes fatores e perspectivas nos motivaram a dar os primeiros passos para implantação da respectiva disciplina eletiva: “História Local - Expressões e Impressões da História do meu lugar” e propor a sua inclusão no catálogo de eletivas disponível aos docentes da rede estadual de educação do Rio de Janeiro.

É neste contexto que o saber escolar, concebido nas interações e reflexões promovidas na própria escola, tem o grande potencial para sensibilizar os estudantes a refletirem criticamente a partir das demandas de sua localidade e aguçar a percepção para o fato de que o trabalho pedagógico desenvolvido nas escolas pode enriquecer o diálogo com os saberes teóricos necessários para capacitar os estudantes para serem agentes transformadores da localidade onde estão inseridos, exercendo assim, de forma plena a sua cidadania, além de poderem vislumbrar, nas reflexões sobre este local, seus possíveis referenciais identitários.

Contudo, precisamos estar atentos a um fator que insiste em predominar quando se pensa na definição dos conteúdos selecionados para compor os currículos escolares destinados à educação básica, pois

os conteúdos de ensino são impostos como tais à escola pela sociedade que o rodeia e pela cultura na qual ela se banha. Na opinião comum, a escola ensina as ciências, as quais fizeram suas comprovações em outro local. (CHERVEL, 1990, p. 180)

De certa maneira, ainda perdura nos tempos atuais este momento, já anunciado por Chervel nos anos de 1990, de sucessivas tentativas de imposição de conteúdos e metodologias a serem inseridas nas escolas da educação básica. Se a preocupação de Chervel era propor uma análise da construção do saber escolar em sua relação com o saber acadêmico, no Brasil, nos últimos anos outros fatores precisam ser levados em consideração. Atualmente, estas ações impositivas de conteúdos são capitaneadas por instituições particulares de ensino, detentores de plataformas educacionais, que visam majoritariamente o crescimento exponencial dos seus lucros, subjugando as esferas educacionais públicas e privadas aos seus anseios.

Nós profissionais dedicados à educação básica, sofremos também, com as ações constantes assédio moral, praticadas, individualmente por representantes da sociedade e coletivamente por grupos privados, com influência nas esferas políticas, que atuam, sistematicamente, no intuito de cercear a autonomia docente, através de argumentos sem sustentação teórica pautada em trabalhos científicos, assim como procuram deslegitimar, as narrativas históricas referendadas tanto pelo saber de referência quanto pelo saber escolar, a partir da proliferação de *fake news* disseminadas, principalmente, através de mídias sociais acessíveis ao público geral, e em particular aos estudantes da educação básica e a comunidade escolar atendida pelas instituições de ensino pública e privada.

Sendo assim, o ato de propor uma disciplina eletiva, focada nos referenciais teórico-metodológico da História Local, elaborada por um professor, que produz conhecimento a partir de suas experiências de 20 anos no meio educacional exercendo o cargo de professor de História na educação básica, indica por si só um contraponto:

a concepção de escola como puro e simples agente de transmissão de saberes elaborados fora dela, (...) ideia, muito amplamente compartilhada no mundo das ciências humanas e entre o grande público, segundo o qual ela é, por excelência, o lugar do conservadorismo, da inércia, da rotina. (CHERVEL, 1990, P. 182)

Esta concepção de ensino, onde as práticas e finalidades se confundem e o conhecimento é resultante de uma mera transmissão direta do saber de referência, concebido no meio acadêmico, não deveria ser simplesmente plasmada para educação básica, por uma questão básica, o público-alvo do ensino superior não é o mesmo público atendido na educação básica. Sendo assim, o professor que ignora, em sua prática docente na educação básica, a necessidade de promover ações didáticas no momento que planeja suas aulas e abordar em ambiente escolar os conhecimentos associados aos saberes de referência, está fadado a fracassar na sua prática docente, além de ser incompreendido pelos estudantes.

É com foco em proporcionar condições adequadas para o estabelecimento de um aprendizado significativo que surge o saber escolar, que resulta da sensibilidade do professor que não demonstra indiferença diante das dúvidas dos seus alunos, que comprehende a necessidade de fazer adaptações na abordagem, a fim de que tornem os conteúdos inteligíveis aos estudantes. Em suma, é nessa tentativa de tornar os conteúdos mais significativos, que nasce o saber escolar, que surge no chão da escola, de professores que não querem se limitar a ser um simples transmissor de um conhecimento que tem sua origem fora da escola.

Dentro desta perspectiva, o que nos parece mobilizar os professores na educação básica, na sua prática docente cotidiana é a busca constante pela elaboração de um planejamento de aula que mobilize conteúdos que, de fato, façam diferença e sentido na vida dos estudantes, que aguace suas percepções em relação a realidade socioeconômica que estão inseridos e que amplie sua capacidade de realizar as melhores escolhas possíveis durante o processo de transição da fase escolar para o início da fase profissional.

Tendo como referencial este contexto, qual seria então a finalidade de uma disciplina escolar como a sugerida nesta dissertação? Quais conteúdos deveriam ser priorizados por esta disciplina? Uma disciplina escolar sobre História Local pode agregar algum valor aos estudantes?

Para responder a estes questionamentos, entendemos que seja interessante esclarecer, a priori, a origem das finalidades do ensino escolar, que segundo Chervel (1990), está associada ao momento em que a sociedade, a família e a religião, delegam as escolas a função de educar de uma geração de jovens estudantes. Talvez seja por este fato que as primeiras finalidades almejadas como o ensino escolar tenham sido compreendidas a partir de alguns parâmetros,

sendo eles: as finalidades religiosas; as finalidades sociopolíticas; as finalidades de ordem psicológica; as finalidades culturais e as finalidades de socialização dos indivíduos.

Sendo assim, o que se esperava incialmente do ensino escolar era oferecer uma educação religiosa, que assegurasse os deveres dos estudantes com Deus, família e a sociedade, mas que fosse também estendida a formação de jovens de grupos sociais menos privilegiados, assim como fosse capaz de garantir a alfabetização estudantes, nos primeiros momentos de escolarização, além da formação humanística, reflexiva, cultural e social dos estudantes.

Contudo, quanto as finalidades que almejamos com a elaboração desta disciplina eletiva sobre História Local, destacaríamos, inicialmente, que uma das finalidades desta disciplina se refere em aguçar a compreensão dos estudantes para o fato de que a localidade onde eles estão inseridos e a própria escola que estudam, tem uma história que merece de ser investigada, conhecida e problematizada em atividades a serem desenvolvidas na própria escola e que o fruto desta ação investigativa possa chegar de alguma forma ao alcance dos moradores das comunidades atendidas por esta escola.

Entendemos que quando os professores, promovem em sala de aula, ações de cunho investigativo, tendo como referencial temáticas associadas a aspectos referentes a história local, um vasto campo de possibilidades se abre a estes docentes, principalmente quando os estudantes são estimulados a envolver suas famílias nestes processos investigativos na busca por relatos, fotografias, documentos e objetos que ajudem a construir uma narrativa história sobre esta localidade. A escola, a partir desta ação passa então a ser, de fato, um espaço aberto a reflexão e, de certa maneira, convidativo a um exercício de pertencimento, quando identificamos possíveis pontos de convergências entre a história do local que estão inseridos, com as histórias pessoais e geracionais que transcorrerem naquele local.

Segundo Chervel (1990, p. 193), “ao lado de *instruir, educar, lecionar (apprendre)*, é o verbo ensinar (*enseigner*) que o uso reteve como o correspondente exato do termo disciplina. Ensinar (*enseigner*), é, etimologicamente, “fazer conhecer pelos sinais””. Nesta linha de raciocínio, a disciplina eletiva, que propomos nesta dissertação, assume a primordial finalidade de ensinar aspectos da História de um local pelos “sinais”, isto é, pelas fontes históricas que surgem com o próprio avançar do envolvimento dos estudantes no processo investigativo proposto pelo professor regente da disciplina eletiva em questão.

Desta forma, consideramos salutar o incentivo sistemático a atividades práticas, que sejam capazes de mobilizar os estudantes a saírem de uma posição passiva, para adotarem uma postura ativa de coparticipando no próprio processo de aprendizado, através do seu envolvimento pleno nas ações investigativas e reflexivas propostas pelos professores no

ambiente escolar, tornando o espaço escolar, um local propício para conhecer também aspectos da história que, por motivações variadas, mantidos silenciados e subalternizados por tanto tempo no ensino da disciplina história.

Entendemos que “A liberdade teórica de criação disciplinar do mestre se exerce em um lugar e sobre um público igualmente bem determinados: a sala de aula de um lado, o grupo de alunos do outro” (CHERVEL, 1990, p. 194), pois é nesse espaço e no pleno exercício da sua função docente, que o professor, comprometido com seu ofício, percebe a importância de adaptar a abordagem dos conteúdos para que os mesmos se tornem ensináveis, de acordo com as demandas dos estudantes manifestadas em sala de aula. Sendo assim, os agentes catalizadores da renovação e criação das disciplinas escolares estão diretamente relacionados aos objetivos que os docentes pretendem atingir com a disciplina a ser implementada e ao público-alvo que pretende sensibilizar a partir da abordagem dos conteúdos de histórico considerados ensináveis, pois

a transformação pelo público escolar do conteúdo dos ensinos é sem dúvida uma constante importante na história da educação. Encontramo-la na origem da constituição das disciplinas, nesse esforço coletivo realizado pelos mestres para deixar no ponto métodos que “funcionem”. Pois a criação, assim como a transformação das disciplinas, tem um só fim: tornar possível ensino. A função da escola, professores e alunos confundidos, surge então aqui sob uma luz particular. Neste processo de elaboração disciplinar, ele tende a constituir o ensinável. (CHERVEL, 1990, p. 199)

Em suma, para que este processo criativo aconteça, é necessário que esteja assegurada ao professor, a liberdade teórica para a elaboração disciplinar. É por este motivo que reforçamos a ideia de que vivemos um período bem obscuro, marcado por tentativas sucessivas de cerceamento da liberdade docente nas redes públicas e privadas de ensino.

Neste sentido, nós docentes da educação básica, precisamos continuar atentos a imposição de planejamentos de aulas pré-determinados, a aplicação de avaliações feitas por setores específicos e não pelos próprios docentes das turmas e o predomínio de um currículo de história com um volume extenso de conteúdos que na maioria dos casos não dialoga com as expectativas e realidade dos estudantes e acaba impossibilitando a abordagens de outros conteúdos de crucial importância, como os relacionados a aspectos locais, que acabam sendo negligenciados nos currículos de história na educação básica.

Quando pensávamos na disciplina eletiva sobre História Local que pretendíamos elaborar, chegamos a ter uma dúvida semelhante a levantada por Chervel: a história local é disciplinável? Contudo, quando aprofundamos a análise sobre o conceito de disciplina, percebemos que o termo disciplina e/ou disciplina escolar é muito mais do que uma mera componente curricular. Passamos a compreender que disciplina, tem a ver com os conteúdos de ensino que nós professores pretendemos trabalhar e com a relação entre o ato de ensina

exercido pelo docente e a reação/expectativa manifestada pelos estudantes em sala de aula.

Refletindo sobre esta questão, chegamos à conclusão que sim, a história local é um conteúdo disciplinável. Entendemos que é plenamente possível ensinar conteúdos históricos para estudantes da educação básica tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio. Não podemos perder de vista uma função primordial do nosso ofício, que é tornar os conteúdos de história ensináveis, para que munidos deste conhecimento os estudantes possam formar sua consciência crítica e exercer plenamente sua cidadania.

Dentro desta perspectiva, o professor atuante na educação básica contribui, para o que Chervel (1990) admite ser a função dupla da escola, que está relacionada a instrução das crianças e adolescentes e a criação das disciplinas escolares. Para tanto, ainda segundo o autor, a inversão ocasional das funções entre docentes e estudantes constitui um fator relevante nesse contínuo diálogo entre os “atores” envolvidos na dinâmica escolar, assim como o próprio processo de elaboração de uma disciplina escolar, que está no âmago desta dissertação.

Ao considerar as demandas trazidas pelos próprios estudantes, a disciplina escolar pode ser compreendida também como uma espécie de “caixa de ressonância” capaz de propagar as vozes dos silenciados no ensino de história, suas conquistas e demandas. Pois é no contexto local, na comunidade onde vivem, nos momentos do lazer e ao circular pela cidade, que esses jovens enfrentam, na prática, os grandes dilemas da sociedade como o abuso praticado por representantes do poder público, a manifestação de atos racistas, a homofobia, o feminicídio e a falta de expectativa de um futuro apartado destes dilemas sociais.

É neste contexto, que ao propor uma disciplina eletiva sobre História Local, temos também como intencionalidade, trazer para sala de aula o debate sobre os dilemas sociais vivenciados pelos estudantes e em um esforço coletivo de reflexão, tentar encontrar juntos caminhos para enfrentar estas problemáticas sociais. Desta forma, a disciplina sugerida e a própria escola cumprem uma de suas funções ao abordar “temas que exigem atenção de qualquer currículo de História que se proponha ter como horizonte a formação de jovens para a democracia, o diálogo com as diferenças e a defesa dos direitos humanos.” (CARVALHO, 2023, p. 13)

3.2. Estruturação de uma disciplina eletiva sobre História Local a partir de eixos temáticos

Quanto a distribuição dos conteúdos a serem abordados no programa da disciplina eletiva proposta neste trabalho, optamos por uma organização dos conteúdos em eixos temáticos, por entender, conforme Rocha (2019), que esta estratégia leva em consideração as

questões de âmbito social, estabelecidas nas conexões existentes entre o presente/passado e principalmente as experiências e memórias dos estudantes no contexto local onde estão inseridos. Proporciona também, em sala de aula, momentos oportunos e relevantes para a reflexão e problematização, diante das permanências e transformações no meio físico e social ao longo de múltiplas temporalidades, assim como oferece uma alternativa a linearidade e a concepção de tempo evolutivo.

Tendo como referencial a organização dos conteúdos em eixos temáticos ou subtemas, temos também como intencionalidade, elaborar uma proposta didática que ofereça aos docentes da rede estadual de ensino do Rio de Janeiro, a possibilidade de levar seus estudantes a identificarem as tensões e articulações existentes na interface entre a História Nacional/global com a História do Rio de Janeiro/Local. Além de conceder visibilidade a aspectos da cultura local, voz a grupos e agentes históricos locais, que tiveram um papel relevante na história, mas foram mantidos subalternizados e silenciados nas narrativas históricas estabelecidas na educação básica.

Segue, em destaque, os eixos temáticos norteadores da disciplina eletiva: História Local – As Expressões e Impressões da História do meu lugar, que entendemos serem pertinentes para condução de um ensino de História Local na educação básica.

- Eixo temático 1 - As expressões da História local, a partir das experiências e memórias dos estudantes relacionadas a local onde nasceram, habitam e/ou estudam.
- Eixo temático 2 - As impressões da História Local, através da análise das fontes históricas, dos lugares de memória e os espaços de sociabilidades, dentre eles, a própria escola.
- Eixo temático 3 - As articulações e tensões dos processos históricos por meio das conexões entre a História Global, Nacional e Local.

No **primeiro eixo temático**, que representa – As expressões da História local, a partir das experiências e memórias dos estudantes relacionadas a local onde nasceram, habitam e/ou estudam, a organização dos temas, a seleção e a disposição dos conteúdos foram estabelecidas com o intuído de possibilitar aos professores e aos estudantes ferramentas conceituais que contribuam para responder questões, tais como:

- É possível estabelecer pontos de convergências entre a história geracional e/ou pessoal de vida dos estudantes em relação a história que se apresenta na localidade onde estão inseridos?

- O ato de incorporar as experiências e memórias dos estudantes nas atividades propostas em sala de aula, pode aguçar a percepção entre os estudantes de que eles são também coautores desta História Local?
- É possível mensurar o impacto da escola na trajetória do estudante e na comunidade por ela atendida, a partir das experiências e memórias manifestada pelos próprios estudantes, antigos moradores e/ou ex-alunos da escola em questão?
- De que forma os momentos reflexão, proposto pelo professor em sala de aula, referente a questões relativa ao contexto local pode representar um excelente instrumento para despertar a visão crítica dos estudantes?

Essas são algumas questões que podem ser exploradas pelos professores, nas atividades em sala de aula, para motivarem os estudantes a expressarem suas experiências e memórias a partir de suas vivências em âmbito local. A partir desta estratégia, o professor ao valorizar o saber e as vivências acumuladas pelos estudantes ao longo da vida, valoriza os alunos, além de mantê-los motivados. Esta pode ser a chave de acesso para um conjunto de informações manifestada pelos alunos que, confrontadas com fatos transcorridos na dinâmica local, pode ajudar o professor a levar seus alunos a conseguirem identificar pontos de conexões entre as suas histórias geracionais, associadas as suas trajetórias pessoais de vida com aspectos inerentes da localidade que nasceram, habitam e/ou estudam.

Certamente há muitos exemplos de escolas públicas espalhadas pelo Rio de Janeiro que acolhem, ao longo sua existência, gerações de estudantes de uma mesma família. Pais que se conheceram na escola, que se casaram e tiveram filhos que agora estudam na mesma escola onde seus pais e possivelmente seus avós também estudaram. Quantas são as histórias que podem ser narradas a partir do estreitamento de laços entre a escola e a comunidade por ela atendida.

É neste contexto que Monteiro (2012, p. 194-196; apud Carvalho, 2023, p.7) enfatiza que:

o presente como o tempo da vivência dos estudantes e professores promove a construção de saberes “fora do controle e do espectro curricular”, uma vez que são disparados processos de ressignificação e construção de sentidos aos conteúdos trabalhados em sala de aula, sendo estes os saberes com os quais os professores irão dialogar.

Muito se fala que uma das funções primordiais dos professores, especificamente de história, é transformar o ambiente escolar, como um local propício ao despertar a visão crítica dos estudantes. Diante de tudo que já foi abordado até o presente momento neste trabalho, reafirmamos que o uso dos recursos teórico-metodológico da história local, torna-se um excelente instrumento pedagógico capaz de desenvolver a visão crítica da realidade em que os

estudantes estão inseridos.

Ao promover atividades práticas capazes de estimular a reflexão dos estudantes a respeito, por exemplo, das mazelas socioeconômicas vivenciadas pela comunidade atendida pela escola, o professor, acaba por promover um ambiente favorável para reflexão e consequentemente para o despertar da visão crítica dos estudantes ao estimulá-los a propor ações capaz de mitigar ou propor soluções tais problemas.

Em suma, o objetivo a ser alcançado a partir deste primeiro eixo temático, é conferir protagonismo aos estudantes no processo de reflexão sobre aspectos de âmbito local, além de levá-los a compreenderem que são, de fato, coautores da história local, a partir de suas ações enquanto ser social.

Quanto ao **segundo eixo temático**, que se refere – As impressões da História Local, através da análise das fontes históricas, dos lugares de memória e os espaços de sociabilidades, dentre eles, a própria escola, propomos enfocar as abordagens que tratam de estimular os estudantes a conhecerem e problematizarem os lugares de memória, representados pelos vestígios patrimoniais locais (materiais e imateriais) e os espaços de sociabilidade (convivência) presentes em âmbito local, considerando dentre estes espaços, a possibilidade de investigar a história da própria escola que estudam. Para tanto, propomos como elemento catalisador deste processo de reflexão, as respectivas questões norteadoras:

- De que maneira o incentivo a pesquisa investigativa, a partir da análise das fontes históricas, pode favorecer a compreensão dos estudantes a respeito da História que transcorre na localidade que estão inseridos?
- De que forma o conhecimento obtido pelos estudantes a partir da análise a respeito dos lugares de memórias e das ações desenvolvidas nos espaços locais de sociabilidade pode contribuir para o processo pessoal de busca por seus referenciais identitários?
- Porque é tão importante estabelecer uma narrativa em sala de aula que enfoque tanto na preservação quanto na problematização dos lugares de memória e espaços de sociabilidades, presentes em âmbito local?
- De que forma a escola pública, como um espaço público de convivência social pode impactar a trajetória de vida dos estudantes que nela estudam ou estudaram?

A proposta inicial deste segundo eixo temático é fazer uma sondagem se os estudantes conhecem os lugares de memória e os prováveis patrimônios ou vestígios patrimoniais presentes na região que estão inseridos. Posteriormente, estima-se que o professor possa apresentar argumentos que conduzam os estudantes a compreenderem e distinguirem os

vestígios patrimoniais de ordem materiais e imateriais identificados em âmbito local.

Dando continuidade as ações, a ideia seria verificar quais são as memórias e vivências que os estudantes têm nestes lugares de memória e espaços de sociabilidade, assim como buscar identificar os possíveis impactos que estes espaços podem ter produzido na sua trajetória de vida e na maneira como se identificam perante a sociedade.

Contudo, alguns lugares de memória analisados podem ser identificados como um elemento que acaba por reforçar a lógica do colonizador e por este motivo, tais espaços e construções, ao invés de serem preservados, sua existência pode ser veemente questionada por integrantes da população. Não são poucos os exemplos de monumentos e patrimônios, que na atualidade, vem sendo ressignificado por grupos que procuram demonstrar uma postura revisionista sobre um passado, que representa a dor e o sofrimento de uma parcela considerável da população. É o caso, por exemplo, da temática abordada na questão 06 da prova objetiva que fizemos, no ano de 2021, para ter acesso ao mestrado profissional em ensino de história pelo Profhistória/UFRJ.

Ao destacar o trecho de uma reportagem onde manifestantes jogam a estátua do traficante de escravos Edward Colston no porto de Bristol, durante a manifestação Black Lives Matter, na Inglaterra, em 2020, a questão, em destaque na imagem a seguir, tende a promover uma reflexão sobre uma estátua que simboliza um passado colonial escravista que, na ocasião da manifestação, está sendo repudiado e tendo seu passado revisto.



Figura 14: Imagem da questão 6 da prova de 2021 para o ingresso no mestrado Profhistória.
Fonte: site oficial do Profhistória Nacional. Acesso dia 16 de janeiro de 2024.

Tendo então o contexto descrito na questão 06 como referencial, ao propor um planejamento de uma aula de campo que estimulem os estudantes refletirem e problematizarem os lugares de memórias presentes em sua localidade, a luz de nossas heranças históricas e do passado colonial, proporcionamos aos estudantes a possibilidade de estabelecerem conexões entre o passado e o presente e se posicionarem a respeito do objeto de sua análise. Conseguindo realizar esta tarefa com êxito, estaremos cumprimos uma das exigências importantes do nosso ofício de professor na educação básica.

Neste segundo eixo temático, propomos também que os professores estimulem seus alunos vivenciarem, mesmo que de forma experimental, uma das etapas do ofício praticado por nós pesquisadores na área de história, que se trata do processo de formulação de hipóteses a partir da pesquisa investigativa sobre as fontes históricas. Pois desta maneira, os estudantes teriam a oportunidade de perceberem, na prática, que as narrativas históricas, próprias do saber escolar, manifestada pelos professores em sala de aula, não são meramente fruto somente da imaginação deste professor, ou seja, tais narrativas resultam de um trabalho investigativo e contínuo de uma geração de pesquisadores na área de história e de adaptações feitas por este professor para tornar estes conteúdos ensináveis aos alunos. Representa também um trabalho científico realizado por profissionais dedicados a compreender de que forma são gravados os processos históricos em âmbito local, nacional e global.

Consideramos também salutar que o futuro professor regente da disciplina eletiva proposta neste trabalho, tenha uma postura autoral e criem também estratégias originais que possam motivar seus estudantes a se engajarem no processo de busca e seleção de fontes históricas, nos mais variados espaços locais de convivência que frequentam, como clubes, templos religiosos, associações, a partir de arquivos da própria escola que estudam e nos arquivos familiares guardados a gerações pelos familiares. Quanto ao momento propriamente dito para a análise, em sala de aulas, das fontes históricas reunidas, o intuito de promover a reflexão e o debate sobre a história da localidade e a identificação de possíveis pontos de convergência desta história local com as histórias pessoais dos estudantes.

Por fim, mas não mesmo importante, temos o **terceiro eixo temático**, que confere destaque - As articulações e tensionamentos presentes nos processos históricos, por meio das conexões entre a História local, nacional e global. O eixo em questão, finaliza a subdivisão do programa proposto na disciplina eletiva sobre História local, com o intuito de incentivar os estudantes a refletirem, sob a mediação do professor, a partir das respectivas indagações:

- De que forma podemos constatar o impacto dos processos e acontecimentos históricos nos âmbito global, nacional e local?
- Por que é tão importante, durante as abordagens em sala de aula, nos desvencilharmos de explicações que se limitam a considerar somente uma única perspectiva para compreensão dos fatos históricos?
- De que forma o uso em sala de aula do recurso da variação da escala de observação dos processos históricos pode ser um bom instrumento para identificar e refletir sobre as articulações e tensões existentes na interface entre a História Global, Nacional e Local?
- De que forma a variação da escala de observação na análise dos processos históricos é capaz de conceder visibilidade e relevância as especificidades locais e voz a grupos e/ou agentes históricos locais invisibilizados, silenciados e/ou subalternizados no ensino de história?

Neste terceiro eixo temático, a proposta é levar os estudantes a compreenderem, a partir da análise de fontes históricas, que os processos históricos são gravados nos mais variados níveis, desde o mais local até o mais global. Contudo, para levá-los a perceberem estes variados níveis de gravação dos processos históricos e a ação de agentes históricos que, geralmente não aparecem nas narrativas tradicionais no ensino de história, uma boa estratégia a ser utilizada pelo professor seria analisar, em sala de aula, os processos históricos considerando o recurso da variação das escalas de observação.

Desta maneira, será possível levar os estudantes a identificarem e compreenderem as articulações e tensões existentes em tais processos, quando considerando a interface existente entre as esferas de âmbito global, nacional e local, sem com isso minimizar a relevância e a capacidade de ressignificação destes processos históricos em âmbito local, exercida por agentes históricos, que costumam ser silenciados e invisibilizados no ensino de história.

Uma proposta de ensino pautada nos preceitos da história local, a partir da utilização do recurso da variação de escalas de observação, pode ser um instrumento útil para oferecer uma outra perspectiva de análise dos processos históricos, sendo um contraponto diante de uma visão predominante, que insiste em ignorar a capacidade de oferecer respostas dos agentes históricos locais as questões que se apresentam, onde são geralmente identificados como apenas peças de uma engrenagem maior, relacionada as demandas nacionais e globais.

Contudo, tendo como referencial o diálogo com a micro-história, é possível propor alternativas a visão predominante que sustenta a existência de incompatibilidade entre o global

e o local. Para tanto, os processos históricos necessitam ser analisados, “ de forma não linear, como resultante da multiplicidade determinações, de projetos, de obrigações, de estratégias e de táticas individuais e coletivas.” (REVEL, 2010, p. 443)

Em suma, quando analisamos os processos históricos de uma perspectiva não linear, considerando a variação a escala de observação, conseguimos levar os estudantes a perceberem as estratégias e táticas implementadas, de forma individual e coletiva, por agentes históricos ou grupos populacionais locais, tanto no nível mais global quanto no nível mais local e assim atingimos um dos objetivos deste trabalho que consiste em conceder visibilidade as especificidades locais e voz agentes históricos locais que costumeiramente são invisibilizados e silenciados no ensino de história.

É neste sentido, que para além do compromisso com a imaginação nacional e a formação de uma identidade nacional, mesmo considerando as dimensões continentais do nosso país, precisamos valorizar também a diversidade social e cultural que emana em cada região brasileira. Além de considerar e respeitar a identificação dos seus habitantes com a cultura que aflora em cada região, pois é a partir das vivências em âmbito local/regional que passamos a ter contanto com histórias, crenças e costumes que serão fundamentais no processo de formação da identidade.

Sendo assim, nós professores da educação básica, que exercemos a nossa profissão muitas vezes em regiões distantes dos grandes centros urbanos ou em locais que se tornam de difícil acesso pela omissão do poder público, precisamos ser o elo gerador do diálogo entre a escola e a comunidade por ela atendida, conhecer sua origem, suas reivindicações, crenças e costumes, enfim integrar estes dois espaços sociais a partir do ensino da história local.

3.3. Descrição da propositiva didática desta dissertação que se refere a elaboração da disciplina eletiva: História Local – As Expressões e Impressões da História do Meu Lugar

Neste item, faremos a descrição da propositiva final desta dissertação que se refere, a elaboração de uma disciplina eletiva nomeada como: História Local - As Expressões e Impressões da História do Meu Lugar. É importante que se diga que o desenho desta eletiva buscou se alinhar ao mesmo formato do catálogo de eletivas estabelecidos pela equipe técnica e pedagógica da Seeduc-rj, responsável pela elaboração do Currículo Referencial do Estado do Rio de Janeiro para o Ensino Médio. Sendo assim, a disciplina eletiva proposta nesta dissertação será apresentada como as respectivas informações:

- Unidade escolar a qual o professor está vinculado;
- Nome do professor autor da proposta;

- Título da disciplina eletiva;
- Justificativa;
- Objetivo Geral e Específico;
- Área do conhecimento;
- As Competências e Habilidades em destaque na disciplina eletiva;
- Metodologia;
- Recursos didáticos;
- Proposta de culminância;
- Cronograma de ações;
- Referências bibliográficas;

Dada as orientações iniciais, segue a descrição completa da propositiva desta dissertação que se refere a proposta de Ensino de História Local na educação básica.

Unidade Escolar: Instituição Pública de Ensino

Autoria: Prof. Daniel Alexandre Carlos

Título: História Local – Expressões e Impressões da História do Meu Lugar

Justificativa:

A introdução de uma proposta de Ensino de História Local na educação básica nos parece justificável por admitir, como premissa inicial, a existência de uma história na região /cidade /bairro e/ou comunidade onde os estudantes estão inseridos, que precisa ser conhecida, pesquisada, debatida e narrada no ambiente escolar.

Quando os estudantes são estimulados a conhecerem aspectos da história local, a sala de aula passa a ser um espaço propício para reflexão sobre esta História local, tendo como referencial as experiências (vivências) e memórias dos estudantes nesta região e a análise das fontes históricas referente a esta história desta localidade, considerando os seus lugares de memória, espaços de sociabilidades (convivências), dentre eles a própria escola, além das memórias dos seus antigos moradores.

O desenvolvimento de um estudo referente a história local se justifica por possibilitar que os estudantes vivenciem uma prática muito comum no trabalho científico que se refere ao ato de elaborar uma pesquisa investigativa. Desta forma, poder proporcionar esta vivência aos estudantes na educação básica, pode vir a ser uma atividade de extrema relevância para sua futura trajetória profissional.

Através de uma proposta de ensino de História Local proporcionamos, enquanto docentes da educação básica, recursos teórico-metodológicos para que os estudantes possam conhecer e se reconhecer na história da localidade que nasceram, habitam e estudam, além de poderem, através do estudo da história deste local forjarem seus referenciais identitários.

Ao promovemos, a partir do ensino de História Local, momentos para que os estudantes possam ter contato com as instituições locais e com as práticas associadas aos princípios

democráticos, contribuímos para a formação de estudantes cada vez mais preparados para o pleno exercício da cidadania e para o despertar da visão crítica em relação as questões que se apresenta em âmbito local, nacional e global.

O ensino de História Local na educação básica se justifica por ter também como finalidade sensibilizar os estudantes quanto a importância de conhecer, analisar e preservar os lugares de memória da localidade na qual a escola está inserida, seus vestígios históricos, seus patrimônios materiais e imateriais e seus espaços de sociabilidade. Assim como, a possibilidade de capacitar os estudantes no intuito de perceberem as articulações e tensionamentos dos processos históricos quando consideramos as conexões existentes entre a História global, nacional e local.

Enfim, por acreditarmos no potencial educativo do ensino de História Local, entendemos que todos estes fatores apresentados justificam o trabalho empregado pelos docentes que se dedicarem a ministrar a disciplina eletiva em questão.

Objetivo Geral:

Através da oferta da disciplina eletiva História Local – As Expressões e Impressões da História do Meu Lugar, a intenção é que a sala de aula seja um espaço para a promoção de uma ampla reflexão sobre todos os aspectos que se relacionam direta ou indiretamente com a História da região / cidade / bairro e/ou comunidade que os estudantes e a própria escola estão inseridas. Para que as ações práticas, promovidas pelos docentes em sala de aula, sejam o elo de conexão entre a escola e sua comunidade escolar.

Objetivos Específicos:

Estimular o desenvolvimento de uma proposta de Ensino de História Local capaz de:

- considerar as articulações e os tensionamentos entre os aspectos micro e macro dos processos e fatos históricos nas suas conexões existentes entre a História Global/Nacional com a História da Cidade do Rio de Janeiro/História da localidade que a escola e os estudantes estão inseridos;
- conferir visibilidade as questões históricas em âmbito local e as ações dos grupos populacionais locais que costumam ser silenciados, invisibilizados e/ou subalternizados na história;
- aguçar a percepção dos estudantes de que são coautores da história existente no local onde nasceram, habitam e/ou estudam;
- oferecer meios para os estudantes buscarem seus referenciais identitários e exercerem plenamente sua cidadania;
- incentivar os estudantes a realizarem pesquisa investigativa sobre história local a partir da análise das fontes históricas, dos lugares de memória, dos espaços de sociabilidade e da própria escola.

Área do Conhecimento:

- Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Competências e Habilidades:

Competências Específicas:

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 1 - Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica. (BNCC, p. 571)

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 3 - Analisar e avaliar criticamente as relações de diferentes grupos, povos e sociedades com a natureza (produção, distribuição e consumo) e seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à proposição de alternativas que respeitem e promovam a consciência, a ética socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional, nacional e global. (BNCC, p. 574)

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 5 - Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos. (BNCC, p. 577)

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 6 - Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade. (BNCC, p. 578)

Habilidades elaboradas pela BNCC relacionadas a competência 1:

(EM13CHS101) Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais. (BNCC, p. 572)

(EM13CHS102) Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplam outros agentes e discursos. (BNCC, p. 572)

(EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros). (BNCC, p. 572)

(EM13CHS104) Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço. (BNCC, p. 572)

(EM13CHS106) Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica, diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais, incluindo as escolares, para se comunicar, acessar e difundir informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (BNCC, p. 572)

Habilidades elaboradas pela BNCC relacionadas a competência 3:

(EM13CHS302) Analisar e avaliar criticamente os impactos econômicos e socioambientais de cadeias produtivas ligadas à exploração de recursos naturais e às atividades agropecuárias em diferentes ambientes e escalas de análise, considerando o modo de vida das populações locais – entre elas as indígenas, quilombolas e demais comunidades tradicionais –, suas práticas agroextrativistas e o compromisso com a sustentabilidade. (BNCC, 2017, p. 575)

Habilidades elaboradas pela BNCC relacionadas a competência 5:

(EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais. (BNCC, 2017, p. 577)

(EM13CHS504) Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas. (BNCC, 2017, p. 577)

Habilidades elaboradas pela BNCC relacionadas a competência 6:

(EM13CHS606) Analisar as características socioeconômicas da sociedade brasileira – com base na análise de documentos (dados, tabelas, mapas etc.) de diferentes fontes – e propor medidas para enfrentar os problemas identificados e construir uma sociedade mais próspera, justa e inclusiva, que valorize o protagonismo de seus cidadãos e promova o autoconhecimento, a autoestima, a autoconfiança e a empatia. (BNCC, 2017, p. 579)

Habilidades elaboradas pela equipe técnica e pedagógica da SEEDUC-RJ

(EM13CHS101.RJ01) Valoriza o conjunto de conhecimentos legados pelas sociedades humanas ao longo do tempo e relacionar com realidade de cada território em que a escola está inserida. (Currículo Referencial do Estado do Rio de Janeiro, 2022, págs.106/143)

(EM13CHS102.RJ01) Desenvolver um pensamento crítico a respeito dos processos políticos, econômicos, sociais, culturais em termos locais, regionais, nacionais e mundiais, entendendo a existência de múltiplos pontos de vistas e conexões entre vários fenômenos. (Currículo Referencial do Estado do Rio de Janeiro, 2022, págs.106/143)

(EM13CHS104.RJ01) compreender a apreciação, a frequentaçāo e a produção de cultura material e imaterial como elementos de elaboração do conhecimento, parte do patrimônio cultural de todo o país. (Currículo Referencial do Estado do Rio de Janeiro, 2022, págs.106/143)

Metodologia:

Quanto a distribuição dos conteúdos a serem abordados ao longo das aulas da eletiva, sugerimos a organização em eixos temáticos, por entender que esta estratégia não limita o professor a abordar cronologicamente e linearmente todos os aspectos referentes a história da localidade em destaque, além de permitir as possíveis conexões entre o passado e o presente e principalmente, com as experiências (vivências) e memórias dos estudantes no contexto local.

Proporciona também momentos oportunos para a reflexão e problematização em relação as permanências e transformações no espaço físico local e do meio social ao longo do tempo.

Segue então, em destaque, eixos temáticos que podem ser usados como elementos norteadores para as ações colocadas em prática nas aulas da disciplina eletiva: História Local – As Expressões e Impressões da História do meu lugar:

- Eixo temático 1 - As expressões da História local, a partir das experiências e memórias dos estudantes relacionadas ao local onde nasceram, habitam e/ou estudam.
- Eixo temático 2 - As impressões da História Local, através da análise das fontes históricas, dos lugares de memória e dos espaços de sociabilidades, dentre eles, a própria escola.
- Eixo temático 3 - As articulações e tensões dos processos históricos por meio das conexões entre a História Global, Nacional e Local.

Neste sentido, quanto a metodologia empregada para a condução da eletiva, sugerimos como primeira etapa, que os docentes apresentem aos estudantes em sala de aula os eixos temáticos que irão nortear as atividades desenvolvidas durante as aulas da eletiva sobre a História Local. Para tanto, seria oportuno a abertura de uma roda de conversa em que os estudantes possam se sentir à vontade para comentar suas experiências (vivências) e memórias associadas a localidade que está sendo investigada. Posteriormente, o professor, atento ao que foi dito pelos estudantes, teria acesso a um conjunto significativo de informações capaz motivá-los a perceberem prováveis pontos de convergências entre as histórias ligadas à sua trajetória de vida e/ou da sua família com aspectos da história da localidade em destaque na eletiva.

Dando continuidade a metodologia empregada, a segunda etapa seria estimular os estudantes a vivenciarem práticas próprias do trabalho científico, dentre elas a realização de uma pesquisa investigativa, tendo como referencial a análise das fontes históricas que podem ser coletadas: no ambiente familiar; em entrevistas com antigos moradores; nos espaços de sociabilidades que convivem e na própria escola. Uma outra estratégia interessante seria a realização de aulas de campo, para além dos muros da escola, visando identificar, analisar e conhecer a história associada aos lugares de memória presente na localidade em destaque. Como nem sempre os docentes são moradores da localidade onde se encontra escola, seria bem oportuno o envolvimento dos próprios estudantes e seus familiares no processo de seleção dos pontos de referência histórica escolhidos para o roteiro da aula de campo. Desta maneira, estimulamos o protagonismo juvenil e o processo de compreensão e problematização dos lugares de memória, já começaria no próprio momento de seleção destes espaços. Até porque,

o que pode ser considerado pelo docente como um lugar de memória, na perspectiva dos estudantes, pode não ser compreendido, necessariamente, da mesma maneira.

Cumpridas as etapas anteriores, caberia ao docente conduzir os estudantes ao terceiro momento que se refere a tentar identificar possíveis articulações e tensões dos acontecimentos históricos quando consideramos as possíveis conexões entre história local, nacional e global.

De acordo com os dados que forem obtidos, nas pesquisas investigativas realizadas em parceria com os estudantes, o foco da análise pode, por exemplo, estar relacionado a processos históricos fora dos recortes tradicionais estabelecidos no ensino de história. Isso daria ao professor conforto para abordar, em sala de aula, um determinado processo histórico que ao ser analisado através de um outro ângulo de observação, tendo como referencial, por exemplo, a perspectiva dos agentes históricos locais, pode levar os estudantes a perceberem a existência de conexões entre questões que se apresentam em âmbito global, nacional e local.

Recursos didáticos:

Propomos como recursos didáticos a utilização de materiais audiovisuais como computadores com projetor, filmes, aparelho de som, filmadora, smartphone, além do usos de métodos e técnicas investigativas próprias do ofício dos docentes, enquanto pesquisadores, enfim recursos que mantenham os estudantes engajados e motivados ao decorrer das ações propostas pelos professores e que conceda a oportunidade dos estudantes serem protagonistas do próprio aprendizado. Recursos que incentivem os estudantes a analisarem, em sala de aula, fontes de origem diversificada, como as fontes imagéticas ou iconográficas (obras de arte, imagens, gráficos), os arquivos familiares e escolares, fontes ligadas aos jornais de bairro, fontes midiáticas, relatos de fonte orais, obtidos através de depoimentos e entrevistas com familiares, antigos moradores, ex-alunos e também funcionários da instituição escolar, ou seja, recursos que incentive a pesquisa investigativa, os debates e as reflexões em grupo sobre aspectos da história do local onde estudantes e a própria escola estão inseridos.

Proposta de culminância:

Como culminância da disciplina eletiva sobre História Local, sugerimos a realização de um projeto, nos moldes de um Projeto cultural, onde a temática principal poderia ser em relação a aspectos da História da localidade em destaque ou a história da própria escola. Neste momento de culminância do projeto, os estudantes apresentariam para a comunidade escolar o resultado de suas pesquisas investigativas sobre a História Local, obtidas a partir de suas experiências e memórias nesta localidade e do trabalho investigativo realizado por eles, sob orientação dos professores, tendo como referencial: as fontes históricas, os lugares de memória, os espaços de sociabilidade e aspectos da história que transcorre na localidade que estão inseridos.

Sugestão de cronograma de ações:

Ações / Meses	Fev./Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.
<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação, aos alunos, dos eixos temáticos norteadores da eletiva sobre a História local da região/ cidade/ bairro e/ou comunidade atendida pela escola ou sobre a história da própria escola. • Sondagens de conhecimento e horizonte de expectativas dos alunos em relação aos aspectos referente a História Local. 	X				
<ul style="list-style-type: none"> • Discussão, reflexão e elaboração de ações práticas com os estudantes referente ao 1º eixo temático: As expressões da História local, a partir das experiências e memórias dos estudantes relacionadas ao local onde nasceram, habitam e/ou estudam. • Momento dedicado a produção de atividades relacionadas ao 1º eixo temático, que podem ser reservadas para a exposição e apresentação na culminância do Projeto História Local. 	X	X			
<ul style="list-style-type: none"> • Discussão, reflexão e elaboração de ações práticas com os estudantes referente ao 2º eixo temático: As impressões da História Local, através da análise das fontes históricas, dos lugares de memória e os espaços de sociabilidades, dentre eles, a própria escola. • Momento dedicado a produção de atividades relacionadas ao 2º eixo temático, que podem ser reservadas para a exposição e apresentação na culminância do Projeto História Local. 		X	X		
<ul style="list-style-type: none"> • Discussão, reflexão e elaboração de ações práticas com os estudantes referente ao 3º eixo temático: As articulações e tensões dos processos históricos por meios das conexões entre a História Global, Nacional e Local. • Momento dedicado a produção de atividades relacionadas ao 3º eixo temático, que podem ser reservadas para a exposição e apresentação na culminância do Projeto História Local. 			X	X	
<ul style="list-style-type: none"> • Realização de Culminância do Projeto com a apresentação dos trabalhos elaborados pelos alunos em relação aos aspectos relativos a História Local da cidade / bairro e /ou comunidade atendida pela escola ou sobre a história da própria escola. 				X	X
• Avaliação das ações realizadas ao longo do processo.	X	X	X	X	X

OBSERVAÇÃO:

Caros colegas professores, ressaltamos que o cronograma sugerido não exige sua execução com exatidão. O cronograma em questão é sugerido como um instrumento norteador para a condução da disciplina, sendo oportuno considerar também o protagonismo dos estudantes no desenvolvimento do planejamento das ações em sala de aula.

Referências Bibliográficas:

As referências para a elaboração da disciplina eletiva História Local – As Expressões e Impressões da História do Meu Lugar, são basicamente as mesmas que estão sinalizadas ao final da dissertação, com exceção dos textos que narram, **especificamente**, questões relativas à História da Ilha do Governador, por se tratar de uma disciplina que tem por finalidade dar ênfase ao local em que os docentes atuam profissionalmente como professor de História na educação básica.

3.4. A implementação da disciplina eletiva sobre História Local, em uma escola pública na Ilha do Governador

Desde o primeiro momento em que definimos que a propositiva final desta dissertação seria uma disciplina eletiva sobre História Local, a ideia que nos motivava era sugerir, como já mencionado, sua inclusão no catálogo de eletivas da rede estadual de educação do Rio de Janeiro, pois o objetivo central era oferecer, aos docentes da educação básica, um instrumento pedagógico que pudesse expandir e potencializar o ensino de história local, nas escolas da rede pública de ensino do Rio de Janeiro.

Vislumbrando uma conjectura em que a equipe técnica e pedagógica da Seeduc-rj aceite a sugestão de disciplina eletiva sobre História Local ofertada nesta dissertação e considerando o fato que exercemos também o cargo de professor de história nesta mesma rede pública de ensino, quais seriam as temáticas e os conteúdos históricos e conceituais que poderíamos mobilizar, nas abordagens em sala de aula, tendo como referencial à História da Ilha do Governador? Ressaltamos que nos referimos especificamente a Ilha do Governador, por se tratar da localidade onde atuamos profissionalmente como professor de história, lecionando para estudantes das turmas do ensino médio, regular e da EJA, no turno noturno, do Colégio Estadual Rotary, localizado no bairro da Freguesia, na Ilha do Governador.

Sendo assim, a partir deste momento, temos como objetivo apresentar de que forma poderíamos conduzir os trabalhos da disciplina eletiva: História Local – As Expressões e Impressões da história do meu lugar, tendo como referencial a História da Ilha do Governador. Para tanto, teremos como fio condutor e norteador das ações, o planejamento que esboçamos na descrição da disciplina eletiva e no item 3.2, com a subdivisão do conteúdo programático em eixos temáticos, relativos a aspectos da História Local.

3.4.1. As expressões da História Local, a partir das experiências e memórias dos estudantes relacionadas ao local onde nasceram, habitam e/ou estudam

Em consonância com o cronograma de ações proposto para a disciplina e a sugestão metodológica, as primeiras abordagens que pretendemos estabelecer em sala de aula, teria como foco apresentar aos estudantes os eixos temáticos que elaboramos para abordar a História da Ilha do Governador. Após concluirmos esta etapa, a proposta seria iniciar a abordagem do primeiro eixo temático, que se refere as expressões da História local, a partir das experiências e memórias dos estudantes.

Como a finalidade deste primeiro eixo temático, é conhecer as experiências mais marcantes que os estudantes tiveram na Ilha do Governador, vivências que ficaram marcadas na sua memória, primeira ação seria a abertura de uma roda de conversa, onde os estudantes seriam estimulados a comentar suas experiências, vivenciadas em uma determinada época e em lugares específicos da Ilha do Governador. Os estudantes seriam também motivados a comentar as histórias que ouviram sobre fatos ocorridos na região, histórias que de certa forma também ficaram marcadas em sua memória.

Após este primeiro momento de escuta ativa aos relatos dos estudantes e munido de um número considerável de informações, o próximo passo seria envolver os estudantes no processo de buscar por pontos de convergências entre suas histórias pessoais ou geracionais, ligada à sua trajetória de vida na região, com circunstâncias associadas da História da Ilha do Governador. Reiteramos que esta estratégia visa valorizar as experiências dos estudantes nesta localidade, conceder a eles a possibilidade de serem protagonistas do próprio aprendizado, de se sentirem a todo momento valorizados, tendo a percepção que suas vivências têm valor histórico, que são de fato coautores da História em curso da Ilha do Governador.

Em relação aos conteúdos conceituais que pretendemos mobilizar durante as aulas programadas para abordar o primeiro eixo temático, destacamos os conceitos de memória, tempo histórico, identidade e o próprio conceito de história local. Quanto aos conteúdos procedimentais, a intenção é capacitar os estudantes a fim de: 1) identificar perspectivas diferentes sobre um mesmo acontecimento, fato ou tema histórico; 2) perceber a simultaneidade de acontecimentos em diversas localidades e contextos diferentes; 3) expressar-se de diferentes formas: escrita, oral, fotos, vídeos, audiovisuais e plásticas etc.; 4) despertar o sentimento de pertencimento ao local, reconhecer-se como sujeito histórico.

Considerando um cenário, em que disciplina eletiva seja aplicada no início do primeiro semestre do ano letivo de 2024, que assuntos poderiam estar presentes nas memórias dos

estudantes, recém-saídos do período de férias escolares? Provavelmente o tema carnaval ainda estaria latente nas memórias recentes, assim como o tema futebol, diante da expectativa dos estudantes em relação ao seu time de coração. Seguindo esta possibilidade de linha de raciocínio e visando estimular os estudantes a conhecerem, refletirem e problematizarem processos históricos associados a história local, entendemos que as temáticas carnaval e futebol possam oferecer *links* oportunos para inserir os estudantes no debate e nas análises sobre aspectos da História Local da Ilha do Governador.

A temática futebol costuma suscitar muito interesse entre os estudantes, por ser, na visão de muitos, uma extraordinária oportunidade de ascensão social e financeira, além de ser um excelente instrumento para extravasar suas emoções e aliviar o peso da rotina. Desta forma, encontrar pontos de convergências entre o futebol e a história local, pode se tornar uma boa estratégia para motivar os estudantes a conhecerem a História da Ilha do Governador.

Sendo assim, nos momentos da roda de conversa com os estudantes, para estimular o debate, algumas questões poderiam ser lançadas, como por exemplo: Na sua família alguém seguiu a carreira de jogador de futebol? No seu bairro existe ou já existiu algum time de futebol? Você ou alguém da sua família lembra de algum time do bairro que ficou marcado na memória? Na sua visão, a quantidade de campos disponíveis a prática de futebol é satisfatória? Em épocas anteriores tinham mais campos de futebol na Ilha do Governador? Caso os estudantes sinalizem que houve redução dos campos de futebol, poderíamos seguir indagando: na sua visão o que causou esta redução dos espaços disponíveis a prática de futebol na região? Seguindo com as perguntas problematizadoras, poderíamos questionar: você conhece algum jogador e ex-jogador de futebol profissional que nasceu, viveu ou ainda mora na Ilha do Governador? Alguém tem fotos antigas guardadas relacionadas ao tema futebol na Ilha do Governador?

Tendo como referencial o posicionamento dos estudantes diante destas múltiplas questões, provavelmente teríamos acesso a muitos relatos com potencial para iniciar as primeiras correlações da temática futebol inseridas em aspectos da História da Ilha do Governador. Neste contexto, com o objetivo de aguçar a percepção dos estudantes em relação as mudanças e permanências dos espaços físicos e a rotina dos moradores da ilha ao longo do tempo presente, poderíamos compartilhar em sala de aula o resultado de alguns pesquisas prévias que fizemos a partir de fontes históricas analisadas. Isso não significa que as informações trazidas pelos estudantes serão somente arquivadas, a intenção de fato é estabelecer pontos de conexões.

Após o processo de pesquisas investigativas que efetuamos podemos presumir que algumas residências próximas as orlas das praias da Ilha eram, até anos 1960, locais escolhidos

por grandes clubes cariocas de futebol para realizarem seus períodos de concentrações e pré-temporadas. Na década de 1950, era possível caminhar pelas orlas das praias da ilha e encontrar casualmente jogadores profissionais em um momento de relaxamento, pescando tranquilamente após um período de treinamento.

Imagens impensáveis, quando comparadas com a realidade atual, tanto na Ilha do Governador quanto em outras regiões da cidade densamente povoada e afetada também pela especulação imobiliária, que desencadeou um processo sucessivo de demolições da maioria das residências de veraneio que existiam na Ilha do Governador, dentre elas as que eram reservadas para abrigar as delegações de futebol. Dos anos 1950 para os dias atuais, a ilha passou por um forte processo de urbanização e crescimento populacional. Durante este processo de transição, a ilha foi perdendo gradativamente suas características de região de veraneio.



Figura 15 : Imagem dos jogadores José Rodrigues, Danilo e Alfredo do Vasco da Gama pescando na praia da Guanabara no ano de 1953. **Fonte:** Biblioteca Nacional apud grupo do *facebook*: Ilha do Governador: Passado no presente administrado pelo professor Jaime de Moraes. Acesso dia 01 de dezembro de 2023.

Durante o período que pesquisávamos sobre aspectos da história local da Ilha do Governador, tivemos conhecimento que foi no Flexeiras Futebol Clube, um clube com 105 anos de história, localizado no bairro do Galeão, que alguns célebres jogadores de futebol, deram seus primeiros chutes a gol, dentre eles os zagueiros Nilton Santos e Brito, ambos campeões mundiais de futebol pela seleção brasileira. No registro a seguir temos a presença de vários jogadores do Botafogo, em um jogo festivo pelo time de futebol do Clube Flexeiras, saudando o local onde alguns deles foram revelados para o futebol.



Figura 16: Em destaque o time do Flexeiras com a presença de alguns jogadores do Botafogo, no caso, Garrincha, Nilton Santos e Paulo Amaral, além de Olegário, Rafael Magalhães e Décio Brito.

Fonte: Ivan José Fernandes publicada no grupo do *facebook*: Ilha do Governador: Passado no presente administrado pelo professor Jaime de Moraes. Acesso dia 29 de novembro de 2023.

O Flexeiras Atlético Clube¹², agremiação que nasceu no bairro do Galeão, em 7 de setembro de 1918, completará neste ano de 2024, exatos 106 anos de história ligada ao futebol carioca. Criado por pescadores e jogadores de futebol amador, o clube tem o orgulho de ter sido o berço de duas referências do futebol brasileiro: o lateral esquerdo Nilton Santos, bicampeão mundial pela seleção brasileira em 1958 e 1962 e Brito que foi eleito o melhor zagueiro da Copa do Mundo de 1970, quando o Brasil se sagrou tricampeão mundial.

A Ilha do Governador também foi o local escolhido para ser a morada de grandes jogadores de futebol, como Roberto Dinamite, que morou no bairro do Jardim Guanabara e o próprio Garrincha que morou no bairro do Moneró com a sua eterna Elza Soares. Em contatos que tivemos com antigos moradores do bairro do Moneró, podemos concluir que muitos deles guardam em suas memórias um hábito que Garrincha costumava ter de colocar sua réplica da taça Jules de Rimet, conquistada pelo Brasil na Copa do Mundo de 1962, na janela da sua sala de estar. Quem passava na rua podia ver a taça exibida próxima a janela. Neste período, Garrincha tinha o hábito de receber em sua casa grandes jogadores, como consta na imagem a seguir.

¹² Fonte: [Clube Flexeiras completa 98 anos | Notícias | Ilha Notícias \(ilhanoticias.com.br\)](http://ilhanoticias.com.br) Acesso dia 1 de dezembro de 2023.

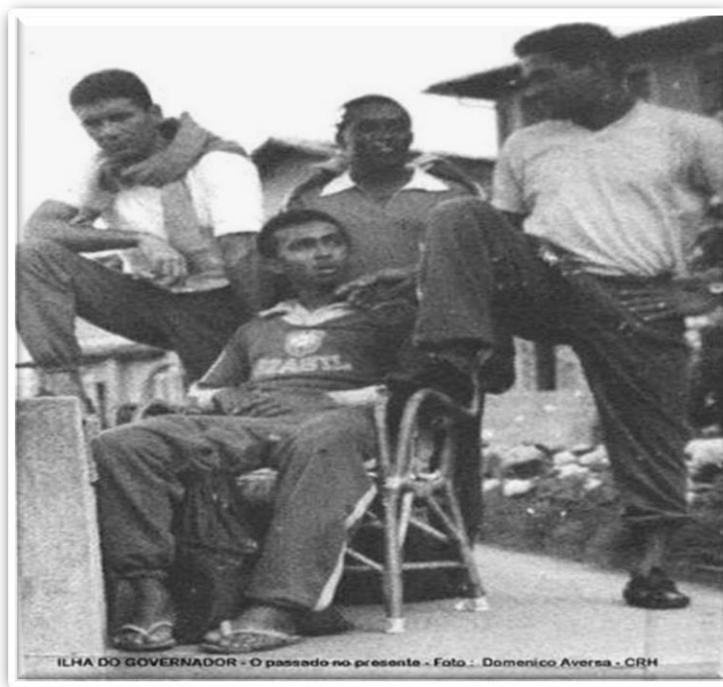


Figura 17: A esquerda, Newton Santos, à direita Garrincha e sentado, Quarentinha.

Fonte: Sr. Domenico Aversa (In Memoriam) publicada no grupo do facebook: Ilha do Governador: Passado no presente administrado pelo professor Jaime de Moraes. Acesso dia 19 de novembro de 2023.

Em um tempo mais recente, a Ilha do Governador revelou outros grandes jogadores como Diogo Souza, o ex-jogador Roger Flores, atualmente apresentador na Sport tv e o ex-goleiro André Carvalho, que atualmente é treinador de goleiros do Fluminense, meu colega de infância, que deram seus primeiros passos no futebol participando de times de bairros tradicionais da Ilha do Governador.

Revelar outros grandes jogadores de futebol não nos parece ser uma tarefa fácil nos tempos atuais. O aumento exponencial da especulação imobiliária na Ilha do Governador, a partir principalmente da década de 1980, vem ocasionando uma grande transformação no seu espaço urbano. Ao longo deste período, muitos locais destinados a prática do futebol foram extintos, para dar lugar a construção de estabelecimentos públicos e privados, reduzindo as áreas públicas para o lazer e esporte na região. Entendemos, que através da temática futebol seja possível acessar as memórias geracionais dos estudantes, relacioná-las ao local onde estão inseridos e assim promover a reflexão em relação as permanências e mudanças da Ilha do Governador.

Um outro assunto sugerido neste primeiro eixo se refere a temática carnaval e sua relação com aspectos da História da Ilha do Governador. Para estimular o relato dos estudantes e o debate em relação a esta temática, algumas questões problematizadoras poderiam ser propostas, dentre elas: Quais são suas memórias ligadas ao carnavales de rua passados a Ilha do

Governador? Vocês conseguem perceber alguma mudança em relação a esta festividade na região da Ilha do Governador? Qual sua relação com as escolas de samba presentes na região? Você considera as manifestações culturais como o carnaval como um exemplo de patrimônio local? Você se identifica com alguma escola de samba presentes na Ilha do Governador? Você considera que seja possível conhecer e refletir sobre a História da Ilha do Governador, a partir de enredos propostos por escolas de samba locais? Esta são algumas questões, dentre tantas, que poderiam suscitar o debate sobre as vivências e memórias dos estudantes em âmbito local.

Quando refletimos sobre a temática carnaval e o próprio samba como manifestação cultural, atendida também como um exemplo de patrimônio imaterial, a Ilha do Governador pode ser considerada uma região privilegiada por possuir, além da G.R.E.S União da Ilha do Governador, outras duas agremiações, no caso, a G.R.E.S - Acadêmicos do Dendê e a G.R.E.S - Boi da Ilha, assim como vários blocos que desfilam pelas ruas dos seus bairros.

O carnaval, particularmente o relativo aos desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro, é uma temática que oferece muitas possibilidades para atrair a atenção dos estudantes para a abordagens dos processos históricos em sala de aula. Nesta perspectiva, o carnaval do ano 2000 é um excelente exemplo a ser pesquisado e problematizado em sala de aula. Em alusão aos quinhentos anos do “descobrimento” do Brasil pelos colonizadores portugueses, a LIESA, Liga Independente das Escolas de Samba definiu que todas as escolas de samba do Rio de Janeiro, do grupo especial, grupo A e B, desfilariam com enredos referentes a História do Brasil. Para tanto as agremiações receberam na ocasião da prefeitura do Rio de Janeiro uma quantia extra de quinhentos mil reais para a elaboração de fantasias e adereços. Neste ano de 2000, a G.R.E.S Boi da Ilha do Governador ficou em 4º lugar, dentre as escolas do Grupo B, com o respectivo enredo e samba-enredo em destaque a seguir:

“Paranapuã – Governador na história de uma Ilha, memórias de uma nação”

Compositores: Meia Noite, Tonico do Pandeiro, Arlindo Brown e Gil Azeitona.

Carnavalesco: Guilherme Alexandre.

Canta minha Ilha
 É alegria, é carnaval ano 2000
 Empolga a massa e faz a festa
 500 anos de história do Brasil

Vem cantar comigo, amor
 Sou Boi da Ilha nessa festa popular
 Histórias de uma terra fascinante
 Paranapuã venho exaltar
 Índios, portugueses e franceses
 Na luta pela posse do lugar
 Com a vitória portuguesa
 A cana de açúcar veio a prosperar

O braço negro ô ô ô

Beneditinos e a fazenda Sá
Após a invasão francesa
A coroa lusa vem pro Rio se instalar

Assim, de veraneio à moradia
A Ilha vem crescendo dia a dia
Dando a sua contribuição
Lazer, comércio, indústria, educação
Hoje, saúde e poesia
Sou suburbano, crença e alto astral
Tenho ligação com o mundo inteiro
Do Rio de Janeiro o portal

Fonte: www.letras.mus.br/gres-boi-da-ilha-do-governador/samba-enredo-2000-paranapuan-governador-na-historia-de-uma-ilha-memorias-de-uma-nacao/
Acesso dia 19 de novembro de 2023.

O enredo “Paranapuã – Governador na história de uma Ilha, memórias de uma nação”, apresentado no carnaval do ano 2000, da G.R.E.S Boi da Ilha, retrata passagens importantes da História da Ilha do Governador e suas articulações e tensões presentes na interface com a história da cidade do Rio de Janeiro e com a História Nacional e Global. Este samba-enredo apresenta muito potencial para ser utilizado como uma excelente fonte histórica para o uso didático nas atividades que pretendemos trabalhar em sala de aula, para abordar aspectos relativos à História da Ilha do Governador.

A exaltação a Paranapuã, é um enaltecimento a uma ilha sob a perspectiva dos povos originários que tentaram, a sua maneira, a partir de alianças com os colonizadores europeus, manter viva suas tradições nas terras tomadas por invasores deste continente, em um contexto em que o território da então capitania do Rio de Janeiro era intensamente disputado pelos colonizadores portugueses e franceses.

Não faltaram no samba-enredo, menção as primeiras tentativas de plantio de cana-de-açúcar na capitania do Rio de Janeiro, assim como, aos povos de origem africana, que na ilha foram escravizados inicialmente na fazenda Sá, da família de Salvador Correa de Sá, na ocasião, governador da cidade do Rio de Janeiro, de onde se cunhou inclusive o nome Ilha do Governador à região, além da menção às terras dos frades beneditinos, onde se localizou o quilombo Garahy, já mencionado nesta dissertação, e atualmente se encontra o Aeroporto Internacional Antônio Carlos Jobim, no bairro do Galeão.

Outro aspecto da História da Ilha do Governador ressaltado no samba-enredo, se refere a transição de uma Ilha do Governador ainda vista como região produtora de gêneros alimentícios e da cal destinada aos setores da construção civil da cidade do Rio de Janeiro, para uma ilha com características de veraneio, concebida como um balneário natural escolhido pelos cariocas na primeira metade do século XX, para passar as temporadas do verão carioca, dentre eles o

ainda jovem Vinícius de Moraes. O samba termina com uma exaltação ao cidadão suburbano e sua ligação com o mundo, tendo a cidade do Rio de Janeiro como referencial.

Entendemos que através da temática carnaval e especificamente os desfiles das escolas de samba podemos oferecer fontes históricas enriquecedoras para a prática ações práticas em sala de aula, haja vista a quantidade significativa de dissertações que focam sobre este tema. Sendo assim, a partir da proposta de análise da letra do samba, identificada como um exemplo de fonte história de expressão popular, entendemos que seja possível motivar os estudantes a conhecerem e refletirem sobre aspectos da História da Ilha do Governador.

Como este primeiro eixo temático é dedicado as experiência e memórias na Ilha do Governador, uma sugestão de atividade interessante para conclusão deste eixo temático, poderia ser a capacitação dos estudantes para colocarem em prática uma ação típica do trabalho investigativo dos historiadores, que se refere ao ato de colher depoimentos através da realização de entrevistas com antigos moradores do bairro ou como seus próprios familiares referente a fatos marcantes vivenciados na Ilha do Governador que ficaram registrados na memória.

Através desta atividade, os estudantes teriam a oportunidade de desenvolverem o ato de formular perguntas e hipóteses a partir dos dados coletados nas entrevistas, produzir argumentos a partir da análise das fontes orais, além de apontar as mudanças e permanências no espaço físico investigado, nas paisagens e nas suas representações a partir das informações obtidas nos relatos dos entrevistados, experimentando assim uma das etapas de uma pesquisa investigativa.

3.4.2. As impressões da História Local, através da análise das fontes históricas, lugares de memória e os espaços de sociabilidades

Dando sequência ao cronograma da disciplina eletiva sobre História Local, tendo como referencial o segundo eixo temático, que diz respeito as Impressões da História Local, através da análise de fontes históricas, dos lugares de memória e os espaços de sociabilidades presentes, no caso, na Ilha do Governador, a proposta seria motivar os estudantes a desenvolverem uma pesquisa investigativa, a partir da análise das fontes históricas coletadas pelos próprios estudantes em ambiente familiar, nas redes sociais relacionada a região da Ilha do Governador, em espaços de sociabilidades frequentados pelos estudantes ou em espaços públicos como, por exemplo, a biblioteca pública Euclides da Cunha, localizada no bairro do Cocotá, assim como as fontes que pretendemos disponibilizar para análise dos estudantes nas atividades escolares

Quanto aos conteúdos conceituais que pretendemos mobilizar durante as discussões, debates e abordagens referentes a este segundo eixo temático, destacaríamos os conceitos de

fontes históricas, lugares de memória, patrimônio (material e imaterial). Dentro os conteúdos procedimentais, a intenção seria desenvolver nos estudantes a capacidade de: 1) identificar e interpretar os diversos tipos de fontes históricas; 2) formular perguntas e hipóteses sobre documentos históricos de origem diversificada; 3) produzir argumentos a partir da análise de fontes primárias; 4) reconhecer e identificar exemplos do patrimônio histórico material e imaterial e suas características; 5) buscar e comparar informações em diferentes tipos de fontes históricas (entrevistas, pesquisa bibliográfica, imagéticas, audiovisual, etc.); 6) apontar as mudanças e permanências no espaço e na paisagem e suas representações.

Após reservar um momento inicial dedicado a explicar as origens dos conceitos de lugares de memória e patrimônios históricos materiais e imateriais, o passo seguinte seria instigar os estudantes a conhecerem, refletirem e problematizarem os lugares de memória e espaços de sociabilidade presentes na Ilha do Governador como um todo e especificamente no bairro da Freguesia, local onde se encontra instalado o Colégio Estadual Rotary, onde lecionamos a disciplina história para alunos do ensino médio regular e da EJA.

Uma estratégia didática interessante que podemos adotar é de envolver os próprios estudantes no processo de elaboração do roteiro histórico pelas ruas, praças e avenidas do bairro da Freguesia. Dando continuidade as ações, a ideia seria verificar quais são as memórias e vivências que os estudantes ou seus familiares têm nos lugares de memória e espaços de sociabilidade identificados, assim como verificar os possíveis impactos que estes locais podem ter produzido na trajetória de vida dos estudantes e na maneira como se identificam perante a sociedade.

Tendo como ponto de referência as informações obtidas pelos estudantes em suas pesquisas investigativas sobre os lugares de memória presente no bairro da Freguesia, associadas aos conhecimentos históricos que mobilizamos a partir do saber escolar adquirido na prática docente, podemos estimular a reflexão dos estudantes, tendo então como referencial o próprio Colégio Estadual Rotary. Na saída principal do colégio temos a Estrada Paranapuã, construída no mesmo sentido das primeiras trilhas abertas, na mata, pelos povos originários da região, no caso, os Maracajás e/ou Temiminós. Boa parte do local a esquerda da Estrada Paranapuã e na mesma calçada do colégio, onde hoje temos erguidos empreendimentos comerciais e residenciais, pertencia até o início do século XX, ao terreno do antigo cemitério da Ilha do Governador, que só foi transferido para um outro local, no bairro do Cacuia no ano de 1904.

Vizinha ao antigo cemitério temos erguida e com funcionalidade até os dias atuais a Igreja Matriz de Nossa Senhora D'Ajuda, já analisada no primeiro capítulo desta dissertação, e

defronte a igreja é possível avistar a Praça Calcutá, que já foi Praça Carmela Dutra, em homenagem a Carmela Teles Leite, nascida na Ilha do Governador, que além de professora de escola pública, foi primeira-dama do Brasil no governo do ex-presidente Eurico Gaspar Dutra. A atual Praça Calcutá, muito frequentada pelos moradores da região, é palco de um dos patrimônio imateriais da Ilha do Governador, o carnaval de rua, com os desfiles dos seus blocos carnavalescos. Nesta praça encontra-se fixado um busto em homenagem a Lima Barreto, que também nasceu e viveu uma parte de sua vida na Ilha do Governador, até a sua morte no ano de 1922, no Asilo dos alienados que existia no bairro do Galeão. Caminhando um pouco mais é possível ver, na praia da Guanabara um altar erguido sobre as ondas do mar em homenagem a Orixá Iemanjá, como pode ser visto na imagem a seguir.



Figura 18: Imagem de Iemanjá fixada na praia da Guanabara, no bairro da Freguesia.

Fonte: Do próprio autor da dissertação.

Dando sequência ao roteiro é possível avistar as ruínas da ponte da formicida, que pertencia a antiga Fábrica de formicidas Guanabara, localizada na estrada da Guanabara. Esta fábrica se destinava a fabricar um veneno para combater as formigas saúvas que, até meados do século XX, eram vistas como uma praga que devastava áreas de plantio. Já no trecho final podemos avistar a Pedra da Onça e assim concluir um roteiro, dentre vários roteiros possíveis na região, para a realização de uma aula a céu aberto.

O bairro da Freguesia, assim com outros bairros da Ilha do Governador foram por sinal palcos para a eclosão da Revolta da Armada de 1891, liderada por militares da Marinha do

Brasil, contrariados com o predomínio do exército brasileiro na condução política do país, diante das nomeações dos respectivos Marechais do exército Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto para o cargo de presidente da República. A revolta em questão é identificada nos livros didáticos como parte integrante dos acontecimentos históricos associados a História Nacional.

Contudo, ao variarmos a escala de observação sobre este episódio histórico, percebemos que o mesmo gerou impactos tanto na cidade do Rio de Janeiro, como afetou também o cotidiano local dos moradores da Ilha do Governador, região onde se deu os sangrentos combates narrados em jornais locais, que ocasionou a morte de civis na Ilha do Governador, como narra um antigo morador da região, o dr. Carlos Bastos, que em uma Conferência realizada em, 27 de novembro de 1964, no Colégio Estadual Mendes de Moraes, assim disse:

Foi também a Igreja de N. S. da Ajuda, igualmente, vítima do saque, por (...) comandados (do coronel Moreira César) que, vestido com os paramentos religiosos dos padres, se exibiam pelas vias públicas. Teve, porém um deles, o merecido castigo divino: quando subia os degraus do altar em que estava N. Senhora, para se apoderar do colar de brilhantes que guarnecia o pescoço da Santa, caiu fraturando uma perna, demovendo os demais, de prosseguirem no sacrilégio interno. (BASTOS, 1964 apud IPANEMA, 2013, p. 141)

A Revolta da Armada, a nosso ver, para além de ser compreendida corretamente como um evento importante da História Nacional, deveria ser compreendida também como um fato histórico que gerou tensões e alterou a dinâmica interna da cidade do Rio de Janeiro e por conseguinte da própria Ilha do Governador, região onde se encontrava, até aquele momento, a Escola de Aprendizes de Marinheiro, um dos locais onde a revolta eclodiu.

A Ilha do Governador, como já vemos destacando, foi palco de fatos históricos de grande repercussão, em âmbitos local, nacional e global, considerados pela historiografia específica como temas sensíveis, mas que estão presentes nos currículos escolares da educação básica, o qual não podemos ser indiferentes e nem se silenciar. O lugar de memória em questão, se refere a Base Aérea do Galeão, localizada no bairro do Galeão, base que serviu de palco para dois momentos emblemáticos a História Nacional, como repercussão na História da Cidade do Rio de Janeiro e na História da Ilha do Governador.

Nos reportamos primeiramente a década de 1950, período em que a Base Aérea do Galeão foi considerada a sede da chamada “República do Galeão,” em alusão ao clima de forte pressão pela renúncia do então presidente Getúlio Dornelles Vargas, após o fatídico Atentado da Rua Tonelero sofrido pelo jornalista Carlos Lacerda, que causou a morte do seu guarda costa, no caso, o oficial da aeronáutica o major Rubens Florentino Vaz. A alta cúpula militar da aeronáutica exigiu que a investigação fosse conduzida a partir de um IPM, isto é, um Inquérito

Policial Militar, que a partir de sua abertura:

os suspeitos passaram a ser levados para a Base Aérea do Galeão, onde eram submetidos a interrogatórios pelas autoridades militares. Foi montado um rigoroso esquema de segurança em torno da base, sendo vedada à imprensa qualquer informação sobre os depoimentos prestados, bem como qualquer contato com os detidos. Foram presos e interrogados no Galeão Gregório Fortunato, chefe da guarda pessoal de Getúlio (dissolvida em 9 de agosto), acusado de ser o mandante do atentado; Climério Euribes de Almeida, acusado de haver contratado o pistoleiro que matou o major Vaz e de ter orientado diretamente o crime; João Valente de Sousa, secretário da guarda, acusado de ter facilitado a fuga de Climério; Alcino João do Nascimento, acusado da autoria dos disparos que mataram o major Vaz e feriram Carlos Lacerda e o guarda municipal Sálvio Romero; o motorista de táxi Nélson Raimundo de Sousa, e José Antônio Soares, sócio e compadre de Climério e suposto intermediário entre este e Alcino. (LAMARÃO, verbete “República do Galeão” publicado no dicionário Histórico-geográfico do CPDOC, acesso *online* no dia 28 de janeiro de 2024) Link de acesso [GALEAO, REPUBLICA DO | CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil \(fgv.br\)](#)

Foi nesta mesma Base Aérea do Galeão, que nas décadas de 1960/70, a partir do abominável Ato Institucional nº 5, cidadãos brasileiros contrários a existência e permanência da Ditadura Civil-Militar Brasileira (1964-1985), foram presos, torturados e mortos e/ou tidos como desaparecidos, como o caso do deputado Rubens Paiva e de Stuart Edgart Angel Jones, estudante e militante do MR8 - Movimento Revolucionário 8 de outubro, só para citar alguns, entre outros casos dramáticos de opositores do governo que foram presos, torturados e mortos.

Durante a abordagem de temas sensíveis como estes em sala de aula, acreditamos que seja também importante estimular a reflexão dos estudantes quanto aos possíveis impactos que tais fatos podem ter gerado em âmbito local, no caso em questão, a Ilha do Governador. A repercussão, em ambiente familiar, dos assuntos abordados nas aulas pode ser capaz de despertar memórias geracionais sobre esses acontecimentos históricos, além de gerar condições propícias para os estudantes refletirem sobre a importância da manutenção dos valores democráticos e vigilância constante contra rompantes de movimentos favoráveis a imposição de regimes autoritários em nosso país.

Por ter uma percepção, durante as abordagens que costumamos estabelecer em sala de aula, que boa parte dos estudantes, desconhecem que parte destes acontecimentos dramáticos da nossa história ocorreram na Base Aérea do Galeão, localizada na Ilha do Governador, entendemos a relevância de efetuar esta contextualização, para que os estudantes compreendam que a defesa da democracia, da liberdade de expressão e do respeito aos direitos humanos, precisa acontecer desde o nível mais local ao mais global.

Neste mesmo bairro do Galeão, onde se encontra a Base Aérea, temos um grande dilema local que vem causando muita controvérsia, tendo relação com o processo de aquisição do terreno, construção, inauguração e a posterior expansão do Aeroporto Internacional Antônio

Carlos Jobim. O motivo gerador desta polêmica se refere a indignação dos moradores do bairro do Galeão e das localidades conhecidas na região como Itacolomi e Flexeiras, diante do forte processo desapropriação e deslocamento populacional que ocorreu para construção das pistas aeroporto e o isolamento da área que circula o aeroporto, justificada, na ocasião, por questões de segurança aérea.

Ressaltamos que este processo de desapropriação de moradores ainda está em curso, devido as tentativas de expansão da área de ação do aeroporto, promovidas pela Aeronáutica, que alega que o terreno em litígio pertence a União. Estas desapropriações têm gerado momentos de forte tensão na região, sendo responsável por contínuas manifestações de repúdio promovida principalmente pelos moradores da Estrada Maracajá que, atingidos diretamente por este processo de desapropriações, tem realizado protestos interditando a principal via de entrada e saída da ilha e de acesso ao aeroporto, no caso, a Estrada do Galeão, como consta nos registros:



Figura 19 e 20: Imagens de manifestações na Estrada do Galeão feitas pelos moradores da Estrada Maracajá contra o processo de desapropriação.

Fonte 19: Manifestação causa retenções na Estrada do Galeão, na Ilha do Governador - Jornal O Globo

Fonte 20: Moradores protestam no aeroporto Galeão-RJ contra remoções promovidas pela Aeronáutica (esquerdadiario.com.br) Acesso dia 01 de dezembro de 2023.

Em relação às mudanças e permanências relativas à História da Ilha do Governador no tempo presente, o guia desenvolvido pelo jornalista Norberto Greco, nos anos de 1950 e o grupo do *facebook* criado pelo professor Jaime de Moraes, já citados nesta dissertação, nos parece bons exemplos de fontes históricas relevantes para analisar e problematizar, em sala de aula, lugares de memória presentes na região, assim como a possibilidade de capacitar os estudantes a desenvolverem pesquisas biográficas tendo como referencial a região onde estão inseridos.

Ao abordar a temática História Local em sala de aula, tivemos acesso, a partir da iniciativa de um estudante da turma da EJA Módulo 1, uma fonte histórica composta por Guia da Ilha do Governador publicado por Norberto Greco, que mesmo sendo um guia com finalidade turística, pode ser classificado como uma obra importante a ser pesquisada, pelo fato de ser composto por um número considerável de fontes secundárias. Este conjunto de fontes

apresenta muito potencial para servir de base para estimular os estudantes a desenvolverem pesquisas investigativas sobre aspectos da História da Ilha do Governador.

Presumimos que a intenção de Noberto Greco (1950) com o Guia era tornar público as belezas naturais da Ilha, dignas de cartões postais e a rede de estabelecimentos comerciais presentes na região, oferecendo assim aos visitantes e potenciais futuros moradores da região, informações compatíveis com as necessidades almejadas.

Dentre os pontos turísticos da Ilha do Governador na década de 1950, período que o guia foi publicado, percebemos o destaque dado a chamada Pedra dos Amores, onde foi reproduzida, em escala ampliada, uma escultura em alusão ao gato maracajá, que por ser um felino típico na região acabou tendo seu nome incorporado pelo povo originário Maracajá, além de conceder a antiga denominação da ilha que já foi conhecida como Ilha de Maracajás.



Figura 21: Imagem da Pedra dos Amores nos anos de 1950. **Fonte:** Guia da Ilha do Governador, de Norberto Greco.



Figura 22: Imagem da Pedra da Onça registrada em 2023. **Fonte:** Registro do autor da dissertação.

Contudo, podemos problematizar em sala de aula que, se até a década de 1950 este local era conhecimento como Pedra dos Amores, com o passar do tempo, o mesmo local passou a ser identificado pela população insulana como Pedra da Onça, devido à semelhança do felino fixado no alto da rocha com uma onça. A então denominação “Pedra da Onça”, surgiu de uma lenda urbana narrada na ilha até os dias atuais, de que tal felino ficou em cima da pedra aguardando o banho de mar de uma indígena a qual tinha muita estima, e como a indígena não retornou, o felino acabou morrendo no local de tristeza, à espera da indígena.

Um outro fato que provavelmente, boa parte dos estudantes desconhecem é que na ilha havia muitas fontes água naturais, que chegaram até ser comercializadas na própria ilha e na cidade do Rio de Janeiro como um todo. Como exemplo destas fontes de água naturais, temos o caso da Água Radioativa Fontana, indicada, conforme a propaganda em destaque a seguir,

para o combate dos males dos rins, fígado, estomago, bexiga, intestino e doenças da pele. Segundo a propaganda dos anos 1950, presente no Guia da Ilha do Governador (1950, p.24), o Ministério da Agricultura assegurava o respectivo certificado de análise, ao confirmar a existência de “Radioatividade 10,88 (...) por litro d’água. Segundo as leis em vigor (Código de Águas Minerais). Esta água é qualificada como Mineral Radioativa.”



Figura 23: Propaganda do depósito da Água Radioativa Fontana na Ilha do Governador.

Fonte: Guia da Ilha do Governador de Norberto Grego

No entanto, se nos anos de 1950 o termo água radioativa, era visto como sinônimo de água de qualidade e eficaz no combate a doenças no corpo, atualmente, desde a ocorrência de desastres nucleares, como o ocorrido na usina nuclear de Chernobyl, o termo água radioativa passou a ser associado como um exemplo de água contaminada e imprópria para consumo, devido a sua exposição a radioatividade, como a que vazou, por exemplo, da usina nuclear de Fukushima¹³, no Japão, após ser atingida por um Tsunami no ano de 2011.

¹³ Segue o link para o acesso ao conteúdo da reportagem na íntegra www.bbc.com/portuguese/articles/cv23pvz8v33o Acesso dia 19 de novembro de 2023.

O desastre da usina de Fukushima foi tema de uma reportagem publicada no site da BBC, no dia 23 de agosto de 202, cuja chamada dizia respeito “a polêmica em torno da liberação de água radioativa de Fukushima”. A polêmica girava em torno da decisão do governo japonês de liberar a água radioativa tratada na usina nuclear. Segundo a reportagem “cerca de 1,34 milhão de toneladas de água – o suficiente para encher 500 piscinas olímpicas – estão acumuladas desde que o tsunami destruiu a central”.

Ao refletir sobre o conteúdo da propaganda e da reportagem, que gira em torno do consumo ou não da água radioativa, em momentos temporais destinos, entendemos que o assunto oferece uma grande potencialidade para abordá-lo de maneira interdisciplinar com professor Marcos de Geografia e a professora Letícia de Química, ambos colegas que lecionam conosco para estudantes das turmas do ensino médio do Colégio Estadual Rotary.

Dando continuidade as reflexões a partir das fontes históricas presentes no Guia da Ilha do Governador, quando pensamos no bairro do Jardim Guanabara, na Ilha do Governador e nos seus lugares de memória e espaços de sociabilidades, a imagem que mais retrata este bairro é provavelmente a da orla da praia da Bica, que na sua parte inicial se encontra erguida a Capela de Nossa Senhora da Conceição, já abordada nesta dissertação, posicionada a frente da Praça Jerusalém, onde é possível avistar uma fonte composta por uma escultura de uma indígena, intitulada como Mãe d’água. A título de curiosidade histórica, uma escultura idêntica foi fixada a frente da Catedral da Sé, na cidade de São Luís, no Maranhão, como constatamos quando fomos a São Luís apresentar a introdução deste trabalho no 32º Simpósio Nacional da ANPUH.

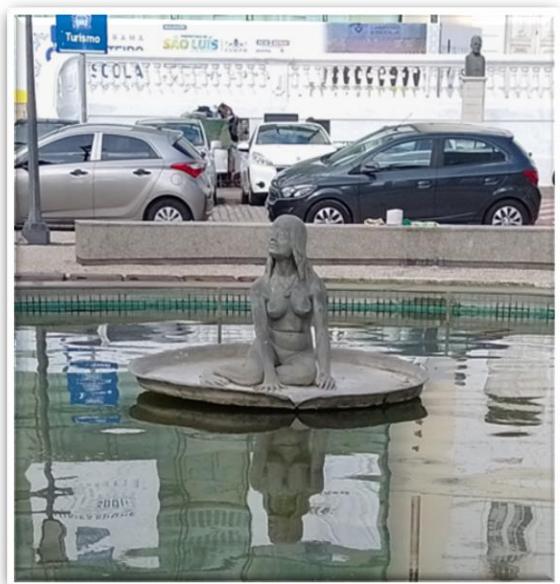


Figura 24: Imagem da escultura da Índia Mãe d’água na Praça Jerusalém, na Ilha do Governador.

Figura 25: Imagem da escultura da Índia Mãe d’água a frente da Catedral da Sé, em São Luís do Maranhão.

Fonte: Do próprio autor da dissertação.

Analisando o guia de Norberto Greco identificamos, na propaganda da Companhia Imobiliária Santa Cruz, a imagem da Praça Jerusalém como era nos anos de 1950, nela ainda é possível ver erguido o suntuoso prédio da antiga Fábrica de Produtos Cerâmicos Santa Cruz, um dos lugares de memória, com expressiva representatividade histórica que acabou sucumbindo pela especulação imobiliária após o fechamento das atividades da companhia.

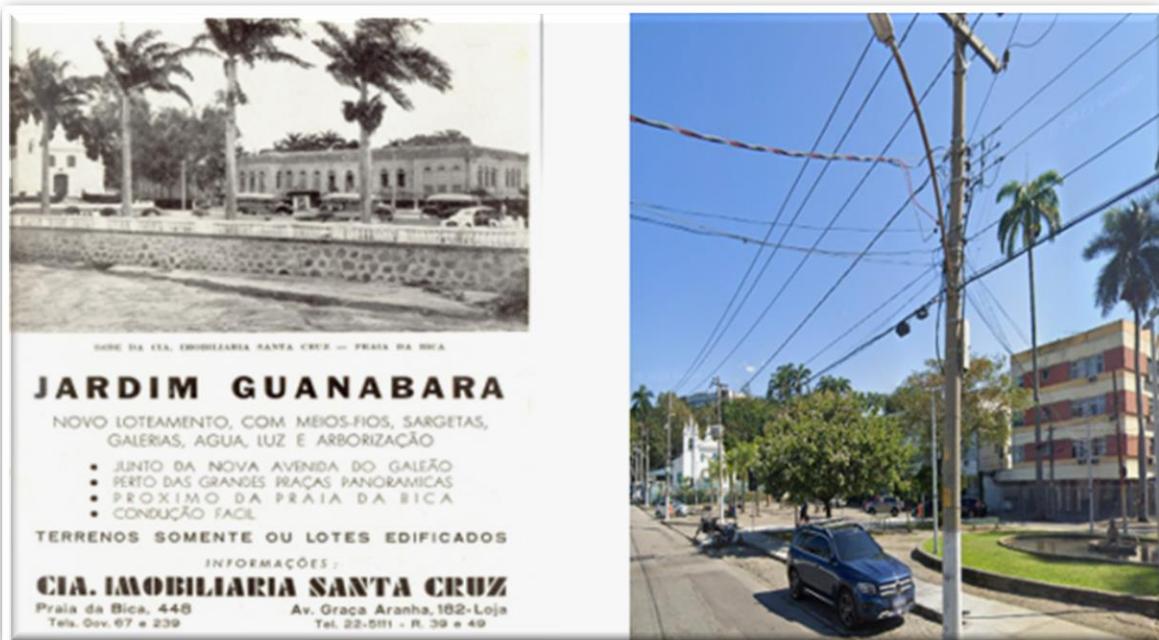


Figura 26: A esquerda, uma propaganda da Imobiliária Santa Cruz, na antiga Praça Jerusalém. **Fonte:** Guia da Ilha do Governador de Norberto Greco. **Figura 27:** A direita, registro atual feito em 2023 da Praça Jerusalém. **Fonte:** [Praça Jerusalém - Jardim Guanabara - Google Maps](#) Acesso dia 05/12/2023.

Desta fábrica que saíram boa partes dos tijolos, cerâmicas e telhas utilizados entre os anos de 1902-1906, na campanha do “Bota Abaixo” conduzida pelo então prefeito da cidade do Rio de Janeiro, Pereira Passos. Na imagem panorâmica Praça Jerusalém, não é possível ver mais erguido o prédio da Fábrica Santa Cruz. Atualmente a Capela de Nossa Senhora da Conceição e a Igreja de Nossa Senhora D’Ajuda, são as construções mais antigas da Ilha do Governador e ainda são funcionais.

A partir da análise destas fontes históricas, uma **sugestão de atividade** a serem desenvolvidas pelos estudantes, tendo como referencial o que foi abordado neste segundo eixo temático poderia ser **a confecção ou releitura de um novo Guia da Ilha do Governador**, só que agora na escala de observação dos próprios estudantes. O guia de Norberto Greco, cuja capa se encontra em destaque a seguir, representa um conjunto rico de fontes históricas de caráter imagético de uma ilha nas décadas de 1940/1950, com características de uma região de veraneio. No guia é possível encontrar propagandas de estabelecimentos comerciais, endereços de

profissionais liberais (médicos, advogados, dentistas e professores etc.) que ficaram marcados na memória de antigos moradores da região, assim como propagandas dos já extintos cinemas de bairros, enfim inúmeras fontes que podem perfeitamente servir de referencial analítico para introduzir os estudantes na elaboração de pesquisas investigativas, a fim de verificarem as permanências e mudanças quando comparamos a Ilha do Governador nas décadas de 1940/1950 e com a ilha na atualidade, em 2024.

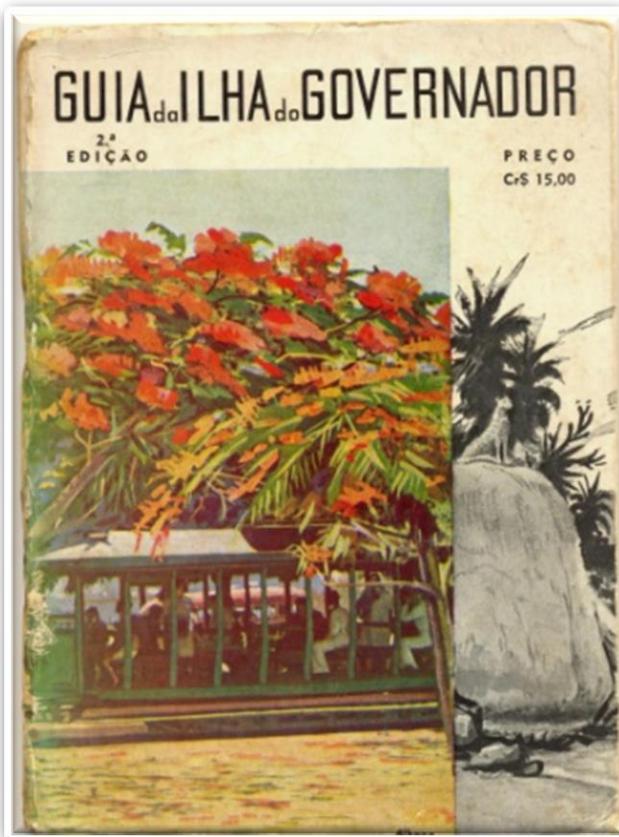


Figura 28: Imagem da capa do Guia da Ilha do Governador
Fonte: Guia da Ilha do Governador de Norberto Greco

Para tanto, há de se considerar a perspectiva dos estudantes em relação ao que eles consideram atualmente como os lugares de memória na Ilha do Governador, assim como, sugestões de opções de lazer na região e espaços de sociabilidade para frequentar, selecionados também pelos próprios estudantes. Através desta atividade, daríamos aos estudantes a oportunidade de colocar em prática conteúdos, conceitos e procedimentos abordados nas aulas da disciplina eletiva sobre história local da Ilha do Governador. A nosso ver, esta atividade é adaptável a outros contextos do Rio de Janeiro. Contudo, caso os estudantes e docentes não localizem um guia referente a região onde estão inseridos, uma boa opção seria estimular os estudantes a produzirem um guia inédito, isto é, autoral referente a sua localidade, seguindo parâmetros semelhantes ao que foi estabelecido na proposta de releitura.

Não são poucos os lugares de memória da cidade que não tem nenhuma descrição ou placa que indique, aos visitantes e/ou transeuntes, do que se trata o local, monumento, estátua ou busto exposto, por exemplo, em uma determinada praça. Em alguns casos, estes lugares de memória já até tiveram placas indicativas, porém as mesmas, em muitos casos, são vítimas de ações constantes de vandalismo, práticas que são recorrentes em muitos lugares da cidade.

Quando pensamos no centro da cidade do Rio de Janeiro, diante de sua importância histórica por ter sido capital do país por tanto tempo e por ter ocorrido em seus espaços muitos acontecimentos históricos que foram elevados a categoria de História Nacional, não faltam nesta parte específica da cidade roteiros alusivos à sua História, identificada exclusivamente como Nacional. Contudo, quando nos afastamos do centro da cidade, nos damos conta da existência de regiões repletas de lugares de memória sem identificação, descrição e sem roteiro histórico para ser percorrido. Desta forma, como uma segunda **sugestão de atividade**, a ser desenvolvida neste segundo eixo temático, optamos pela **produção de um folder com roteiro histórico** e a descrição dos seus pontos de referência feitas pelos próprios estudantes e acessadas via leitura de códigos em QRcode. No folder produzido pelos estudantes, ficariam em destaque, os pontos de referências de um roteiro histórico da Ilha do Governador como um todo ou de um bairro específico da região, com uma breve descrição dos lugares de memória.

A elaboração de roteiros históricos provavelmente não é uma atividade inédita, talvez a grande novidade ficaria por conta da inserção de código de QRcode, que ao serem identificados pelo leitor de QRcode, baixado em dispositivos como *smartfone*, direcionaria o visitante a um *link* que daria acesso a um vídeo de curta duração e/ou áudio gravado em mídia como *podcasts*, onde os próprios estudantes, com nossa orientação, seriam os autores destas narrativas histórias alusivas aos lugares de memória identificados no folder.

A pretensão com esta atividade seria motivar os estudantes a realizarem uma análise e problematização dos lugares de memórias presentes na Ilha do Governador e que se sintam motivados também a desenvolverem uma pesquisa investigativa, a ser divulgada para toda comunidade do Colégio Estadual Rotary, como resultado de um trabalho autoral, disseminando o conhecimento a respeito da história da localidade que nasceram, habitam e estudam.

O custo em si desta atividade é relativamente baixo, pelo fato do arquivo com o folder pode ser impresso em uma única folha A4. Neste caso, bastaria a escola imprimir alguns exemplares do folder e espalhar por pontos específicos do nosso colégio. Mas caso a direção da escola queira ampliar a divulgação da atividade poderíamos salvar o arquivo no formato pdf e divulgar o material em mídias eletrônicas alusivas à instituição ou a própria Ilha do Governador.

Uma informação importante, como a descrição dos lugares de memória seriam feitas pelos próprios estudantes, tendo consequentemente sua voz e imagem exposta, para participar desta atividade, os estudantes menores de idade teriam que apresentar a autorização por escrito dos responsáveis, em formulário específico.

Dando sequência as possibilidades de abordagem dos aspectos referente ao segundo eixo temático, o foco passa a ser direcionado para as mídias e/ou rede sociais eletrônicas, compreendidas como portas de acesso a fontes históricas com enorme potencial para motivar os estudantes a realizarem uma pesquisa investigativa cuja temática central seja analisar aspectos da história da Ilha do Governador.

Além do Guia da Ilha do Governador, uma outra excelente fonte histórica a ser utilizada pelos estudantes para elaborarem, por exemplo, pesquisas biográficas relativa à atuação de agentes históricos em âmbito local seria o grupo público criado pelo professor de física aposentado Jaime de Moraes, na rede social *Facebook*, no dia 15 de março de 2015 como o nome: Ilha do Governador – O passado no presente. O grupo em questão se encontra atualmente com cerca 24,5 mil membros.

Ao analisar as publicações do professor Jaime de Moraes e a interação dos membros do grupo Ilha do Governador – O passado no presente, constatamos que grupos como este, criados por admiradores de uma determinada região ou ex-alunos de uma respectiva escola, geralmente apresenta um grande acervo de fontes, para embasar a realização de pesquisas históricas sobre uma determinada localidade e/ou instituição escolar. Destacamos a seguir o layout da página do grupo e na fonte da imagem segue o *link* de acesso ao grupo para futuros visitantes.



Figura 29: Imagem do *layout* do grupo no facebook: Ilha do Governador – O passado no presente.
Fonte: www.facebook.com/groups/411449505677056/media Acesso dia 19 de novembro de 2023.

Em relação ao grupo Ilha do Governador – O passado no presente, percebemos que em suas publicações, o professor Jaime tem por hábito disponibilizar uma imagem de algum fato específico ocorrido na Ilha, acompanhada por uma breve narrativa descriptiva do contexto retratado na imagem em questão. A cada publicação, é comum perceber que os membros do grupo, além de “curtirem” a publicação, costumam interagir, dando seu testemunho, associados as suas memórias afetivas, a partir de experiências vividas no contexto local. Ao analisar as publicações e interações dos membros do grupo, foi possível constatar o quanto uma imagem é capaz de despertar “gatilhos” que geralmente desencadeiam lembranças de acontecimentos que estavam supostamente “adormecidos” nas memórias.

Dentre as postagem feitas pelo professor Jaime no grupo, um outro fator relevante, para além de conceder o acesso a um conjunto vasto de imagens e fatos marcantes de uma ilha de décadas atrás e acesso aos comentários das pessoas que testemunharam tais fatos ou localidade em destaque, se trata também do destaque dado a antigos moradores da região que, em âmbito local, procuraram a sua maneira e com os recursos disponíveis apresentar soluções diante do desencadear dos processos históricos do nível mais local ao mais global.

Reiterando o potencial das postagens e interações presente no grupo: Ilha do Governador – Passado no presente, temos a postagem, por exemplo, do dia 2 de março de 2016 foi dedicada in memoriam a Domenico Avesa, morador da Ilha do Governador desde 1962 que havia falecido em março daquele ano.

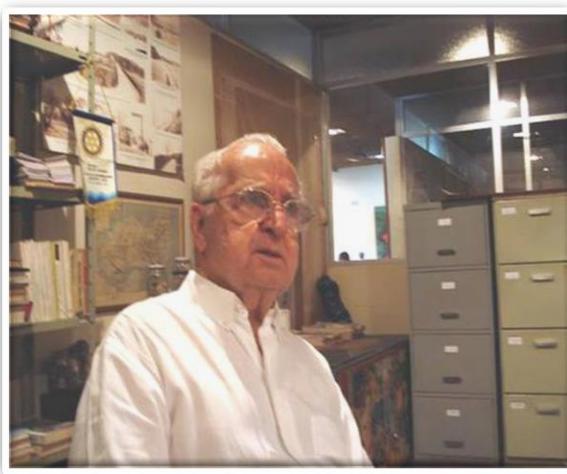


Figura 30: Imagem referente a Domenico Avesa.

Fonte: www.facebook.com/photo/?fbid=10204233864245505&set=g.411449505677056 Acesso dia 05/12/2023.

Na publicação em questão, o professor Jaime se refere ao senhor Domenico Avesa como o “Guardião da História da Ilha”, que ao se aposentar em 1999, dedicou 20 anos de sua vida:

a trabalhar como voluntário no Centro de Referência Histórica da Ilha do Governador, localizado no mesmo prédio que a Biblioteca Euclides da Cunha, no Cacotá,

organizando e mantendo em ordem o acervo público da Ilha do Governador. A cada um que o procurava diariamente, das 15 às 17 horas, seu Domenico tinha sempre o maior prazer em prestar informações sobre a história do bairro, função totalmente voluntária que exerceu até o ano de 2010. Guardião de Nossa História, catalogava o material que era conseguido através de doações dos moradores, desde placas comemorativas, fotos, periódicos, até mobiliários e cerâmicas do século XIX. (MORAIS, postagem dia 2 de março de 2016)

No processo de busca de fontes e escrita desta dissertação, estivemos, ainda meados de 2022, em algumas ocasiões na Biblioteca Euclides da Cunha, para tentar ter acesso a parte do acervo deixado pelo senhor Domenico. Mas no momento que buscávamos informações sobre o acervo referente a Ilha do Governador reunidos na biblioteca, nos deparamos com o quadro de total abandono que se encontrava o espaço físico onde eram armazenadas as fontes documentais e imagéticas doadas por moradores e comerciantes da região a biblioteca aos cuidados do senhor Domenico. Esta lamentável constatação só reforça a sensação de insegurança que sentimos quanto a preservação dos lugares de memória na cidade, espaço que costumam resistir na maioria dos casos pela ação solidária e solitária de alguns poucos representante da sociedade civil.

No dia 27 de janeiro, do ano vigente de 2024, na rede social da subprefeitura da Ilha do Governador, foi anunciada uma parceria entre a prefeitura do Rio e a Fecomercio RJ¹⁴ para revitalização do espaço físico da Biblioteca Euclides da Cunha que, de acordo com o que foi anunciado, passará a integrar o conceito de “biblioteca do amanhã”, que segundo os representantes da prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, representa quatro pilares: acessibilidade, integração com a comunidade, melhoria do acervo e melhoria da infraestrutura. Vamos fiscalizar e acompanhar para ver se de fato tais melhorias nas instalações irão ocorrer e o quais serão as iniciativas adotadas pela prefeitura para buscar a integração da comunidade da Ilha do Governador com a biblioteca.

A publicação do dia 4 de junho de 2015, consideramos também bem interessante para ser trabalhada em sala de aula, por se tratar de um poema, elaborado em 1959, por José Inaldo, antigo morador da Ilha do Governador, que de maneira poética manifestou suas impressões referentes ao impacto que a Fábrica de Formicida Guanabara, localizada na orla da Praia da Guanabara, no bairro da Freguesia, causou na sua trajetória de vida e provavelmente de muitos outros insulanos. A postagem também se refere a antiga ponte da formicida, em destaque na ilustração, desativada após o encerramento das atividades da Fábrica de formicidas.

¹⁴ A Fecomércio RJ, Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado do Rio de Janeiro, é parte integrante do Sistema Fecomércio RJ

A PONTE

Primeiro, nada mais resta da antiga ponte. Primeiro sumiu o “Sabrina”. Depois a fábrica parou. Emudeceu o apito. Os empregados desapareceram da beira do cais, de manhã cedo.

Tiraram o velho guindaste. Arrancaram – se os trilhos. Desmanchou-se o prédio. Persiste o velho muro amareleto que odiei em criança, por ver nele pintado o cheiro da fábrica.

Algumas estacas carcomidas, de pé .Uns restos de pedra. A mesma infância, não os mesmos meninos, a pular, a brincar.

A fábrica que eu vi não era mais a do Seu João, que conservou pelo resto da vida como sobrenome – o João da Fábrica, que ainda vive na Freguesia, já agora caminhando no grupo dos mais antigos da Ilha.

A fábrica que eu vi foi a do tempo do navio Sabrina, um pequeno petroleiro que encostava frequentemente ali na ponte, para abastece - las de óleo. Chegava sempre à tarde, com a maré cheia, e embicava quase na praia. Os garotos éramos atraídos pelo “chuá – chuá”, não sei se da chaminé (toda a vida pensei que fosse disto, pois os arquejos coincidiam com as golfadas de fumaça negra), não sei se de alguma bomba jogando óleo .

O guindaste só trabalhava poucas vezes, quando carregava as lanchas do “Soqueira” com as caixas de formicida. De vez em quando ganhava roupa nova, quando o pintavam de piche. O ano inteiro era apenas o trampolim da criançada. Pescava-se bem, ali na ponte. Havia o “pirão”, uma espécie de massa que um empregado da Fábrica jogava diariamente para os peixes. Apanhávamos no vão da cabeceira e nas estacas as ágeis baratinhas. Era o ponto preferido pelo pessoal do camiço.

Várias vezes por dia encostava ali a “lancha do Boqueirão”. Eram duas, aliás, uma branca de toldo fixo, com uma chaminé no centro e outra aberta, pequena, cinzenta. Transportavam marinheiros, operários e crianças de escola.

A ponte era o pavor de minha mãe e minha alegria de garoto. Do que eu não gostava mesmo era da fábrica. Por causa do cheiro horrível do enxofre que impregnava toda a vizinhança. Por causa do apito. O apito longo e irritante das seis e meia que me tirava da cama; o apito curto das sete, que me fazia sair às pressas para a escola; o apito das quatro da tarde, que acabava com a brincadeira na praia, porque era hora de ir para casa tomar banho e jantar.

Às quatro e pouco passava o Mudo. O Mudo trabalhava na fábrica. Eu já estava no portão para mexer com ele. Apelidos, caretas, amêndoas, areia... Mudo por teimosia. Ouvi dizer que ele teve um desgosto e deixou de falar. Nunca mais disse nada, até a hora de morrer. Dizem, que então falou. A irmã resolvia tudo por ele. Durante uns três anos, provoquei o mudo. Cresci... Capitulei. Ele, não! Jamais me olhou, sequer. (1959) (MORAES, postagem de 4 de junho de 2015)



Figura 31: Ilustração de Anuar Said referente a ponte da formicida feita em 1959.
Fonte: www.facebook.com/photo/?fbid=10203021066166311&set=g.411449505677056
 Acesso dia 05/12/2023.

Ao propor aos estudantes análise em sala de aula do poema *A Ponte*, é possível que a atividade em questão ofereça alguns “gatilhos” capazes de gerar acesso a memórias, até então, sublimadas pelos sucessivos acontecimentos que sem apresentam ao longo de uma trajetória de vida. Mas, quando acessados promovem sensações como a relatada pelo autor do poema na respectiva passagem: “Persiste o velho muro amarelento que odiei em criança, por ver nele pintado o cheiro da fábrica”. Podemos presumir que o muro amarelado da fábrica desativada o fez recordar do cheiro de enxofre que se espalhava no bairro durante a produção dos formicidas usados para combater infestações de formigas saúvas, consideradas, na época, extremamente danosa para produção agrícola. As brincadeiras no guindaste da fábrica provavelmente foram responsáveis por despertar memórias de uma infância compartilhada por antigos moradores da região, hoje já na fase idosa da vida.

Um aspecto do poema que podemos abordar em sala de aula, se refere a provável apropriação que os moradores locais faziam dos “apitos” que sinalizavam rotinas internas da fábrica. O trecho a seguir é muito elucidativo neste aspecto quando autor menciona que a ponte era a diversão das crianças, mas que não gostava da fábrica:

Por causa do apito. O apito longo e irritante das seis e meia que me tirava da cama; o apito curto das sete, que me fazia sair às pressas para a escola; o apito das quatro da tarde, que acabava com a brincadeira na praia, porque era hora de ir para casa tomar banho e jantar. (INALDO apud MORAIS, postagem de 4 de junho de 2015)

A passagem anterior demonstra o quanto as rotinas internas dos espaços públicos e privados presentes em uma região, cidade, bairro e comunidade são capazes de serem absorvidas pela população local como prováveis marcadores temporais das rotinas pessoais dos moradores vizinhos destes locais. Este aspecto é muito enriquecedor e carece de ser mais aprofundado em trabalhos acadêmicos, sendo uma fonte potente para pautar a realização de atividades, como caráter interdisciplinar a ser desenvolvida nas escolas de educação básica, com colegas, por exemplo, da área de linguagens.

Dando sequência a análise referente as postagens no grupo Ilha do Governador: Passado no Presente localizamos uma postagem que nos chamou muito a atenção. Falamos da postagem do dia 20 de novembro de 2022, que destaca uma antiga moradora da ilha, no caso, a senhora Eunice Alves Cariry Sorominé, que nos deixou na mesma semana da postagem em questão.

Eunice fundou e dirigiu a instituição conhecida na Ilha do Governador como Casa do Índio, localizada na Rua Pires da Mota, no bairro da Ribeira. Nesta instituição, Eunice costumava acolher indígenas de diversas etnias que apresentavam problemas de saúde, que após se recuperarem na instituição retornavam para suas aldeias. Mas a Casa do Índio também

acolhia indígenas abandonados por apresentar problemas físicos, mentais e neurológicos. Segundo Morais (2022), Eunice fez carreira na FUNAI e dedicou a sua vida em defesa a qualidade de vida para os povos originários, bem como a preservação de sua cultura e costumes.



Figura 32: Imagem de Eunice Alves Cariry Sorominé

Fonte: www.facebook.com/photo/?fbid=10217399856147074&set=g.411449505677056
Acesso dia 19 de novembro de 2023.

No espaço dedicado aos comentários dos membros do grupo, um deles nos chamou a atenção, nos referimos ao comentário feito pelo jornalista João Carlos da Silva Cardoso, criador do site toponímia insulana, já citado anteriormente neste trabalho. Assim dizia Cardoso (2022):

Eu a conheci. Primeiramente, quando estive na casa do índio, quando criança (início dos anos 80), para fazer um trabalho escolar. Ainda eram as casinhas antigas, não o atual prédio. Depois, nos anos 90, quando trabalhei no jornal O Golfinho. Anos mais tarde (por volta de 2004/05), quando criei o então blog (hoje o site) Toponímia insulana, porque precisava de dados da Rua general Bandeira de Mello (que foi o segundo presidente da Funai). Curiosamente, nem Funai nem Museu do Índio dispunham de dados e/ou fotos (...) Não só consegui dados e fotos com ela, como fiquei sabendo que ele foi padrinho seu de casamento. E o mais curioso é que ela não sabia que havia uma rua na Ilha (...) com o seu nome. Descanse em paz.

Analizando o comentário feito pelo criador do site toponímia insulana, em homenagem a senhora Eunice, é possível constatar o impacto que a instituição teve em sua trajetória de vida, servindo de referencial para seus trabalhos escolares, ainda na educação básica, e de seus trabalhos profissionais já na fase adulta. O comentário de Cardoso só reforça a importância das instituições locais para o tratamento de questões que causam impacto e são impactadas pelos mais variados níveis de existência. Pois questões como a indígena representa uma temática que

tem imbricações tanto em âmbito local quanto em âmbito regional, nacional e global.

Dando sequência a análise específica, de algumas postagens que, a nosso ver, apresentam pontos de convergências com que buscamos neste trabalho, temos a postagem do dia 19 de maio de 2023, referente ao Doutor Luiz Paixão que, conforme postagem de Morais (2023) que,

nasceu em 1890, na cidade de Petrópolis, tendo vindo residir no Zumbi em 1914. Formou- se em medicina no ano de 1916. Desde cedo se dedicou a tentar resolver os problemas e promover melhorias para a Ilha do Governador, socorrendo inúmeros moradores na época da Febre Amarela e da Gripe Espanhola. Combateu a perfuração dos poços artesianos, cuja qualidade das águas era considerada nociva a população, tendo escrito vários artigos no “Correio do Brasil” e no “Ilheu 420”, do qual foi fundador.



Figura 33: Imagem do Doutor Luiz Paixão no ano de 1924.

Fonte: www.facebook.com/photo/?fbid=10218214513112989&set=g.411449505677056 Acesso dia 19 de novembro de 2023.

Um aspecto relevante presente nesta postagem, diz respeito a identificação de possíveis articulações relativas a processos históricos constatadas na interface micro e macro da história local da Ilha do Governador em relação aspectos da História da cidade do Rio de Janeiro / Nacional e Global. Nos referimos aos impactos causados por epidemias como a de febre amarela e gripe espanhola nos mais variados níveis de existência.

Esta constatação demonstra que a região da Ilha do Governador não estava imune aos males que afetaram a cidade do Rio de Janeiro, males estes de alcance global. Neste contexto pandêmico, agentes históricos em âmbito local, no caso, os médicos sanitaristas Luiz Paixão, Cícero Castro Rosa, Oswaldo Gomes, Aderbal Pereira Melo, João Ramos de Souza, Zolito Reis

e Alcebíades Moraes tiveram uma atuação contundente no combate destas epidemias que também afetaram a dinâmica interna da Ilha do Governador, vitimando seus moradores.

Na postagem do dia 29 de julho de 2022, o professor Jaime destacou parte da trajetória de um insulano que até hoje está presente nas memórias de antigos moradores, nos referimos ao Doutor Cícero de Castro Rosa, um homem negro, que nasceu em 1893, na Ilha do Governador, que aos dez anos de idade, foi morar com sua família no bairro do Estácio, onde seu pai inaugurou a chamada “Farmácia Castro”. Foi atuando neste estabelecimento que o então jovem Cícero provavelmente despertou o desejo de ser médico. Segundo Morais (2022):

Incentivado pelos médicos que frequentavam a farmácia, ingressou na faculdade de medicina, se formando em 1921. Em 1923 foi admitido como “Médico Sanitarista”, no Posto de saúde existente na Praia do Zumbi e em 1947 nomeado Chefe do Distrito Sanitário. Dentre suas atividades na Ilha do Governador, destacam – se: participação na instalação do “Lactário” da Freguesia, juntamente com Gaudino Guttmann Bicho. Também participou ativamente da Campanha de Saneamento e combate à Febre Amarela. Associado com os médicos Oswaldo Gomes, Aderbal Pereira Melo, João Ramos de Souza, Zolito Reis e Alcebíades Moraes fundou a “Policlínica Governador”, no prédio hoje ocupado pela Escola Abeillard Feijó.



Figura 34: Imagem do Doutor Cícero de Castro Rosa

Fonte: www.facebook.com/photo/?fbid=10216904066632646&set=g.411449505677056 Acesso dia 19 de novembro de 2023.

O destaque que damos a Cícero Castro Rosa se justifica, inicialmente, pelo fato dele ter concluído o curso de graduação em Medicina em 1921, mesmo sendo um homem negro, oriundo de uma região fora do grande centro da cidade do Rio de Janeiro, que provavelmente

enfrentou muito preconceito racial para conseguir conquistar o seu objetivo de ser médico. Em um cenário semelhante temos a situação vivenciada por um outro insulano, no caso, Afonso Henriques de Lima Barreto, conhecido popularmente como Lima Barreto, que acabou por abandonar o curso de graduação em engenharia, diante dos constantes ataques de cunho racista que sofria tanto de docentes quanto de colegas de graduação.

Em uma leitura superficial dos fatos, pode dar a impressão que estamos endossando uma postura de vitimização. Contudo, quando contextualizamos os fatos percebemos que o ano de 1921 marca os exatos 33 anos do fim oficial da escravidão no Brasil. Ao considerar que não tivemos em nosso país uma inserção automática dos negros na sociedade brasileira, é possível entender o quanto foi relevante o esforço pessoal feito por Cícero Castro Rosa para se tornar médico e conquistar sua reputação na região onde atuou profissionalmente por toda a sua vida.

Já na postagem do dia 31 de maio de 2022, feita pelo professor Jaime no grupo Ilha do Governador: Passado no presente, permitiu que um número expressivo de pessoas tivesse acesso à informação que, provavelmente poucas pessoas conheciam, que Lima Barreto nasceu na Ilha do Governador, na simbólica data de 13 de maio de 1881, ou seja, 7 anos antes da abolição da escravatura no Brasil. Segundo Moraes, na postagem do dia 31 de maio de 2022, a infância de Lima Barreto,

foi passada em parte na região conhecida como Carico, localizada no Galeão. Através de seu padrinho de batismo, o Visconde de Ouro Preto, ministro do Império, completou os estudos no Ginásio Nacional (Pedro II), entrando em 1897 para a Escola Politécnica, pretendendo ser engenheiro. Teve, porém, de abandonar o curso para assumir a chefia e o sustento da família, devido a problemas mentais de seu pai, ocorridos em 1902.

Lima Barreto, em suas obras, consideradas clássicos da literatura brasileira, fez severas denúncias contra o preconceito racial que sofria e que presenciava nas suas andanças e vivências pelo subúrbio carioca, no tempo que viveu no bairro do subúrbio carioca conhecido como Todos os Santos e também na Ilha do Governador, onde foi homenageado com um busto na Praça Calcutá, no bairro da Freguesia.

Um dos grandes desafios que temos na região é tornar conhecida a trajetória de Lima Barreto na Ilha do Governador tanto entre os nossos estudantes da educação básica quanto ao grande público de forma geral. Durante as caminhadas históricas promovidas na região, alguns insulanos, ainda que de forma voluntária tem se esforçado tornar visível a história local a partir da análise e problematização dos seus lugares de memória, como o Bustu erguido na Praça Calcutá em homenagem a Lima Barreto, em destaque a seguir.



Figura 35: Busto em homenagem a Lima Barreto na Praça Calcutá, no bairro da Freguesia.
Fonte: Do próprio autor da tese.

Neste contexto, o trabalho voluntário realizado pelo professor Juberto Santos, vem sendo de grande valia no processo de sensibilização dos insulanos a respeito da História desta localidade. O professor Juberto através do projeto conhecido na região como “Rolé da Ilha”, vem realizando caminhadas guiadas por ele, acompanhada em algumas ocasiões por colegas professores e/ ou graduandos de história percorrendo pontos históricos específicos de um roteiro pré-definido e subdividido em etapas relativas a alguns bairros da Ilha do Governador. Dentre as etapas contempladas nos roles, temos as etapas dos bairros da Freguesia, Ribeira, Cocotá – Praia da Bandeira, Cacuia, Jardim Guanabara e Galeão. Em um dos roles no bairro da Freguesia tivemos a oportunidade de contribuir como guia auxiliar, com intuito de conceder visibilidade as vivências de Lima Barreto na Ilha do Governador, como consta na imagem a seguir.



Figura 36: Registro do Rolé da Ilha, etapa bairro da Freguesia.
Fonte: Professor Juberto de Oliveira Santos.

Com o advento da internet, é perceptível o crescimento, nas últimas décadas, das chamadas mídias eletrônicas que, em detrimento das mídias impressas, vem conquistando a preferência do público de maneira geral, no momento que buscam informações em tempo real, sobre um determinado assunto que pode ser de repercussão global, nacional e local. Dentro deste contexto, temos também o surgimento das mídias ou rede sociais que, para além de gerar informações sobre um determinado conteúdo, conta com a possibilidade de interação entre o produtor do material e o consumidor dos conteúdos disponibilizados.

As mídias ou rede sociais, a nosso ver, pode ser um excelente instrumento de acesso a fontes históricas para a realização, por exemplo, de uma pesquisa biográfica, tendo como referencial o foco em agentes históricos que tiveram relevância, por exemplo, na história destacada pelo professor nas aulas da disciplina eletiva sobre história local.

Quando realizamos uma pesquisa nas redes sociais, é muito comum encontrar grupos virtuais criados por ex-alunos de uma determinada escola, assim com outros grupos dedicados a destacar um local específico capaz de despertar nossas memórias afetivas. Sem falar dos inúmeros perfis de pessoas, comuns e públicas, criados com o intuito de publicizar imagens, que para nós pesquisadores, podem ser plenamente compreendidas com um potencial para servir como fonte de caráter imagético em atividades que destacam a história de um local.

Neste sentido, uma outra sugestão de atividade que poderíamos desenvolver em sala de aula seria incentivar os estudantes a buscarem nas mídias sociais, grupos ou perfis públicos alusivos à aspectos da História da Ilha do Governador, informações referentes a agentes históricos locais. O desenvolvimento de uma atividade de cunho biográfico, pode ser um grande recurso para promover a vivência de práticas alusivas ao ofício do historiador e acesso a fontes potentes para realização de um trabalho capaz de conceder visibilidade para especificidades locais e agentes históricos invisibilizados e/ou silenciados no ensino de história.

3.4.3. As articulações e tensões dos processos históricos por meio das conexões entre a História Global, Nacional e Local

No terceiro e último eixo temático referente as articulações e tensionamentos presentes nos processos históricos, por meio das conexões entre a História Local, Nacional e Global, a intenção é tornar perceptível aos estudantes que os processos históricos não atendem, única e exclusivamente, as demandas de âmbito nacional / global e desta forma nos desvincilharmos de explicações que se limitam a considerar somente uma única perspectiva para compreensão dos processos históricos. A proposta consiste em abordar em sala de aula temáticas históricas considerando o recurso da variação a escala de observação para que os estudantes identifiquem

e refletam a partir das articulações e tensões dos processos históricos nos mais variados níveis de existência.

Em relação aos conteúdos conceituais que pretendemos mobilizar durante as discussões, debates e abordagens referentes ao terceiro eixo temático, destacaríamos os conceitos de escravismo colonial, eurocentrismo, intolerância, dominação colonial/colonialismo. Quanto aos conteúdos procedimentais, a intenção seria capacitar os estudantes a: 1) formular perguntas a partir de problemas históricos; 2) identificar, caracterizar e analisar as diferentes dimensões da vida social (políticas, sociais, econômicas e culturais), assim como boa parte dos conteúdos procedimentais já relatados quando tecemos considerações a respeito dos eixos temáticos anteriores. Como o objetivo é atingir as finalidades almejadas, destacaremos de forma breve neste momento, duas temáticas referentes a aspectos alusivos à História da Ilha do Governador e suas interfaces com a História regional, nacional e global. Sendo elas: a presença e o legado dos povos originários Maracajás e/ou Temiminós e a escravidão de origem africana na Cidade do Rio de Janeiro / Ilha do Governador.

Estes conteúdos, que foram amplamente debatidos e destacados no primeiro capítulo desta dissertação, desencadearam processos e fatos históricos que suscitaron tensões em âmbitos local, nacional e global, e exigiram, dos agentes históricos e grupos sociais em contexto local, tomadas de decisões que repercutiram diretamente no cotidiano, tanto dos povos originários Maracajás e/ou Temiminós, quanto dos povos de origem africana, que na Ilha do Governador, foram também forçados a trabalhar compulsoriamente com escravos, em estabelecimentos como, por exemplo, as antigas fábricas de cal, conhecidas como caieiras.

Sendo assim, ao abordar estes conteúdos históricos na perspectiva dos povos originários e dos povos africanos escravizados na Ilha do Governador, podemos dar aos estudantes a dimensão do impacto que o processo de exploração colonial, de origem europeia causou nestes povos, no que tange a manutenção de suas crenças, hábitos e costumes, assim como em relação a própria expectativa de vida. Consideramos importante, promover entre os estudantes, nas abordagens estabelecidas em sala de aula, a compreensão que os povos citados colocaram sim em ação, práticas resistências frente as mazelas e a opressão impostas pelo processo de dominação colonial. Estas são questões que poderíamos analisar neste terceiro eixo temático.

Como o tempo estimado para a duração de uma disciplina eletiva é de um semestre, entendemos que a proposta de um **Projeto Semestral de Iniciação Científica**, tendo com elemento norteador os conteúdos abordados nos eixos temáticos 1, 2 e 3, referentes a História Local, seja uma outra sugestão interessante de atividade a ser desenvolvida. A partir de um projeto de iniciação científica, oferecemos aos estudantes a oportunidade de aprenderem, ainda

no ensino médio, alguns procedimentos característicos de um trabalho de cunho científico.

Sendo assim, a atividade consiste em estimular os estudantes, para que em grupo ou individualmente, desenvolvam, ao longo do semestre, um projeto científico tendo como referencial os eixos temáticos já destacados anteriormente neste capítulo, que achamos por bem relembrar. O eixo 1, se refere as expressões da História local, a partir das experiências e memórias dos estudantes relacionadas ao lugar onde nasceram, habitam e/ou estudam, o eixo 2 as impressões da História Local, através da análise das fontes históricas, lugares de memória e os espaços de sociabilidades, dentre eles, a própria escola, enquanto o eixo 3 faz referência as articulações e tensões dos processos históricos em âmbito global, nacional e local.

Em termo de organização do projeto de iniciação científica em História Local, a ser desenvolvida ao longo do semestre, os estudantes teriam três etapas a cumprir, dentre elas a:

- **1^a etapa:** Momento em que os grupos irão escolher que eixo temático ou aspecto da história local que irão desenvolver ao longo do projeto científico. Nesta etapa, os grupos teriam também que definir os objetivos e as hipóteses (questões e/ou perguntas) que irão procurar responder a partir de trabalho investigativo de análise das fontes históricas que serão utilizadas na pesquisa e na elaboração do projeto.
- **2^a etapa:** Período propriamente dito da pesquisa e da redação dos textos autorais elaborados pelos grupos, após a análise das fontes históricas que investigaram e dos debates em sala de aula sobre a história local, promovido pelo professor. É esperado que os objetivos e as hipóteses levantadas na 1^a etapa sejam respondidos ao longo do texto autorai a ser desenvolvido pelos grupos de trabalho.

Observação1: Lembramos que qualquer cópia de textos sem o uso das aspas e indicação de fonte da informação pode ser considerado plágio, isto é, cópia indevida de um texto de outra pessoa como se fosse de sua própria autoria.

Observação2: Como o projeto tem como finalidade promover somente uma vivência sobre procedimentos relativos a uma iniciação científica, o texto autorai elaborado pelos grupos de trabalho deverá ter de 4 a 6 laudas / páginas e poderá ser entregue impresso (digitado) ou manuscrito. Caso a opção seja a entrega de forma manuscrita, de preferência ao registro do texto em folha de papel almaço.

- **3^a etapa:** Consiste na fase em que os grupos deverão apresentar o resultado das pesquisas históricas que fizeram através de um objeto que expresse suas impressões em relação aos aspectos da história local que investigaram.

Observação3: O formato da exposição dos trabalhos deverá ser escolhido pelos próprios grupos formados pelos estudantes. Com sugestão para exposição e apresentação dos

trabalhos, indicamos como opções: a produção de jornal, a criação de um material em podcast ou em vídeo de curta duração, a elaboração de uma maquete, um esquete teatral ou poesia, a criação de obra de arte (intervenção urbana) inspirada em aspectos da história local, entre outras propostas previamente mencionada ao professor.

Por fim, entendemos que as sugestões das atividades apresentadas neste trabalho, oferecem um horizonte de possibilidades, dentre as inúmeras opções que ainda podem ser planejadas, no tocante a garantia de protagonismo aos estudantes, durante todo o processo de aprendizagem, além de mantê-los motivados ao longo das aulas da disciplina eletiva sobre história local. Até porque caso seguisse descrevendo outras tantas sugestões de atividades, entrariamos em contradição com a posição que anteriormente manifestamos que o objetivo das orientações era demonstrar somente a aplicabilidade da disciplina eletiva sobre História Local e incentivar os nossos colegas professores a se engajarem no processo, oferecendo assim um “norte” para que os futuros regentes desta disciplina eletiva se sintam livres e motivados para elaborarem atividades de cunho autorial, pautada em suas próprias experiências na docência e na sua observação em relação aos aspectos do contexto local onde se encontra a escola que atua profissionalmente e as demandas trazidas pelos seus estudantes.

Reiteramos que durante todo o período dedicado a elaboração da disciplina eletiva, um aspecto que sempre nos preocupava, era desenvolver um instrumento pedagógico que respeitasse a autonomia dos docentes, nas escolas onde atuam profissionalmente. Até porque a eletiva proposta neste trabalho, estimamos que seja conduzida por professores da rede estadual que optarem por ela, no momento de definição das eletivas irão ser incluídas na grade curricular oferecida pela escola onde estão vinculados como servidores públicos. Sendo assim, reiteramos que mesmo fazendo parte do corpo docente da rede estadual de ensino e tendo o real interesse de ministrá-la, a disciplina eletiva em questão não foi elaborada para atender somente os meus interesses, enquanto professor de história do ensino médio no Colégio Estadual Rotary, inserido no bairro da Freguesia, na Ilha do Governador.

Ao ressaltar a defesa da autonomia docente, manifestamos aqui, o nosso apoio e incentivo para que os professores se engajem plenamente no processo de planejamento e condução de suas ações durante as aulas, pois a disciplina eletiva: História Local – Expressões e Impressões da História do meu Lugar, foi concebida por um professor que, assim como seus colegas de profissão, acredita, de fato, no poder transformador que a educação é capaz de fazer na vida dos estudantes e também na nossa trajetória de professores da educação básica que, produzimos saber a partir de nossas experiências e vivências em ambiente escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos então ao tão almejado momento, aguardado por todo mestrando, de conclusão das pesquisas investigativas e da escrita dos capítulos propostos. Neste sentido, iniciamos agora a etapa onde estabelecemos um balanço entre as expectativas que tínhamos quando nos propomos a começar a pesquisar a História Ilha do Governador, para a elaboração da disciplina eletiva sobre História Local, e a realidade atingida ao término do período dedicado as pesquisas e a escrita da dissertação.

Dando início ao balanço entre expectativa almejada e realidade atingida, começamos pelo primeiro capítulo, que se referia, As Expressões e Impressões da História do meu lugar. Logo no início deste capítulo introdutório, o objetivo principal era apresentar possíveis articulações e tensões dos processos históricos nas interfaces entre a História Nacional/Global em relação a História da Cidade Rio de Janeiro e da Ilha do Governador.

Para tanto, abordamos algumas temáticas que, no ensino tradicional da história, costumam ser narradas pela ótica e exaltação do colonizador europeu ou como particularidades inerentes somente a História Nacional. Contudo, quando nos propomos a analisar os processos históricos a partir do recurso teórico-metodológico da variação de escala de observação, entendemos que atingimos o objetivo que tanto almejamos, que se resume a demonstrar que os agentes históricos em todos os níveis, tiveram e continuaram tendo uma ação ativa durante o desenrolar dos acontecimentos históricos. Pois, não podemos esquecer, que os processos históricos impactam os diversos níveis da realidade e também são impactados pelas especificidades e ação dos agentes históricos nos seus mais variados níveis, desde o mais local até o mais global.

O item 2 do primeiro capítulo se destinava a abordar aspectos da História da Ilha do Governador, a partir do diálogo estabelecido com a produção acadêmica publicada a este respeito. Refletindo a posteriori sobre este item, entendemos que a análise dos trabalhos publicados por Neto (2008), Cybelle (2013), Souto (2015) e Santos (2022) foram extremamente relevantes e elucidativas para a construção da narrativa que estabelecemos nesta dissertação.

Partindo de uma abordagem temática sobre aspectos da História da Ilha do Governador, foi possível propor uma reflexão sobre processos históricos consagrados no ensino de história e elevados a categoria de História Nacional, que a partir de outras escalas de observação, é possível apontar sua ligação com aspectos referentes a História da Cidade do Rio de Janeiro e da Ilha do Governador.

De acordo com esta perspectiva, propomos inicialmente uma reflexão sobre a presença dos povos indígenas originários, no caso, os Maracajás e/ou Temiminós na Baía de Guanabara e na Ilha do Governador, assim como a forma adotada por estes povos originários para tentar sobreviver e manter suas tradições, diante das sucessivas imposições aplicadas pelos colonizadores europeus. Buscamos também levar o leitor a refletir e problematizar a partir de alguns lugares de memória presentes na região da Ilha do Governador, que representam, de alguma forma, a imposição de crenças e valores inerentes a cultura europeia, em detrimento da cultura estabelecida, por exemplo, pelos povos originários.

Procuramos também abordar, através de dados obtidos nos trabalhos acadêmicos já mencionados, questões de ampla abrangência que buscavam analisar temáticas transversais como escravidão, racismo, meio ambiente, sociedade, história das ciências e saúde, questões relativas as formas de trabalho e produção, tendo sempre como referencial suas implicações na Ilha do Governador e sua interface com a cidade do Rio de Janeiro. A intenção desta abordagem era assegurar que é plenamente viável abordar temas transversais a partir dos referenciais teórico-metodológico do ensino de história local.

A partir da temática escravidão na Ilha do Governador, por exemplo, foi possível apresentar assuntos da ordem do dia como o preconceito racial e propor ações reflexivas a serem trabalhadas com os estudantes, com o intuito que percebam a existência de uma herança escravocrata que permanece na estrutura da sociedade brasileira, que para combatê-la é necessário, entre outros fatores, que se desnaturalize práticas, crenças e hábitos, que ainda se manifestam a partir de atos racistas dentro e fora das nossas escolas.

Abordamos também questões relativas às transformações que a Ilha do Governador passou ao longo do tempo, de uma região habitada exclusivamente por povos originários, que por força dos seus hábitos acaba por produzir o que os pesquisadores nomearam como sambaquis, que no século XIX é usado como matéria-prima para produção de cal, que a partir do trabalho compulsório realizado pelos escravizados de origem africana, resultam na produção de argamassa, telhas e tijolos utilizada na Ilha do Governador e na cidade do Rio de Janeiro.

O item 1.3 foi destinado a abordar aspectos da História da Ilha do Governador a partir de fontes históricas, lugares de memória e espaços de sociabilidades. Nesta etapa da escrita propomos, entre outras questões, o diálogo entre a história e a antropologia, por sinal muito bem-visto pelos teóricos, tendo como referencial a tese “Diga espelho meu, se há na Avenida alguém mais feliz que eu! Estudo sobre identidade e memória da G.R.E.S. União da Ilha do Governador” defendida em 2008, pelo antropólogo Paulo Cordeiro de Oliveira Neto. Nossa intenção era buscar, através da cultura popular que é o samba e o carnaval, referências

identitárias presente na memória do cidadão local, que seja, de certa maneira, capaz de reviver e ativar sua memória e identidade coletiva de insulano com a Ilha do Governador.

A parir das pesquisas investigativas que estabelecemos neste trabalho, percebemos que a análise em sala de aula de manifestações culturais como, por exemplo, o carnaval pode tranquilamente servir de referencial para várias atividades dentro do ensino de história local. Pois quando valorizamos aspectos da cultural local, acabamos gerando naturalmente condições favoráveis para a concessão de visibilidade a histórias e agentes históricos que geralmente são silenciados no ensino tradicional da história.

Dentre os bons exemplos de fontes que foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho, destacaria duas: o Guia da Ilha do Governador, publicado em 1950 pelo Jornalista Norberto Greco e o grupo “Ilha do Governador – O Passado no Presente, criado na mídia social *facebook*, pelo professor de física aposentado Jaime de Moraes, no ano de 2015.

No segundo capítulo, o objetivo inicial era apresentar um panorama teórico-metodológico da História Local e seu desenvolvimento dentro e fora do Brasil. Em relação a trajetória dos estudos referente a história local no Brasil, constatamos ao longo das pesquisas a existência de um processo transitório, de certa forma ainda em curso no país, de um período em que se buscava, através dos estudos históricos locais, priorizar a consolidação de uma identidade nacional, de uma ideia de país sem conflitos e contradições, de exaltação a personagens de influência política e econômica em âmbito local, para um outro momento em que os pesquisadores passaram a considerar, novas perspectivas analíticas capazes de evidenciar, questões relativas as especificidades locais e a atuação de indivíduos comuns e/ou grupos populacionais que em âmbito local procuravam propor soluções para questões que se apresentavam no seu cotidiano.

O ato de analisar aspectos associados a História Local, partir de um outro ângulo de observação, vem se tornando em nosso país uma análise cada vez mais predominante tanto por parte dos pesquisadores associado meio acadêmico quanto os focados particularmente em aspectos relativos ao ensino de história na educação básica.

Ao longo do trabalho buscamos também ressaltar a representatividade da temática história local nas dissertações do mestrado em ensino de história do Profhistória. Para tanto, após um árduo trabalho de pesquisa no banco de teses e dissertações publicados no site do Profhistória Nacional, pudemos ter a dimensão do grande impacto que os estudos referentes a temática história local vem exercendo nos mestrados em ensino de história, oferecidos por universidades em todas as regiões do país.

O quantitativo expressivo de 189 dissertações associadas a termo história local, considerando o recorte de 2016 a 2022, demonstra o quanto esta temática desperta o interesse de docentes em todas as regiões deste vasto país e só reforça a importância da inserção de uma proposta de ensino de história local na educação básica, que para nós pode ser um “ponta pé” para um processo muito mais amplo.

No último capítulo, a intenção era apresentar princípios que nortearam a elaboração da disciplina eletiva sobre a temática História Local, considerando as sugestões de eixos temáticos para estabelecer a sua abordagem nas salas de aulas da educação básica. Neste capítulo nos empenhamos também em oferecer sugestões de algumas atividades, com o objetivo de oferecer um horizonte, para que os docentes não precisem partir do zero.

Contudo, a todo o momento nos preocupamos em não interferir na autonomia dos docentes que de fato serão os regentes desta disciplina eletiva, considerando a conjectura em que ela seja aprovada pela equipe técnica e pedagógica da Seeduc-rj, responsável pela elaboração da grade curricular implementada na rede estadual de educação do Rio de Janeiro.

Ressaltamos o quanto valorizamos e incentivamos os docentes a elaborarem atividades autoriais que dialoguem com a comunidade em que a escola está inserida e com as experiências e memórias dos seus estudantes neste lugar. Sem deixar de considerar também suas próprias experiências no magistério, em relação as atividades já realizadas e que adaptadas as circunstâncias atuais podem ser novamente bem sucedidas. O capítulo em questão, foi finalizado com a descrição completa do produto desta dissertação que se refere a proposta da disciplina eletiva: História Local – As Expressões e Impressões da História do Meu Lugar e sua aplicabilidade considerando a perspectiva de um professor de história atuante em uma escola da rede pública na região da Ilha do Governador, no Estado do Rio de Janeiro.

Diante de tudo que foi dito, entendemos que, a nosso ver, esta dissertação conseguiu atingir uma de suas expectativas básicas que se resume a dar sua contribuição para a continuidade dos debates relativos aos estudos sobre história local e suas potencialidades pedagógicas, tema que vem ganhando cada vez mais destaque nas conferências, simpósios, encontros pedagógicos, resultando em um aumento significativo na produção acadêmica destinada a temática História Local e o ensino de história na educação básica.

Temos a percepção que atingimos também uma das premissas básicas deste trabalhos que se define em oferecer, uma sugestão de disciplina eletiva sobre a temática História Local, a Diretoria Regional Pedagógica (DRP) da Metropolitana III, a qual nos vinculamos enquanto professor de história / servidor público estadual, a ser avaliada pelos setores da Seeduc/RJ, responsável pela elaboração do currículo escolar das escolas da rede estadual do Rio de Janeiro.

A nosso ver, a dissertação em questão tem seu mérito por ter conseguido elaborar e propor uma sugestão de disciplina eletiva capaz de oferecer aos docentes, da rede pública de ensino, recursos teórico-metodológico potentes para aguçar o olhar dos estudantes do Ensino Médio para a história da localidade onde estão inseridos, além de auxiliá-los na busca dos seus referenciais identitários e no exercício pleno e democrático de sua cidadania.

Por acreditar no potencial educativo do ensino de História local, entendemos que todo o empenho dedicado ao longo deste trabalho, para a elaboração da disciplina eletiva sobre História Local se justificou ao ver materializada a proposta. Pois acreditamos que através do ensino de História Local, oferecemos condições para os estudantes conhecerem e se reconhecerem na história que transcorre em sua localidade e ampliarem sua visão crítica tendo como referencial o contexto local que estão inseridos, quiçá associá-lo ao contexto nacional/global.

Reiteramos, nestas considerações finais, o argumento que através do ensino de história local oferecemos condições para os estudantes terem contato com as instituições locais e o exercício prático dos princípios democráticos, diante de questões que se apresentam em âmbito local. Entendemos que a dissertação em questão, trouxe argumentos contundentes para reivindicar definitivamente um lugar no ensino de história, desenvolvido na educação básica, para a história local. Entendemos que este trabalho oferece aos docentes atuantes no ensino médio, recursos teórico-metodológico e uma disciplina estruturada para que se sentiam seguros e com embasamento para conduzi-la nas escolas que atuam profissionalmente.

Por fim, esta dissertação reflete um extenso trabalho de pesquisa e análise sobre aspectos da História da Cidade do Rio de Janeiro, tendo como referencial a História da Ilha do Governador. Estruturou-se a partir da sugestão de uma proposta de Ensino de História, que considera a História local como lugar para pensar a prática docente e como recurso teórico-metodológico que, a partir deste trabalho, fica à disposição de todos os docentes atuantes na ensino médio, como um serviço de utilidade pública, em defesa da manutenção do ensino de História na educação básica e em respeito a todos os nossos colegas de profissão.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI**, Verena. O lugar da História Oral: o fascínio do vivido e as possibilidades de pesquisa. IN: ALBERTI, Verena. *Ouvir contar. Textos em história Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. (13-31).
- _____. Verbete do Dicionário do Ens. de História. Rio de Janeiro: p. 107-112. Editora FGV, 2019.
- ABREU**, Marcelo. História Local e Ensino de História: Interrogação da memória e pesquisa como princípio educativo. IN: I - Gabriel, Carmen Teresa. II - Monteiro, Ana Maria. III – Martins, Marcus Leonardo Bomfim. *Narrativas do Rio de Janeiro nas aulas de história*. Rio de Janeiro: Ed. Mauad X, 2016.
- ALBUQUERQUE JR**, D.M. Fazer defeitos nas memórias: para que servem o ensino e a escrita da história? IN: GONÇALVES, M.de A. et alii. *Qual o valor da história hoje?* Rio de Janeiro: FGV Editora, 2012. (21-39)
- _____. Regimes de historicidade: como se alimentar de narrativas temporais através do ensino de História. IN: MONTEIRO, Ana Maria F.C. et alii. *Narrativas do Rio de Janeiro nas aulas de História*. Rio de Janeiro: Mauad X Editora, 2017. (21-42)
- ALERJ**, Comissão de Educação da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro parceria com o IPN – Instituto Pretos Novos, *Cartilha Pequena África: Uma sala de aula a céu aberto*. novembro de 2021.
- BARBOSA**, Vilma de Lurdes. Ensino de História local: Redescobrindo Sentidos. *Saeculum – Revista de História*. PB, João Pessoa: UFPB. Jul/Dez, 2006. Disponível em: . Acesso em: 02/12/2020.
- _____. História Local: contribuições para Pensar, Fazer e Ensinar. - João Pessoa:Editora da UFPB, 2015.
- BARROS**, José D' Assunção. Conferência: Espaço, Território, Região - pressupostos metodológicos, 2013 At:UESB, Vitória da Conquista, 2013.
- BNCC**, Base Nacional Comum Curricular. 5. Etapa Ensino Médio, 5.4.1. Ciências Humanas e Sociais Aplicadas no Ensino Médio: competências e habilidades específicas, p. 571-579, 2017.
- BITTENCOURT**, Circe. Reflexões sobre o ensino de história. *Ensino de Humanidades • Estud. av.* 32 (93) • May-Aug. 2018.
- CAIMI**, Flavia. Cultura, memória e identidade: o ensino de história e a construção de sistemas identitários. IN: SILVA, Cristiani Bereta da e ZAMBONI, Ernesta. *Ensino de história, memória e culturas*. Curitiba: Editora CRV, 2013.
- CARVALHO**, Fabio Garcez de. Artigo: “A elaboração do Programa de Ensino de História para terceira série do Ensino Médio do Colégio de Aplicação da UFRJ: Algumas considerações de ordem teórica em relação ao ensino de história”. 2013
- CHERVEL**, André. História das Disciplinas Escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. *Teoria e Educação*, 2, 177-229, 1990.

- CERRI**, Fernando. Fronteiras interdisciplinares no ensino da história. In: IV Seminário Perspectivas do Ensino de História. Ouro Preto/MG, 2011. Anais... Disponível em: <http://www.ichs.ufop.br/perspectivas/anais/GT1502.htm>
 _____. Um lugar na história para a didática da história. História & Ensino, Londrina, v. 23, n. 1, p. 11-30, jan./jun. 2017.
 _____. Apresentação. IN: CERRI,L.F. *Os jovens e a história*. Ponta Grossa(PR): Editora da UEPG, 2018.

COSTA, Warley Da. Entre textos e imagens: a história do Rio de Janeiro narrada nos livros de história regional dos anos iniciais do ensino fundamental. Narrativas do Rio de Janeiro nas aulas de história/ organização Carmen Teresa Gabriel, Ana Maria Monteiro, Marcos Leonardo Bomfim Martins. Rio de Janeiro: Ed. Mauad X, 2016.

CAVALCANTI, Erinaldo. História e história local: desafios, limites e possibilidades. Revista História Hoje, v. 7, nº 13, p. 272-292 – 2018.

DERETTI, Valdinei. Dissertação de mestrado em Ensino de História: “Ensinar história na cidade: uma proposta de Educação Patrimonial para Guaramirim/SC”, ProfHistória/UFSC, 2020.

DOSSE, François. História e Ciências Sociais. Cap. 2 – O Recurso geográfico dos historiadores. Tradução: Fernanda Abre – Bauru – SP: EDUSC, 2004.

FERNANDES, José Ricardo Oriá. Um lugar na escola para a História local. Ensino em Revista,4(1):43-51, jan./dez.1995

_____.Educação patrimonial e cidadania: uma proposta alternativa para o ensino de História. Revista Brasileira de História. São Paulo. v.13 nº 25/26. pp. 265-276/set. 92/ago.93.

FERREIRA, Marieta de Moraes. O Ensino de História na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil. Manguinhos - História, Ciências, Saúde, Rio de Janeiro, 19(2), abril-junho 2012.

_____. Demandas sociais e história do tempo presente. In: VARELLA, F. et. al. (orgs.). *Tempo presente e usos do passado*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2012, pp. 101-124.

GABRIEL, Carmem Teresa, **MONTEIRO**, Ana Maria e **MARTINS**, Marcus Leonardo. “Narrativas do Rio de Janeiro nas aulas de História”, Rio de Janeiro: Ed. Mauad X, 2016.

GABRIEL, Carmem Teresa. Dicionário de ensino de história, verbete Currículo de História, p. 72-78, Rio de Janeiro, Ed. FGV, 2019.

GOUBERT, Pierre. História Local. Revista Arrabaldes. Ano I, nº 1, maio/agosto 1988.

GOMES, Flávio dos Santos. História de Quilombolas: mocambos e comunidades de sanzalas no Rio de Janeiro - séculoXIX – Rio de Janeiro: Arquivo Nacional de Pesquisa, 1995.

GRECO, Noberto. Guia da Ilha do Governador, 1950.

HARTOG, F. A arte da Narrativa Histórica. IN: BOUTIER, J. e JULIA, D. (Orgs.) *Passados recompostos. Campos e canteiros da história*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Editora FGV,

1998.

_____. Ordens do tempo, regimes de historicidade. In: *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, pp. 17-41.

HOBBSAWN, Eric. Não basta a história da identidade. In: *Sobre História*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1998, pp. 281-292.

IPANEMA, Cybelle Moreira de, 1924 – História da Ilha do Governador – 2. Ed. – Rio de Janeiro: ed. Mauad X, 2013.

LAMARÃO, Sérgio. Verbete “República do Galeão” publicado no dicionário Histórico-geográfico do CPDOC.

LIMA, Maria. Consciência histórica e educação histórica: diferentes noções, muitos caminhos. IN: MAGALHÃES, M.de S. et alii. (Orgs.) *Ensino de História. Usos do passado, memória e mídia*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2014. (53-76)

_____. p,232. Cap.1. Ensinar a escrever no âmbito do livro didático de história. Livro A História na escola: autores, livros e leitura – Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019.

MACEDO, Hélder Alexandre Medeiros De. Reflexões sobre história local e produção de material didático(recurso eletrônico) Cap. 2. Conjunto coeso e diminuto de relações, passiveis de ser estudadas em sua “totalidade”. pp. 57 – 78 / Carmem Margarida Oliveira Alveal, José Evangelista Fagundes, Raimundo Nonato Araújo da Rocha (Org.). – Natal: EDUFRN, 2017.

MATTOS, Ilmar Rohloff. “Mas não somente assim!” Leitores, autores, aulas como texto e o ensino-aprendizagem de História. Revista Tempo. jun. 2006. (5-16).

MILAGRES, Rodrigo de Lima. Araribóia na memória coletiva dos insulanos: um estudo de caso, Revista doDepartamento de Ensino à Distância da UNIVERSO – Universidade Salgado de Oliveira, 2020.

MONTEIRO, Ana Maria e PENNA, F. de A. Ensino de história: saberes em lugar de fronteira. Revista Educação & Realidade. Vol. 36, n1, jan/abr 2012 (191-211).

_____. F.C. O anacronismo em questão. IN: GONCALVES, M.de A. et alii. *Qual o valor da história hoje?* Rio de Janeiro: FGV Editora, 2012. (191-214)

MULLET, Nilton e **SEFFNER**, Fernando. O que pode o ensino de história? Sobre o uso de fontes na sala de aula. *Anos90*, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p.113-128, dez. 2008.

NETO, Paulo Cordeiro de Oliveira. Dissertação de mestrado em Antropologia: “Diga espelho meu, se há na Avenida alguém mais feliz que eu! Estudo sobre identidade e memória da G.R.E.S. União da Ilha do Governador”, UFF, 2008.

PENNA, F. De A. Programa “Escola sem Partido”: uma ameaça à educação emancipadora. IN: MONTEIRO, Ana Maria F.C. et alii. *Narrativas do Rio de Janeiro nas aulas de História*. Rio de Janeiro: Mauad X Editora, 2017. (43-58)

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento e silêncio*. In: Estudos Históricos, Vol 2, nº 3,

1989, pp. 3-15.

_____. *Memória e identidade social*. In: Estudos Históricos, n. 10, 1992, pp 200-215.

PORTAL PROFHISTÓRIA NACIONAL <https://www.profhistoria.com.br/>

REVEL, Jacques. Artigo: Micro-história e macro-história o que as variações de escalas ajudam a pensar um mundo globalizado, Revista brasileira de Educação, v. 15, n. 45, set./dez. 2010.

_____. A história ao rés do chão. LEVI, Giovanni. A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

_____. Micro-análise e construção do social. In: REVEL, J. (org) Jogo de escalas: a experiência da microanálise, pp. 15-37. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998.

ROCHA, Helenice. Verbete: História Temática, p. 137-142. Dicionário de ensino de história/Coordenação: Marieta de Moraes Ferreira, Margarida Maria Dias de Oliveira. – Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019.

_____. A presença do passado na aula de história. IN: MAGALHÃES, M.de S. et alii. (Orgs.) *Ensino de História. Usos do passado, memória e mídia*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2014. (33-52)

RÜSEN, Jörn. Narrativa histórica: fundamentos, tipos, razão [1993]. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, I.; MARTINS, Estevão de R. (orgs.) *Rüsen, Jörn e o ensino de História*. Curitiba/PR: Ed. UFPR, 2010, pp. 93-108.

SANTOS, Juberto de Oliveira. Dissertação de mestrado em Ensino de História: “O Ensino de História da Ilha do Governador na Educação Básica: usos de Práticas Lúdicas no Ensino de História Local”, Profhistória/UFRJ, 2022.

SEEDUC-RJ, Equipe técnica e pedagógica. Currículo Referencial do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

Fonte: <https://novoensinomedio.educacao.rj.gov.br/curriculo-referencial.php>

SEJUS, Secretaria de Justiça e Cidadania. Cartilha: “o racismo sutil por trás das palavras”, Distrito Federal, 2020.

SILVA, Marcos Antônio da and **FONSECA**, Selva Guimarães. Ensino de História hoje: errâncias, conquistas e perdas. *Rev. Bras. Hist.* [online], vol.30, n.60, 2010.

SOUTO, Judite Paiva. Dissertação de mestrado em História: “Uma vasta caieira: Um estudo sobre os fabricantes de cal da Freguesia da Ilha do Governador”, UFF, 2015.

APÊNDICES

Relação de dissertações disponibilizadas no Portal Profhistória referente a História Local

Fonte: <https://www.profhistoria.com.br/> Acesso dia 13 de novembro de 2023

Título: A cidade e o ensino de história: patrimônio, museu e história local

Ano: 2016 - Universidade do Estado do Rio de Janeiro (RIO DE JANEIRO)

Autor(a): COSTA, Gerson Eduardo

Palavras-chave: Ensino de História; Profhistória; Patrimônio histórico; Educação Patrimonial; Educação em museus

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/584918?mode=full>

Título: A história local e suas abordagens na sala de aula da rede municipal de educação de Nova Friburgo

Ano: 2016 - Universidade Federal Fluminense (RIO DE JANEIRO)

Autor(a): SOUZA, Rita de Cassia Louback de

Palavras-chave: Profhistória; Ensino de História; História local; Saber escolar; Saber docente; Proletarização docente; Produto didático-pedagógico

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/173402>

Título: Vozes, Corpos e Saberes do Maciço: Memórias e histórias de vida das populações de origem africana em territórios do maciço do morro da Cruz/Florianópolis

Ano: 2016 - Universidade do Estado de Santa Catarina (SANTA CATARINA)

Autor(a): VARGAS, Karla Andrezza Vieira

Palavras-chave: Ensino de História; Educação Étnico-Racial; Maciço do Morro da Cruz; Memória e Decolonialidade

Download: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/173542>

Título: Patrimônios de Duque de Caxias: história e memória no Museu Vivo do São Bento

Ano: 2016 – Universidade Estadual do Rio de Janeiro (RIO DE JANEIRO)

Autor(a): GOMES, Marta Taets

Palavras-chave: Ensino de História; Educação Patrimonial; História Local; Profhistória

Download: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/203722>

Título: Caixa de História Local e a Construção da Identidade dos alunos da Educação de Jovens e Adultos

Ano: 2016 - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (RIO DE JANEIRO)

Autor(a): BAPTISTA, Adolfo Eugenio Ferreira

Palavras-chave: Caixa de História; EJA; Ensino de História; Identidade

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/205996>

Título: Educação patrimonial, história local e ensino de história: uma proposta para o trabalho docente

Ano: 2016 - Universidade Federal Fluminense (RIO DE JANEIRO)

Autor(a): SILVA, Junior, Acioli Gonçalves da

Palavras-chave: Cabo Frio; Patrimônio cultural; Ensino de História; Educação Patrimonial; História local

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/173405>

Título: Ensino de História local: uma história didática de Santa Maria e região

Ano:2016 - Universidade Federal de Santa Maria (RIO GRANDE D SUL)

Autor(a): QUAIATTO, Denise Belitz

Palavras-chave: Ensino de história; História local; Livro didático

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/173184>**Título: Jogo urbano: História local no Ensino de história**

Ano:2016 (RIO DE JANEIRO)

Autor(a): CUNHA, Bruno Ornelas da

Palavras-chave: História local; memória; Espaço educativo; Fotografias; Protagonismo estudantil; Jogo educativo

Download: PROBLEMA NO LINK DE ACESSO AO DOWNLOAD

<https://www.educapes.capes.gov.br/handle/capes/173362>**Título: Museu Afetivo e Ensino de História: Práticas de Memória na Educação Escolar**

Ano:2016 - Universidade Federal de Santa Catarina (SANTA CATARINA)

Autor(a): SUTIL, Nair

Palavras-chave: Ensino de História; Museu Afetivo; Memórias; Fontes Históricas; Conhecimento Escolar; História Local

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/174785>**Título: Presença indígena em Araruama: patrimônio e ensino de História UFRJ**

Ano:2016 - Universidade Federal do Rio de Janeiro (RIO DE JANEIRO)

Autor(a): RAMOS, Carla Cristina Bernardino

Palavras-chave: Ensino de História; História Indígena; Patrimônio Histórico e Cultural; História Local

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/174525>**Título: Memórias de uma ilha afro: representatividade e ensino de história nos anos iniciais do ensino fundamental**

Ano: 2017 - Universidade do Estado de Santa Catarina (SANTA CATARINA)

Autor(a): CECCATO, Tamela do Amaral

Palavras-chave: Ensino de História nos Anos Iniciais; Educação para as Relações Étnico Raciais; Memória; Representatividade

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/601364>**Título: Pelas trilhas do planalto norte catarinense: Colonização europeia em bela vista do Sul, terra contestada. Diálogos entre a História oral, memória e o ensino de história**

Ano: 2017 - Universidade Federal de Santa Catarina (SANTA CATARINA)

Autor(a): GRUNOW, Rildson Alves dos Santos

Palavras-chave: Ensino de História nos Anos Iniciais; Educação para as Relações Étnico Raciais; Memória; Representatividade

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/429267>

Título: Produção de material didático pedagógico para valorização do patrimônio histórico e cultural de Tupanciretã

Ano: 2017 - Universidade Federal de Santa Maria (RIO GRANDE DO SUL)

Autor(a): FAGUNDES, Marilen Peres

Palavras-chave: Ensino de História; Patrimônio; Educação Patrimonial; Tupanciretã;

Educação Básica

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/173185>

Título: Bandas de Música – tradição, identidade e história em Ponta Grossa: uma possibilidade para o ensino da História Local

Ano: 2018 (PARANÁ)

Autor(a): MAIA, Fábio Mauricio Holzmann

Palavras-chave: Ensino de História; Bandas de Música; História Local

Download: PROBLEMA NO LINK DE ACESSO AO DOWNLOAD

<https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/432869>

Título: A cidade de Cáceres/MT e o seu Patrimônio cultural: produção de um guia didático-histórico

Ano: 2018 - Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT (MATO GROSSO)

Autor(a): LEITE, Maria Solange Sá.

Palavras-chave: Educação Patrimonial; Patrimônio Cultural; Memória; Cidade

Download: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/431766>

Título: A colônia Cecília enquanto elemento de análise para compreensão da história local a partir do jornal Gazeta de Palmeira: Um recorte dos anos 1990 – 1991 / 2003 / 2015 – 2016

Ano: 2018 - UEPG (PARANÁ)

Autor(a): MEHRET, Rafael de Castro

Palavras-chave: Ensino de História; História do tempo presente; História local; Anarquismo; Colônia Cecília

Download: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/432859>

Título: “Afinal, quem sou eu?” – A potencialidade da história escolar na mediação de saberes e construção de identidades

Ano: 2018 - Universidade do Estado do Rio de Janeiro (RIO DE JANEIRO)

Autor(a): MOTA, Flávio Braga

Palavras-chave: Ensino de história; Relações étnico raciais; Memória e identidade; Cidadania e identidade social; História local; Favela

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/431779>

Título: Cidade, história e memória: Educação patrimonial em São Bento do Una – PE

Ano: 2018 - Universidade Federal de Pernambuco (PERNAMBUCO)

Autor(a): NETO, Dilermando Pereira Torres

Palavras-chave: Ensino de História; História Local; Cidade; Patrimônio; Projeto Didático

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/432156>

Título: Construindo visibilidade na cidade de São José/SC: Uma proposta de ensino de história e patrimônio cultural dos povos africanos e afrodescendente

Ano: 2018 - Universidade Federal de Santa Catarina (SANTA CATARINA)

Autor(a): VISANI, Mylene Silva de Pontes

Palavras-chave: Ensino de História; Patrimônio Cultural; História Local; Povos africanos e afrodescendentes; cidade de São José;

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/430800>

Título: Diálogos entre a História Local e o Ensino Fundamental – 2º segmento: propostas de inserção curricular em Casimiro de Abreu/RJ

Ano: 2018 - Universidade do Estado do Rio de Janeiro (RIO DE JANEIRO)

Autor(a): GILDALTE, Lara

Palavras-chave: Ensino de História; História Local; BNCC; Currículo; Casimiro de Abreu

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/432030>

Título: Educação patrimonial no Ensino de História: a feira livre como espaço de aprendizagem histórica em Colinas do Tocantins

Ano: 2018 - Universidade Federal do Tocantins (TOCANTINS)

Autor(a): SILVA, Aletícia

Palavras-chave: Ensino de História; Ensino e aprendizagem em espaços não-formais; Educação Patrimonial; Memória e identidade; História Local e Regional;

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/430383>

Título: Educação patrimonial no ensino de história: do centro histórico de Cáceres/MT para sala de aula

Ano: 2018 - Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT (MATO GROSSO)

Autor(a): DITZ, Rejane Alves Rodrigues.

Palavras-chave: Tombamento; Centro Histórico; Educação Patrimonial; Ensino de História

Download: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/431728>

Título: Ensino de História: o currículo, o local e a cultura escolar como elos constituintes

Ano: 2018 - UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (BAHIA)

Autor(a): FONTES, Girleide Barbosa

Palavras-chave: Ensino de História; Saberes históricos; Currículo; História Local; Cultura Escolar

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/432841>

Título: Ensino de História local para crianças: (re)construindo histórias de Paranhos

Ano: 2018 - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (MATO GROSSO DO SUL)

Autor(a): BARBIERO, Cristiane Maria

Palavras-chave: Ensino de História; História Local; Currículo; Prática docente; livro didático

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/430486>

Título: Entre Paisagens e Retratos: Os Espaços e Sujeitos na Memória, uma Proposta Local no Município de Amparo

Ano:2018 - Universidade Estadual de Campinas (SÃO PAULO)

Autor(a): GALVANI, Felipe Caruso

Palavras-chave: História –Estudo e Ensino; História Local; Cultura Visual; Memória; Patrimônio; Museus

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/572406>

Título: Escravidão no Paraná: síntese historiográfica e material de uso pedagógico

Ano: 2018 - Universidade Federal do Paraná (PARANÁ)

Autor(a): FARIA, Fernando Augusto

Palavras-chave: Ensino de História; Profhistória; Ensino Médio; Material Pedagógico; História Local; Escravidão no Paraná

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/600956>

Título: Guia didático da história de Formosa-GO: entre a história e a memória – releituras para o ensino de história

Ano:2018 - Universidade Federal de Mato Grosso (MATO GROSSO)

Autor(a): GONTIJO, Francisco Paulo Falbo

Palavras-chave: Guia Didático; Ensino de História; Formosa-GO

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/552947>

Título: “Hei de te cantar, meu Crato gentil”. Ensino de história local: entre ufanismo, práticas e empecilhos.

Ano: 2018 - Universidade Regional do Cariri-URCA (PERNAMBUCO)

Autor(a): FERREIRA, Italo Ronney Caitano

Palavras-chave: Ensino de História; História local; formação docente; Profhistória

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/433223>

Título: História do lugar, Ensino de História e novas tecnologias: Uma proposta para o trabalho docente no Ensino Médio

Ano: 2018 - Universidade Federal de Sergipe (SERGIPE)

Autor(a): MOTA, Wendel

Palavras-chave: Ensino de História; Produção e difusão de narrativas históricas; Patrimônio; Memória e Identidade; História do lugar; Produto didático-pedagógico; Novas Tecnologias de Informação e Comunicação –NTIC’s;

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/430106>

Título: História e memória do Bairro de Plataforma (Salvador- BA)

Ano:2018 - UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (BAHIA)

Autor: MACEDO, Aécio Lessa

Palavras-chave: Ensino de História; Memória; História local; Plataforma;

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/431713>

Título: Imagens da cidade de Boa Esperança (PR): as exposições fotográficas da Casa da Cultura Francisco Peixoto Sobrinho e o ensino de história (1997-2018)

Ano: 2018 - Universidade Estadual do Paraná - Unespar (PARANÁ)

Autor(a): LIMA , Keila da Silva

Palavras-chave: Ensino de história; Fotografia; Exposição fotográfica; Imaginabilidade; Casa da Cultura; Boa Esperança-PR;

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/431026>

Título: Histórias e memórias da emancipação política de Itaquiraí (1970 – 1980)

Ano: 2018 - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (MATO GROSSO DO SUL)

Autor(a): SARZI, Julio Cesar

Palavras-chave: Ensino de História; Educação Básica; Memória e Identidade; Categorias de Memória; História de Mato Grosso do Sul; História de Itaquiraí

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/431684>

Título: História em movimentos: Conquistas e resistências no Assentamento Sul Bonito em Itaquirí Mato Grosso do Sul

Ano: 2018 - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (MATO GROSSO DO SUL)

Autor(a): SOUZA, Denildo de

Palavras-chave: Ensino de História; Assentamento rural; Questões Agrárias; Movimentos sociais do campo; Memória; História local;

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/431705>

Título: Imigração polonesa na Colônia Água Branca: usos e potencialidades pedagógicas

Ano: 2018 - UEPG (PONTA GROSSA)

Autor(a): KOLINSKI, Marizete Kasiorowski

Palavras-chave: Ensino de História; Imigração polonesa; História local; Memória; Identidade

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/432870>

Título: Memória e patrimônio em Tupã – SP: Proposta pedagógica para Solar Luiz de Souza Leão (1901-1980)

Ano: 2018 - Universidade Estadual do Paraná - Unespar (PARANÁ)

Autor(a): SANCHES, Luis Felipe

Palavras-chave: Ensino de História; Espaços de memória; Ensino e aprendizagem em espaços não formais; Educação Patrimonial; Nova Museologia; Solar Luiz de Souza Leão

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/431172>

Título: Memórias e histórias do CIEP 228 Brizolão Darcy Vargas: uma construção coletiva.

Ano: 2018 - UFRJ (RIO DE JANEIRO)

Autor(a): CORREA, Rodrigo Antunes

Palavras-chave: Ensino de História; História; Memória; História local; Micro-história

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/433625>

Título: Memórias em disputas: história local no ensino básico em Pontes e Lacerda/MT

Ano: 2018 - Universidade do Estado de Mato Grosso (MATO GROSSO)

Autor(a): VIDAL, Ana Lucia Durval

Palavras-chave: Ensino de História; História local Memória; Pontes e Lacerda

Download: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/431745>**Título: Metrô-Linha 2: História Local, Memória Escolar e Educação Patrimonial em uma escola do subúrbio carioca**

Ano: 2018 - Universidade do Estado do Rio de Janeiro (RIO DE JANEIRO)

Autor(a): CARVALHO, Fábio de Jesus

Palavras-chave: Ensino de História; Cotidiano Escolar; Memória; História Local; Patrimônio Cultural

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/584921>**Título: Na cara do gol: usos e potencialidades pedagógicas da história do futebol para o ensino de história**

Ano: 2018 - Universidade do Estado do Rio de Janeiro (RIO DE JANEIRO)

Autor(a): ABRAHIM, Tárik

Palavras-chave: Ensino de História; História do Futebol; Bangu Athletic Club; Copas do Mundo; História Local; Educação Básica

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/431953>**Título: O Bairro do Buritizal: Entre as experiências vividas e a história ensinada**

Ano: 2018 (AMAPÁ)

Autor(a): PIMENTEL, Walbi Silva

Palavras-chave: Ensino de História; Macapá; Urbanização; Igreja Católica; Comunidades Eclesiais de Base

Download: NÃO CONSTA LINK DE ACESSO AO DOWNLOAD

Título: O caldeirão da Santa Cruz do Deserto: Ensino de história e Educação Patrimonial

Ano: 2018 - Universidade Regional do Cariri-URCA (PERNAMBUCO)

Autor(a): SILVA, Antônia Lucivânia Da

Palavras-chave: Ensino de História; Educação Patrimonial; Patrimônio Cultural; Memória; ProfHistória

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/433225>**Título: O Palácio da Instrução e o patrimônio histórico de Cuiabá – MT: cidade, territorialidade e educação patrimonial**

Ano: 2018 - Universidade Federal de Mato Grosso (MATO GROSSO)

Autor(a): SOUZA, Maria de Lourdes Conceição de

Palavras-chave: Ensino de História; Educação Patrimonial; Cultura; Tecnologia

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/430749>**Título: O uso de blogs no ensino de história: o Engenho de Santana em Ilhéus – BA**

Ano: 2018 - UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (BAHIA)

Autor(a): SANTOS, Dagson José Borges

Palavras-chave: Ensino de história; Blogs; Socioconstrutivismo; História Pública

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/432840>

Título: Oficinas pedagógicas na formação de professores dos anos iniciais – Modalidade médio/normal

Ano: 2018 (RIO GRANDE DO SUL)

Autor(a): VARTHA, Dante Luis

Palavras-chave: Profhistória; Ensino de História; História Local; Oficinas Pedagógicas

Download: NÃO CONSTA LINK DE ACESSO AO DOWNLOAD

Título: Os lugares de memória da cidade de Rondonópolis – MT: ensino de história nos anos iniciais, cultura e patrimônio

Ano: 2018 - Universidade Federal de Mato Grosso (MATO GROSSO)

Autor(a): ARRUDA, Juliana Ramos de

Palavras-chave: Ensino de História; Paisagem Cultural; Espaço Urbano; Lugares de Memória

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/430747>

Título: Patrimônio histórico e cultural de Rondonópolis – MT: orientações didáticas no ensino de história

Ano: 2018 - Universidade Federal de Mato Grosso (MATO GROSSO)

Autor(a): ALVES, Sandro Ambrósio

Palavras-chave: Ensino de História; Educação Patrimonial; Material Didático; Rondonópolis- MT

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/430751>

Título: Primavera Leste/MT: educação patrimonial, “mídia didática” e lugares de memória

Ano: 2018 (MATO GROSSO)

Autor(a): MORESCO, Julio Junior

Palavras-chave: Ensino de História; Espaços de Memória

Download: PROBLEMA NO LINK DE ACESSO AO DOWNLOAD

Título: Proposta de aula-oficina para o ensino de história local no Ensino Fundamental - Londrina 2018

Ano: 2018 - Universidade Estadual de Maringá (PARANÁ)

Autor(a): LIMA, Vania de

Palavras-chave: Ensino de História; História da Cidade; Aula-Oficina; História Local

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/431527>

Título: Repressão e resistência na ditadura civil-militar: construção de site temático para o ensino de história local (Curitiba-PR)

Ano: 2018 - Universidade Federal do Paraná (PARANÁ)

Autor(a): SILVA, Luiz Gabriel

Palavras-chave: Ensino de História; Educação Básica; Espaços de memória; Ditadura em Curitiba; História Local; Site temático;

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/432172>

Título: Tradições orais e ensino de história na Escola Professora Carmina Gomes, no Ensino fundamental II, em São Félix do Xingu – Pará

Ano: 2018 - Universidade Federal do Tocantins (PARÁ)

Autor(a): SANTOS, Joelma da Silva

Palavras-chave: Ensino de História; História oral; Memória; História Local; São Félix do Xingu

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/430345>

Título: A História local como um caminho para o ensino significativo de história nos anos iniciais

Ano: 2018 - Universidade Federal do Rio Grande do Norte (RIO GRANDE DO NORTE)

Autor(a): OLGA, Suely Teixeira

Palavras-chave: Ensino de História; Aprendizagem Significativa; Profhistória.

Download: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/572654>

Título: História da fundação, povoamento e emancipação do Município de Salto do Céu (1960-2010)

Ano: 2018 - UNEMAT (MATO GROSSO)

Autor(a): SOUZA, Elba Mesquita de

Palavras-chave: Salto do Céu; Colonização; Ensino; Ensino de História; Profhistória.

Download: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/432384>

Título: Uma proposta didática para o ensino de história de Pontes e Lacerda/MT

Ano: 2018 - Universidade do Estado de Mato Grosso (MATO GROSSO)

Autor(a): SOARES, Nelton Messias

Palavras-chave: Ensino de História; Memória; Aprendizagem

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/431767>

Título: Aprendizagem histórica ambiental: a relação entre história local e o território ambiental do rio Lontra como estratégia de Ensino de História no Colégio Estadual Rui Barbosa - Araguaína-TO

Ano: 2019 - Universidade Federal do Tocantins (TOCANTINS)

Autor(a): ALMEIDA, Fabrício

Palavras-chave: Aprendizagem Histórica Ambiental; História Local; História Ambiental; Território Ambiental

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/572205>

Título: Centro Histórico de Belém: Lugar de história e memória na sala de aula

Ano: 2019 - Universidade Federal do Pará (PARÁ)

Autor(a): MARTINS, Lourdes

Palavras-chave: Didática da história; Educação Patrimonial; História Local; Memória; Identidade

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/433147>

Título: Ensino de história e letramento na EJA: costurando o conceito de trabalho com estudantes – operários do polo das confecções do Agreste.

Ano: 2019 - Universidade Federal de Pernambuco (PERNAMBUCO)

Autor(a): FRANÇA, Lucélia Silva de Sales

Palavras-chave: Ensino de História; Educação de Jovens e Adultos; Saberes e práticas no espaço escolar; Letramento; Mundos do trabalho

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/559903>

Título: História local e patrimônio industrial: visitando e aprendendo com a estação sericícola de Barbacena

Ano: 2019 – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (RIO DE JANEIRO)

Autor(a): ROMANO, Dayanne

Palavras-chave: Profhistoria; Ensino de História; Patrimônio; Aula de Campo; Identidade; Cidadania

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/560081>

Título: História local no ensino de história: lugares de memória revisitados na cidade de Cáceres/MT

Ano: 2019 - Universidade do Estado de Mato Grosso (MATO GROSSO)

Autor(a): SOUZA, Leila de

Palavras-chave: Ensino de história. História local. Lugares de memória

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/433108>

Título: Mesquita - RJ em foco: a história da Baixada Fluminense e as relações identitárias na educação básica

Ano: 2019 - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (RIO DE JANEIRO)

Autor(a): LIMA, Fábio

Palavras-chave: Ensino de História; Identidades; Iserj; Periódicos Estudantis

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/560403>

Título: O Ensino da História Local como instrumento para a construção da identidade e o exercício da cidadania

Ano: 2019 (PERNAMBUCO)

Autor(a): ARAGÃO, Rosangela Monteiro

Palavras-chave: História Local; Sujeitos Históricos; Cidadania; Identidade; Pertencimento; Profhistoria

Download: PROBLEMA NO LINK DE ACESSO AO DOWNLOAD

Título: O ensino de história por meio da educação patrimonial na ilha do Mosqueiro

Ano: 2019 - Universidade Federal do Pará (UFPA) (PARÁ)

Autor(a): TAVARES, Daniel

Palavras-chave: Ensino de História; Educação Patrimonial; Patrimônio Cultural; Conhecimento Histórico Escolar; Mosqueiro

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/431566>

Título: Patrimônio histórico e ensino da história local em Cabo Frio: um roteiro histórico escolar

Ano: 2019 - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (RIO DE JANEIRO)

Autor(a): BARDOZA, André Luiz Garrido

Palavras-chave: História; Memória; Patrimônio; Ensino da História; Forte São Mateus; Convento Nossa Senhora dos Anjos.

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/600909>

Título: Pelos caminhos de Oblivion: representação e resistência da cultura caipira e o ensino de história

Ano: 2019 - Universidade Federal de São Paulo (SÃO PAULO)

Autor(a): PAULA, Rafaela Molina de

Palavras-chave: História local; Ensino de História; Currículo; Cultura Caipira; ProfHistória

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/572969>

Título: Proposta de aula-oficina para o estudo do Patrimônio Histórico-Religioso (Mandaguaçu - PR)

Ano: 2019 - Universidade Estadual de Maringá (PARANÁ)

Autor(a): REZENDE, Douglas Leonardo

Palavras-chave: Ensino de História; História da Cidade; aula-oficina; História Local

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/432252>

Título: Uma proposição didática de inclusão da história local no currículo de história do Ensino Médio

Ano: 2019 - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (RIO DE JANEIRO)

Autor(a): DIAS, Ana Carolina Da Silva Galvao

Palavras-chave: Ensino de história; história local; Baixada Fluminense

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/597597>

Título: Cultura e educação: contribuição à valorização do patrimônio afro-brasileiro na cultura potiguar

Ano: 2019 - Universidade Federal do Rio Grande do Norte (RIO GRANDE DO NORTE)

Autor(a): DANIEL, Luiz Sousa De Lima

Palavras-chave: Cultura do RN; Identidade regional; Manifestações culturais afro-brasileiras; Profhistória; Ensino de História

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/572643>

Título: A análise de um bairro dentro e fora da sala de aula: Bangu e seus espaços como recursos de aprendizagem em História

Ano: 2020 (RIO DE JANEIRO)

Autor(a): SILVA, Anderson José Assis

Palavras-chave: Ensino de História; Educação Patrimonial; História Local; Cotidiano Escolar; Educação Básica

Download: NÃO CONSTA LINK DE ACESSO AO DOWNLOAD

Título: A cidade entre memórias e fotografias: uma prática de ensino patrimonial nas aulas de história Icoaraci – PA

Ano: 2020 - Universidade Federal do Pará (UFPA) (PARÁ)

Autor(a): PEIXOTO, Williomar

Palavras-chave: Ensino de História; Memória e identidade; Paisagem cultural e espaço urbano; Ensino Patrimonial; Icoaraci

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/599792>

Título: A confecção de jogo analógico para o Ensino de História da cidade de São Borja, RS, para os alunos do 4º ano da Escola Municipal Aparício Mariense

Ano: 2020 (RIO GRANDE DO SUL)

Autor(a): RODRIGUES, Marcia Cristina Cabreira

Palavras-chave: Ensino de História nas Séries Iniciais, Jogo de Tabuleiro; História de São Borja.

Download: NÃO CONSTA LINK DE ACESSO AO DOWNLOAD

Título: A Construção de uma hegemonia da memória japonesa, identidade e o ensino de História em Suzano (1921-2019)

Ano: 2020 - Universidade Federal de São Paulo (SÃO PAULO)

Autor(a): SANTOS, Douglas Nascimento dos

Palavras-chave: Memória, História, identidade, Ensino, Suzano

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/601055>

Título: A história da cidade de Duque de Caxias: entre oficinas e jogos didáticos

Ano: 2020 - Universidade Federal do Rio de Janeiro (RIO DE JANEIRO)

Autor(a): SANT'ANA, Ronaldo Elói da Silva

Palavras-chave: Ensino de História; História Local; Jogos didáticos; Fontes históricas; Oficinas de História; Duque de Caxias-RJ

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/572704>

Título: A história da feira livre de Cruz das Almas-BA: Uma proposta de educação patrimonial

Ano: 2020 - UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (BAHIA)

Autor(a): SOUZA, Everaldo dos Santos

Palavras-chave: Ensino de História; Educação Patrimonial; memória; feira livre; história local

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/585142>

Título: A história local como metodologia do ensino de história na Educação Básica: uma experiência a partir das memórias das mulheres da Colônia Rio Branco (1960-1970)

Ano: 2020 - Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat (MATO GROSSO)

Autor(a): NETA, Francisca Nunes

Palavras-chave: ProfHistória; Ensino de História; História Local; Memórias de mulheres

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/582528>

Título: A história local no processo de Ensino e Aprendizagem histórica: O caso do município de Guarantã do Norte – MT

Ano: 2020 - Universidade Federal de Mato Grosso (MATO GROSSO)

Autor(a): ANTONELLO, Roberta Siqueira de Souza

Palavras-chave: Ensino de História; História Local; Guarantã do Norte-MT; Aula Oficina

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/601170>

Título: A presença dos povos indígenas Chiquitano, Bororo, Guató e Guaná em Vila Maria do Paraguai e São Luiz de Cáceres (1778-1874): Uma abordagem de temática indígena na educação básica

Ano: 2020 - Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat (Mato Grosso)

Autor(a): COSTA, Luciana Martinez De Oliveira

Palavras-chave: ProfHistória; Temática indígena; Mato Grosso; Lei 11.645/08

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/586059>

Título: A trajetória da professora Rosa Barreto dias: possibilidades no Ensino-Aprendizagem de gênero e raça a partir da história local de Morro do Chapéu-BA

Ano: 2020 - UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (BAHIA)

Autor(a): NASCIMENTO, Aryana Costa

Palavras-chave: Ensino de História; História Local; Gênero; Raça; Identidades.

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/598199>

Título: A representação do Guia Lopes no ensino de história regional

Ano: 2020 - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (MATO GROSSO DO SUL)

Autor(a): MACIEL, Eva

Palavras-chave: História. Ensino de História. História Local. Representações.

Download: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/600632>

Título: Amazônia Ribeirinha: O quotidiano dos trabalhadores afuaenses como tema do Ensino de História local

Ano: 2020 (PARÁ)

Autor(a): ALMEIDA, Roberta Cacela de

Palavras-chave: Ensino de história; trabalhadores na Amazônia; quotidiano

Download: NÃO CONSTA LINK PARA DOWNLOAD

Título: Âncoras da memória: um percurso sobre os “Rios” das crônicas de Lima Barreto

Ano: 2020 (RIO DE JANEIRO)

Autor(a): MUNIZ, Thaisa de Queiroz

Palavras-chave: Ensino de História; Cidade; Literatura; Lima Barreto; Imaginação; Patrimônio

Download: NÃO CONSTA LINK PARA DOWNLOAD

Título: Aprender história para a vida: novos olhares para o bairro em proposta de Aula-Oficina

Ano: 2020 - Universidade Federal de Pernambuco (PERNAMBUCO)

Autor(a): SOUZA, Victor Batista de

Palavras-chave: ProfHistoria; Ensino de História; Aprendizagem Histórica; Espaços de Memória; Educação Histórica; Educação Patrimonial; Fontes Históricas

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/584874>

Título: Aprendizagem histórica e história local: uma experiência com alunos do 8º ano sobre o Ensino da História de Parauapebas-PA

Ano: 2020 - Universidade Federal do Tocantins (TOCANTINS)

Autor(a): LEITE, Mayara Alves

Palavras-chave: Ensino de História; História local; Parauapebas; Aprendizagem histórica

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/573043>

Título: As marcas da terra nas memórias e saberes históricos: os calos do saber

Ano: 2020 - Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat (MATO GROSSO)

Autor(a): CARBONEL, Alex Pereira

Palavras-chave: ProfHistoria; Ensino de História; Terra; Conscientização; Memórias

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/582585>

Título: Cachoeira do Sul: vamos conhecer? Elaboração de material paradidático a partir do patrimônio histórico

Ano: 2020 (RIO DO GRANDE DO SUL)

Autor(a): RODRIGUES, Antoniela A Costa

Palavras-chave: Ensino de História. Patrimônio Histórico. Cachoeira do Sul. História Regional; Educação Patrimonial

Download: NÃO CONSTA LINK PARA DOWNLOAD

Título: Cartografias do patrimônio cultural do bairro do Jurunas (Belém-PA): espaço, tempo e identidade no Ensino de História.

Ano: 2020 (PARÁ)

Autor(a): CORRÊA, João Nazareno

Palavras-chave: Ensino de História; cartografia; patrimônio cultural; história local

Download: PROBLEMA NO LINK PARA DOWNLOAD

<https://www.educapes.capes.gov.br/handle/capes/585830>

Título: Cidade em jogo: uma proposta para o ensino de história local da cidade de Campinas

Ano: 2020 - Universidade Estadual de Campinas (SÃO PAULO)

Autor(a): PEREIRA, Lucas Rosa

Palavras-chave: Ensino de história; Jogos; História local; Cidades e vilas-história; Campinas-história

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/601180>

Título: Cordelizando o meu bairro: uma narrativa sobre Cajueiro Seco

Ano: 2020 (PERNAMBUCO)

Autor(a): SOUZA, Priscila Gonçalves Ferreira

Palavras-chave: Ensino de História; Memória e identidade; Espaços de memória; História local; Projeto Didático

Download: PROBLEMA NO LINK PARA DOWNLOAD

<https://www.educapes.capes.gov.br/handle/capes/586035>**Título: Da Fazenda Jacobina a Vila Bela da Santíssima Trindade: Um Roteiro Histórico-Cultural para a realização de “Aula de Campo” na Fronteira Oeste de Mato Grosso**

Ano: 2020 (MATO GROSSO)

Autor(a): MELO, Jussandro Ferreira de

Palavras-chave: Ensino de História Regional; Aula de Campo; Educação Patrimonial.

Download: NÃO CONSTA LINK PARA DOWNLOAD

Título: De Lagoa das Conchas a Santa Rita do Trivelato: memórias, narrativas e ensino de história local

Ano: 2020 - Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat (MATO GROSSO)

Autor(a): SILVA, Simone Carneiro Da

Palavras-chave: ProfHistória; Memória; Ensino de História

<https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/582583>**Título: Debaixo da sombra do Trampolim da Vitória: história local, ensino e memória histórica em Parnamirim- RN**

Ano: 2020 - Universidade Federal do Rio Grande do Norte (RIO GRANDE DO NORTE)

Autor(a): ARAÚJO, Glaucia Dias Costa De

Palavras-chave: Ensino de História; Memória e História local; História das cidades; TICs.

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/601216>**Título: Dom Adriano e ensino de história para os direitos humanos: um mapa digital sobre locais de memória e resistência à Ditadura em Nova Iguaçu**

Ano: 2020 (RIO DE JANEIRO)

Autor(a): HENRIQUES, Saumel de Almeida

Palavras-chave: Locais de Memória; Ensino de História; História Local; Direitos Humanos

Download: NÃO CONSTA LINKA PARA DOWNLOAD

Título: Educação de jovens e adultos em uma cidade educadora: o uso do paradidático em quadrinhos no ensino de história local

Ano: 2020 - Universidade Federal de Pernambuco (PERNAMBUCO)

Autor(a): JÚNIOR, Aurino Francisco do Nascimento

Palavras-chave: ProfHistória; Ensino de História; Educação de Jovens e Adultos; Produção e

Difusão de Narrativas Históricas; História em Quadrinhos.; História Local; paradidático

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/584974>

Título: Educação Patrimonial a partir de um roteiro histórico geográfico em Inhaúma - Rio de Janeiro.

Ano: 2020 – Universidade Federal Fluminense (RIO DE JANEIRO)

Autor(a): MEDEIROS, Vagner Jose de Moraes

Palavras-chave: Ensino de História; Educação Patrimonial; Memória; Cidade; Guaramirim

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/601395>

Título: Ensinar História na Cidade: Uma Proposta de Educação Patrimonial para Guaramirim-SC

Ano: 2020 Universidade Federal de Santa Catarina (SANTA CATARINA)

Autor(a): DERETTI, Valdinei

Palavras-chave: Ensino de História; Educação Patrimonial; Memória; Cidade; Guaramirim

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/586343>

Título: Ensino de história e as narrativas de memória sobre a reocupação de Rondônia: projeto de colonização Paulo de Assis Ribeiro (1974-1984)

Ano: 2020 - Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat (Mato Grosso)

Autor(a): LOPES, André Luís Monteiro Ferreira

Palavras-chave: ProfHistória; Ensino de história; História local; Rondônia

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/582586>

Título: Ensino de História e educação do campo: as experiências da história local na construção do conhecimento histórico na escola municipalizada Campo Alegre, Nova Iguaçu – RJ

Ano: 2020 - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (RIO DE JANEIRO)

Autor(a): LIMA, Vanessa

Palavras-chave: Ensino de História; Espaços de Memória; Memória e identidade; Educação do Campo; Educação Popular; Assentamento Campo Alegre

Download: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/600830>

Título: Ensino de História e História Local: ressignificando identidades e memórias na exploração carbonífera de Figueira/PR.

Ano: 2020 - Universidade Estadual de Ponta Grossa (PARANÁ)

Autor(a): BUENO, Mariane de Melo

Palavras-chave: Ensino de História; História Local; Memória; Identidade; mineradores

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/600700>

Título: Ensino de história e patrimônio cultural: estratégia de aprendizagem histórica na cidade de conceição do Araguaia – PA

Ano: 2020 - Universidade Federal do Tocantins (TOCANTINS)

Autor(a): CARVALHO, Martha Melo

Palavras-chave: Patrimônio Cultural; Educação Patrimonial; Aprendizado Histórico.

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/598007>

Título: Ensino de história por meio dos espaços de memória da cidade

Ano: 2020 - Universidade Estadual de Maringá (PARANÁ)

Autor(a): ANDRADE, Pâmela Fernanda

Palavras-chave: Ensino de História; Literacia Histórica; Piraquara; Espaços de Memória; Patrimônios

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/573586>

Título: Eu não sabia que o meu bairro tinha história: Decolonizando a aula de história com as memórias de um território na periferia de Porto Alegre

Ano: 2020 - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (RIO GRANDE DO SUL)

Autor(a): UCHA, Leonardo Borghi

Palavras-chave: Ensino de História; História local; Educação popular; Pedagogias decoloniais; Memória.

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/587012>

Título: Fotografia, memória e Ensino de História: trabalhadores do café no interior paulista

Ano: 2020 - Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG (PARANÁ)

Autor(a): LIMA, Adilson Carlos de

Palavras-chave: Ensino de História; fotografia; memória; história Local

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/575206>

Título: Inventariando o cemitério nossa senhora da piedade: Patrimônio cultural e ensino de história no espaço dos mortos e de sociabilidade dos vivos

Ano: 2020 - Universidade Federal de Mato Grosso (MATO GROSSO)

Autor(a): ARAÚJO, Francisca Nailê Bernardo de

Palavras-chave: Ensino de História; Patrimônio Cultural; Cemitério; Educação Patrimonial

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/601136>

Título: História de Roque Gonzales-RS: Uma proposta didática- pedagógica

Ano: 2020 (RIO GRANDE DO SUL)

Autor(a): VORPAGEL, Rosangela Seling

Palavras-chave: Ensino de História. Aprendizagem histórica. Material de apoio didático; Consciência Histórica

Download: NÃO CONSTA LINK PARA DOWNLOAD

Título: “Mas esta não é a minha cidade”: narrativas e sensibilidades no ensino de história de Fortaleza

Ano: 2020 - Universidade Federal do Rio Grande do Norte (RIO GRANDE DO NORTE)

Autor(a): PACHECO, Luís Eduardo Andrade

Palavras-chave: Ensino de História; História Local; Narrativas; Imaginário; Cidade.

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/601217>

Título: Memória e identidade vigienses na sala de aula: patrimônio e ensino de história na E.E.E.F.M Santa Rosa – Vigia/PA

Ano: 2020 - Universidade Federal do Pará (UFPA) (PARÁ)

Autor(a): CARDOSO, Jesimar

Palavras-chave: Educação Básica; Patrimônio cultural; Identidade; Ensino de História

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/585831>

Título: Memorial água da fonte: religiosidade popular e devoção ao Monge João de Maria no município de Farol – PR (narrativas e produção audiovisual)

Ano: 2020 - Universidade Estadual do Paraná (PARANÁ)

Autor(a): OLIVEIRA, Eva Simone de

Palavras-chave: Ensino de História; Religião Popular; Devoção; Patrimônio; Mídias Digitais; História Cultural das Sensibilidades

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/575543>

Título: Mato Grosso do Sul e sua história: Em perspectiva o período divisionista (1977-1998)

Ano: 2020 - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (MATO GROSSO DO SUL)

Autor(a): MACHADO, Andréia De Arruda

Palavras-chave: Ensino de História; Produção e Difusão de narrativas históricas; Material didático; Educação básica; Docência e Ensino de História regional; Política, Divisão e criação de Mato Grosso do Sul

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/572820>

Título: O Cariri cearense revolucionário: a construção da guerra do Pinto Madeira pela historiografia e suas abordagens no ensino de história

Ano: 2020 - UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI (PERNAMBUCO)

Autor(a): SANTANA, Iêda Mayara de

Palavras-chave: ProfHistória; Ensino de História; Guerra; Historiografia

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/601637>

Título: O Ensino de História local: imagens e relatos de mulheres de Rio Branco - MT (1960-1970)

Ano: 2020 - Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat (MATO GROSSO)

Autor(a): MOURA, Zilma Martins De

Palavras-chave: ProfHistória; Ensino de História; Guia Didático; Mulheres; Colonização

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/582527>

Título: O Ensino de História, memória e história local: Um estudo do município de Rolim de Moura- RO

Ano: 2020 - Universidade Federal de Mato Grosso (MATO GROSSO)

Autor(a): FERREIRA, Gabriel Filipe Cassol Cortez

Palavras-chave: Currículo; Ensino de História; História Local; Regional; Fontes Orais; Rolim de Moura

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/601162>

Título: O ensino de história para turmas de segundo ciclo em Nova Olímpia – Mato Grosso (1998-2018)

Ano: 2020 - Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat (MATO GROSSO)

Autor(a): SILVA, Barbara Belanda Benevides Da

Palavras-chave: ProfHistória; Ensino de História; História Local

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/586856>

Título: O local no Ensino de História: Ações didáticas para pensar historicamente

Ano: 2020 – UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE (RIO DE JANEIRO)

Autor(a): SOUZA, Saulo Nunes De

Palavras-chave: Ensino de História; Didática da História; saberes históricos no espaço escolar; história local; história oral; história pública

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/597979>

Título: O teatro de rua em Janduís/RN: constituindo a identidade do lugar e motivando uma abordagem prática de Ensino de História local

Ano: 2020 - Universidade Federal do Rio Grande do Norte (RIO GRANDE DO NORTE)

Autor(a): SILVA, Wallace Rodrigo Lopes Da

Palavras-chave: História local; Ensino de História; Teatro de rua; Memória; Identidade cultural

Download: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/573963>

Título: O uso de jornais como recurso didático no ensino de história: Alta Floresta (1976-1982)

Ano: 2020 - Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT (MATO GROSSO)

Autor(a): BALANI, Ricardo Rocha

Palavras-chave: ProfHistória; Ensino de História; Recurso didático

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/582584>

Título: Patrimônio cultural: memória e identidade do bairro Pedregal em Cuiabá/MT

Ano: 2020 - Universidade Federal de Mato Grosso (MATO GROSSO)

Autor(a): OLIVEIRA, Carlos Eduardo de

Palavras-chave: Ensino de História; Patrimônio Cultural; Memória e Identidade

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/601160>

Título: Patrimônio em Campos dos Goytacazes: Possibilidades para a construção de uma educação antirracista

Ano: 2020 - Universidade Federal de Mato Grosso (RIO DE JANEIRO)

Autor(a): OLIVEIRA, Carlos Eduardo de

Palavras-chave: Educação antirracista; Patrimonio; História local

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/601359>

Título: Pesquisa e Ensino de História Local: vivência de ensino e aprendizagem na Escola Unidade Integrada Enoc Vieira em Barra do Corda – MA

Ano: 2020 - Universidade Federal do Tocantins (TOCANTIS)

Autor(a): SILVA, André Brasil da

Palavras-chave: Ensino de História; Aprendizagem histórica; Pesquisa Histórica; Saberes e práticas no espaço escolar.

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/574445>

Título: Religião e ensino de história: representações e narrativas de estudantes do ensino médio em Araruama/PR

Ano: 2020 - Universidade Estadual do Paraná (PARANÁ)

Autor(a): SILVA, Ademir Ferreira da

Palavras-chave: Ensino de história; Paisagem cultural e espaço urbano; Memória e identidade; religião; representações e narrativas; história local

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/574604>

Título: Título: Patrimônio, memória e identidades: O caso da Grande Madureira – RJ

Ano: 2020 - Universidade do Estado do Rio de Janeiro (RIO DE JANEIRO)

Autor(a): NUNES, Lucas Marinho

Palavras-chave: Ensino de História; História Local; Patrimônio Cultural; Madureira; Samba; Jongo; Black Music

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/597972>

Título: Um diálogo entre professores: o saber histórico e letramento nos anos iniciais do ensino fundamental

Ano: 2020 - Universidade Federal do Rio Grande do Norte (RIO GRANDE DO NORTE)

Autor(a): RAMOS, Francisco Adoniran Braga

Palavras-chave: Saberes docentes; Letramento; Formação continuada de professores; Ensino de História nos Anos Iniciais.

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/597528>

Título: O ensino de história vai à feira: inventários participativos e saberes reversos a partir de uma educação patrimonial decolonial

Ano: 2021 (RIO GRANDE DO NORTE)

Autor(a): NEPOMUCENO, Sabrina Barros

Palavras-chave: Profhistória; Feira Livre de São Bento. Inventários Participativos. Educação Patrimonial Decolonial. História Local. Ensino de História.

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/705588>

Título: Ensino de história com tecnologias digitais de informação e comunicação: o uso do blog na disciplina de estudos regionais

Ano: 2021 - UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI (PERNAMBUCO)

Autor(a): OLIVEIRA, Hernani Robinson Da Luz

Palavras-chave: Ensino de história; Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação; Produção e difusão conteúdos digitais.

Download: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/700270>

Título: Lampião, Um “desconhecido” em seu lugar de origem: a invisibilidade histórica lampiônica no ensino de história em escolas públicas de ensino fundamental, sem Serra Talhada-PE.

Ano: 2021 - UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI (PERNAMBUCO)

Autor(a): JÚNIOR, José Ferreira

Palavras-chave: Ensino de História; Lampião; Invisibilidade; Literatura de Cordel; Profhistória.

Download: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/643324>

Título: Um campo (maior) de possibilidades: por outras narrativas no ensino de história local em Campo Maior – PI.

Ano: 2021 - UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI (PERNAMBUCO)

Autor(a): SILVA, Francivaldo Pereira Da

Palavras-chave: Ensino de História; História Local; Campo Maior; Historiografia; Profhistória.

Download: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/705492>

Título: Leprosário no Ceará: Patrimônio difícil e ensino de história.

Ano: 2021 - UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI (Pernambuco)

Autor(a): ASSUNÇÃO, Victor Fialho De

Palavras-chave: Ensino de História; Profhistória; Lepra; Higiene; História Difícil

Download: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/705476>

Título: Olhares sobre as ruas do bairro Jardim 25 de agosto: diálogos entre a história local e o ensino de História para os anos finais do Ensino Fundamental

Ano: 2021 - Universidade do Estado do Rio de Janeiro (RIO DE JANEIRO)

Autor(a): SANTOS, Bruno Garcia dos

Palavras-chave: ProfHistória; Ensino de História; Memória e identidade; Saberes e práticas no espaço escolar; História local Educação.

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/701162>

Título: Carnavescola: produção de uma sinopse de carnaval e composição de samba-enredo – Uma proposição ao ensino de história

Ano: 2021 - Universidade Federal do Pará (UFPA) (PARÁ)

Autor(a): OLIVEIRA, Alex Costa de

Palavras-chave: ProfHistória; Ensino de História; Memórias; Identidades culturais; Consciência Histórica; Carnaval; Samba Enredo.

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/642929>

Título: A escola e a terra: ensino de história e educação em situação de conflitos nas séries iniciais da Escola José Valmeristo, Assentamento Quintino Lira/Santa Luzia do Pará

Ano: 2021 - Universidade Federal do Pará (UFPA) (PARÁ)

Autor(a): OLIVEIRA, Antonio

Palavras-chave: ProfHistória; Ensino de História; Conflitos Agrários; Nordeste do Pará; Memória.

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/644305>

Título: Meter-se a besta na feitura: passeando, ensinando e aprendendo história em lugares, memórias e patrimônios outros

Ano: 2021 - Universidade do Estado do Rio de Janeiro (RIO DE JANEIRO)

Autor(a): MAIA, Fábio Diego Quintanilha Magalhães

Palavras-chave: ProfHistória; Ensino de História; Aula-passeio; Pedagogia decolonial; Comunidades tradicionais

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/700490>

Título: Amazônia usurpada e o direito ao passado regional: um estudo sobre a história regional no currículo da Secretaria Municipal de Educação de Manaus (1989-2020).

Ano: 2021 - Universidade Federal do Pará (UFPA) (PARÁ)

Autor(a): MENDONÇA, Marúcio José Bezerra

Palavras-chave: ProfHistória; Ensino de História; Currículo; História da Amazônia; Sequência Didática; Ensino Decolonial

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/699578>

Título: Nos rastros da Maria Fumaça: o ensino de história a partir das fotografias familiares

Ano: 2021 - Universidade Federal do Pará (UFPA) (PARÁ)

Autor(a): COSTA, Daniele Barreto da

Palavras-chave: ProfHistória; Ensino de História; História Local; Identidade; Memória.

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/698976>

Título: Este rio é mais que minha rua: a história contada através do Rio Paracauari, uma experiência de ensino de história em Salvaterra/PA

Ano: 2021 - Universidade Federal do Pará (UFPA) (PARÁ)

Autor(a): OLIVEIRA, Ana Vieira de

Palavras-chave: ProfHistória; Ensino de História; Historiografia dos Rios; Sequência Didática; Marajó.

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/700623>

Título: Ensino de história e história local: memórias e historicidades de Anajás na Escola Professora Prudêncio Borges de Menezes, Anajás-PA.

Ano: 2021 - Universidade Federal do Pará (UFPA) (PARÁ)

Autor(a): PALHETA, Mônica Malcher

Palavras-chave: ProfHistória; Ensino de História; História local; Memória; Consciência Histórica.

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/699837>

Título: A casa do agente ferroviário da Estação Cocal: Memórias, Educação para o patrimônio e o ensino de história

Ano: 2021 (Santa Catarina)

Autor(a): ACORDI, Daniela Karine dos Santos

Palavras-chave: Profhistória; Casa do Agente Ferroviário; Ensino de História; Educação para o Patrimônio; Memórias.

Download: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/642302>

Título: Lagoa da Conceição e as Marcas de um passado rural: Uma proposta de Educação Patrimonial para o Ensino de História

Ano: 2021 – UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (SANTA CATARINA)

Autor(a): FERREIRA, Gilmara de Campos

Palavras-chave: Ensino de História; Educação Patrimonial; História Local; Lagoa da Conceição - SC; Profhistória.

Download: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/646268>

Título: Narrativas guarani na Escola: Contribuições para o ensino de história indígena

Ano: 2021 - Universidade Federal de Santa Catarina (SANTA CATARINA)

Autor(a): GÖTTERT, Marjorie Edyanez dos Santos

Palavras-chave: Profhistória; Ensino de história indígena; Narrativas indígenas; Guarani; Memória.

Download: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/646303>

Título: A "Princesa de Iguassú" em Sala de aula: O uso de Memórias de Nilópolis como elemento mobilizador dos alunos nas aulas de História da 3ª série do Ensino Médio

Ano: 2021 - Universidade Federal do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro)

Autor(a): PÊGAS, Vinicius Macedo

Palavras-chave: Profhistória; Ensino de História; Memória e identidade; Cidadania e identidade social; Nilópolis.

Download: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/699927>

Título: Os saberes das mulheres de barro de Parauapebas – Pará (2019-2021): contribuições para aprendizagem crítica

Ano: 2021 - Universidade Federal do Tocantins (TOCANTINS)

Autor(a): PEDROSA, Cleudineia Elias da Silva

Palavras-chave: ProfHistória; Ensino de História; Mulheres; Cooperativa das Mulheres de Barro de Parauapebas-PA; Aprendizagem Crítica

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/602311>

Título: Composição musical no ensino de história: Uma metodologia aplicada em escola pública – Vilhena – RO

Ano: 2021 - Universidade do Estado de Mato Grosso (MATO GROSSO)

Autor(a): VITORINO, Wagner Souza

Palavras-chave: Educação; Ensino de História; História local; Segundo Ciclo; Profhistória

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/649738>

Título: A Educação Patrimonial como estratégia de Ensino de História no Centro de Ensino Arlindo Ferreira de Lucena, em Barra do Corda – Maranhão

Ano: 2021 - Universidade Federal do Tocantins (TOCANTINS)

Autor(a): SILVA, Luiz Carlos Rodrigues da

Palavras-chave: ProfHistória; Ensino de História; Educação Patrimonial; História Regional e Local; Saberes e práticas no espaço escolar

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/600681>

Título: Ensino de história local através da educação patrimonial escolar em Rondonópolis-MT

Ano: 2021 - Universidade do Estado de Mato Grosso (MATO GROSSO)

Autor(a): PORTELA, Lucimary De Holanda

Palavras-chave: Ensino de história; Educação Patrimonial; História Local; Profhistória.

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/649756>

Título: O ensino de história em Cacoal-RO: Memórias e relato dos professores dos tempos da colonização (1972 – 2010)

Ano: 2021 - Universidade do Estado de Mato Grosso (MATO GROSSO)

Autor(a): MELGAR, Gunnar Gabriel Zabala

Palavras-chave: Cacoal-RO; História; Ensino de história local; ProfHistória

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/649759>

Título: Ensino de história, educação patrimonial e lugares de memória - Cáceres /MT

Ano: 2021 - Universidade do Estado de Mato Grosso (Mato Grosso)

Autor(a): OLIVEIRA, Vera Lúcia De Almeida

Palavras-chave: Ensino de História; Patrimônio Cultural; Educação Patrimonial; Lugares de Memória; Profhistória.

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/649758>

Título: Colorado do Oeste- RO: Ensino de história cidadania da educação básica

Ano: 2021 - Universidade do Estado de Mato Grosso (Mato Grosso)

Autor(a): NUNES, Sérgio Ricardo

Palavras-chave: Cidadania; Direitos; Deveres; ProfHistória; Ensino de História

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/649742>

Título: Memórias de migrantes e iconografias na composição do ensino de história em Comodoro, Mato Grosso

Ano: 2021 - Universidade do Estado de Mato Grosso (MATO GROSSO)

Autor(a): VIEIRA, Fernanda Jardim

Palavras-chave: Ensino de História; História Local; ProfHistória; TDIC

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/649737>

Título: Ensino de história e história local: O processo de ocupação e colonização do Araguaia Mato -grossense

Ano: 2021 - Universidade do Estado de Mato Grosso (MATO GROSSO)

Autor(a): GUIMARÃES, Paulo Roberto

Palavras-chave: Ensino de História; ProfHistória; Território; Ocupação; Conflito

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/649757>

Título: Patrimônio cultural na cidade do paulista: Uma experiência de educação patrimonial a partir do jogo de trilha digital

Ano: 2021 - Universidade Federal de Pernambuco (PERNAMBUCO)

Autor(a): SILVA, Williams Urbano da

Palavras-chave: ProfHistória; Ensino de História; Patrimônio Cultural; História Local; Jogos

Download: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/700520>

Título: Ceilândia/DF: Histórias, Afetos e (re)significações a partir da educação patrimonial

Ano: 2021 - Universidade Federal de Mato Grosso (MATO GROSSO)

Autor(a): RODRIGUES, Sandra Maria

Palavras-chave: Ceilândia – DF; Patrimônio Afetivo; Educação Patrimonial; Ensino de História; Profhistória.

Download: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/699645>

Título: Patrimônio, História Local e Ensino de História: Uma proposta de jogo de cartas sobre o Município de Campo Mourão

Ano: 2021 - Universidade Estadual do Paraná (PARANÁ)

Autor(a): CARDOSO, Paula Évile

Palavras-chave: Profhistória; Jogo educativo, Ensino de História; Patrimônio; Ludicidade

Download: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/645876>

Título: Educação Museal e o ensino de história no Museu Etnográfico casa dos aços (Biguaçu S/C): Uma proposta didática para a educação básica

Ano: 2021 - Universidade do Estado de Santa Catarina (SANTA CATARINA)

Autor(a): SILVA, Carla Regina da

Palavras-chave: Educação Museal; Ensino de História; História Local; Museu Etnográfico Casa dos Aços; Profhistória

Download: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/705657>

Título: Vera-MT e o ensino de história: colonização, sujeitos invisibilizados e patrimônio histórico local

Ano: 2021 - Universidade Federal de Mato Grosso (MATO GROSSO)

Autor(a): ROSSATO, João Carlos

Palavras-chave: Ensino de História; História Local; Vera – Mato Grosso; Aula-Oficina; Profhistória

Download: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/705463>

Título: “Vou botar meu boi na rua”: As canções do grupo Engenho e o ensino de história - Um experimento de história local no município de São João Batista (1970-2020)

Ano: 2021 - Universidade do Estado de Santa Catarina (SANTA CATARINA)

Autor(a): LOZ, Anderson Cleber

Palavras-chave: Canções; Grupo Engenho; Ensino de História; São João Batista; Profhistória

Download: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/705658>

Título: Uma proposta de Ensino de História Regional: o movimento autonomista do norte goiano (1821-1823)

Ano: 2022 - UFT (TOCANTINS)

Autor(a): NEVES, Juliano

Palavras-chave: Ensino de História; Norte Goiano; Cartilha didática; História Regional; Profhistória

Download: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/702739>

Título: A história de Atalanta em dez objetos: Uma proposta de ensino de história a partir do Museu Histórico Municipal “Wogeck Kubiack”

Ano: 2022 - Universidade Federal de Santa Catarina (SANTA CATARINA)

Autor(a): NUNES, Kátia Cristiani

Palavras-chave: Profhistória; Ensino de História; Museu Histórico Municipal Wogeck Kubiack; Cultura Material; Trabalho

Download: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/714725>

Título: Saberes comunitários, História Local e Formação Integral nos anos iniciais

Ano: 2022 - Universidade Federal de Santa Catarina (SANTA CATARINA)

Autor(a): SILVA, Sayonara da Luz da

Palavras-chave: Profhistória; Ensino de História; Saberes Comunitários; História local; Formação integral

Download: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/714705>